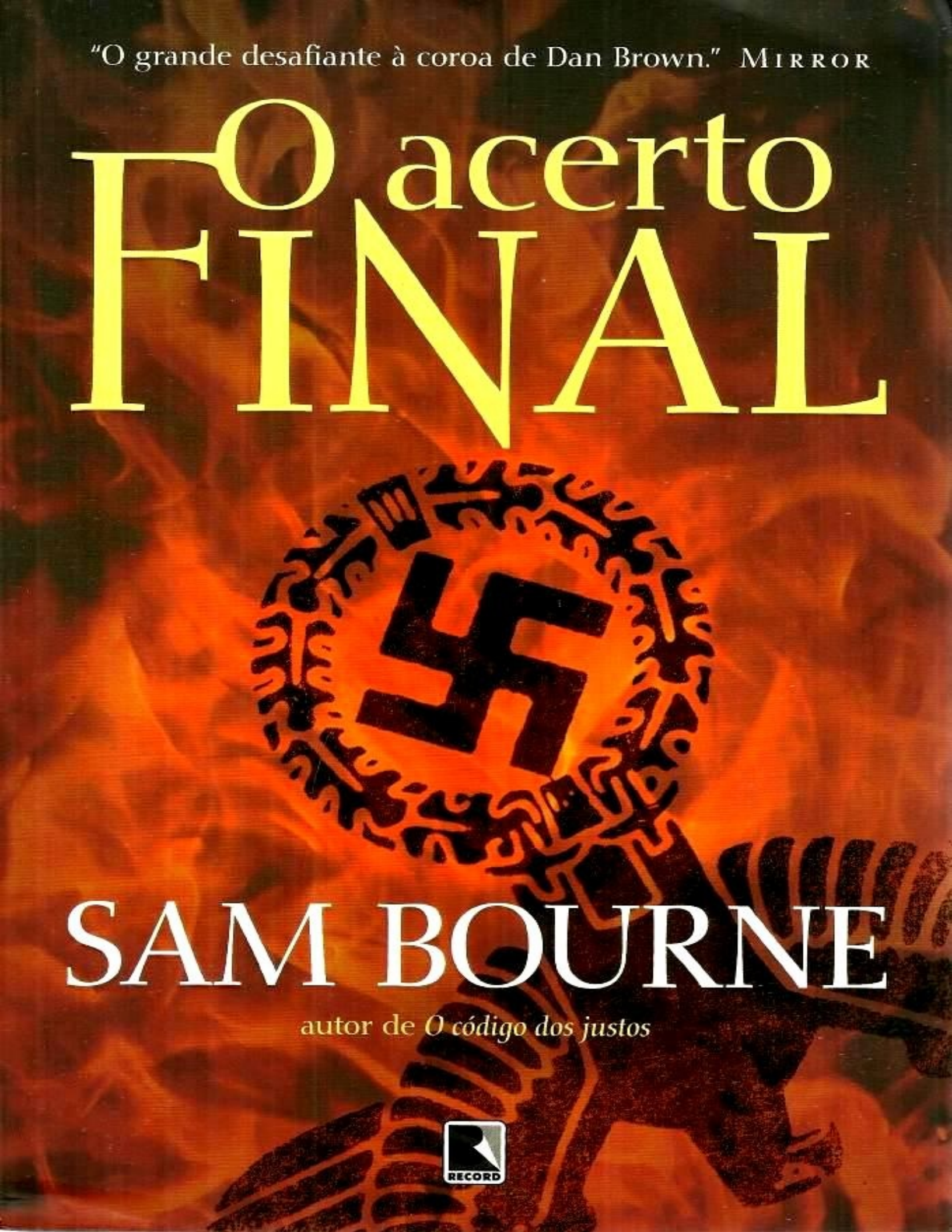
"O grande desafiante à coroa de Dan Brown." MIRROR

O acerto FINAL



SAM BOURNE

autor de *O código dos justos*

RECORD

"O grande desafiante à coroa de Dan Brown." MIRROR

O acerto FINAL



SAM BOURNE

autor de *O código dos justos*

RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

SUMÁRIO

Para pular o sumário clique: AQUI

CAPA
FORMATAÇÃO
ROSTO
DEDICATÓRIA
PRÓLOGO
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO CATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO
CAPÍTULO VINTE E NOVE
CAPÍTULO TRINTA
CAPÍTULO TRINTA E UM
CAPÍTULO TRINTA E DOIS
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE
CAPÍTULO QUARENTA
CAPÍTULO QUARENTA E UM
CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
CAPÍTULO QUARENTA E SEIS
CAPÍTULO QUARENTA E SETE
CAPÍTULO QUARENTA E OITO
CAPÍTULO QUARENTA E NOVE
CAPÍTULO CINQÜENTA
CAPÍTULO CINQÜENTA E UM
CAPÍTULO CINQÜENTA E DOIS
CAPÍTULO CINQÜENTA E TRES
CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO
CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO
CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS
CAPÍTULO CINQUENTA E SETE
CAPÍTULO CINQUENTA E OITO
CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE
CAPÍTULO SESSENTA
CAPÍTULO SESSENTA E UM
CAPÍTULO SESSENTA E DOIS
CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS
CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO

CAPÍTULO SESSENTA E CINCO
CAPÍTULO SESSENTA E SEIS
CAPÍTULO SESSENTA E SETE
CAPÍTULO SESSENTA E OITO
EPÍLOGO
NOTA DO AUTOR
AGRADECIMENTOS



JÚLIO CESAR

facebook

https://www.facebook.com/juliocwmaciel

juliocwmaciel@gmail.com

(Quem gostou desta formatação, me adicione como amigo no Facebook e veja todos os Títulos que tenho dispónivel)

- Geralmente faço formatações de Livros que ainda não estão no mercado, nos formatos EPUB/MOBI -

SAM BOURNE

O ACERTO FINAL

Tradução de Gustavo Mesquita

3ª EDIÇÃO
EDITORA RECORD
2001



Para Sarah: Ani l'dodi, v'dodi li.



PRÓLOGO

Minha caneta percorreu estas páginas muitas vezes. Desejei muito intensamente registrar aqui a minha história — mas hesitei. Cada vez que começava uma frase, voltava atrás. Mesmo agora a caneta pesa em minha mão.

Mas não tenho muito tempo, percebo isso agora. Concluí que se deixasse estas páginas em branco, tudo o que presenciei seria esquecido.

Nossa história estaria perdida para sempre.

Então me perdoe se o que ler aqui for duro, se sentir o mesmo tormento que sinto. Mas não há exageros, não há mentiras. Posso não revelar tudo, mas tudo o que digo aqui é a verdade. Isto é o que aconteceu.

Algumas coisas você já sabe. Outras, não. Esta é a minha história agora, mas logo será a sua.



CAPÍTULO UM

O dia que muda uma vida, ou dá fim a uma vida, raramente vem com um aviso. Não há sinais no céu, não há corvos negros num poste, não há trilha sonora lúgubre. Para Felipe Tavares, segurança da sede das Nações Unidas em Nova York, o dia 23 de setembro começou como uma segunda-feira qualquer.

Felipe havia chegado pela Long Island Expressway no trem das 6hl5, comprado um cappuccino e um muffin de mirtilo — um bolinho light, numa concessão à esposa —, acenado o crachá para os rapazes na entrada e seguido para o subsolo do edifício das Nações Unidas, sede da instituição para a qual trabalhava havia três anos. Ali, abriu seu armário, tirou o uniforme azul da Força de Segurança da ONU, o cinturão com talabarte e o distintivo de latão que ainda provocava uma ponta de orgulho, e se vestiu para iniciar o turno de trabalho.

Em seguida, foi ao arsenal para pegar a arma. Ele entregou o crachá de identificação com fotografia e recebeu uma Glock 9 mm, arma padrão da maioria dos integrantes daquela pequena força policial cuja tarefa é proteger o território internacional onde está instalado o complexo das Nações Unidas. Felipe pegou a munição no bolso do cinturão e carregou a arma, cuidadosamente apontando-a para baixo como medida de segurança contra disparos acidentais. Depois de colocar a pistola no coldre e de equipar o cinturão com cassetete, spray de pimenta e algemas, seguiu para a sala da guarda no subsolo. Ali ficaria a postos para a revista da guarda, quando ele e os colegas seriam avaliados por um oficial que se certificaria de que seus homens e mulheres estivessem alinhados, sóbrios e aptos para o serviço.

Concluída a revista, ele voltou à entrada principal na First Avenue, entre as ruas 45 e 46, para dar início ao que acreditava ser outro longo dia de conferências de autorizações e respostas às perguntas de turistas.

O tempo estava agradável, mas a umidade estava no ar; ele vestiu a capa de chuva preta e laranja. O trabalho seria tedioso, mas ele não se importava. Durante muito tempo Felipe Tavares ansiara por escapar da estagnação da pequena cidade do interior de Portugal onde nascera e crescera e na qual, se não tivesse reagido rápido, teria morrido — e conseguira. Ele estava em Nova York, e isso, por si só, já era estimulante o bastante.

Naquele exato momento, do outro lado da cidade em uma rua próxima a Tribeca, pouco mais do que uma aleia, Marcus Mack conduzia sua própria rotina matinal. Negro, com idade se aproximando dos 30, usando calças jeans folgadas desbotadas e dreadlocks, com uma bolsa para laptop Crumpler velha atravessada no peito, ele conferia seu carro estacionado. Qualquer um que o observasse concluiria que estava admirando seu Pontiac equipado, mesmo que rodado, e que, quando se abaixou em frente à roda traseira do lado do motorista, estava conferindo a pressão dos pneus. Eles provavelmente não o veriam tatear a parte interna do para-lama acima do pneu e encontrar ali, preso com fita adesiva, um celular. Marcus o pegou e seguiu a pé pela rua.

Pouco depois, um minuto talvez, o telefone tocou, como esperado. A voz era familiar, mas Marcus sabia que não deveria dizer alô. Ela disse cinco palavras — "Café Athens, sete e meia" — e desligou. Na esquina, sem a menor cerimônia, Mack largou o telefone numa lixeira.

O café estava cheio, do jeito que o operador gostava. Marcus o identificou imediatamente, sentado num banco próximo à janela, apenas mais um executivo lendo o jornal. Marcus sentou-se ao lado do homem e sacou o laptop. Eles não fizeram contato visual.

O celular do operador tocou e ele fingiu atender. Na verdade, estava falando com Marcus, cujos olhos permaneciam fixos na tela à sua frente.

— Identificamos atividade em Brighton Beach. O Russo.

Ele não precisava falar mais nada. Marcus sabia tanto sobre o Russo quanto o outro integrante da sua unidade na Divisão de Inteligência da polícia de Nova York. O Russo era um traficante de armas identificado havia cerca de um ano. A Divisão já tinha o bastante para botar as mãos nele imediatamente, mas as ordens vinham de cima: "Deixem-no na ativa." Era uma tática usual. Deixar um criminoso agir, observar quem entra e sai e esperar que leve a pessoas de maior calibre. Jogue fora a piaba, pegue o tubarão.

— A câmera de segurança filmou um homem de preto entrar no depósito do Russo ontem à noite e sair uma hora depois. Ele foi seguido até o hotel Tudor, na esquina da rua 42 com a Second Avenue.

Marcus não reagiu; simplesmente continuou a digitar, para todos os efeitos apenas um sujeito urbano organizando a coleção de músicas do iTunes. Mas ele sabia o que aquele endereço significava. O Tudor talvez fosse o hotel mais próximo do edifício das Nações Unidas. E aquela era a grande semana da ONU. Chefes de Estado de todo o mundo chegavam a Nova York para participar da

Assembléia Geral. Agentes do serviço secreto americano estavam por todo lado em preparação à visita do presidente no fim da semana, mas havia mais de cem alvos premiados na cidade, e eles ficariam concentrados em poucos quarteirões de Manhattan por 72 tensas horas.

Numa semana como aquela, tudo era possível. Um curdo pronto a assassinar o primeiro-ministro turco, um separatista basco determinado a explodir o primeiro-ministro espanhol, de preferência ao vivo na TV: opções não faltavam.

— Grampeamos a central telefônica do Tudor ontem. Gravamos a ligação de um hóspede para a recepção esta manhã perguntando sobre os horários de visita à sede das Nações Unidas. "É verdade que os turistas podem entrar até mesmo na sala do Conselho de Segurança?"

— Sotaque? — Era a primeira vez que Marcus falava.

— Parte britânico e parte "estrangeiro".

- OK.

— Você precisa ir até lá. Observe e siga.

— Descrição?

— Homem branco, 1,70 m. Sobretudo preto, chapéu de lã preta.

— Peso?

— Difícil dizer. O casaco é pesado.

— Reforço?

— Há uma equipe a postos.

Felipe Tavares estava a céu aberto agora. Atrás dele, a tenda branca temporária que servia como centro de visitantes — ainda de pé depois de cinco anos. No entanto, ainda não havia muitos turistas circulando; cedo demais. Até aquele momento, apenas pessoal da ONU, com os crachás balançando como colares. Nada de mais a fazer. Ele olhou para o céu, que escurecia. A chuva estava a caminho.

Marcus posicionou-se na esquina da rua 42 com a Second Avenue — ainda chamada Esquina de Nelson e Winnie Mandela —, escondido na entrada do McFadden's Bar. Do outro lado da rua estava o hotel Tudor.

As primeiras gotas de chuva foram de grande ajuda; o abrigo serviu como desculpa para que ficasse ali, fazendo nada. Aquilo significava que o porteiro do Tudor, de capa de chuva e quepe, estava ocupado demais com guarda-chuvas e portas de táxis para perceber um sujeito suspeito com dreadlocks do outro lado

da rua.

Do jeito que Marcus gostava; passar despercebido. Isso se transformara em uma de suas especialidades quando trabalhava no esquadrão de narcóticos como policial infiltrado. Mas desde que fora transferido para o Departamento de Inteligência, um ano antes, aquilo era uma necessidade. Os mil homens e mulheres que integravam a agência de espionagem de Nova York, um legado do 11 de Setembro, mantinham-se ocultos de todos: do público, dos criminosos, até mesmo dos colegas policiais.

Marcus já esperava fazia 25 minutos quando viu. Um vulto preto emergiu da porta giratória do hotel. Justamente quando o vulto se virava em sua direção, o porteiro avançou com um guarda-chuva, impedindo que Marcus visse o rosto do homem. Quando o guarda-chuva saiu do caminho, o vulto tinha virado à direita. Na direção da sede da ONU.

Marcus falou no que as pessoas à sua volta devem ter acreditado ser o fone Bluetooth para um celular. "Suspeito em movimento."

Sem esperar pela resposta ele começou a andar, mantendo-se alguns passos atrás do homem, que caminhava do outro lado das seis pistas movimentadas da rua 42. Uma voz chegou a seu ouvido em meio a chiados, soando distante. "Temos uma identificação positiva?"

Marcus olhou mais uma vez. O homem estava envolto no casaco preto pesado que o operador mencionara; ele usava um chapéu de lã preta enterrado na cabeça e não tinha mais do que 1,70 m. O suspeito se encaixava perfeitamente na descrição do homem visto no depósito do Russo na noite anterior. Marcus apertou o botão fixado na lapela do casaco: "Afirmativo. Temos uma identificação positiva."

O homem de preto subitamente olhou para trás, como se para conferir se alguém o seguia. Claro que faria aquilo: terroristas treinados não se permitem ser seguidos. Marcus se voltou rapidamente e dirigiu o olhar para os degraus que levavam a um pequeno parque infantil público.

Com a visão periférica percebeu que o suspeito já não olhava para trás, que seguia adiante.

Algo no caminhar do homem parecia estranho. Ele mancava ligeiramente? Algo restringia seus movimentos, atrasava-o. Ele caminhava como um homem que carrega algo pesado.

Então o East River entrou no campo de visão. Eles haviam chegado à esquina com a First Avenue: a United Nations Plaza era visível. A chuva apertara,

o que dificultava enxergar qualquer coisa.

O homem de preto havia chegado ao cruzamento; o trânsito estava carregado. Marcus parou de caminhar e, do seu lado da rua, manteve o olhar fixo no suspeito, que estava parado na primeira entrada do complexo das Nações Unidas, lendo a placa: "Funcionários, Delegados e Residentes. Acesso restrito a Correspondentes." Então o suspeito seguiu em frente, separado pela grade preta de ferro da procissão de mastros de bandeira, todos vazios. Um pouco além, as curvas de vidro e aço que são a marca registrada da sede da ONU.

Marcus praguejou contra o casaco curto de couro que usava, inútil naquela chuva pesada. Ele levantou o colarinho para impedir que a água continuasse a escorrer por suas costas. O homem de preto parecia alheio ao clima. Ele passou por outro portão, este para carros, e outra guarita em tons de verde.

Marcus parou um instante na entrada do Chase Bank. Nesse exato momento um enorme ônibus de turismo — sem dúvida lotado de enormes turistas — parou em frente ao edifício das Nações Unidas, no trecho da calçada entre as ruas 45 e 46.

— Perda de contato visual, perda de contato visual! — insistiu Marcus no fone.

— Sob controle — disse calmamente outra voz que entrou no ar naquele exato momento. — Suspeito parado em frente ao portão principal.

Marcus avançou, tentando transpor o ônibus sem revelar a si mesmo. O fone chiou outra vez.

— Suspeito em movimento.

Ótimo, Marcus pensou aliviado. Um alarme falso.

O homem de preto não estava tentando entrar no edifício das Nações Unidas.

Finalmente o ônibus partiu, permitindo a Marcus uma visão desimpedida do suspeito, que agora descia a First Avenue. Ele avançava um pouco mais rápido graças ao declive suave do terreno. Mas aquele não era um passeio despreocupado. Marcus percebeu que o homem estudava atentamente o jardim do outro lado da grade. Ele estava à altura de uma grande e heróica escultura — a morte de um dragão; a besta teria sido forjada a partir do metal de uma antiga peça de artilharia — e parou, como se procurasse algo.

Marcus semicerrou os olhos. Estaria o homem à procura de outra entrada, sem seguranças, para o complexo da ONU? Caso estivesse, claramente não havia

encontrado. Agora, com ímpeto renovado, o suspeito se virou e passou a caminhar de costas, em direção à entrada principal.

O rádio de Felipe Tavares era grande e convencional e, sob aquela chuva, praticamente inaudível. Era difícil distinguir os chiados da estática de outros sons. Mas a palavra "alerta" soou clara o bastante, principalmente depois de repetida.

"Chefe da guarda para entradas principais, aqui fala o chefe da guarda para as entradas principais." Felipe reconheceu o sotaque: o sujeito da Costa do Marfim que começara havia três meses. "Temos informações sobre uma possível ameaça ao edifício. O suspeito é homem, 1,70 m, veste um casaco preto pesado e chapéu de lã escuro. Sem mais detalhes até o momento, mas fiquem atentos. Favor interceptar e neutralizar qualquer pessoa que atenda a essas descrições."

Felipe mal havia digerido a mensagem quando viu um vulto preto caminhando de cabeça baixa em direção ao portão no qual fazia a guarda.

Marcus atravessava a First Avenue, lutando para escutar a voz que soava no seu ouvido em meio aos sons do trânsito.

"…entrar no complexo da ONU. Repito: os agentes não devem entrar no complexo da ONU."

Ele parou quando chegou ao meio-fio, a poucos metros do homem que vinha seguindo havia mais de dez minutos, e o viu passar pelo portão e subir os poucos degraus que davam para uma pequena praça em frente ao centro de visitantes. O homem havia entrado em território das Nações Unidas e, portanto, estava além do alcance. Tudo o que Marcus podia ver eram suas costas. Ele sentiu o coração ser invadido por temor.

Do local onde estava, na lateral da praça, Felipe podia ver apenas parte do rosto do homem, de perfil, oculta ainda pelo chapéu e a gola do casaco. Mas ele se encaixava perfeitamente na descrição do chefe da guarda.

Felipe o viu parar, como se contemplasse o que tinha à sua frente. Então deu outros três passos adiante e parou novamente. O que ele estava fazendo?

O segurança sentiu as mãos ficarem úmidas. Subitamente teve consciência de quantas pessoas havia ao redor, dezenas delas passando entre ele e o homem de casaco preto. Muitas pessoas. Ele ponderou se deveria falar algo no rádio, mas tudo que conseguia fazer era olhar, congelado, os olhos fixos no casaco. Chovia, mas sem dúvida não estava frio. Por que o casaco era tão grosso, tão pesado? Responder a sua própria pergunta espalhou uma onda de náusea, que começou no estômago, subindo até a garganta.

Felipe olhou ao redor, desesperado por ver meia dúzia de colegas vindo em sua direção, homens que por sua simples presença tomariam a decisão por ele. Ele queria usar o rádio — "Acredito que o suspeito pode estar armado com uma bomba. Repito, acredito que o suspeito pode estar armado com uma bomba!" —, mas e se isso apenas o instigasse a agir? Felipe Tavares estava paralisado.

O homem voltou a se mover, agora a poucos passos da tenda branca.

Felipe avaliou que talvez fosse melhor esperar, deixar que atravessasse a porta e fosse barrado pela segurança. O homem não teria a menor chance: nunca passaria pela revista ou pelo detector de metais. Mas não importava. Ao se dar conta disso, o sangue foi drenado do cérebro de Felipe pelo terror da constatação. Nada assustaria aquele homem.

O suspeito mudou de trajetória mais uma vez, ainda com as costas voltadas para Felipe, mas desta vez de frente para a rua. Felipe queria gritar, exigir que o homem parasse e levantasse as mãos. Mas aquilo, ele sabia, não seria menos fatal. Quando percebesse que havia sido descoberto o homem apertaria o botão imediatamente. E havia tantas pessoas em volta…

Felipe não decidiu nada. Aquilo ele lembraria depois: não houve decisão alguma. Ele simplesmente levou a mão à arma. E naquele exato momento viu dois homens do outro lado da grade preta, um deles negro, jovem, com dreadlocks, ambos levantando as mãos, com as palmas voltadas para a frente, como se numa rendição. A absoluta agitação nos seus rostos, o pânico mortal que transpareciam, decidiu por Felipe. Em um único movimento ele sacou a arma e mirou no homem.

O instante seguinte seria lembrado e relembrado por Felipe até seu último suspiro, geralmente em câmera lenta. Pelo resto da vida aquela seria a última imagem que veria à noite e a primeira que viria à sua mente todas as manhãs. Ela ficaria gravada na sua retina. No centro dela, os rostos daqueles dois homens. Estavam aterrorizados, não apenas com medo, mas chocados com o que haviam visto. Um deles gritou uma única palavra: Não!

Felipe tinha certeza do que havia acontecido. O homem de preto obviamente desabotoara o casaco, revelando o colete de explosivos que ocultava. Os dois homens, do outro lado da grade, perceberam que ele estava prestes a explodir tudo à sua volta. O som daquele grito, o olhar de terror nos olhos do homem com dreadlocks, percorreu o corpo de Felipe, enviou uma carga de eletricidade que correu por seu braço e chegou até o dedo. Ele apertou o gatilho uma, duas vezes, e observou o homem cair de joelhos, lentamente, graciosamente

até, como a implosão de uma chaminé de tijolos.

Felipe não conseguia se mexer. Ele tinha o olhar fixo no alvo, os braços congelados na mesma posição, ainda mirando o homem agora caído formando uma massa disforme não mais do que cinco metros à sua frente.

Ele não ouviu nada por algum tempo. Não ouvia o eco dos tiros ou os gritos das pessoas que se dispersavam como pombos. Não ouvia o alarme que havia sido acionado no interior da sede das Nações Unidas.

A primeira voz que ouviu partiu de uma colega, que saíra às pressas do centro de visitantes ao ouvir os disparos. Ela estava de pé em frente ao corpo, repetindo a mesma palavra: "Não. Não. Não."

Incerto, vacilante, Felipe caminhou até a pilha de roupas pretas agora no centro de uma poça de sangue que se espalhava. E imediatamente entendeu. Ali, a seus pés, não jazia o corpo de um homem-bomba. Não havia um colete de explosivos sob o casaco. Tudo o que havia era o corpo de um homem, agora quebrado e imóvel. Felipe até mesmo entendeu por que ele vestia um casaco pesado em setembro. Entendeu tudo, e o horror da constatação fez seus joelhos fraquejarem.

Felipe Tavares e a multidão crescente de seguranças à sua volta olhavam para a mesma coisa.

O corpo de um homem idoso, com cabelos totalmente brancos.



CAPÍTULO DOIS

Houve um momento, que durou talvez duas pulsações, de silêncio, e então os sons emergiram. Gritos, claro — um homem, a princípio, uivando numa língua que poucos à sua volta entendiam —, e depois os gritos de três mulheres que posavam para uma fotografia aos pés da escultura pop art de um revólver com o cano torcido em um nó. Elas haviam se atirado ao chão, as laringes temporariamente paralisadas pelo medo, mas agora o medo reverberava tão alto quanto sinos de igreja.

Logo houve choro, gritos, e o som indistinto de um homem que contemplava o saco de ossos aos seus pés, murmurando em sua língua: "Meu Deus, meu Deus."

Houve um início de pânico no centro de visitantes; alguém acionou o alarme de incêndio. Os outros lembraram da simulação de emergência.

Eles abandonaram os postos nos aparelhos de raios X e se apressaram a assumir a posição de sentinelas nas portas de cada uma das entradas do prédio com as armas em punho. A sede das Nações Unidas ficaria isolada.

Dois colegas conduziam Felipe Tavares para longe do corpo, que jazia descoberto e intocado. Tavares falava febrilmente, balbuciando a respeito dos homens que vira no portão, descrevendo suas expressões de terror — mas quando olharam naquela direção os colegas não viram ninguém.

Em pouco tempo o barulho ficou muito mais alto. Menos de noventa segundos após os disparos, os primeiros dos quarenta carros da polícia de Nova York que atenderiam à emergência estacionaram na sede da ONU, com as luzes piscando, as sirenes ligadas: a "onda" que haviam praticado mais de dez vezes desde os ataques do 11 de Setembro, toda a polícia de Nova York convergindo rapidamente para um único ponto.

Diversos furgões despejavam equipes da SWAT, os homens protegidos por placas de Kevlar, armados com fuzis, avançavam como soldados na invasão de uma praia na Normandia. Logo cercavam todo o perímetro do complexo da ONU, com armas apontadas para os homens e mulheres aterrorizados do outro lado da grade.

A First Avenue estava livre do trânsito, graças aos policiais armados com metralhadoras .50 que haviam isolado todo o trecho da avenida entre as ruas 30 e 59. A sede das Nações Unidas estava agora no centro de uma "zona estéril" com trinta quarteirões de extensão. E, uma vez que a First Avenue é a principal artéria da parte oeste de Manhattan, Nova York estava prestes a parar.

Quatro helicópteros Agusta A119 da polícia equipados com câmeras espiãs de alta resolução munidas de lentes térmicas patrulhavam a região, agora com espaço aéreo restrito. Ao mesmo tempo, no East River, lanchas da polícia zarpavam de suas bases em Throgs Neck, Brooklyn e ao longo da costa do Queens. Seria impossível escapar do complexo da ONU por ar ou por água.

Pouco depois, o detetive-chefe da polícia de Nova York chegou com as próprias luzes e sirene. Para sua tranqüilidade, havia chegado antes do comissário de polícia Charles "Chuck" Riley, cuja comitiva com batedores apareceu logo em seguida. Ambos ficaram satisfeitos ao perceber que o isolamento do complexo era total. Como seus assessores informariam à imprensa durante todo aquele dia, supostamente teria ocorrido um ataque terrorista em um dos "alvos valiosos" da cidade, e Nova York respondera com "agilidade e força letais".

Mas ao descerem das viaturas e se cumprimentarem, os dois instantaneamente perceberam a natureza do problema. Eles poderiam se aproximar do portão de aço, agora trancado, mas não conseguiriam seguir adiante. Haviam chegado ao limite da autoridade do DPNY, o departamento de polícia de Nova York, ao limite da soberania dos Estados Unidos. Eles divisaram os dois homens que guardavam o portão, um policial de Montenegro e outro da Bélgica. O comissário estava certo de que podia ver suas mãos tremendo.

No 34a andar, o subsecretário-geral para Assuntos Legais da ONU ouviu o alarme de incêndio antes de qualquer coisa. Henning Munchau levantou-se de súbito e conferiu a parte externa do escritório: ninguém ainda; cedo demais. Ligou para a segurança da recepção do prédio, mas ninguém atendeu o telefone. Munchau olhou pelas janelas, temendo ver a qualquer momento um 747 cortando o ar, maior e mais baixo do que deveria, prestes a perfurar a pele de vidro da sede da ONU e matar as 8 mil pessoas que trabalhavam nela, além de um bom número de chefes de Estado.

Foi então que seu assessor, um brasileiro, entrou às pressas, lívido. Ele se esforçava para falar, e não apenas por estar ofegando.

— Henning, acho que deve vir imediatamente.

Dezoito minutos depois de Felipe Tavares ter efetuado os disparos fatais, Henning Munchau tinha a seus pés um corpo inerte e ainda intocado, a não ser pela capa de chuva com a qual tinha sido coberto.

Ainda chovia.

A seu lado, o subsecretário-geral de Segurança, num silêncio grave.

Ambos haviam acabado de receber uma mensagem instantânea com informações gerais sobre o que tinha acontecido. Munchau viu as luzes que agora rodeavam o complexo da ONU e o pequeno exército do DPNY em torno do prédio e sentiu-se como o habitante de um castelo medieval no primeiro dia de um cerco. E pôde ver, do outro lado da grade, um rosto conhecido, um rosto que raramente ficava de fora das primeiras páginas dos jornais da cidade, o homem que todos chamavam de "O Comissário". Aquela seria uma reunião oficial que deveria ter lugar a céu aberto, de pé e sob a chuva.

— Comissário, sou Henning Munchau, advogado-geral das Nações Unidas.

— É um prazer, Henning — disse o comissário, seu rosto e entonação não correspondendo às palavras. — Parece que temos um problema.

— É verdade.

— Não temos autonomia para entrar nessas dependências e responder ao incidente a não ser que isso nos seja formalmente solicitado.

— A linguagem era formal; o sotaque, sulista carregado.

— Parece que vocês já responderam com bastante diligência, comissário.

— Apesar de alemão, o inglês de Munchau era esquisito, com traços de inglês australiano, tanto no sotaque quanto na linguagem, um legado, como rezava a lenda na ONU, do seu papel na missão no Timor Leste.

Riley deu de ombros.

— Não podemos entrar no complexo sem o seu consentimento. E suponho que vocês não tenham os recursos necessários para lidar com um incidente de terrorismo.

Henning procurou ocultar seu alívio. Aquilo significava que o DPNY ainda não sabia sobre o morto. Aquilo lhe daria tempo.

— Você tem toda razão — disse Munchau, subitamente consciente do insólito que era falar por uma grade sob a chuva, como se numa visita a uma prisão a céu aberto. E invejou o guarda-chuva do comissário.

— Mas acredito que devamos acordar alguns termos.

O policial deu um sorriso cansado.

— Vá em frente.

— A polícia de Nova York entrará, mas apenas por solicitação e sob o poder discricionário das Nações Unidas.

— Nada feito. Assim que permitir nossa entrada, a investigação será nossa. Ou tudo ou nada.

— Combinado, mas não quero nada disso — disse Henning, fazendo um gesto na direção das equipes da SWAT, suas armas engatilhadas. — As coisas não funcionam assim na ONU. Não estamos em Cabul. — Munchau percebeu que Riley se empertigara, e prosseguiu: — Não estamos em Bagdá.

— OK, demonstração mínima de força.

— Quero dizer, apenas um ou dois homens armados, para acompanhar seus detetives.

— Feito.

— E a sua investigação será integralmente acompanhada por um representante da ONU.

— Representante?

— Um advogado. Da minha equipe.

— Um advogado? Pelo amor de…

— Essas são as condições.

Munchau observou o comissário avaliar a situação, sabendo que dificilmente poderia recusar aquelas condições. Uma suspeita de ataque terrorista em Nova York estava em jogo, o DPNY tinha que estar envolvido. "O Comissário" de forma alguma se permitiria aparecer na televisão dizendo que seu departamento estava deixando aquele incidente de lado, qualquer que fosse a explicação. Munchau sabia daquilo. Riley apareceria para as câmeras em uma hora, garantindo aos nova-iorquinos que estava tudo sob controle.

Então chegou um carro oficial preto, acompanhado por um novo batalhão de luzes e sirenes. Atrás dele, dois furgões de emissoras de TV

com antenas parabólicas, claramente com permissão para entrar na área. O prefeito havia chegado.

— Está bem — disse o comissário, espiando por sobre o ombro. — Eu aceito.

Munchau estendeu a mão através da grade, e o policial a tomou apressado.

Munchau fez um sinal para o segurança que guardava o portão, que procurou a chave certa num molho e o abriu.

Ao perceber uma equipe de TV vindo em sua direção, Munchau fez jogo de cena, levantou a voz e declarou: — Senhor comissário, bem-vindo às Nações Unidas.



CAPÍTULO TRÊS

O chefe de gabinete do secretário-geral das Nações Unidas precisou de algum tempo para convocar a reunião. A não ser por Munchau e a pessoa com função equivalente na Segurança, as maiores autoridades da ONU, o restante do quinteto de elite dos SSGs — subsecretários-gerais das Nações Unidas — estava a caminho da sede quando os tiros foram disparados. (O pessoal da ONU tende a trabalhar até tarde, mas não começa o expediente cedo.) Graças ao fechamento da First Avenue, nenhum deles chegou ao prédio antes das 10 da manhã.

Agora, por fim, todos estavam reunidos na Célula de Crise. Os funcionários mais cínicos do prédio sempre ensaiavam um sorriso ao ouvir aquele nome. Construída após o 11 de Setembro, aquela sala de reuniões ultrassecreta fortemente blindada e equipada prodigamente havia claramente sido inspirada no lendário Centro de Comando da Casa Branca. Mas claro que a ONU não podia ser vista como plagiadora dos americanos: os muitos inimigos dos Estados Unidos na ONU não admitiriam isso. Nem os americanos poderiam pensar que o secretário-geral da ONU estava tendo sonhos de grandeza, igualando-se ao presidente dos EUA. Portanto, a ONU teria não um Centro de Comando, mas uma Célula de Crise, o que fazia toda a diferença.

No centro da sala, uma mesa sólida de madeira envernizada, com cada um dos assentos discretamente equipado com os soquetes e interruptores que permitiam todo tipo de comunicação, inclusive tradução simultânea. Em frente à mesa, um painel com equipamento de ponta para videoconferências: meia dúzia de telões de plasma que podiam ser conectados rapidamente via satélite, por meio de links de segurança, a qualquer uma das missões da ONU espalhadas pelo mundo.

O secretário-geral nunca passava menos do que um terço do ano em viagens, mas a existência da Célula de Crise permitia que não precisasse deixar Nova York para conversar frente a frente com seu pessoal. Mas, acima de tudo, as instalações estavam ali para serem usadas em situações de emergência.

Desta vez não havia necessidade de conexões via satélite: o perigo estava ali mesmo em Nova York. O chefe de gabinete, finlandês como o próprio chefe, começou explicando que o prédio permanecia em isolamento parcial, com

entrada e saída restritas a autorização.

Ninguém circularia sem a permissão expressa do Conselho Legal. Isso havia sido acordado com o DPNY, que desejava interrogar cada uma das testemunhas, mesmo que isso significasse todo o pessoal da ONU.

O chefe de gabinete confirmou que o secretário-geral não estava presente no prédio durante a ocorrência. Ele havia comparecido a um café da manhã em sua homenagem no Four Seasons e agora estava a caminho, em meio ao engarrafamento de incríveis proporções. Ele havia informado aos presentes que deliberadamente decidira manter o compromisso já que, caso contrário, estaria "entregando uma vitória àqueles que planejam atacar nosso estilo de vida". Aparentemente aquilo ensejara uma ovação, mas provocou tremor em Henning Munchau. Não apenas porque soava como uma paródia cruel aos sentimentos dos nova-iorquinos, ecoando sua retórica de desafio pós-11 de Setembro, ou porque teria sido politicamente melhor que o novo secretário-geral permanecesse com sua equipe num momento em que supostamente estavam sob ataque, mas principalmente porque o SG abrira um hiato entre a percepção do público quanto ao incidente daquela manhã - uma ofensa terrorista, bravamente orquestrada — e o que Henning sabia ser a realidade.

O chefe de gabinete explicou que técnicos estavam preparando uma conexão com o SG via teleconferência.

— Enquanto isso, sugiro que trabalhemos no levantamento do que já sabemos e em algumas opções para apresentar ao secretário-geral.

Podemos começar por você, Henri?

O subsecretário responsável pela segurança do pessoal da ONU mundo afora leu a nota que escreveu quando informado do acontecido pelo chefe da guarda, traduzindo-a em francês para os demais.

— Entendemos que um homem foi atingido hoje às 8h51 por um integrante da Força de Segurança da ONU em frente à entrada principal de visitantes entre as ruas 45 e 46. O homem vinha sendo monitorado, em contato conosco, por uma equipe da Divisão de Inteligência da polícia de Nova York, que informou ter motivos para acreditar que o homem representava um perigo iminente às Nações Unidas. Esta informação foi transmitida ao chefe da guarda que, por sua vez, repassou-a aos guardas em serviço, incluindo o guarda que efetuou os disparos, informando que era possível tratar-se de um homem-bomba.

— E o homem está morto?

— Sim.

— E o que mais sabemos? O prédio está sob algum tipo de perigo?

— O procedimento de isolamento foi seguido à perfeição. O prédio está seguro. Não temos motivo para acreditar que este tenha sido o início de uma série de ataques.

— E por quê?

Henri Barr hesitou. Ele olhou para Henning, que concordou discretamente.

— Porque suspeitamos fortemente de que o homem morto pela nossa segurança não se encaixa no perfil traçado pela polícia.

— E o que diabos isso quer dizer? — indagou o SSG para Assuntos Humanitários, um sul-africano branco, ex-comunista, que construíra uma reputação no movimento antiapartheid. Seu detector de papo-furado era conhecido por todos.

— Isso quer dizer que o homem era velho.

— Velho?

— Sim, o homem era idoso — disse Barr, que quase perdeu o fôlego ao final da frase e engoliu em seco. — Mas suas roupas se encaixavam na descrição, pareciam ser as roupas de um homem-bomba.

— Convenhamos! Ele estava vestido como um homem-bomba e por isso nós o matamos?

O chefe de gabinete intercedeu. Aquele não era o momento para discussões acaloradas, mas ele sentia os níveis crescentes de adrenalina na sala.

— Quando você diz "idoso", Henri, o que quer dizer?

— Estimamos a idade em 70 anos, talvez mais.

— Ele ao menos parece ser muçulmano?

Aquela era uma pergunta que muitos queriam fazer mas não ousaram.

A indiana Anjhut Banerjee, subsecretária-geral para Operações de Paz, não compartilhava suas inibições.

— Não — disse Barr, conferindo as anotações. — Parece que não.

— Bom, bom — disse Banerjee, recostando-se na cadeira. — Mas vocês sabem quais são as implicações, não sabem? — ela disse, olhando diretamente para o chefe de gabinete. — Eu estava em Londres quando a polícia matou um eletricista brasileiro no metrô por acreditar que ele se parecia com um homem-bomba. Um homem totalmente inocente.

— Ela expirou profundamente, e em seguida completou o raciocínio: —

Vocês não fazem idéia da merda que vem em nossa direção.

— Qual é a nossa vulnerabilidade, Henning? — O chefe de gabinete olhava atentamente para o advogado.

— Nossa responsabilidade legal, você quer dizer?

— Sim.

— Podemos avaliar as possibilidades, mas não acho que devamos nos preocupar com pedidos de indenização ou coisa parecida. Esta não é a natureza do problema — ele disse e fez uma pausa, forçando o homem na cabeceira da mesa a pressioná-lo.

— E qual é a natureza do problema, então?

— A mesma da maioria dos problemas legais deste lugar. Ela não é legal.

É política.

— Então o que você sugere que façamos?

— Acho que sei exatamente o que precisa ser feito. Melhor, eu conheço o homem certo para fazê-lo.



CAPÍTULO QUATRO

Tom Byrne foi sacudido de seu sono por um som tanto desconhecido quanto desagradável. Ultimamente, se precisasse de um alarme, ele usava o do iPod, que ficava numa base no criado-mudo, e acordava com as agradáveis boas-vindas de uma música da sua coleção. Ontem havia sido Frank Sinatra, com "I've Got You Under My Skin" como serenata matinal. Que evolução, levando em conta a forma como costumava acordar, ao som da monotonia irritante do BBC World Service.

Mas aquele barulho era pior do que o rádio. Era uma campainha repetitiva, com um som insistente em eco que parecia flutuar por um longo tempo. Tom sentiu o coração batendo forte no peito. E então viu o culpado: o BlackBerry novo que havia comprado no dia anterior e que ainda não ajustara para o modo silencioso.

Com os olhos semicerrados, ele conferiu o relógio. Dez e meia da manhã. Tudo bem, ele não tinha ido para a cama até as 5 horas, tendo trabalhado a noite toda no contrato de Dubai. E então lembrou: ele não passara a noite toda trabalhando.

— Ei, Miranda. Acorde, acorde.

Do amontoado de cabelos castanhos aninhado no travesseiro a seu lado veio um gemido, seguido por um levantar de cabeça e um resmungo.

— É Marina.

— Desculpe.

Tom girou as pernas para fora da cama e foi até as cortinas, que abriu, inundando o quarto de luz.

— Muito bem, Marina, hora de levantar e brilhar.

A mulher sentou-se na cama, protegendo os olhos da claridade da manhã. Ela não se incomodou em cobrir o corpo, dando a Tom uma visão diurna dos seios generosos que desfrutara algumas horas antes.

Talvez jovens morenas do Upper West Side tivessem seus defeitos, mas naquele momento ele não via nenhum. Quem sabe não pudesse ficar na cama mais meia hora…

O BlackBerry soou alto outra vez, um único e longo toque que anunciava a chegada de uma mensagem. Deviam ser os clientes: enviara-lhes o primeiro esboço do contrato no meio da noite e lá estavam eles, exigindo revisões. Qualquer coisa pode ser dita a respeito do crime organizado, mas uma concessão deve ser feita: eles trabalham duro.

Seus novos clientes eram o que se pode chamar de uma "família de origem ítalo-americana com longas e históricas raízes no setor de construção de Nova York" — isso se você for advogado deles. Estavam agora procurando expandir os negócios para empreendimentos no Golfo Pérsico, tudo legal e legítimo, mas havia uma pilha de documentos internacionais a preencher antes. O amigo de um amigo o recomendara, e a família estava satisfeita com seu trabalho — eles gostaram de ser representados por um figurão com carreira internacional, inglês, com anos de trabalho na ONU no currículo — e Tom estava feliz em tê-los como clientes, ganhando mais em uma semana do que em um ano trabalhando para os capacetes azuis na sede da ONU.

Ele olhou Marina rastejar para fora da cama e indicou a direção do banheiro com o queixo, então voltou ao BlackBerry: 1 chamada perdida. Ele apertou um botão e um único nome apareceu no visor: Henning.

Aquilo era uma surpresa. Henning Munchau, o conselheiro legal das Nações Unidas, não costumava ligar para seu celular pessoal nem mesmo quando Tom trabalhava para ele. Mas isso fora mais de um ano antes.

Tom ouviria a mensagem antes de retornar a ligação — um hábito que adquirira na ONU, uma instituição cujo princípio de organização se resumia a três palavras: espere e confira. Ele sempre fora apressado na juventude, mas aprendeu com os melhores que valia a pena recostar-se na cadeira, dar a si mesmo um momento para pensar, deixar que o outro cara mostre as cartas primeiro, mesmo — principalmente — que o outro cara seja o seu chefe. Ou antigo chefe. Dar a si mesmo alguns segundos para pensar fazia toda a diferença. Jesus Cristo, naquele lugar a regra valia até mesmo para uma conversa frente a frente. Era como se Harold Pinter houvesse escrito o diálogo, dada a forma como os funcionários da ONU pausavam para ler as expressões e traduzir as motivações uns dos outros.

"Oi, Tom, sou eu, Henning. Precisamos conversar. Eu sei o que você disse a respeito de… Encontre comigo naquele café o mais rápido que puder. Tom, eu… não retorne a ligação."

Aquele cretino, nem mesmo um "há quanto tempo, hein?".

Então o advogado mais experiente da ONU precisava conversar sobre um assunto tão importante que não podia ser discutido ao telefone ou no seu próprio prédio. Aquilo não era novidade: todos sabiam que não havia uma única palavra dita na sede da ONU que não fosse monitorada, pelos ianques da NSA, pelos britânicos da GCHQ e Deus sabe por quem mais. Mas "encontre comigo naquele café" era interessante. Aquilo implicava que Henning nem ao menos queria dar a localização. E por que diabos, tendo em vista tudo que acontecera, ele ligara para

Tom? Se tivesse sido qualquer outra pessoa da ONU, Tom teria apertado o "delete" e ponto final. Mas era Henning.

Ele foi até o closet e avaliou os ternos alinhados como recrutas num desfile. Reuniões importantes como aquela normalmente pediriam um terno Prada ou Paul Smith. Mas Tom não queria esfregar no nariz de Henning a nova renda de profissional liberal; escolheria algo mais simples. Camisa cor-de-rosa e abotoaduras? Não, o azul de sempre daria conta do recado. Ele olhou de soslaio para o reflexo no espelho: 40 e tantos anos, mas não havia muito do que reclamar. Hoje, porém, não haveria tempo para uma chuveirada. Ele deu duas borrifadas de loção pós-barba Hugo Boss no pescoço e arrumou os cabelos castanho-alourados curtos com os dedos.

O BlackBerry agora piscava, anunciando a chegada de um e-mail.

Assunto: Dubai. Os Fantonis, como já esperava, haviam estudado o esboço. E repararam a obrigação legal de compensar financeiramente os pescadores cujas vilas estavam prestes a destruir para dar lugar aos altos prédios do empreendimento. "Não seria possível riscar essa cláusula?"

Tom estava pronto para escrever uma resposta na qual explicaria a obrigação moral que cabia a qualquer incorporador de garantir que qualquer pessoa destituída de moradia fosse adequadamente…

Foda-se. Com os polegares, digitou: "Deixem comigo. Riscada."

Ele pegou a carteira e as chaves e mais uma vez admirou os amplos espaços abertos do seu loft. E pensou em ligar a TV de plasma para conferir as notícias, mas desistiu: Henning estava esperando. Em vez disso, espiou pela porta entreaberta do banheiro e falou em meio à nuvem de vapor:

— Feche a porta quando sair, Miranda.



CAPÍTULO CINCO

O taxista fez que não com a cabeça coberta por um turbante, resmungando que avançaria o máximo que conseguisse, mas que a rua estava bloqueada havia mais de uma hora.

— No rádio eles disseram alguma coisa sobre um ataque terrorista. O senhor estava aqui no 11 de Setembro?

Tom estendeu para ele uma nota de 10 dólares e desceu na rua 39, indo o mais distante que conseguiu. Ele pôde ver o tumulto de viaturas da polícia, suas luzes vermelhas piscando, e atrás deles o brilho dos refletores de equipes de TV que iluminavam um amontoado de furgões encimados por antenas parabólicas. Aquilo não era de surpreender numa semana de Assembléia Geral. Tom supôs que o czar russo — não havia razão para chamá-lo de outra coisa — podia estar na cidade, ele ou qualquer um dos déspotas africanos, centro-asiáticos ou médio-orientais que iam a Nova York para um desfile glorioso até o pódio da Assembleia Geral, quando tinham sorte de não estar numa cela do Tribunal de Haia.

Mas então percebeu uma policial que impedia o acesso pelo portão principal na sede da ONU. Ao longo da grade, estendendo-se por vários quarteirões, aparentemente cercando todo o complexo como uma fita em um embrulho de presente de Natal, havia um perímetro contínuo de fita amarela e preta: FAIXA DE ISOLAMENTO. NÃO ULTRAPASSE.

Ele seguiu em frente e reparou que todas as entradas pelas quais passava estavam fechadas. O portão de acesso ao público estava ocupado por uma aglomeração de repórteres, fotógrafos e cameramen. Tom era alto o bastante para espiar sobre as cabeças e viu, no centro do pátio, em frente à cabine de segurança, uma pequena tenda de encerado verde.

Ao redor dela, policiais agitados, um fotógrafo e uma equipe da polícia forense vestida em macacões, máscaras e luvas brancas de látex.

Tom atravessou a rua, abrindo caminho entre os carros. A sua frente, o símbolo fálico que é a Trump World Tower e um arranha-céu ornado por uma bandeira alemã úmida e flácida: a missão alemã na ONU. O Nations' Café ficava

no prédio ao lado.

Ao chegar, imediatamente viu Henning Munchau, que estudava atentamente o padrão mapa-múndi da toalha de vinil na mesa à sua frente. Engraçado como homens poderosos podem facilmente ser diminuídos. Dentro das dependências da ONU, Munchau era um homem que recebia cumprimentos deferentes de todos por quem passava pelos corredores. Mas fora do prédio era apenas outro engravatado de Nova York com uma pasta e o cabelo rareando.

Para surpresa de Tom, Henning levantou-se no momento em que seus olhares se cruzaram, deixando seu café intocado. Seus olhos indicavam a porta: siga-me. Que diabos estava acontecendo?

Uma vez do lado de fora do café, Henning arqueou as sobrancelhas, um gesto que Tom precisou de um ou dois segundos para entender. "Claro", ele disse finalmente. Munchau era um desses fumantes que nunca têm cigarros: ele acreditava que, quando você não os compra, acaba não fumando. Tom levou a mão ao bolso interno do paletó e pegou uma bolsa de fumo Drum — uma das poucas coisas constantes em sua vida nos últimos anos —, dentro da qual havia um pequeno envelope azul de papel para cigarros. Em poucos movimentos hábeis enrolou um cigarro fino, que passou para Henning, repetiu o processo para si mesmo e acendeu os dois cigarros com um único fósforo.

— Caralho, assim é bem melhor — disse Henning, as bochechas chupadas, recusando-se a exalar a primeira tragada. E olhou sério para Tom, como se acabasse de vê-lo. — Já faz um bom tempo. Tudo em ordem?

— Melhor, impossível.

— Que bom — disse Henning, e deu outra longa tragada. — Porque você está um lixo.

Tom soltou uma gargalhada, o que fez Henning sorrir, o mesmo sorriso que fez com que gostasse dele imediatamente quando se conheceram, tantos anos atrás. Isso e o patoá Munchau, um inglês britânico impecável com cadência de inglês australiano e o devido vocabulário chulo. Tom vira esse jeito de falar tomar forma: eles serviram juntos na missão da ONU liderada pelos australianos no Timor Leste. A amizade dos dois foi um legado dessa experiência. O fato de o conselheiro legal da ONU ter se tornado a mais rara das criaturas — um doutor em jurisprudência nascido em Hesse com o linguajar de um surfista da praia de Bondi — foi outro.

— Então, não sente falta dos velhos tempos? Trabalhar para a família das nações e tudo mais?

— Não, não sinto. Henning, somos homens ocupados. Em que posso ajudar?

— É sobre esse… — Ele deixou o resto da frase no ar. — Sobre o que aconteceu aqui esta manhã.

— Claro. E o que quer dizer tudo isso? Eu vi a polícia e…

— Você não sabe? Pelo amor de Deus, Tom, com todo esse dinheiro que você está faturando, não podia comprar ao menos um rádio?

Um homem foi morto a tiros aqui há algumas horas, um suspeito de terrorismo.

-OK.

— Não tem nada OK — disse Henning. Ele exalou a fumaça do cigarro e olhou para os lados. E disse em sussurros, com firmeza no olhar: — Acontece que pegamos o cara errado.

— Ele não era um terrorista?

— Aparentemente, nós matamos um aposentado metido num casaco de lã.

— O que você quer dizer com "nós"?

— Não abra o bico sobre isso, Tom. Estou falando sério. Bico fechado. A imprensa ainda não sabe.

— Claro.

— O tiro foi dado por um de nossos seguranças.

— Jesus.

— Jesus mesmo. — Henning deu uma última e longa tragada, sugando o que restava de vida no cigarro fino enrolado por Tom, e então jogou-o no chão. — Uma falta de sorte inacreditável. O Departamento de Inteligência do DPNY nos informou sobre um suspeito que andou visitando um traficante de armas. Que vestia casaco e chapéu pretos.

Que era exatamente o que o velhote estava usando quando saiu para seu passeio matinal.

— Falta de sorte geral.

Henning olhou fixamente para Tom.

— Esse, Tom, será o pior pesadelo a se abater sobre este lugar desde a droga do programa Petróleo por Alimentos. Você pode imaginar o que os americanos vão fazer com isso? Pode imaginar o New York Post de amanhã? "Agora a ONU mata idosos nas ruas de Nova York."

— Vocês escolheram a semana certa.

— Ah, sim, quando temos simplesmente todos os líderes mundiais, até o rei da Prússia, por aqui. Este não é exatamente o início de mandato que Viren desejava, não é? Imagine o novo secretário-geral se desculpando de joelhos na sua primeira Assembléia Geral.

— Ele já sabe?

— Foi de onde eu liguei para você. Passamos a última hora na Célula de Crise com o chefe de gabinete e todos os subsecretários-gerais. O

secretário-geral não estava presente: ele estava tendo o saco puxado em um café da manhã de sociedade. O prédio está isolado. Os únicos com autorização para sair são os subsecretários-gerais.

— O que você vai fazer?

— Bem, é sobre isso que eu quero falar com você.

— Ah, não.

— Escute, Tom. Eu sei que você disse que nunca mais trabalharia para nós. E eu entendo.

— Que bom. Então você vai entender quando eu disser: "Bom te ver, Henning, mas preciso ir andando."

— Mas isso não é trabalhar para a ONU.

— E é trabalhar para quem, então?

— Para mim. Considere um favor pessoal. Eu acho que tenho o direito de pedir isso.

Tom estudou o rosto de Henning. Aquele era o único argumento para o qual ele não tinha resposta, o mesmo fato indiscutível que o fizera desertar dos prazeres de Miranda/Marina e ir direto para lá. Era verdade: Tom devia tudo a ele.

— Do que você precisa?

— Parece que a única coisa boa nessa situação é que o morto era britânico.

— E por que isso é bom?

— Porque os britânicos são os únicos que não vão encher o saco se um ianque matar um de seus cidadãos. Nos Estados Unidos, será a bicha comunista da ONU que fodeu tudo. Em qualquer outro lugar, os Estados Unidos vão levar a culpa. Caubóis de dedo leve e por aí vai. Mas não o governo britânico. Seus rapazes vão se ferrar.

Tom gostaria de poder discordar, mas não podia. Ele lembrou a campanha para exigir a liberdade dos cidadãos britânicos presos em Guantánamo. O governo britânico mal levantou a voz em protesto, e isso ofendeu os americanos.

— E então? Foi um americano que puxou o gatilho?

— Não. Português. Chamado Tavares.

Tom digeriu a informação.

— Então o que você precisa que eu faça?

Ele já pensava na documentação complexa que precisava ser preenchida no caso de um homicídio em território internacional das Nações Unidas. E podia ver os debates sobre jurisdição envolvidos no processo.

Quem faria a investigação? A polícia de Nova York ou a própria Força de Segurança da ONU? Quem estaria no comando? A resposta de Henning o surpreendeu.

— Primeiro, preciso que você acompanhe de perto os policiais que investigarão o caso. Eles já viram o corpo a essa altura e, com certeza, já sabem que fizemos besteira. Preciso que fique na cola deles. Apenas neste primeiro dia: eu joguei duro com eles, fiz questão disso, então não posso mandar um novato para acompanhar a investigação. Ficaríamos com imagem de idiotas. Observe o que eles estão fazendo, e então deixe que cuidem do caso.

— E então?

— Então preciso que acabe com isso, Tom. Dê um fim nesse caso. É delicado demais. Não podemos ter uma família de luto mostrando fotografias do vovô na TV, exigindo a prisão do secretário-geral ou sabe-se lá de quem. Você precisará ir à Inglaterra, encontrar com a família e fazer o que for necessário para dar um fim nisso. Use seu melhor sotaque britânico, o pacote completo.

— Eu não preciso usar um sotaque britânico.

— Tanto melhor. Atue como o inglês charmoso e ofereça desculpas condoídas, uma indenização generosa, o que eles quiserem. Mas nada de holofotes, entendido? Nada de fotografias com o secretário-geral ou esse tipo de sacanagem. Ele é novo no cargo. Não podemos tê-lo associado a isso.

Tom deu uma tragada no cigarro. Ele percebia claramente a articulação política de Henning: sua saída deixara o Conselho Jurídico sem um britânico sequer. Além disso, talvez ajudasse ter um advogado de fora à frente daquilo: o distanciamento ajudaria a dissociar a ONU dos métodos que Tom poderia vir a precisar usar para abafar o caso.

Mas aquilo dificilmente podia ser considerado um serviço de alto escalão. Tom não precisaria entrar em contato com advogados ou diplomatas do Ministério de Relações Exteriores. Provavelmente, lidaria com algum advogado de porta de cadeia londrino desesperado para botar as mãos em uma bolada vinda dos cofres da ONU. Um desperdício do seu currículo: 11 anos como advogado internacional na ONU e, antes disso, experiência num escritório da City e três anos como professor no University College de Londres.

— Há muitos britânicos por aqui que podem cuidar disso, Henning.

Talvez não nos altos escalões, mas logo abaixo. Advogados perfeitamente capazes. Por que eu?

— Porque você é um seguro par de mãos.

Tom arqueou uma sobrancelha: um advogado que deixara a ONU da forma como ele deixara não era o que se pode chamar de boas mãos.

Vamos, a sobrancelha dizia, diga a verdade.

— Está bem, você não é um seguro par de mãos convencional. Mas é alguém em quem eu posso confiar.

O rosto de Tom adquiriu uma expressão que dizia que bajulação não ia funcionar.

Henning suspirou resignado.

— Você sabe como são os advogados jovens daqui, Tom. Pelo amor de Deus, nós éramos assim não faz tanto tempo. Cheios de idealismo babaca sobre a ONU como "garantidora suprema dos direitos humanos"

e baboseiras do tipo.

— E?

— E nós não precisamos de nada disso agora. Precisamos de alguém que faça o que precisa ser feito.

— Você precisa de um cínico.

— Eu preciso de um realista. Além disso, você não tem medo de deixar as regras de lado de vez quando. E essa pode ser uma dessas vezes.

Tom não disse nada.

— E o mais importante, eu sei que você vai defender os interesses das Nações Unidas acima de tudo. — O indício de um sorriso no canto da boca de Henning disse a Tom tudo o que ele precisava saber. Ele não podia arriscar usar um advogado britânico que poderia — como dizer?

— perder de vista seus comprometimentos profissionais. Sempre havia o risco de um britânico ligar para velhos amigos que trabalhavam no Ministério de Relações Exteriores ou na Comunidade Britânica apenas para mantê-los informados. Um almoço em Whitehall, conversa-fiada, nada de mais. Mas não havia esse risco com alguém como Tom Byrne, que cursara o ginásio na Sheffield Grammar School e se formara na Universidade de Manchester. Ele não trairia as Nações Unidas pelos velhos amigos por uma razão muito simples: ele não tinha velhos amigos.

— Você me conhece: sou um cidadão do mundo.

— Eu sabia que podia contar com você, Tom.

— Você fez muito por mim, Henning. Eu não esqueci.

— Depois disso, estamos quites. Falo sério. O que não quer dizer que você não será devidamente recompensado.

— Nada dos honorários de quinta da ONU?

— Temos um orçamento extraordinário, Tom. Verba de emergência.

— Então devo oferecer à família o que eles quiserem.

— Isso. Seu trabalho é garantir que, depois de hoje, nenhum de nós volte a ouvir falar do sujeito. Quando ele for enterrado, eu quero que essa história seja enterrada com ele.



CAPÍTULO SEIS

Henning os conduziu em meio ao corredor polonês de jornalistas, ambos usando os ombros para abrir passagem. Repórteres disparavam perguntas para Henning mesmo sem ter certeza de quem ele era, mas não disse nada até que chegassem à entrada da tenda improvisada que encerrava o corpo do homem.

— Tom, este é Jay Sherrill. O comissário me disse que ele faz parte da elite, da sua equipe de detetives de primeira categoria.

— Primeira categoria? Isso soa como um time de juniores.

Ele não conseguiu evitar: o sujeito aparentava ter 19 anos. Talvez tivesse 30 e poucos, no máximo. Camisa bem passada; ausência deliberada de gravata; rosto elegante bem barbeado. Tom era capaz de levantar o perfil de Jay Sherrill naquele exato momento: jovem ambicioso formado em uma das grandes universidades do país, do tipo que vinha sendo valorizado por todas as forças policiais metropolitanas do país. Eles eram os jovens detetives que falavam e se vestiam mais como consultores do que como policiais. Deve ter passado por um breve período de patrulhamento nas ruas e então sido catapultado para a elite do departamento. Tom lera uma reportagem sobre homens como Sherril na revista New York Times, sobre como nunca usavam uniforme — estavam "fora do moedor", no jargão do DPNY — e como tinham horário de trabalho flexível. Eles eram a nova classe de policiais.

— Jovem, com certeza. Mas com uma taxa de condenações de 96 por cento.

O sotaque era da alta-roda de Boston; ele soava como um Kennedy.

— Noventa e seis por cento, hein? Qual deles escapou?

— O que tinha o melhor advogado.

Henning interveio:

— Muito bem. Como vocês sabem, o comissário Riley e eu concordamos em que a ONU e o DPNY vão trabalhar juntos nesse caso, e isso significa vocês dois. Estamos entendidos?

— Estamos entendidos — disse Sherrill, buscando o tom certo de maturidade. — Senhor Byrne, estou de saída para encontrar com o chefe da segurança do prédio. O senhor é bem-vindo.

Tom o seguiu judiciosamente, notando o olhar de diretor de escola de Henning. Ele se comportaria.

— Espero que você seja o primeiro com quem ele fala — disse Tom, conciliatório.

— Você acha que ele pode ter falado com a imprensa?

— Não, mas espero que ele não tenha falado com ninguém do prédio. O que não falta aqui são vazamentos.

Tom pensava na sua missão em Londres, no que diria à família. A última coisa que queria era que boatos chegassem aos familiares antes dele.

À medida que caminhavam pelo centro de visitantes, agora fechado ao público, e no saguão estranhamente silencioso do prédio, Tom levantou uma das mãos em despedida a Henning, que seguia para uma reunião de alto escalão. E se deu conta de como havia sido ingênuo. O Tom Byrne de pouco mais de uma década atrás teria ficado consternado. Mas esse Tom Byrne havia muito se fora.

Eles entraram em um elevador vazio e subiram até o primeiro andar.

Para Tom, estar de volta ao prédio provocou uma sensação de familiaridade instantânea mas também, depois de uma ausência de mais de um ano, estranhamente nostálgica — como voltar para sua cidade depois de uma longa viagem ao exterior.

Harold Allen os esperava. Tom nunca falara com ele, mas o reconheceu.

Allen era o oficial negro mais experiente da polícia de Nova York antes de processar a instituição por discriminação racial. Outrora considerado para o cargo de comissário, ele agora era o responsável por uma mera esquina da cidade que poderia ter liderado — e mesmo naquele pequeno retalho que conseguira assumir, pensou Tom, mergulhara de cabeça num escândalo explosivo. A ansiedade estava talhada em seu rosto. Ele conduziu os convidados a uma mesa redonda no centro da sala, a alguns passos de sua mesa de trabalho. Tom notou os muitos diplomas por atos de bravura na parede.

Sherrill não perdeu tempo com amenidades: — Como pode imaginar, tenho algumas perguntas a fazer, senhor Allen.

— Sim, você e o resto do prédio.

Tom ouviu e tomou notas à medida que Allen descrevia a seqüência dos acontecimentos: a informação inicial da polícia sobre o Russo; a gravação do telefonema do quarto do hotel para a recepção; suas instruções aos chefes da guarda para que ficassem atentos a um homem com a descrição fornecida pela

polícia; como a mensagem havia sido transmitida aos seguranças nos portões, inclusive Felipe Tavares; a confusão e finalmente os tiros. Um caso trágico de identidade equivocada.

— Onde está o segurança Felipe Tavares agora?

— Ele está com um dos oficiais de apoio.

A testa de Tom contraiu-se em interrogação.

— Recebendo acompanhamento psicológico.

— Acompanhamento psicológico? Entendo.

Aquilo soaria ótimo no Daily News. "Minutos depois de assassinarem um aposentado, as autoridades entraram em ação — oferecendo uma xícara de chá e apoio ao autor do tiro."

— Exato, senhor Byrne, acompanhamento psicológico. Imagino que o senhor nunca tenha atuado na linha de frente de uma força de segurança pública. Tavares está em estado de choque. Ele é um bom homem. Acabo de falar com ele.

— Como ele está lidando com a situação?

Era Sherrill, com a voz abrandada.

— Não para de murmurar e repetir: "Aquele podia ser o meu pai. Aquele podia ser o meu pai." Ele não está nada bem.

— Nós sabemos a idade da vítima?

Allen levantou e foi até sua mesa. Ele era pesado, largo; provavelmente teve boa forma física na juventude, pensou Tom, olhando para as medalhas na parede. Mas por algum motivo não se importou. O chefe da segurança voltou com uma única folha de papel na mão. "Nome, Gerald Merton, natural de Kaunas, Lituânia."

— Lituânia? Não imagino que tenham muitos Gerald Mertons por lá — disse Sherrill, com um sorriso indicando que estava satisfeito consigo mesmo. — Algo sobre quando ele foi para a Inglaterra?

— Nada. Apenas o local e a data de nascimento.

— O que tem nas mãos, senhor Allen?

— Uma fotocópia do passaporte de Merton.

— Do quê? — Desta vez não havia suavidade alguma na voz.

— Do passaporte. Um dos meus homens o pegou no bolso da vítima, segundos depois do ocorrido. Queria conferir a identidade.

— Eu realmente espero que isso seja uma piada.

— Infelizmente não é, senhor Sherrill. Mas colocamos o documento de volta.

— Os seus homens já ouviram falar algo a respeito de preservar a cena de um crime, sobre contaminação de provas? Meu Deus!

— Cuidar de homicídios não é o que fazemos por aqui, senhor Sherrill.

Isso nunca havia acontecido.

Tom percebeu uma oportunidade.

— Posso ver a cópia?

Allen passou a folha de papel, mas com visível relutância. Aquilo era uma constante nas Nações Unidas; as pessoas sempre se aferravam às informações, a única moeda de fato no prédio.

Tom analisou a cópia da fotografia. Estava granulada, mas nítida o bastante. O homem era claramente idoso, mas o rosto não era tomado por rugas, não era magro ou flácido. Tom pensou no pai em seus últimos meses de vida, como a carne se deteriorara. A cabeça daquele homem ainda era firme e redonda, uma bola de carne firme com cabelos brancos curtos de cada lado e nada em cima. Os olhos eram sérios; duros. Os olhos de Tom se voltaram ao local de nascimento: Kaunas, Lituânia. No campo nacionalidade estava escrito em negrito: Cidadão britânico.

Ele passou a cópia para Sherrill, que a analisou por alguns segundos e então disse:

— Precisaremos de cópias de tudo o que o senhor tiver sobre este caso.

— Claro.

— E imagino que será preciso falar com o segurança Tavares.

— Isto pode ser um pouco difícil. Ele não está em condições agora e…

— Senhor Allen, isso não é um pedido.

As têmporas de Allen pulsavam.

— Verei o que posso fazer.



CAPÍTULO SETE

Tom percebeu que a polícia via aquele caso como uma prioridade: o envolvimento de summa cum laude Sherrill deixava isso claro. E entendia os motivos: a política da cidade de Nova York era que mesmo um ataque terrorista que não fosse um ataque terrorista, desde que envolvesse um alvo estratégico, devia merecer atenção absoluta. Mas era difícil não se impressionar vendo-a em ação.

Quando Sherrill voltou à tenda improvisada o corpo já havia sido encerrado em um saco preto e despachado para o Instituto Médico-Legal. Anecropsia começaria imediatamente e os resultados preliminares sairiam em algumas horas. Sherrill gesticulou para um dos muitos carros de polícia ainda estacionados na sede da ONU, cujo motorista era claramente seu chofer, e convidou Tom a se juntar a ele no banco de trás. Sem dúvida, pensou Tom, não era daquela forma que a polícia de Nova York investigava o assassinato de um viciado qualquer em Brownsville. O trajeto foi curto, uma estirada rápida pela First Avenue, que no passado havia sido o caminho que fazia diariamente ao voltar para casa. O trânsito havia sido liberado; as pessoas estavam nas ruas consumindo. Para elas, a morte na sede da ONU havia sido apenas um inconveniente matutino que ficara para trás. Assim que passaram pelo hospital Bellevue, Sherrill deu um tapinha no ombro do motorista e desceu assim que o carro parou.

— Normalmente não é permitido que ninguém assista às necropsias — explicou para Tom. — Mas não acredito que uma folha com os resultados diga tudo o que eu preciso saber. E eles não dizem não aos detetives do primeiro time.

Os dois esperaram alguns minutos na recepção até que apareceu uma mulher de meia-idade usando uniformes médicos. Quando Sherrill apresentou Tom, o rosto dela adotou uma expressão que dizia “muito bem, senhor advogado da ONU, prepare-se…”.

A mulher digitou um código no painel ao lado de uma porta dupla e os conduziu por um e depois outro corredor. Não havia cheiro de carne podre no ar. Em vez disso Tom viu de relance, pela fresta de uma porta entreaberta, a parafernália típica de um escritório — a decoração pessoal ridícula de costume,

incluindo um barbante que pendia sob um balão de hélio — e ouviu o som de um rádio sintonizado numa estação de música tranqüila. Por fim ela os conduziu ao que parecia uma ala hospitalar. O cheiro de desinfetante era pungente.

— Chegamos. Vistam isso — ela disse, e entregou para eles roupas e toucas cirúrgicas verdes, puxou uma cortina verde e lá estavam. Um corpo jazia numa maca, coberto por um lençol. A legista tirou os óculos da cabeça e os acomodou no nariz.

— Era aqui que eu estava antes de ser tão inconvenientemente interrompida — disse, puxando o lençol.

O corpo estava deitado de lado, era grande e tinha a pele branca muito pálida, o que lembraria a barriga de um peixe não fosse a tonalidade esverdeada. Seria um efeito da luz refletida nas cortinas? Tom não saberia dizer. Estranhamente, sua atenção foi atraída primeiro para a pele intacta. O ferimento, a abertura nas costas, com as bordas vermelhas irregulares, ele só viu depois, e então não conseguiu desviar o olhar. A profundidade foi o que o impressionou, a profundidade de um vermelho vivo.

— …consistente com um trauma severo no tronco, escápula fraturada, pulmão perfurado e ventrículo direito explodido…

Tom não ouvia. Estava com os olhos cravados no buraco vermelho com sangue já coagulado, que tinha as bordas irregulares e fragmentadas como as de um buraco em uma parede, como se tivesse sido atravessada por um punho.

— Deixe-me virá-lo para vocês.

Os dois homens estavam em frente à legista com o corpo entre eles.

Agora, deram a volta na maca para ficarem ao lado dela. Ainda não havia cheiro, mas a visão era impactante. Tom sentiu um indício de náusea.

— Aqui vocês podem ver o orifício de saída. O que significa que devem procurar pelo projétil.

Tom concentrou-se no rosto do morto. A fotografia do passaporte devia ser recente; a mesma cabeça vigorosa, dura como uma bola de bilhar.

Ele moveu a mão para tocá-la.

— Não faça isso!

Ele olhou para a legista, que ergueu as mãos.

— Você não está usando luvas.

Tom recolheu a mão e aproveitou a oportunidade para fazer uma pergunta:

— Posso ver os olhos?

Ela se aproximou do corpo e, sem hesitar, puxou uma pálpebra e então a outra com movimentos insensíveis, como se conferisse se um frango já estava assado.

Naquele breve instante, a massa inerte de carne morta, o produto de um açougue, voltou a se transformar em um homem. Os olhos pareciam olhar diretamente para os de Tom. Se estavam dizendo algo, isso passou despercebido. Rápido demais.

— Desculpe-me, mas posso vê-los novamente?

— Impressionantes, não?

Tom não percebera na primeira vez, mas, agora, quando a legista puxou as pálpebras e as segurou com os polegares enluvados para mantê-las abertas; ele entendeu o que ela quis dizer. Os olhos do homem eram de um azul profundo, penetrante.

— Ele era um homem forte, não?

Tom apontou para os braços do cadáver. Quando seu pai chegou aos 70 anos seus braços afinaram e a pele deles acabou ficando flácida. Mas aquele homem ainda tinha bíceps desenvolvidos.

— Pode apostar. Olhem para isso — ela disse, e puxou o resto de lençol revelando um pênis flácido e então as coxas vigorosas do homem: novamente um produto de açougue. — Uma musculatura bem desenvolvida.

— E isso é incomum para um homem da idade dele?

— Totalmente. Ele devia ser um viciado em exercícios físicos.

— E quanto àquilo?

Era Sherrill, ansioso por não ser esquecido — e para lembrar a Tom quem estava no comando. Ele gesticulava para uma placa de metal presa com ataduras à perna esquerda do homem, como uma caneleira.

— Parece ser algum tipo de apoio. Mas é incomum. Quando placas são usadas em cirurgias reconstrutivas elas são inseridas sob a pele. Isso é obviamente temporário. Talvez seja uma tala que ele passou a usar depois de uma distensão muscular. Mas é estranho que seja de metal.

Talvez isso venha a ser esclarecido quando tivermos acesso ao histórico médico do morto.

— E quanto àquilo?

Sherrill apontava para o pé esquerdo inerte. Havia o dedão, o dedo ao lado e um espaço vazio onde devia haver os outros três.

— Eu ainda não havia chegado aí — disse a médica, com a suposição bem-vinda de que ele estava à frente dela. Ela foi até a extremidade da maca para examinar o pé.

— Essas cicatrizes são antigas. Talvez um acidente industrial durante a juventude.

— A senhora é capaz de estimar de quando?

— Deixe-me colocar desta forma: eu não imagino que isso venha a ter qualquer influência na sua investigação. Estimo que essas cicatrizes não tenham menos do que 60 anos.



CAPÍTULO OITO

Sherrill prosseguiu com uma bateria de indagações técnicas, a maioria centrada em questões de balística. Ele e a legista agora dialogavam em jargão técnico que Tom não conhecia, todo calibres e contusões, e foi então que percebeu, em cima de um pequeno gaveteiro, diversos sacos plásticos, do tipo que a segurança dos aeroportos usa para valores. Em um dos sacos havia um cartão plástico branco que parecia ser a chave de um quarto de hotel; em outro, um telefone celular grande e antigo.

Pareciam ser os pertences do morto, retirados de seus bolsos antes da necropsia e cuidadosamente ensacados. Tom lembrou-se da reprimenda que Sherrill dera no chefe da segurança a respeito do passaporte.

O mais casualmente possível, Tom pegou o primeiro saco. Sim, o cartão tinha impressa a logomarca do hotel Tudor, o que reforçava a suspeita de que aquele pobre senhor não era um homem-bomba: ele provavelmente planejava voltar ao hotel depois da "missão" na sede da ONU, talvez para uma xícara de chá e um cochilo. Lá estavam o passaporte de Merton, alguns dólares, um panfleto turístico amassado, que ele provavelmente pegara no saguão do hotel: Conhecendo a… UN Plaza.

Sherrill ainda discorria em tecniquês quando alguém apareceu na porta e chamou a legista. Tom aproveitou a oportunidade para chamar o detetive e mostrar-lhe o saco com o celular. Pelo plástico buscou o botão para ligar o aparelho e então conferiu os últimos números discados, reconhecendo o familiar 011-44 de um telefone britânico e, depois deste, um celular de Nova York, de início 1-917. Sherrill instantaneamente sacou um bloco e anotou os dois números. Tom fez o mesmo. Ele estava prestes a consultar as ligações recebidas quando a mensagem "Bateria fraca" piscou e a tela apagou.

Sherrill esperou que a legista voltasse e fez algumas poucas perguntas para então acertar com ela que os resultados da necropsia lhes fossem enviados por um portador aquela tarde. Então ele e Tom voltaram à sede das Nações Unidas e seguiram até o departamento de segurança no primeiro andar, onde, sentado em um sofá e armado com uma xícara de chá, encontraram um pálido e trêmulo Felipe Tavares.

Apesar de tudo, Tom era forçado a admitir que Sherrill tinha classe. Ele conversou com o segurança português calma e pacientemente, e pediu que descrevesse os acontecimentos da manhã, concordando enquanto ouvia, pontuando a conversa com "claros" e "naturalmentes", como se aquele fosse um bate-papo despreocupado entre policiais. Subentendida estava a afirmação de que, se dependesse de Sherrill, nenhum policial estaria em apuros por simplesmente fazer seu trabalho. Tudo que Felipe — posso te chamar de Felipe? — precisava fazer era contar a Jay tudo o que acontecera.

A parte da narrativa que mais interessava a Sherrill parecia ser o momento em que Tavares recebeu o alerta do chefe da guarda com a descrição do suposto homem-bomba: casaco e chapéu de lã pretos e os demais detalhes. Sherrill pressionou o segurança para saber a hora exata; Tavares afirmou que não conferira o relógio. E quanto às palavras exatas da mensagem? Felipe disse que era difícil lembrar; a chuva estava tão forte que ele precisava se esforçar para ouvir os sons vindos do walkie-talkie. Outros seguranças também devem tê-la ouvido: aquela foi uma mensagem para todos os homens em serviço.

— Certamente — disse Sherrill. — Vou conversar com eles também.

O detetive fez o possível para soar casual quando formulou aquela que claramente era, aos ouvidos jurídicos de Tom, a pergunta crucial. O momento chegou quando Felipe descreveu o instante em que puxou o gatilho.

— Naquele momento você acreditava racionalmente que sua vida estava em perigo?

— Sim. Eu achava que ele era um homem-bomba. Eu não achava que apenas a minha vida estava em perigo, mas a vida de todos.

— E você pensou assim porque viu algum tipo de bomba?

— Não! Eu já disse. Eu pensei que ele fosse um homem-bomba pela mensagem que recebemos, o alerta sobre um homem com aquela aparência. E por causa dos rostos daqueles homens. A forma como pareciam chocados, e o negro gritou "não!", como se estivesse desesperado.

— E agora você acredita que ele tenha gritado porque percebeu que o homem era um idoso, não um terrorista. Que ele estava gritando "não!"

não para ele, mas para você, alertando que não atirasse.

Felipe Tavares abaixou a cabeça.

— Sim — respondeu, quase mudo.

— Mas o negro e o homem com ele, quando você os procurou depois, eles

haviam desaparecido.

— Não havia sinal deles.

— Isso não é um pouco estranho? Dois homens observam o que acontece tão de perto que são capazes de ver o rosto do suspeito, chegam até mesmo a gritar que não atire, e em seguida evaporam?

— Sim, senhor, é estranho. Mas foi isso o que aconteceu.

Tom observava atentamente. Ele percebeu que Sherrill não tomava notas. O detetive prosseguiu:

— E, apenas para concluir, Felipe, você faz alguma idéia do que levou o chefe da guarda a transmitir aquele alerta? E a transmitir o alerta naquele exato momento?

— Não. Eu ouvi a mensagem e então vi o homem que ele descreveu -

disse Tavares, e olhou para o chão outra vez. — Bem, eu pensei que tinha visto o homem.

Tom podia ver as engrenagens girando na mente de Sherrill, como se ele estivesse conseguindo o que queria. O que exatamente isso seria, Tom ainda não havia descoberto.

Até aquele momento ele havia feito o que Henning pedira: acompanhou o primeiro dia da investigação. Era o momento das despedidas, caso ele quisesse chegar ao aeroporto a tempo de embarcar no último vôo para Londres. Tom colocou a advogada escolhida por Munchau para tomar seu lugar — uma grega especialista em direitos humanos - a par dos acontecimentos do dia e a apresentou a Sherrill.

Para surpresa de Tom, o detetive não o dispensou com satisfação, mas prometeu mantê-lo a par dos resultados dos laudos da polícia técnica e da necropsia. Anotou o telefone celular de Tom e insistiu em que anotasse o seu — e assim deixou clara a natureza daquela generosidade.

Já que não tinha um detetive a seu serviço em Londres, Sherrill queria que Tom transmitisse qualquer informação que obtivesse a respeito da vítima.

Sentado no banco de trás de um táxi a caminho de casa — ele não precisaria de mais do que alguns minutos para arrumar uma mala antes de correr para o aeroporto —, Tom fez a última ligação antes de tomar o avião: como combinado, ligou para Harold Allen para saber dos detalhes de que precisaria cuidar em Londres.

— Como vão as coisas, Harold?

— Não muito bem, Tom. Serei franco com você. — Ele soava amargo, como um homem que vê a carreira prestes a desmoronar à sua frente.

— A família já foi informada?

— O subsecretário-geral fez a ligação há pouco mais de uma hora.

— Viúva?

— Não. Aparentemente, apenas uma filha. Enviarei as coordenadas por e-mail.

— Imprensa?

— Eles ainda não têm o nome, apenas a confirmação de que se trata de um homem caucasiano.

— A idade foi anunciada?

Allen soltou um suspiro.

— Ainda não.

Tom sentiu pena do homem. Dependendo da reação da imprensa ao caso, Allen seria a escolha lógica de cabeça a rolar: experiente o bastante para ser responsabilizado, mas não o bastante para que seu sacrifício tivesse algum custo efetivo à cúpula. Tom conhecia muito bem o grito de guerra entoado quando problemas se abatiam sobre a ONU: "Cabeças importantes devem rolar!"

Ele ofereceu algumas palavras de encorajamento e desligou. Ao olhar pela janela, para a luz oblíqua de fim de tarde, e ver mães empurrando carrinhos de bebê ou pegando os filhos em creches, ele pensou em que outras ligações deveria fazer. Não era preciso falar com os Fantonis: o contato por BlackBerry ou celular seria o suficiente para eles, não importava onde Tom estivesse. Ele pensou no pessoal do futebol soçaite, a maioria britânicos veteranos da Citv em busca de faturar 1 zilhão em Wall Street. Precisava informar que faltaria ao jogo de quarta-feira. Além disso, não havia mais para quem ligar.

O trânsito de fim de tarde na Van Wyck Expressway estava carregado.

Tom se recostou no assento de courino gasto do táxi e fechou os olhos.

Levou a mão ao bolso para conferir o passaporte e tateou a capa dura do caderno que usava para fazer anotações. Talvez devesse ligar para Sherrill e colocá-lo a par do fato de a família já ter sido informada, o que implicava que a imprensa teria acesso ao nome da vítima a qualquer momento.

Folheou o caderno em busca do telefone do detetive e acabou achando a página na qual anotara os números de telefone que descobrira na sala de necropsia.

Então, com a outra mão, usou o teclado do BlackBerry. Uma mensagem do escritório de Allen, como prometido. Um nome, um endereço em Londres e dois números de telefone, o segundo claramente um celular.

Rebecca Merton. Tom conferiu o número grande do Reino Unido que vira no telefone dentro do saco plástico. Como esperava, batiam. O

último telefonema de Gerald Merton fora para filha.

Sem pensar, digitou o segundo número que descobrira no celular do homem, iniciado por 1-917. O número piscou na tela do aparelho por alguns segundos. Ele sabia que deveria deixar aquilo para Sherrill; a polícia, como procedimento de rotina, conferiria os números no telefone da vítima. Não havia motivo para fazer aquela ligação. Ele olhou pela janela, ponderou — e então apertou o botão verde para completar a chamada.

Provavelmente seria apenas o telefone do serviço de táxi que o sujeito usara para que pegassem ele no aeroporto. Ou algum parente que planejava visitar.

Tom levou o aparelho ao ouvido, ouviu os sons da ligação e então o primeiro toque; depois um silêncio seguido por outro toque. Então a voz de um homem.

A princípio supôs que fosse um engano. Gerald Merton devia ter digitado o número errado ou ele próprio o fizera ao usar o teclado apressadamente; ambas eram possibilidades. Estava a ponto de se desculpar pelo engano quando o instinto o silenciou. Tom ouviu a voz novamente, primeiro falando com outra pessoa então ao fone, alô, alô — e um calafrio atravessou seu corpo, gelando até mesmo o couro cabeludo.

Não foi o sotaque que o fez ficar alerta, apesar de ter sido isso o que chamou sua atenção a princípio, nem tampouco a conversa que ouvira ao longe, em uma língua que estudara nos tempos de universidade. Não, foi o tom, o tom rude e impertinente. Tom desligou sem dizer uma palavra e segurou o aparelho com força. Aliviado, lembrou que os BlackBerrys vêm configurados de fábrica com bloqueio de identificação de chamadas. O homem não ligaria de volta.

Uma ligação rápida para Allen — e outra deste para um amigo na Divisão de Inteligência da polícia, sensibilizado pela situação delicada do antigo colega — confirmou a desconfiança de Tom. Ele pediu que Allen lesse o número duas vezes para sua fonte na polícia. Quando Allen perguntou para que Tom precisava daquela informação, usou um truque da velha guarda: falou algumas palavras entrecortadas e desligou. Allen ficaria com a impressão de que ele acabava de entrar em um túnel e perdera o sinal.

O trânsito carregado deu a Tom Byrne algum tempo enquanto o carro rastejava os últimos quilômetros a caminho do aeroporto John F. Kennedy. Ele sabia que devia transmitir a descoberta a Jay Sherrill imediatamente, mas hesitou. Avaliaria melhor a situação. Além do mais, Sherrill chegaria lá mais cedo ou mais tarde; era apenas uma questão de discar o número que ambos anotaram.

Se fizesse isso, ouviria o que Tom ouviu. E seria capaz de confirmar que o telefone armazenado no celular do falecido Gerald Merton pertencia a um negociante de armas que havia muito recebera da polícia de Nova York o codinome “o Russo”.



CAPÍTULO NOVE

Eles nunca diziam “bem-vindo”. Tom sempre imaginara que diriam ou que viriam a dizer isso um dia, mas nunca aconteceu. O agente da imigração a serviço no turno da madrugada no aeroporto de Heathrow simplesmente olhou para a fotografia do passaporte, olhou de volta para Tom e fez um sinal para que seguisse em frente.

Não havia por que culpá-lo. Até onde sabia, Tom podia estar de volta depois de uma viagem de dois dias a trabalho. Nada de mais. Ele não tinha como saber que aquele sempre era um momento difícil para um inglês que adotara Nova York como lar aos 20 e poucos anos. Sempre que voltava, Tom sentia a mesma mistura de sentimentos conflitantes: a familiaridade de um nativo e o assombro de um estrangeiro.

O país mudara muito. Quando deixou Londres, a cidade atravessava uma recessão, e ainda estavam expostas as rachaduras de um pós-guerra que na verdade nunca deixou para trás. Mas agora Londres parecia vibrar de energia. Sempre que voltava para casa, Tom percebia novos prédios no horizonte da cidade ou guindastes erguendo novos prédios.

Era preciso apenas olhar para as vitrines das lojas, os letreiros luminosos, os cafés nas ruas, para sentir o cheiro do dinheiro. O contraste com Nova York costumava ser pronunciado: em Manhattan os arranha-céus eram mais altos, os restaurantes eram melhores, as lojas ficavam abertas até mais tarde. Agora, as duas cidades estavam mais parecidas do que nunca.

Mas a maior mudança aconteceu com as pessoas. Havia milionários russos em Park Lane, diaristas letãs em Islington e poloneses por todo lado. Ele assistira a um comediante negro britânico na TV a cabo recentemente que afirmava que ao se cruzar com um branco em Londres atualmente não dava para afirmar que falasse inglês.

Ele tomou o trem do Heathrow Express até o centro, mas algo não lhe saía da cabeça: por que o telefone do Russo estava armazenado no celular de Gerald Merton?

Primeiro, Tom cogitou a possibilidade de o velho ter sido vítima em um

caso ardiloso e bem armado de roubo de identidade. Talvez os terroristas o tivessem identificado e deliberadamente se vestido como Merton para confundir seus perseguidores. Talvez, em algum momento, eles tivessem até mesmo usado — e depois devolvido — o celular dele, sabendo que se alguém estivesse interceptando as ligações ou os seguindo por certo chegaria fatalmente a um turista britânico idoso.

Mas isso parecia complexo demais. A explicação mais simples é que Gerald Merton havia de fato ligado para o traficante de armas russo e o visitado na segunda-feira, como informaram os agentes federais. Não havia dois homens vestidos de preto, apenas um.

O simples pensamento nessa possibilidade fez Tom sorrir. Isso significava que seu velho amigo Henning Munchau talvez não estivesse tão encrencado afinal de contas. Se Tom fosse capaz de provar que a ONU não atirara em um homem totalmente inocente, eles poderiam deixar o luto de lado. Henning tiraria a corda do pescoço; Tom teria feito tudo o que pedira que fizesse e mais. A dívida com Henning estaria paga e ainda poderia haver uma recompensa em dinheiro à sua espera.

Claro, aquilo era incomum: um suspeito de terrorismo com 77 anos.

Mas, convenhamos, esses caras são loucos. Crianças já foram usadas em atentados suicidas a bomba, mulheres também, gestantes até. O que impedia Gerald Merton de ser o primeiro aposentado a acelerar sua entrada no paraíso? Ele podia não estar usando uma cinta com explosivos quando foi morto, mas Tom era capaz de sustentar que a visita de Merton à sede da ONU havia sido uma missão de reconhecimento, que ele estava cronometrando a caminhada do hotel Tudor à sede da ONU na UN Plaza, avaliando possíveis obstáculos e até onde conseguiria chegar antes de ser barrado. Provavelmente planejava voltar no dia seguinte, com uma bomba fornecida pelo Russo atada ao corpo.

O motivo seria o maior problema. Muito provavelmente Merton acertara um pagamento em dinheiro para a família que deixaria para trás. Afinal de contas, em que podia aquele idoso acreditar tão apaixonadamente a ponto de se prontificar a levar o caos à sede das Nações Unidas?

Tom pegou o caderno e conferiu outra vez os dados levantados por Allen. Uma data de nascimento que garantia que aquele homem fosse tão velho quanto seu falecido pai. O local de nascimento: Kaunas, Lituânia.

Talvez aquele fosse o dado mais importante. Ele já lera matérias e matérias sobre o crescimento da influência da máfia do Leste Europeu.

Este "Gerald Merton" podia ser um deles, um chefão, ou mais provavelmente um assassino de aluguel que chegara recentemente ao Reino Unido e fora pago para acabar com alguém na ONU.

Ainda assim, a ONU precisaria de mais provas do que um simples número na memória de um telefone celular para justificar a responsabilidade pela morte de um idoso. E o lugar para consegui-las era Londres.

A tela de TV no interior do trem anunciava que a estação Paddington estava próxima. Ele lembrou que na última visita vira telas gigantes nas estações de trem, geralmente transmitindo um canal de notícias 24 horas. Agora havia telas nas laterais dos ônibus e até mesmo nos pontos.

E câmeras em cada esquina, muito mais em Londres do que em Nova York. George Orwell estava mais certo do que gostaria.

Tom pegou um táxi em Paddington. Não havia tempo para deixar a bagagem em um hotel ou para um cochilo, apesar de tentador. Ele precisava encontrar com a filha de Merton o mais cedo possível, antes que uma horda do Sindicato Unido dos Advogados Liberais e dos Ativistas Anti-Estados Unidos se reunisse à sua porta, oferecendo-se para colar cartazes com fotografias de seu pai nos quartos de todos os estudantes do país. Tom podia imaginar a excitação deles com esse prognóstico. Os protestos contra o assassinato de Jean Charles de Menezes pela polícia londrina tinham sido agitados o bastante, e naquele caso o alvo havia sido a humilde polícia metropolitana.

Contanto que conseguissem transformar Nova York, e portanto os Estados Unidos, no vilão, a morte de Gerald Merton oferecia muito mais possibilidades. Tom conhecia aquelas pessoas, sabia como suas cabeças funcionavam. Ele as conhecia mais do que gostaria.

Estava próximo agora do endereço da filha de Merton e observava as pessoas fecharem as portas de casa a caminho do trabalho. A maioria dos prédios era de antigas casas georgianas divididas em apartamentos.

Ele a imaginara vivendo em um sobrado suburbano com canteiro de flores na porta, com um marido e pelo menos um casal de filhos. Mas não encontraria isso naquele bairro. Ele estava em Clerkenwell, o bolsão residencial imediatamente vizinho aos cortiços de Kings Cross.

Quando o táxi entrou na rua ele imediatamente reconheceu a casa que procurava. Pessoas emergiam da porta com semblantes fechados: visitas matinais de condolências. Ele pagou o motorista, desceu do carro e seguiu naquela direção. Quando se aproximou, elas dirigiram a ele o tipo de sorriso contido que

estranhos dirigem uns aos outros em situações como aquela. E não precisou tocar a campainha: a porta estava aberta.

Tom não havia planejado a presença de outras pessoas. Do corredor ouviu vozes se despedindo na escada. Subiu.

Por um segundo ficou confuso. Duas mulheres se abraçavam na sua frente; uma chorava copiosamente e a outra, mais alta, a confortava.

Mas teve certeza de que a mulher calma e sem lágrimas no rosto era a filha de Gerald Merton. Os olhos lhe deram aquela certeza. Tão profundos quanto os que vira na maca da sala de necropsia em Nova York havia menos de 24 horas.

— Olá — ele disse estendendo a mão. — Sinto muito ter aparecido assim, sem avisar. Meu nome é Tom Byrne. Trabalho para as Nações Unidas.

Ela cravou nele aqueles olhos extraordinários e então disse com uma voz clara e penetrante:

— Acho melhor você ir embora.



CAPÍTULO DEZ

Sem ação, Tom levou alguns segundos para perceber que a mulher não falava com ele, mas com os conhecidos que estavam de saída.

— Ligue para nós se precisar de qualquer coisa, Rebecca — disse o marido, que Tom supôs ter a mesma idade da filha de Merton, início dos 30. A esposa tentou dizer alguma coisa, mas seus olhos se encheram de lágrimas mais uma vez e ela sacudiu a cabeça, resignada.

Tom não tirava os olhos de Rebecca, que se mantinha altiva e ereta em meio àquela confusão de lágrimas e soluços. Tudo nela era impactante; nada era moderado. O cabelo era de um preto escuro, profundo; o nariz não curto ou perfeito como os das garotas Vogue ou Elle com quem Tom saía em Nova York. Era forte e, de alguma forma, orgulhoso. O mais desconcertante eram os olhos, de um verde límpido: não eram da mesma cor dos do pai, mas tinham o mesmo brilho intenso. Eles pareciam faiscar não com a dor da perda, mas com algo mais controlado. Tom percebeu que não conseguia olhar em outra direção.

— Pode vir — ela disse.

Ele a acompanhou até uma sala cujo ambiente rapidamente tentou interpretar. O piso de madeira polido, a TV pequena e antiga em um canto eram previsíveis o bastante: boêmio urbano. Os livros o surpreenderam. Não as primeiras prateleiras com ficção, romances contemporâneos ao lado de Flaubert, Eliot e Hardy, mas o restante: pareciam periódicos. Ele olhou para o resto do apartamento. Não havia sinal de outra pessoa. Não havia sinal de um homem.

Ela sentou-se numa cadeira de madeira, indicando para ele um sofá mais confortável à frente.

Tom estava para começar a falar quando o telefone celular de Rebecca tocou. Ela olhou para a tela e respondeu sem hesitação: — De modo algum. Eu disse que você podia ligar. Qual o problema? — Ela disse, e passou a assentir ao receber o que parecia uma saraivada de informações. — Ela está hipotensa, é isso? Apesar da coloração Gram-negativa? Pobre garota, essa é a última coisa de que ela precisa. Não se esqueça de que ela está recebendo tratamento para AML. Eu administraria vancomicina e ligaria para a UTI para informar que ela pode

precisar de pressores. E, doutor Haining? Mantenha-me informada, está bem?

Tom olhou novamente para as prateleiras, aparentemente preenchidas com o que ele agora identificava como edições do Journal of Paediatric Oncology. Esperou que ela desligasse o telefone e começou, agora com a primeira frase devidamente reformulada: — Doutora Merton, a senhora sabe por que estou aqui. Cheguei em Nova York esta manhã em virtude desse engano lamentável.

— Londres, o senhor está em Londres — ela disse, com o esboço de um sorriso de canto de boca. Tom olhava para os lábios carnudos da mulher. Ficou preocupado com a possibilidade de ela ter percebido. Ele sentiu o pulso acelerar.

— Desculpe-me. Londres. Sim.

Ele tentou retomar o controle e lidar com aquele encontro como qualquer outro encontro profissional. Lembre-se dos seus objetivos: entre em acordo com esta mulher sem que nada sugira uma admissão de culpa.

— O secretário-geral das Nações Unidas me pediu que viesse até a senhora assim que ocorreu essa tragédia para que eu transmitisse seu pesar com o que aconteceu ao seu pai. Ele fala por toda…

— Poupe seu discurso. Não preciso de discursos. — Ela olhava fixamente para ele, o olhar frio.

Tom antevira que depois daquilo a mulher cairia em pranto e ele ofereceria conforto e consolo. Ou o agrediria, justificadamente ultrajada com a situação. Aquilo não estava em seus planos.

— Não há discurso —disse ele, erguendo as mãos que repousavam na pasta em seu colo.

— Ótimo, porque não quero ouvir trivialidades. Quero respostas.

- OK.

— Vamos começar por uma pergunta muito simples: como explicar que uma força policial, qualquer uma, não reconheça um homem de 77 anos quando vê um?

— Bem, a identificação é uma das questões centrais que…

— E o que diabos aconteceu com atirar nas pernas? Até mesmo eu sei que quando a polícia quer imobilizar um suspeito eles atiram nas pernas.

— O procedimento padrão no caso de suspeita de homem-bomba é atirar na cabeça.

— Homem-bomba. Vá se foder!

Tom fez uma pausa, chocado com a obscenidade. O silêncio preencheu a sala.

— Escute…

— Vá se foder — mais baixo desta vez.

— Eu entendo que a senhora…

— O senhor já se deparou com um homem-bomba de 77 anos, senhor Byrne?

— Olhe. Talvez ajude se eu a colocar a par dos acontecimentos da manhã de segunda-feira o mais detalhadamente possível.

Tom não soava como ele mesmo, ao lançar mão do linguajar jurídico que odiava. Estava difícil se concentrar; cada vez que olhava para aquela mulher, ele se sentia impelido para fora dos trilhos.

— Está bem. Então meu pai, durante suas breves férias de aposentadoria, decide visitar a sede das Nações Unidas. E então, o que aconteceu?

Tom abriu a pasta para pegar os papéis que trouxera, a cronologia dos acontecimentos e os relatórios do FBI que ele e Sherrill conseguiram com Allen para que ele pudesse ao menos passar a impressão de total abertura com a família. Ele já vira suficientes casos como aquele para saber que, acima de tudo, a falta de abertura e a sensação de que as autoridades encobrem a verdade são o que mais incomoda as famílias das vítimas. Ele planejara revelar para Rebecca Merton cada detalhe, mostrar a ela a seqüência precisa dos acontecimentos, explicar cada decisão que precisou ser tomada para que, apesar da perda, ela fosse forçada a admitir que aquele fora um engano trágico mas inocente, e que o segurança da ONU se deparou com uma decisão impossível: como arriscar que um homem-bomba viesse a tirar a vida de dezenas de inocentes? Eles tiraram uma vida imbuídos da crença sincera de que salvavam muitas. Era aquilo o que ela precisava aceitar.

— Não me venha com uma apresentação ensaiada, senhor Byrne. Não pense que vai me enrolar com papelada, me cegar com dados técnicos.

Eu sou médica, conheço bem esse truque.

— Está bem — ele disse. Colocou de lado os papéis e se inclinou para a frente. — Diga-me como podemos ajudar.

— Eu quero um pedido de desculpas.

— Claro que as Nações Unidas sentem profundamente…

— Mas não seu. Do seu chefe. Quero um encontro pessoal com o secretário-

geral. Quero que ele olhe nos meus olhos e admita o que as Nações Unidas fizeram. Essa não foi uma escorregada qualquer; meu pai está morto. Sem motivo algum. O que eu quero é um pedido formal de desculpas, pessoalmente oferecido pelo homem no comando.

Tom se lembrou da única condição imposta por Henning: nada de exposição na imprensa, nada de fotografias.

— Veja. O que ocorreu ontem foi uma tragédia. Sabemos disso. E as Nações Unidas desejam demonstrar que reconhecem a magnitude dessa tragédia. Gostaríamos de fazer um gesto, a criação de um fundo disponível para a senhora com o propósito que lhe parecer mais adequado. Pode ser um memorial…

— Desculpe, acho que não o entendi bem. O que o senhor disse?

Tom percebeu outro lampejo daquele sorriso de canto de boca.

— Eu disse que as Nações Unidas estão dispostas a reconhecer o valor da vida de Gerald Merton com um pagamento único e imediato — ele disse, e na hora se arrependeu daquele imediato.

— Jesus Cristo — disse a mulher, lentamente fazendo que não, os lábios ganhando um tom vermelho vivo, como se a raiva os inundasse de sangue. — Talvez esses radicais estejam com a razão, no final das contas. Então a ONU não é simplesmente anti-Israel, ela também é antissemita.

Tom fez uma expressão de surpresa.

— Como?

— O senhor me ouviu muito bem, senhor Byrne. Então é isso o que pensam de nós? Que podem comprar o nosso sangue com dinheiro?

— Eu não estou entend…

— É essa a sua opinião a respeito dos judeus? Que deixamos que matem nossos pais desde que o preço seja bom?

— Eu não fazia idéia…

— Exatamente. O senhor não faz idéia.

O celular dela tocou outra vez. Tom tentava digerir o que acabara de ouvir, mas, quando Rebecca levantou, tudo o que conseguiu fazer foi se concentrar no seu corpo. Ela era magra, mas não muito. Ele percebeu que, mesmo com jeans desbotados e uma blusa preta, ela não era uma dessas dondocas anoréxicas que se veem em Manhattan, mas uma mulher de verdade.

— Oi, Nick. Como ela está? O que me diz do exame de raios X do tórax?

Isso não é bom. — Ela fazia que sim, murmurava em concordância ao que lhe dizia a voz ao telefone. — Isso me parece a progressão para um quadro de SARA. O que me preocupa é uma sepse por Streptococcus viridans. Está bem, diga aos pais que eu ligarei para eles. Eles estão enfrentando uma prova difícil demais; precisam de uma voz conhecida.

Obrigada, Nick.

Ele tentava não olhar, mas aquela era uma luta impossível de vencer. A intensidade daquela mulher parecia consumir todo o oxigênio da sala.

Ele estava com aquela sensação estranha de borboletas voando no estômago, sentia o coração descompassado. E dizia a si mesmo que aquilo era café demais, sono de menos ou jet lag. Mas não conseguia desviar o olhar.

Então Gerald Merton era judeu. Aquilo nunca passara pela cabeça de Tom. Tudo o desviava daquele fato: o nome, o passaporte — naturalidade: Kaunas, Lituânia — e principalmente o corpo. Tom Byrne sabia com o que se parecia um pênis circuncidado, e o de Merton definitivamente não era.

Rebecca desligou o telefone e olhou para ele.

— Preciso sair; tenho uma emergência no hospital.

— Sinto muito.

— Sim, claro. De qualquer forma, acho que não temos mais o que falar, não?

Rebecca se virou e desapareceu na cozinha, e Tom ouviu o tilintar de um molho de chaves.

Ele se voltou para a pilha de papéis que não usara ao seu lado no sofá e passou a colocá-los de volta na pasta quando viu um caderno preto, pequeno, na mesa de cabeceira. Por um momento pensou que fosse seu Moleskine, mas quando olhou mais de perto viu que era mais grosso.

Era dela. Por impulso, colocou-o na pasta. Diria que o pegara por engano; assim teria um pretexto para voltar.

Tom levantou-se e acompanhou Rebecca Merton escadaria abaixo até a porta.

— O meu cartão — ele disse, e conteve a surpresa quando ela o pegou.

— Se pensar em algo mais que gostaria de discutir, pode me ligar.

Ela olhou para o cartão por alguns instantes e então dirigiu para ele os olhos verdes de um tom límpido de esmeralda.

— Então o senhor nem ao menos é um advogado das Nações Unidas. Foi contratado para assentar as coisas; o sujeito que eles enviaram para fazer o trabalho sujo. Adeus, senhor Byrne. Não acredito que voltemos a nos encontrar.



CAPÍTULO ONZE

Tom a observou atravessar a rua, entrar num Saab antigo e sair. Então ficou parado por um minuto ou mais, como que paralisado, tentando entender o efeito que aquela mulher provocara nele. Não era o sentimento de costume, o que sentia nas festas de Manhattan ou no bar do hotel Royalton: vislumbrar uma jovem bonita e decidir se a queria ou não, como se escolhesse uma iguaria num cardápio. Era assim que preenchia a vida em Nova York, mas aquilo foi diferente.

Sentia como se tivesse acabado de correr 10 quilômetros no Central Park. Seu rosto estava corado; o pulso, acelerado. Lembrou, de repente, o que sentiu quando aos 16 anos conheceu Kate, uma estudante universitária quatro anos mais velha e coordenadora em Sheffield da organização pacifista Campanha Pelo Desarmamento Nuclear. O simples fato de dizer aquele nome — Kate — trazia de volta o calor. Ela lhe apresentou o mundo, e, apesar de ter tido muitas mulheres depois dela, nunca mais sentira aquele arrebatamento palpitante. Mas precisava admitir para si mesmo, não sem alguma vergonha, que sentia algo parecido naquele instante. Pelo amor de Deus, ele disse a si mesmo com firmeza, cresça.

Uma ânsia repentina por café o levou subir a rua, onde notara que havia algumas lojas. Piedosamente, uma delas era um café. Ele entrou, sentou-se à menor mesa para que não fosse incomodado e pediu um espresso.

Quando o café chegou, bebeu-o em dois goles e em seguida se recostou, fechou os olhos e respirou fundo. E então se lembrou do caderno que trazia na pasta. Seria o diário de Rebecca Merton? Ele sabia que não devia abrir o caderno, mas não conseguiu conter-se.

O caderno havia sido preenchido, página após página, com uma letra cuidadosa e caneta azul. Instantaneamente soube que aquilo não eram as memórias de uma mulher de 30 e poucos anos. Havia sido um erro pegá-lo. Mas Tom só precisou ler as primeiras linhas para se dar conta de que ele cometera — e não apenas ele — um erro muito, muito grave.



CAPÍTULO DOZE

O meu nome é Gershon Matzkin e eu nasci em Kruk, Lituânia. Meu passaporte britânico diz que nasci em Kaunas, porque Kruk é uma vila tão pequena que ninguém tinha ouvido falar dela. E também porque o nome daquele lugar devia ser amaldiçoado mil vezes, e é melhor que nunca seja escrito.

Fui o segundo dos quatro filhos de Meir e Rebecca Matzkin. Eu era diferente dos outros. Minhas irmãs tinham cabelo escuro, feições nobres, enquanto eu era loiro, tinha olhos azuis e nariz pequeno. Eu não parecia nem um pouco um judeu.

Meu pai costumava brincar que talvez minha mãe houvesse sido bondosa demais com o pastor de ovelhas da aldeia. Ele brincava assim com uma coisa tão séria porque sabia que era impossível. Naquele tempo eles diziam que meus genes eram diferentes, mutantes. Mas quem sabia qualquer coisa a esse respeito naquele tempo?

Eu nasci cedo demais. Meu corpo era pequenino; eles diziam que minha vida estava por um fio. Quando eu tinha oito dias de idade, o velho rabino disse que eu era fraco demais para o brit milah, fraco demais para ser circuncidado. E depois, levando em conta tudo o que aconteceu com a minha família, isso foi adiado. Talvez minha mãe não quisesse pensar nisso. E depois, era tarde demais.

Na minha pequena vila, cujo nome não quero mencionar, não havia muitos judeus, talvez algumas dezenas de famílias. Nós ficávamos quietos, tentávamos levar a vida em paz. Mas de quando em vez havia problemas…

Eu estava assustado mesmo antes de começar. Quando tinha aquela idade — eu devia ter por volta de 7 anos —, o som da chuva nas janelas já era o bastante para me assustar. Eu gostava da neve, que não faltava por lá, mas o tamborilar dos pingos de chuva no vidro me assustava: soava como dedos, batendo, exigindo entrar. Não houve chuva aquela noite, mas ela estava muito escura e isso também me assustava.

Mas naquela noite eu não era o único a ter medo. Minhas irmãs também estavam acordadas e choravam. Os lituanos corriam pelas ruas onde os judeus moravam; eles batiam nas portas, gritavam: Vocês mataram Jesus Cristo! Saiam,

assassinos de Cristo!

Isso acontecia de vez em quando, principalmente na Páscoa. Mesmo então, quando era uma criança, eu percebia as vozes arrastadas. Eles estavam embriagados de vodca, sem dúvida, mas também de ódio — o ódio pelos judeus fermentado por sua fé e destilado por quase 2 mil anos. Hoje eu sei disso, mas naquela noite eu estava apenas com medo.

Havia mais vozes do que de costume. Esperamos que sumissem quando o grupo passasse, mas isso não aconteceu. As vozes permaneciam altas e próximas. Minha mãe estava na cama conosco — nós quatro dividíamos a mesma cama — e nos dizia para ficarmos calmos. Ela segurava minha irmã caçula nos braços, a pequena Rivvy, e cantava uma antiga melodia em iídiche:

Dos tzigele is geforen handlen

Dos vet zein dein beruf

Rozinkes mit mandlen

Shlof-zhe, Yidele, shlof.

O que significa:

O cabritinho saiu para procurar

Assim como você vai fazer um dia

Trouxe passas e amêndoas

Dorme neném, dorme.

Os homens do lado de fora ainda vociferavam, Zhid! Zhid! Judeu!

Judeu! Mas ela continuava a cantar. Shlof-zhe, Yidele, shlof. Algumas vezes, mesmo agora, quando me lembro de tudo o que aconteceu depois, volto a ouvir esta canção.

Naquele momento, nenhum de nós sabia o que estava acontecendo do lado de fora. Minha mãe pensava que o meu pai estava no andar de baixo, espiando por uma fresta nas cortinas, observando a movimentação, à espera do momento em que os rufiões se cansariam e iriam embora. Ela estava parcialmente certa: ele descera para isso, para espiar e nos dizer quando tudo voltasse ao normal. Mas então algo chamou sua atenção. Ele viu fumaça saindo do celeiro.

Não éramos fazendeiros, mas, como a maioria das pessoas da nossa vila, criávamos animais, algumas galinhas e uma vaca. E então, tarde daquela noite, meu pai viu fumaça. Com certeza os homens da vila haviam jogado uma tocha no celeiro. A única coisa em que ele conseguia pensar era em salvar os animais. Então correu para o celeiro.

Não sei quando a minha mãe percebeu o que havia acontecido, mas ela gritou repentinamente. “Meir?” Então viu o brilho alaranjado e as primeiras chamas. “Meir!” Quando não houve resposta, jogou Rivvy para o lado como se ela fosse uma boneca de pano e desceu correndo as escadas. Nós olhávamos pela janela quando ela saiu de casa e correu até o celeiro. Eu estava com tanto medo que parei de chorar.

Nós a vimos se esforçar para puxar algo de dentro do celeiro, como se arrastasse uma saca de sementes. No escuro, era quase impossível ver que ela, na verdade, puxava um homem pelos tornozelos. Hannah discerniu as formas primeiro. “É papai”, ela disse.

Nunca soubemos ao certo o que aconteceu. Talvez fumaça demais.

Talvez ele tenha batido a cabeça em uma viga de madeira. Talvez um dos bandidos que conduziam o pogrom o tenha seguido até o celeiro e o espancado. O que quer que tenha acontecido, nossa mãe chegou tarde demais.

Ela nunca mais foi a mesma pessoa depois daquilo. Seus cabelos ficaram grisalhos e ela deixou de cuidar deles; suas roupas algumas vezes estavam sujas. Usava a mesma saia e a mesma blusa dias a fio. Ela não ria mais, e era estranho quando sorria: um arremedo de sorriso, carregado de arrependimento e tristeza. E nunca mais cantou para nós a canção de ninar.

Minha mãe decidiu que não podíamos continuar a viver naquele lugar, cujo nome nunca mais pronunciaríamos. Ela tinha uma prima que vivia em Kovno, então nos mudamos para lá. Ela acreditava que tínhamos que viver numa cidade grande, um lugar onde não apareceríamos. Um lugar onde não fôssemos apenas um punhado de judeus, mas milhares.

Eu acredito que, para ela, haveria segurança na quantidade. Então fomos para Kovno. Se procurar por esse nome em um mapa moderno, não o encontrará. Hoje a cidade é chamada por seu nome lituano: Kaimas.

Chegamos a Kovno quando eu tinha 8 anos, e guardo lembranças felizes dos dois primeiros anos ali. Eu e minhas irmãs freqüentávamos a escola, e eu descobri que tinha facilidade para estudar línguas: russo e, principalmente, alemão. Achava fácil. O professor dizia que eu tinha um ouvido bom. Eu só precisava ouvir uma palavra uma vez para lembrar dela. Claro que pão era “brot”, o que mais seria? As peças se encaixavam como num quebra-cabeça. Eu aprendia e aprendia.

Em Kruk, seguíamos apenas o essencial da tradição judaica e, como atestava o meu pênis, sem tanta rigidez. Acendíamos velas na noite de sexta-feira para

anunciar o início do sabá, mas não muito mais do que isso. Em Kovno era diferente, quase um quarto da população era formada por judeus e, na área onde vivíamos, todos. Havia sinagogas em todas as ruas, escolas de iídiche, escolas de hebraico, uma famosa academia religiosa, a ieshiva de Viriampole, e até mesmo um hospital judeu. Lá havia pessoas para me ensinar como rezar o Kaddish para meu pai. Não nos sentíamos estrangeiros, apesar de eu parecer um.

Gostaria de poder dizer que minha mãe estava feliz, mas ela não estava.

Nós vivíamos em dois quartos alugados na rua Jurbarko. Eu não sei como ela pagava o aluguel. Os quartos eram escuros, mesmo quando o sol brilhava do lado de fora. Lembro que, nessa época, os olhos de minha mãe estavam sempre vazios.

Então, em um dia de 1940, uma bandeira diferente passou a tremular.

Estava quente naquele dia, o sol brilhava tão forte que secaria toda a umidade do que havia sido um longo inverno. Brincávamos na rua, como sempre. Eu seguia Hannah e minhas outras irmãs jogavam amarelinha. Fui o primeiro a perceber. Apontei para cima, para a bandeira de um vermelho profundo, tremulando ao vento. Eu não conseguia discernir as formas douradas no canto superior esquerdo; imaginei que fossem letras de algum alfabeto estrangeiro. Depois fiquei sabendo que eram as ferramentas do fazendeiro e do operário, a foice e o martelo.

Os russos haviam chegado para transformar a Lituânia em parte da União Soviética.

Na escola, os professores pareciam nervosos. Meu professor de russo desapareceu. Hannah me explicou que os russos estavam prendendo as pessoas. Eles estavam fechando alguns estabelecimentos judeus pois eram "contrários à revolução", o que quer que isso significasse. Hannah ouvira dizer que alguns dos homens haviam sido enviados para a Sibéria, que ela dizia ser o lugar mais frio do mundo. Eu imaginei os homens em uma rua comprida de gelo branco, tremendo como pingüins.

Tínhamos medo dos russos, mas não eram eles que mais nos assustavam.

Logo ficamos sabendo que havia resistência aos comunistas, lituanos que estavam determinados a expulsar os soviéticos de seu país. Eram essas as pessoas de quem tínhamos medo. Lembramos de Kruk, da forma como aqueles homens se comportavam quando incitados e nervosos.

Um dia vi as meninas sussurrando. Elas não queriam me deixar ver o que estavam olhando.

— Não diga para a mamãe — disse Rivvy.

— Dizer o que para a mamãe?

— Nada.

— O que vocês estão escondendo?

Elas acabaram me mostrando. Hannah me fez jurar segredo e então mostrou. Era um panfleto que ela encontrara na rua, que dizia que os judeus eram os responsáveis pela ocupação da Lituânia pelos comunistas. Sem os judeus, seríamos um povo livre!

Aos sussurros, Hannah deu as ordens. "Não podemos deixar que mamãe veja isto." Eu ainda não tinha 11 anos e não sabia nada sobre comunismo ou ocupação, mas entendia que minha mãe era frágil como uma xícara que já fora quebrada e que não pode cair. Nós conseguimos: ela nunca soube do panfleto.

Um ano depois, eu achava que os problemas haviam acabado. Na escola, o diretor anunciou que os russos haviam partido. Eles simplesmente fugiram. Que bom, pensei: agora os lituanos não terão mais raiva de nós, judeus, por termos trazido os soviéticos para o seu país. Mas o diretor parecia mais preocupado do que nunca.

Era junho de 1941. Só depois que o diretor parou de falar, quando ouvi alguns colegas conversando, entendi que os russos não haviam partido apenas porque queriam nos deixar em paz. Eles fugiram pois estavam com medo: os alemães haviam iniciado a invasão da União Soviética.

No dia seguinte eu estava na rua, jogando bola com dois garotos da escola. De repente ouvimos um barulho, distante a princípio: o som longínquo de apitos e tambores. Achamos que as pessoas estavam comemorando, que uma banda desfilava pelas ruas para celebrar a partida dos russos. Mas então vieram novos sons: mulheres gritando e crianças chorando. Meu amigo pegou a bola e correu. Fiquei parado por quatro ou cinco segundos até um homem me pegar pelo pulso e dizer para eu sair da rua. "Vá para casa", ele disse. "Vá para casa agora!" Devo ter parecido abobalhado, ele deve ter achado que eu não entendia o que estava acontecendo, porque olhou para mim sério. "Pogrom", ele disse.

"Pogrom!"

Corri o mais rápido que consegui até a rua Jurbarko. Os gritos ficavam cada vez mais altos; os lituanos comemoravam o grande acontecimento da retirada dos russos da forma que sabiam melhor: atacando qualquer judeu que vissem pela frente. Na rua Krisciukaicio, vi um homem ser puxado para fora de sua loja

pelas orelhas; três homens passaram a espancá-lo, chutando repetidamente sua cabeça. Vi outros judeus serem arrastados. Não sei para onde foram levados ou o que aconteceu com eles. Mas posso imaginar.

Os lituanos usavam uniformes estranhos, que eu nunca vira antes. Eles eram pretos, com a bandeira da Lituânia na manga, como braçadeiras.

Os casacos não eram todos iguais, como os uniformes de soldados de fato, e os homens não marchavam em colunas, mas arremetiam pelas ruas, gritando slogans como: "Os judeus e os comunistas trouxeram vergonha à Lituânia!" Eles chamavam a si mesmos de Frente Ativista da Lituânia.

Depois ficamos sabendo que eles haviam levado dezenas de judeus para a oficina Lietükis, no centro de Kovno. Mataram centenas de homens naquele lugar. Muitos anos depois, li em um livro que na noite de 23 de junho de 1941 e nas três noites seguintes eles mataram mais de 3.800

judeus. Eles usaram machados e facas, além de balas; eles queimaram as pessoas, para obrigá-las a saírem de suas casas ou de qualquer esconderijo. Eles afogaram outras pessoas no rio Neris.

Incendiaram sinagogas. Na época não conhecíamos esses números; sabíamos apenas o que podíamos ver.

Eu corria o mais rápido que podia, disparando por becos e vielas na esperança de evitar os homens de preto. Eu achava que se botassem as mãos em mim eu seria espancado. Afinal, já tinha 11 anos e era alto: certamente teriam me considerado mais um homem do que uma criança. E tinha certeza que saberiam que eu era judeu.

Na frente do cortiço onde vivíamos, encontrei minhas irmãs. Hannah estava tão aliviada por me ver que me envolveu em um abraço demorado, apertado. Ela nos envolveu com os braços e nos levou para dentro do prédio e escadaria acima, para alertarmos nossa mãe do que estava acontecendo. Nós queríamos contar para ela o que havíamos presenciado, as coisas terríveis que estavam acontecendo. Mas ela já sabia.

Entendi o que havia acontecido quando ouvi o grito de Hannah. Tão fino, como se ela fosse apenas uma garotinha que, claro, hoje, adulto, sei que ela era. Ela tentou nos deter, a mim e minhas outras irmãs, para que não víssemos, mas era tarde demais. Eu vi, e nunca conseguirei esquecer.

Os pés de minha mãe estavam soltos no ar, o corpo pendia de uma viga.

Ela estava enforcada e oscilava como o pêndulo de um relógio — um relógio

que anunciava que havíamos chegado ao fim dos tempos.



CAPÍTULO TREZE

Tom fechou o caderno e olhou pela janela. Aquilo era um pesadelo. Um pesadelo transformado em realidade.

Ele conferiu o relógio — cedo demais para ligar para Henning — e pensou no que diria. "Tenho boas e más notícias. A boa notícia é que o sujeito morto pode não ser assim tão inocente no final das contas. A má é que vocês mataram um sobrevivente do Holocausto."

Dificilmente poderia haver um desastre de relações públicas pior do que aquele. Rebecca Merton poderia simplesmente colocar aquele caderno em um envelope e remetê-lo para qualquer jornal de Londres e o nome das Nações Unidas seria atirado na lama. Ele podia ver a manchete em duas páginas: "'O pesadelo do meu pai na guerra', diz filha da vítima da segurança da ONU", junto com a fotografia em cores de "Rebecca Merton, 31".

Tom enrolou um cigarro, e então viu a negativa que a garçonete fazia com o dedo. Claro, Londres agora tinha as mesmas regras puritanas de Nova York. Pousou o cigarro na mesa e pediu outro espresso. Então voltou ao caderno e se preparou para a próxima revelação.

Lembro-me muito pouco dos dias que vieram em seguida. Andávamos sem rumo, como em algum tipo de transe. Menos minha irmã Hannah.

Ela não se permitiu ficar abalada por muito tempo. Agora ela precisaria ser nossa mãe…

Meu trabalho era arranjar comida. Eu era uma criança, mas parecia mais velho e minha aparência tinha outra vantagem. Podia passar por um dos garotos lituanos, não era marcado como um judeu. Procurava comida onde podia, aparecia numa padaria logo antes que fechasse, pedindo qualquer resto. Se houvesse uma mulher presente, tentava captar seu olhar; as mulheres tinham mais pena de mim.

— Um rostinho tão delicado — diziam ao me entregar um resto de pão, ou um pedaço de bolo velho e endurecido.

— Onde estão seus pais?

— Sou órfão.

— Ouviu isso, Irena? Ele é órfão. O que aconteceu com seu pai e sua mãe, pequenino?

— Os russos.

— Ah, aqueles animais demoníacos. E eu lhe dando esse pedaço de pão velho. Irena, pegue aquela carne lá no fundo. Vamos, depressa. Aqui está, meu jovem. Agora vá pra casa.

Nenhum de nós dizia a verdade. Se alguém se aproximava de Hannah, ela mentia deslavadamente:

— Meu pai vai voltar logo — dizia. — Minha mãe acabou de sair.

Na época, achei que ela apenas tinha vergonha de admitir que éramos órfãos. Agora eu entendo. Não queria que as pessoas soubessem que em nossos dois cômodos viviam somente crianças. Ela devia pensar que alguém nos mandaria embora ou roubaria o que tínhamos. Ou pior.

Essa época, entre os russos e o que veio depois, não durou. Os livros dizem, na realidade, que não durou nada, que um grupo avançado de alemães estava lá desde o começo, organizando pogroms já na noite em que minha mãe se matou. Mas quando os alemães chegaram em massa, nós soubemos.

Na verdade, ouvimos antes de vê-los. Eu estava no apartamento, observando Hannah cortar em quatro pedaços o pão torrado que eu havia trazido. Sendo menino, o homem da casa, o meu era sempre o maior. Rivvy e Leah recebiam pedaços iguais — e o menor, Hannah guardava para si. As garotas haviam aprendido a ter paciência, fazendo até o menor pedacinho de pão durar como se fosse uma refeição completa. Mas, naquela época, eu não conseguia controlar a fome.

Devorava o que me dessem logo que estivesse ao meu alcance.

No começo, pensei que fosse uma tempestade. Mas o céu lá fora estava claro e ensolarado. No entanto, lá estava novamente, o ruído surdo e prolongado que significava explosões ao longe.

— Shhh — disse Hannah, e todos ficamos quietos.

Ela fechou os olhos para se concentrar.

— Aviões — ela disse por fim.

Logo havia outro barulho. Eram os trovões de um exército marchando para uma cidade. Então ouvimos sons que não vinham de tão longe.

Sons duros, mecânicos, de motocicletas, infantaria e canhões de artilharia sobre rodas e, finalmente, tanques, todos chegando a Kovno.

Hannah avançou até a janela, sem coragem de aproximar demais o rosto. Eu me movi rapidamente e dei uma boa olhada. O que vi me deixou confuso. As janelas do prédio em frente ao nosso, e do outro ao lado, estavam se abrindo. De dentro desenrolavam grandes pedaços de pano: bandeiras. Garotas se inclinavam para fora, sorrindo e acenando, jogando flores para os homens na rua.

— Vai ficar tudo bem agora, Hannah? — perguntei.

— Talvez, Gershon. Talvez.

Mas ela parecia insegura.

Fomos à escola no dia seguinte e eu soube imediatamente que mesmo nossos vizinhos lituanos estando contentes com a chegada dos nazistas, nós judeus não estávamos. Todos estavam tensos. O diretor falou com toda a escola e seu rosto estampava ansiedade: — Somos um povo que foi testado várias vezes — disse. — Crianças, vocês conhecem a história do faraó. E de Hamã. Homens que vieram destruir os judeus. E o que aconteceu cada vez que eles tentaram?

Ninguém queria responder; aquela não parecia ser uma aula comum.

— Eles falharam, porque Deus nos protegeu. Nós sobrevivemos.

Crianças, este talvez seja outro teste.

Não tenho certeza se foi naquele dia ou no seguinte, tudo aconteceu muito rápido. Surgiram cartazes em alemão. Eu fiquei na ponta dos pés, com o pescoço esticado, lendo um que fora afixado num poste perto da escola, traduzindo primeiro para os meninos da minha sala e depois para um pequeno grupo que surgiu no local. Ele dizia que, dali em diante, todos os judeus deveriam usar uma estrela amarela nas roupas, sempre visível. E haveria um toque de recolher: não para todos em Kovno, só para os judeus. Depois do anoitecer, todos os judeus deveriam se recolher; não era permitido que ficassem nas ruas. E não poderíamos andar nas calçadas. Elas eram reservadas apenas para os arianos.

Deveríamos andar na sarjeta.

Mesmo assim, não sei se estava com medo. Essas eram as novas regras a que deveríamos obedecer, mas pareciam melhores que os lituanos e seus pogroms. Se era apenas isso que planejavam fazer conosco — fazer-nos usar uma estrela amarela e nos obrigar a ficar em casa depois de escurecer —, então era melhor do que ser surrado na rua.

Mas não consegui me consolar daquela maneira por muito tempo.

Algumas manhãs depois, fomos acordados por um forte bater na porta.

Levantei assustado. Meu coração estava acelerado. Nos primeiros e confusos

segundos, pensei se não seria minha mãe à porta: eu a imaginei sorrindo, com os cabelos penteados e arrumados, chegando para nos levar embora. Devia estar a ponto de dizer algo porque Hannah, que também se levantava da cama, colocou um dedo sobre os lábios e cravou o olhar em mim, mandando-me ficar quieto.

O barulho na porta recomeçou mais alto e insistente. Ouvimos o mesmo som se repetir por todo o corredor e na rua também: nazistas batendo nas portas dos judeus.

Hannah se levantou, pegou algo para cobrir o pijama e abriu a porta.

Ele era alto, empertigado. Eu não conseguia parar de olhar para as botas. Elas brilhavam como vidro e, quando se mexiam, o couro fazia barulho.

— Vocês têm dez minutos para recolher tudo — ele latiu em alemão. — Estão de mudança!

E deu as costas, caminhando em direção à porta ao lado. Havia mais homens repetindo as mesmas instruções por todos os andares, acima e abaixo de nós. Depois ouvimos as mesmas palavras vindas da rua abaixo, amplificadas por um megafone.

Quando Hannah se voltou para nós, seu rosto estava sério.

— Vistam-se. Rivvy e Leah, não coloquem apenas uma saia. Usem duas ou três. Quanto mais conseguirem, uma por cima da outra. Façam o mesmo com casacos e shorts. Você também, Gershon. Quanto mais roupa conseguir.

Então ela correu pelos quartos, jogando tudo que achava necessário dentro de malas. Ela se movia rapidamente, mas não estava em pânico.

E, como ela não estava, nós também não estávamos.

Após alguns minutos, completou:

— Vocês podem levar uma coisa cada um, que realmente queiram.

Apenas uma. O resto fica.

Eu peguei um livro de aventuras. Leah, sua boneca favorita. Rivvy, uma escova de cabelo. E Hannah calmamente retirou uma foto de nossos pais do porta-retrato e colocou-a no bolso. Depois nos conduziu até a porta e a fechou pela última vez. Caminhamos desajeitados pelas escadas: eu estava vestindo quatro ou cinco camisas e dois casacos, e também carregava a mala maior. Quando alcançamos a rua, achei que fosse ferver de calor.

Vimos vários judeus como nós, tentando carregar o máximo que podiam. Muitos levavam sacolas com comida, latas ou sacos de farinha.

Alguns empurravam carroças e carrinhos de mão improvisados.

Hannah se repreendeu. Não havia pensado em fazer o mesmo.

Após alguns minutos, recebemos ordens de caminhar. Cruzaríamos Kaunas, diziam, até nosso novo lar. Estávamos cercados por homens armados e, para mim o mais assustador, cães. Fizemos como eles mandaram.

Algumas pessoas duraram apenas poucos passos. Elas não conseguiam carregar o que haviam pegado e começaram a derrubar pratos e xícaras, que espatifavam ruidosamente no chão.

— Quieto, judeu! — berrou um dos nazistas.

Alguns idosos começaram a desmaiar.

O tempo todo os lituanos ficaram parados, olhando, como se aquilo fosse um desfile de carnaval. Por vezes gritavam tentando nos provocar.

Se viam algo de que gostavam, corriam para pegar. Eles sabiam que os alemães não os impediriam de roubar. Eu encarava a multidão. E então vi um rosto familiar.

— Antanas! — gritei. — Sou eu, Gershon!

Era o menino com quem sempre brincava de bola; tínhamos jogado juntos na semana anterior. Mas ele apenas me olhou, segurando com força a mão do pai.

Uma senhora começou a caminhar do nosso lado. Ela disse para Hannah:

— Ouvi dizer que estão nos levando para o outro lado do rio, para Viriampole. Vamos todos morar lá.

— Todos nós? Mas Viriampole é minúsculo.

Hannah achava que o bairro de Viriampole seria pequeno demais para todos os judeus de Kovno, que eram numerosos, na casa das dezenas de milhares, e estava certa. O que ela não sabia na época, o que ninguém sabia, era que ainda mais seriam enviados para viver nas estreitas ruas do bairro. Os alemães haviam enviado patrulhas do exército para o interior à procura de judeus, buscando por todas as vilas, até nos menores vilarejos, como aquele cujo nome minha mãe jamais mencionaria. Se encontrassem um judeu aqui ou três lá, eles também deveriam ser removidos para Viriampole. Se um judeu se recusasse a se mudar, sua casa era incendiada. Então ele se mudava.

Anos depois, as pessoas sempre nos perguntariam: — Por que vocês obedeceram? Por que não se revoltaram e resistiram?

Mas não sabíamos o que sabemos agora. Não sabíamos que marchávamos para um gueto. Lembro de pensar que talvez as coisas melhorassem para nós se

estivéssemos todos juntos em um lugar. Pelo menos estaríamos longe daqueles lituanos assassinos.

A caminhada foi longa e árdua. O tempo todo eu mudava a mala de uma mão para a outra, balançando como um bambu a ponto de quebrar.

Mas não parei. Eu era o homem da família agora, e sabia que Riwy e Leah precisavam que eu continuasse andando.

Finalmente chegamos à estreita ponte de concreto que marcava a nossa entrada em Viriampole.

— Rápido, rápido — falou Hannah, apressando-nos.

Eu acho que ela não queria que víssemos o arame farpado e as torres de guarda. Ou talvez não queria me dar tempo para ler e traduzir as placas em alemão que marcavam a entrada. "Praga! Entrada proibida!", dizia uma delas, e logo abaixo havia outra em que estava escrito: "Os judeus estão proibidos de entrar com comida e materiais para aquecimento — os infratores serão recebidos a tiros!"

Depois que entramos, os soldados já não andavam ao nosso lado. Agora que tinham nos reunido no gueto, sua missão estava cumprida.

Esperamos por alguns minutos, e não apenas nós, todos. Esperávamos algum tipo de instrução ou pelo menos um plano. Mas lentamente a ficha caiu. Um homem se separou da multidão e correu para a primeira porta que viu. Então reapareceu na janela de um primeiro andar e chamou o resto da família. Imediatamente outra família os seguiu, e outra, e outra. Hannah levou dois segundos para entender: era cada um por si, você viveria no canto que conseguisse encontrar.

Fomos para a rua Linkuvos, com a mulher com quem Hannah tinha conversado. Depois pensei se Hannah não tinha dado algo para ela, talvez uma jóia de minha mãe, porque eu sabia que ela queria que ficássemos com uma família. Ela entendia que chegaria uma época em que precisaria de outra pessoa para continuar cuidando de nós. Então nos apertamos, 13 pessoas, em apenas dois cômodos, a outra família e nós.

Parece besteira agora, mas me lembro de pensar, outra vez, que este seria o fim de nossos problemas. Sim, era um gueto. Mas estávamos todos juntos e havia trabalho para quem tivesse condição física — e trabalho significava comida. Menti sobre a minha idade e recebi uma permissão para trabalhar. Tinha 12 anos, mas era alto o suficiente para passar por 16. Então toda manhã eu cruzava a ponte estreita para fora do gueto em um grupo de trinta homens, todos mais

velhos que eu.

Recebemos braçadeiras amarelas para usar na manga direita das camisas; embarcávamos em caminhões e éramos levados a uma vila próxima, Aleksotas, onde nosso trabalho era construir uma base aérea alemã. Tínhamos que fazer o trabalho de máquinas: levantar rochas e quebrar pedras. Trabalhávamos do nascer ao pôr do sol, 12 horas ou mais, até que cada músculo, cada tendão gritasse por descanso.

Parávamos por alguns minutos apenas, para tomar sopa rala e comer pão torrado.

Mas ao menos era comida. Hannah, no entanto, estava tendo dificuldades para conseguir comida para as meninas. E elas estavam ficando doentes. Todos estavam. O gueto estava muito cheio, com mais ou menos 30 mil pessoas entulhadas em uma área que seria para mil.

Pessoas dormiam nas ruas, mesmo no frio. As sinagogas viraram dormitórios. Uma manhã, pisei num homem que achei estar dormindo.

Mas ele não dormia. Tinha morrido e ninguém o havia enterrado.

Foi nessa época que Hannah decidiu que também deveria conseguir uma permissão para trabalhar. Se ela tivesse um daqueles preciosos pedaços de papel amarelo, conseguiria comida para si e, mais importante, teria uma chance de sair do gueto, de alguma forma comprar comida e contrabandeá-la de volta: assim poderia alimentar Leah e Rivvy com algo além das rações magras fornecidas pelos nazistas. Era o único jeito.

Não sei o que ela fez para conseguir a permissão. Gosto de pensar que ela foi até a resistência, que na época falsificava os papéis. Mas algumas vezes penso em outra coisa. Porque Hannah era uma garota bonita, e, quando você está com fome e sua família também, toma atitudes desesperadas.

Então Hannah passou a sair do gueto toda manhã, comigo e o resto dos trabalhadores. Havia controle no portão, mas os guardas não eram alemães. Eram da polícia lituana. Talvez este fato tenha sido esquecido, mas os nazistas não fizeram tudo sozinhos. Havia poucos alemães em lugares como Kovno. Eles contavam com pessoas do local para ajudá-los.

Então chegou aquele dia cruel, o dia em que tudo mudou. Hannah nunca me falou sobre o assunto em tantas palavras, mas eu consegui decifrar o que aconteceu, e me forcei a escrever sobre isto aqui. Para que a memória deste dia não morra.

Hannah passou pela revista sem problemas. Ela trabalhou como num dia qualquer. Mas em algum momento deve ter se separado do grupo de trabalho, porque, quando voltou à tarde, tinha um pouco de pão. Não um pão inteiro, mas um bom pedaço que ela trazia para nossas duas irmãs que não tinham permissão de trabalho nem comida. Ela o escondeu no casaco. Penso nela agora, uma garotinha parada, lá, com o coração acelerado.

Talvez na fila do portão ela tenha ficado nervosa. Algo a denunciou.

Não para o resto dos policiais em serviço: eles estavam bêbados demais para notar alguma coisa. Mas para o filho de um dos guardas lituanos, um rapaz pouca coisa mais velho que eu, talvez com 13 ou 14 anos no máximo, que sempre estava com o pai e os outros guardas no portão. Os homens mais velhos riam e brincavam com ele, como se fosse o mascote do time. Ele até tinha um uniforme. Mas nós o chamávamos de Lobo, porque, mesmo sendo tão novo, ele era cruel como um animal. Seu rosto parecia brilhar de tanta maldade. O sorriso era largo, exibindo dentes que pareciam prontos para pingar sangue. Uma vez que visse aquele rosto, você jamais o esqueceria. Lobo implorava para que o pai o deixasse revistar os judeus, e os homens riam de sua ânsia. Aquela noite ele pediu para revistar Hannah.

Posso imaginar como ela tremeu enquanto aquele animal vasculhava suas roupas, apalpando seu corpo magro. Ele estava prestes a deixá-la ir quando a cutucou pela última vez, embaixo dos braços. E foi lá que encontrou o pedaço de pão.

Lobo se voltou para os guardas que celebravam como um pescador novato que houvesse pescado uma bela truta. Ele fez saudações para receber os aplausos.

— Então qual será o seu prêmio, filho? — O pai riu, balançando o cassetete ao lado do corpo. — É só falar.

Lobo fez uma pausa para pensar enquanto Hannah tremia ali, parada. O resto dos companheiros do gueto olhava para o chão, esperando que aquele momento terminasse.

— Deixe que eu mesmo a castigue.

Os guardas rugiram alto e lascivamente. Vários colocaram a mão esquerda sobre o braço direito e sacudiram os bíceps. Começaram a entoar uma canção lituana sobre um menino que se torna um homem.

Lobo conduziu Hannah até as celas do gueto, onde o carcereiro o reconheceu. Com orgulho, Lobo explicou o que tinha acontecido; o carcereiro deu um passo para o lado — e foi embora.

— Tire a roupa — disse Lobo para Hannah.

Hannah ficou parada, sem conseguir se mexer.

— Eu disse tire a roupa.

Hannah estava com frio, seus dedos eram palitos de gelo. Ela não foi rápida o bastante. Ele a socou no rosto.

— Escute, judia! Eu não vou falar de novo. Tire a roupa!

Hannah fez como ele mandou e ficou parada nua, com a cabeça baixa.

Ela não percebera Lobo alcançar seu cassetete e erguê-lo até ele bater nos seus braços, suas costas e suas coxas. Seus gritos de dor devem ter soado como se viessem de uma criatura não humana. Quando caiu de joelhos, Lobo a chutou no rosto, nas costelas, nos rins, no lugar que ela sempre guardara no coração como o ventre de onde sairiam seus filhos.

Logo ela estava estirada no chão, esperando pela inconsciência, ou a morte.

Então tudo parou. Lobo parecia ter se cansado, ou se entediado, e recuara. Hannah deu um suspiro curto; sua provação parecia estar chegando ao fim.

Houve um tinido de metal, o som, Hannah percebeu, de um cinto sendo aberto. Iria ele açoitá-la?

Mas agora ela sentia duas mãos geladas em seu quadril, puxando-a do chão como se fosse um pedaço de carne. Ele não estava tentando colocá-la em pé, mas forçando-a a ficar de joelhos, para que se pusesse de quatro.

Ela mal podia sentir as pernas, quanto mais mexê-las. Caiu novamente no chão várias vezes, mas Lobo sempre a puxava de volta.

Ela estava confusa. Por que ele queria que ela ajoelhasse daquela forma?

De repente, ela o sentiu perto, perto demais, com o corpo sobre o dela.

Ela ouviu o abrir de um zíper.

A súbita constatação fez com que ela gritasse em protesto, mas ele levou a mão até sua boca, segurando o maxilar com força para que não mordesse, e forçou-se para dentro dela.

Quanto tempo durou, ela não sabia. A mente a abandonou, fugiu para o mesmo lugar aonde havia ido quando vira o corpo da mãe pendurado no teto. Ela sumiu de si mesma. Mas enquanto a agressão continuava, viu algo no chão, a apenas alguns centímetros de distância. A simples visão fez com que decidisse instantaneamente, como se o objeto por si só tivesse determinado como deveria ser usado. Apenas seguiria o impulso que parecia surgir daquele pequeno e

aleatório objeto: um prego torto e enferrujado abandonado no chão.

Ela o alcançou e o escondeu, cerrando a mão direita, uma nova determinação surgindo dentro dela. Ele estava concentrado demais no próprio prazer para notar os movimentos dela: ouvia a respiração ofegante e gemidos, enquanto ele tentava segurar seu quadril e mantê-

la imóvel. Não hesitou. Em um único movimento, com uma mão o empurrou, tirou o braço dele do seu rosto e, com a outra, empunhou o prego por entre os dedos, como se fosse uma lâmina.

Ela percebeu o braço esquerdo dele, o braço que a estava sufocando, com a parte interna exposta. O prego cortou a camisa de algodão e chegou à carne. Ela não sabia que tinha tanta força dentro de si. Aquilo a fez rugir, ainda mais alto do que o grito que ele deu ao sentir o corte no braço.

Ela o empurrou. O instinto fez com que fugisse dali o mais rápido possível, primeiro rastejando, depois agachada, agarrando as roupas que estavam no chão. Ela correu e correu, só percebendo que ninguém a seguia quando já estava a três ruas de distância. Depois me contou o que deduziu, que Lobo estava muito envergonhado para admitir que havia deixado uma garota nua — uma judia chorosa — escapar. Ele afirmaria que o corte profundo no braço, que levou várias semanas para curar, era resultado de um acidente.

Mas era Hannah quem estava ferida. Não apenas no rosto, que não era mais o dela. Mas na alma. Ela não conseguia mais ser nossa mãe.

Passava o dia todo e também a noite no nosso pequeno quarto. Eu tinha de continuar trabalhando, mesmo estando tão magro e sempre com fome. Levava para casa a comida que conseguia, decidindo no portão se arriscaria trazer ou não. Se os guardas estivessem bêbados, eu trazia. Se Lobo estivesse por perto, passava a comida que havia escondido para uma pessoa mais corajosa, ou mais imprudente, do que eu.

Então, no final de outubro de 1941, um decreto foi afixado em cada poste e parede, anunciando que todos os habitantes do gueto deveriam se reunir às 6 horas da manhã seguinte na praça Demokratu. Ninguém sabia o que estava para acontecer. Durante toda a noite era possível escutar sons variados vindos da rua: homens religiosos rezando, mulheres chorando, outros festejando e bebendo, tentando aproveitar o que acreditavam ser a última noite de suas vidas.

Fui até Hannah para pedir um conselho sobre o que fazer. Mas ela não era mais a mesma Hannah. Seus olhos estavam vazios, como os de nossa mãe haviam estado. Era eu quem tomava conta de tudo, juntava alguns restos de

comida, garantia que as meninas estivessem bem agasalhadas.

Deixávamos nossas portas destrancadas. Eram as ordens: para que ninguém tentasse se esconder.

Havia uma leve camada de neve no chão aquele dia, granizo na verdade, a melancolia quebrada apenas pela eventual vela ou lâmpada.

Todos seguravam documentos, uma permissão de trabalho ou um certificado de graduação, qualquer coisa que pudesse provar que tinham valor, que podiam ser úteis para os alemães.

Esperamos no frio úmido por mais de três horas até que finalmente o primeiro sargento da SS Helmut Rauca subiu ao topo de uma saliência, de onde podia inspecionar as dezenas de milhares de pessoas abarrotadas ali, e acenou com a cabeça para que a primeira coluna de gente fosse trazida até ele. Notei ninhos de metralhadoras espalhados pela praça; mais além, nas encostas, os lituanos se acotovelavam para desfrutar a melhor visão do que estava acontecendo.

Era preciso ficar atento a Rauca. Com o menor movimento de mão, mandava algumas pessoas para a esquerda, outras para a direita. Minhas irmãs e eu tivemos sorte: onde estávamos esperando acabou sendo o começo da fila. Mas significava que eu não tinha tempo para decifrar o padrão: seria melhor ser mandado para a esquerda ou para a direita?

Não sabia dizer.

Minhas irmãs e eu seguramos Hannah e demos um passo à frente.

Rauca fez um gesto para nos separarmos: ele queria que as garotas fossem para a direita e eu para a esquerda. Protestei, dizendo que deveríamos ficar juntos.

— Como preferir. Para a direita! — latiu, com o que acreditei ser um sorriso.

Então senti uma mão segurar o meu ombro.

— Você não. — Era a voz de um homem.

Virei-me e vi um policial. Não um alemão ou lituano, mas um dos policiais judeus que trabalhavam no gueto.

Tentei escapar dele e me juntar a minhas irmãs, que estavam sendo empurradas para a frente. Rivvy tentava chegar até mim, mas eu não conseguia alcançar sua mão. Leah começou a chorar, embora inutilmente.

— Você, não — repetiu.

Eu comecei a gritar, empurrando-o e socando. Como aquele traidor ousava me separar de minhas irmãs? Tentei tirar suas mãos de mim, mas ele segurou com mais força. Agora Rivvy e Leah berravam — elas podiam ver o que acontecia —, mas ele não me deixava escapar, não importava quanto eu me debatesse. Minhas irmãs começavam a desaparecer no meio das pessoas que eram mandadas para a direita com um movimento do dedo de Rauca. Rivvy e Leah haviam sumido. A última coisa que vi foram os olhos de Hannah, ausentes e vidrados.

O policial finalmente me puxou dali e me carregou para longe, para um beco ao lado, até que tivéssemos saído completamente da praça. Eu não tinha a menor noção de quem aquele homem poderia ser ou por que tinha acabado de fazer aquilo.



CAPÍTULO CATORZE

Tom esfregou os olhos; o vôo da madrugada começava a fazer efeito.

Fazia tempo que não lia uma história como aquela: relatos de caso, era assim que costumavam chamá-los. Quando começou a trabalhar na ONU, ele se perdia nos documentos, absorvendo cada detalhe. Após alguns anos, lia de relance, procurando apenas os detalhes legais pertinentes. A história de terror de uma pessoa era praticamente a mesma história de terror de outra pessoa. Mas aquela ele lia com atenção: devia estar fora de forma.

O policial judeu — e você deve lembrar que odiávamos aqueles traidores tanto quanto odiávamos os alemães ou os lituanos — me deixou ali, onde estávamos. Depois que foi embora, percebi que a rua estava em completo silêncio. Era um silêncio terrível. Estava quieto porque todas as pessoas haviam partido.

Fui até o nosso trecho da rua Linkuvos, passando por prédios que agora estavam vazios e silenciosos. Sentia-me a última criança na face da Terra. Quatro mil pessoas partiram naquele dia. Todo os outros estavam fora do gueto, submetidos a trabalhos forçados ou se escondendo. Não havia ninguém nas ruas.

Eu tinha 12 anos e estava completamente sozinho. Sentia inveja das minhas irmãs, imaginava-as vivendo em um novo lugar.

Continuei a trabalhar, ainda fingindo ter 16. Não ousava contar a verdade sobre minha idade aos outros trabalhadores. Alguns eram bons comigo, como se soubessem que eu era apenas uma criança. Mas alguns estavam tão desesperados que não eram mais as pessoas que tinham sido. Estavam com tanta fome que haviam se tornado animais. Pessoas assim teriam me traído num piscar de olhos se acreditassem que minhas rações passariam para elas.

Eu vivia no mesmo quarto de antes, mas agora com uma nova família. A outra mulher e os filhos seguiram no comboio para o Nono Forte com minhas irmãs. Os quartos não estavam mais tão cheios. Na verdade, havia mais espaço por todo o gueto, já que milhares haviam partido.

Não sabíamos para onde tinham ido ou por que não tínhamos notícias deles.

Ninguém que eu conhecia estava por perto. Todas as crianças com quem tinha freqüentado a escola haviam ido embora. O único rosto conhecido pertencia ao policial que havia me impedido de ir com o comboio, aquele porco traidor. Bastava apenas olhá-lo para sentir repulsa. E ainda assim ele parecia estar por perto freqüentemente. Eu voltava exausto depois de 12 horas trabalhando na construção da base, pernas e costas doendo, e lá estava ele, na entrada do gueto. Ou patrulhando os arredores do prédio no qual eu dormia. Algumas vezes ele me assustava; outras — a maioria —, me dava nojo.

Então, numa noite bateram na porta. Uma batida urgente, repetida três, quatro vezes. Primeiro, a mulher do apartamento parecia apavorada.

Ela acreditava ser a Gestapo. Seu olhar aterrorizado recaía sobre mim.

Que desgraça estaria eu trazendo até eles agora? Estaria eu contrabandeando?

Então ouvimos a voz do outro lado da porta.

— Polizei, abram!

Era a polícia judia do gueto. Todos sabiam que eles podiam ser tão cruéis quanto qualquer colaborador lituano. Olhei para a janela, pensando se deveria pular até a rua e fugir correndo. Estávamos no segundo andar: conseguiria saltar até o chão sem quebrar nenhum osso?

Percebi que minhas mãos tremiam.

Antes que pudesse planejar algo, a mulher tomou uma decisão. Abriu a porta e lá estava ele, o policial que havia me separado do comboio havia quase três semanas. Ali, na minha porta, no meio da noite.

— Você, garoto, venha já.

Eu estava congelado de medo. Não me mexi.

— AGORA!

Eu ainda usava todas as roupas que possuía. Não ousava tirá-las durante a noite porque poderiam ser roubadas. Deixei o policial me levar.

Ele marchou escada abaixo, puxando-me até a rua, em voz alta prometendo me levar até as autoridades, para que eu pagasse pelo que havia feito. Eu não sabia o que poderia ser.

Por fim, ele virou à esquerda e depois à direita, então entrou num beco e desceu uma escadaria externa até a entrada de um porão. Este, eu sabia, não era o quartel-general da polícia. Ele já havia parado de gritar sobre como eu seria punido. Senti o medo contrair o meu estômago.

Então o policial bateu na porta. Não uma batida normal, mas com um ritmo estranho. Três batidas rápidas, depois duas lentas. Uma voz soou do outro lado da porta do minúsculo porão.

— Ver is dort? Quem vem lá?

— Einerfun di Macabi. Um filho dos macabeus.

A porta se abriu com um ruído, e o policial entrou rapidamente, levando-me à força com ele. Dentro havia três outros homens, seus rostos iluminados por uma única vela no centro de uma mesa destruída.

Para mim pareciam velhos, os olhos fundos com olheiras, os rostos abatidos. Mas agora sei que eram jovens, um deles mal tinha 20 anos.

Encararam-me até que um, que parecia ser o líder, finalmente disse: — É um milagre.

Depois outro balançou a cabeça e completou: — É perfeito. Será nossa arma secreta.

O líder continuou falando, sua face cruel: — Tire suas calças.

Hesitei, e ele repetiu a ordem até que eu percebesse que não tinha escolha. Abaixei minhas calças lentamente.

— Até o fim! Para podermos ver!

E, depois que haviam olhado, os três homens sorriram. Um deles chegou a rir brevemente. Ninguém falava comigo.

— Bom trabalho, Shimon — disseram, e o policial balançou a cabeça, como uma criança sendo elogiada pelo professor.

— Você realmente nos trouxe um milagre judeu.

Eu havia ouvido falar do movimento secreto judeu, mas não tinha acreditado. As crianças falavam sobre uma resistência que estava começando, como os judeus tentavam conseguir armas para lutar contra os nazistas, até mesmo para fugir do gueto. Mas não havia visto um sinal sequer. Eu acreditava ser um conto de fadas, daqueles que meninos contam uns para os outros.

Naquele momento, no entanto, entendi aonde tinha sido levado. O policial havia se identificado como “um filho dos macabeus”: aquela era a senha. Eu sabia que os macabeus tinham sido os grandes guerreiros judeus, os hebreus que haviam lutado para salvar Jerusalém.

Eu era um menino loiro de olhos azuis com o pênis não circuncidado.

Poderia passar por ariano. Talvez pudessem me usar para contrabandear

comida até o gueto. Estava eufórico: sabia que podia fazer aquilo. Afinal de contas, Hannah não me mandara às ruas como um pequeno órfão lituano para implorar por comida aos nossos gentis vizinhos que poderiam ter pena de um pobre menino?

Mas então o líder dos homens mandou Shimon embora e começou a sussurrar com os outros em iídiche, esquecendo que eu ainda estava ali, parado bem em frente a eles. Um deles disse que não poderiam perder tempo esperando.

— O menino viu nossos rostos.

Outro concordou:

— Ele sabe sobre este lugar. Não podemos arriscar.

Eu não sabia o que fariam comigo.

Finalmente, o líder levantou a mão, como se a discussão tivesse terminado. Eles haviam chegado a uma decisão. Somente então ele se virou e olhou para mim. Disse que seu nome era Aron.

— Você é corajoso? — perguntou.

— Sim — respondi.

— Corajoso o suficiente para cumprir uma tarefa que carrega consigo um perigo imenso, até mesmo mortal?

— Sim — disse novamente, embora não tivesse idéia sobre tais coisas.

Dizia o que achava que me salvaria.

— Darei a você uma tarefa em nome do nosso povo. Você viajará até Varsóvia, até um endereço que receberá. E transmitirá a eles esta mensagem. Está pronto?

Concordei, embora não estivesse pronto.

— Você irá até lá e dirá estas palavras. Não as mude, nem mesmo uma palavra. Esta é a mensagem: "Tia Esther retornou e está na rua Meguilá, número 7, apartamento 4."

— Mas eu não entendo…

— É melhor que não entenda. Melhor para você.

O que significava que, caso eu fosse torturado, não teria nada para confessar.

— Agora repita.

— Tia Esther retornou e está na rua Meguilá, número 7, apartamento 4.

— Outra vez.

— Tia Esther retornou e está na rua Meguilá, número 7, apartamento 4.

— Está bem.

O policial voltou ao cômodo e me levou embora. Parado no beco lá fora ele me contou sobre o plano. Repetiu cada detalhe, para que eu não esquecesse.

Então, na manhã seguinte, eu deixei o gueto com o grupo de trabalhadores, como de costume. Exceto que, desta vez, o mesmo policial judeu estava em serviço no portão, para garantir que não ocorresse qualquer problema enquanto eu me separava dos outros.

Alguns segundos depois de cruzar a ponte sobre o rio, fiz como mandaram. Tirei a estrela amarela do casaco e imediatamente subi na calçada. Não era mais um judeu do gueto, mas um ariano na cidade de Kaunas. Ergui a cabeça, como disseram que eu deveria fazer.

Caminhei até a estação de trem. Era cedo e uma névoa pairava no ar.

Mesmo assim, havia um grupo de três ou quatro guardas do lado de fora, sob o comando de um homem com o uniforme da SS. Falei em lituano:

— Meu nome é Vitatis Olekas e sou órfão.

Pedi permissão para viajar à Polônia, onde tinha família que poderia cuidar de mim.

Como temia, e exatamente como Shimon, o policial judeu, disse que aconteceria, o homem da SS assumiu a situação. Ele me rondou, avaliando, como se eu fosse um espécime que havia sido colocado à sua frente. Um dos lituanos perguntou para onde eu me dirigia na Polônia, mas o homem da SS nada disse. Ele apenas continuou andando ao meu redor, seus sapatos produzindo um ruído seco. Finalmente, por trás de mim, senti um puxão na cintura da minha calça.

— Runter! — ele disse. — Para baixo.

Olhei sobre os ombros e vi que ele gesticulava na direção da minha calça.

— Ele quer te ver — falou outro dos homens lituanos, com um sorriso irônico no rosto.

Fiz-me de confuso, como Shimon disse para eu fazer, e o outro policial latiu:

— Vamos, vamos.

Hesitando, abaixei a calça e a cueca. O homem da SS olhou meu pênis, o prepúcio, então me liberou com um movimento que fez com a mão.

Então começou minha jornada, armado com os documentos de identidade arianos certos e uma permissão de viagem para Varsóvia.

Não lembro se fingi ter 15 anos ou mais, ou menos, mas a verdade é que eu era um menino de apenas 12 anos viajando sozinho pela Europa em tempos de guerra, mostrando minha preciosa Kennkarte para os guardas de fronteira nazistas em Marijampolé, em Suwalki, em Bialystok, vezes a fio. A Kennkarte tornava tudo possível. Não era falsificada, era verdadeira. Com aquele documento de identidade em mãos, eu era ariano. Nenhum documento tinha maior valor.

E finalmente cheguei a Varsóvia. Era meio-dia e a cidade estava tumultuada, mas ninguém se dirigia para o mesmo lugar que eu. Meu destino era o gueto de Varsóvia. A maioria das pessoas estava desesperada para fugir do gueto: eu era o único que queria entrar lá.

Enfiei a mão no buraco que havia feito no forro do meu casaco, o lugar onde tinha escondido minha estrela amarela, e fixei-a novamente.

Esperei um grupo de trabalhadores retornar e me juntei a eles. Shimon havia prometido que seria como Kovno: os trabalhadores só apresentavam os documentos quando saíam, nunca quando entravam.

Então estava em ruas tão lotadas e infestadas de doenças quanto as que havia deixado para trás. Ali também havia cadáveres nas sarjetas. Mas encontrei a casa que procurava e informei para quem tinha uma mensagem.

— Diga para nós e diremos para ele — disseram.

— Não posso fazer isso — respondi. — Tenho que entregar esta mensagem para ele e mais ninguém.

Então esperei.

Apenas depois da guerra descobri o que havia motivado a minha missão; por que aqueles três homens no porão iluminado a vela me enviaram naquela noite. Minha missão era uma resposta a algo que havia acontecido três dias antes.

Alguns judeus que trabalhavam nos arredores do gueto avistaram uma menina, quase sem roupa, olhos arregalados e fixos. Ela estava coberta de sujeira, e sangue manchava sua pele; não conseguia dizer nada e seu rosto contorcia-se e tremia como o de uma louca. Eles a levaram de volta para o gueto e, depois que ela havia vestido algo, conseguido comer e beber um pouco, aos poucos começou a falar, apesar de as palavras saírem lentamente.

Ela era uma das pessoas que haviam sido empurradas para a direita na praça Demokratu, junto com minhas irmãs. A seleção havia continuado durante todo o dia, após o escurecer, com Rauca sobre a saliência, fumando ou comendo

sanduíches, o tempo todo julgando as fileiras de pessoas que se amontoavam à sua frente, ignorando os choros e calando os pedidos. Por fim, 10 mil pessoas foram empurradas por um buraco na cerca até uma área conhecida como "pequeno gueto". Alguns ficaram aliviados, concluindo que não havia sido nada mais que uma forma elaborada de mudá-los de casa. Aparentemente, as pessoas começaram a discutir sobre quem ficaria com qual apartamento; comitês discutindo por toda a noite, planejando suas novas vidas.

Mas ao nascer do sol na manhã seguinte, eles perceberam o seu engano.

Milicianos lituanos surgiram e começaram a agredir e expulsar os judeus das novas casas, depois pastorearam-nos em uma coluna e ordenaram que marchassem. Eles caminhariam quatro quilômetros até o Nono Forte, a antiga fortificação erguida durante a era czarista para manter os alemães a distância.

Era uma marcha colina acima e levou horas; os idosos e doentes caindo pelo caminho, alguns levados à morte com a ajuda das coronhas dos rifles dos milicianos. O caminho estava ladeado do começo ao fim por lituanos, curiosos para ver as estranhas criaturas que emergiam do gueto — da mesma forma que foram curiosos para nos ver entrar.

Os nazistas tinham um nome para aquela rota. Chamavam-na Der Weg zur Himmelfahrt. O Caminho para a Jornada Celestial.

Eles não chegaram ao destino antes do meio-dia, e uma vez lá não tiveram descanso. Os criminosos lituanos foram rápidos em roubar qualquer joia, puxavam brincos e pulseiras, e depois ordenaram que os judeus ficassem nus. Apenas depois disto os conduziram para as valas.

Eram grandes crateras cavadas na terra. Alguns disseram que tinham cem metros de extensão, três de largura e talvez dois de profundidade.

Outros disseram que não eram tão compridas, mas duas vezes mais profundas. Cada uma delas era cercada em três lados por pequenos montes de terra recém-cavada. Na quarta lateral, havia uma plataforma elevada de madeira. Era lá que ficavam os homens da SS, com suas armas.

Aqueles que haviam sobrevivido à marcha agora começavam a gritar; eles entendiam para onde aquela jornada celestial os levara. Alguns tentaram fugir, mas logo foram derrubados a bala. E então começou o extermínio.

Primeiro os nazistas atiravam as crianças na vala; então as metralhadoras, precisamente posicionadas com este propósito, abriam fogo.

As mulheres eram enfileiradas na beira da cratera e mortas ali, com tiros nas

costas, para que caíssem por cima das crianças. Os homens eram os últimos.

Eles os matavam em lotes de trezentos, sem garantia de que um teria terminado quando começassem a trabalhar no próximo. Tinham que ser rápidos. Além disso, a munição era racionada, de modo que os nazistas não podiam se dar ao luxo de usar mais que uma bala nas costas por vítima. E quase todos os homens por trás das metralhadoras estavam bêbados.

O resultado foi que muitos judeus não estavam mortos quando caíram; foram enterrados vivos. Este foi o destino, principalmente, das crianças.

Mas não somente delas. Algumas testemunhas contaram como a vala se mexeu por três dias, como ela respirava.

Este é o evento conhecido como "grande ação" de 28 de outubro de 1941, quando 10 mil judeus foram retirados do gueto de Kovno e assassinados.

E foi assim que minhas irmãs foram mortas.

A garota que encontrou o caminho de volta para o gueto, tremendo e faminta, foi uma das enterradas ainda vivas, mas sem ter sido baleada.

Ela desmaiou ao cair, mas algum tempo depois acordou e se deu conta de que havia corpos à sua volta, acima e abaixo. Estava presa entre carne morta, que a pressionava com tanta força que a fez sufocar.

A maioria dos enterrados vivos estava fraca demais para escalar a vala e sair, para usar os corpos dos mortos como degraus de uma escada. Eles desistiram e morreram sufocados por baixo dos corpos. Aqueles que conseguiam subir e escapar geralmente eram mortos a tiros, certeiros desta vez. Mas esta garota, ela estava nervosa mas cuidadosa. Esperou até a madrugada, quando a cantoria ébria dos atiradores nazistas e seus companheiros lituanos já tinha dado lugar ao sono. E então ela fugiu, para fora do forte e de volta para o gueto.

Foi esta a história que ela contou depois de ser vestida e alimentada, quando conseguiu falar. E foi esta a história que chegou aos líderes do movimento secreto judeu em Kovno, aqueles homens no porão. Talvez pela primeira vez eles entenderam o tipo de ameaça que estavam enfrentando. E então decidiram que deveriam transmiti-la a outros que também tentavam defender-se. E foi por isso que me mandaram para Varsóvia.

Portanto, somente muitos anos depois entendi o significado da mensagem que transmiti. Também entendi por que os homens do porão não a explicaram para mim. Não era apenas porque eu poderia ser torturado. Mas também porque não ousaram contar o que havia acontecido a minhas irmãs. Talvez tenham

pensado que eu ficaria tão cego de raiva, tão destruído, que não conseguiria dar prosseguimento a minha missão.

Mas eu prossegui e encontrei com o homem que deveria ver em Varsóvia. Esperei três horas por ele, mas o encontrei. Ele era o líder do movimento secreto no gueto de Varsóvia; ele também era um jovem que parecia velho.

Ao ouvir as palavras "Tia Esther retornou e está na rua Meguilá, número 7, apartamento 4", ele pareceu confuso. Mas então pediu para lhe trazerem um livro, o livro sagrado resgatado das ruínas de uma sinagoga no gueto. Era o Livro de Esther, que os judeus chamam de Meguilá de Esther. O livro que lemos durante o festival de Purim, que celebra uma conspiração concebida centenas de anos atrás para destruir os judeus.

O líder do movimento foi até o capítulo 7, quarto verso, e compreendeu. Leu em voz alta, como se isso o ajudasse a pensar.

"Porque fomos vendidos, eu e o meu povo, para nos destruírem, matarem e aniquilarem de vez; se ainda por servos e servas nos vendessem, calar-me-ia."



CAPÍTULO QUINZE

Quanto mais lia sobre a vida de Gerald Merton, mais Tom se via pensando em Rebecca. Como era irônico que uma mulher que parecia borbulhar e exalar vida, como se tivesse uma tampa sobre uma vitalidade quase vulcânica, houvesse emergido de um mundo sufocado por morte. Ela até mesmo recebera o nome da avó que se enforcara.

Tom tentou concentrar-se na sua missão, o trabalho solicitado por Henning Munchau. Não havia como negar: o nó que precisava desatar para as Nações Unidas ficava cada vez mais apertado. Eles não apenas mataram um sobrevivente do Holocausto, mas, aparentemente, um de seus heróis: o garoto que, disfarçado, viajara por toda a Europa ocupada levando a mensagem de um plano nazista para exterminar os judeus.

E Tom acusara este homem de ser um homem-bomba. Graças a Deus mantivera para si mesmo a primeira intuição: que o senhor Merton, nascido em Kaunas, era algum tipo de criminoso de guerra do Báltico que buscara asilo no Reino Unido. Ele fora tão estúpido quanto os guardas alemães e lituanos que o jovem Matzkin enganara diversas vezes: ao ver os olhos azuis e o pênis não circuncidado do cadáver sobre a mesa de necropsia, nunca poderia ter imaginado que via um judeu.

O telefone tocou; um número de Nova York. Se fosse Henning, explicaria a complexidade do problema no qual estavam envolvidos e diria que precisava de mais tempo. Tato diplomático extremamente cuidadoso seria necessário se a idéia era impedir que a reputação das Nações Unidas fosse abalada.

— Tom? É Jay Sherrill. Tenho novidades.

— Certo.

— Sabe aquele telefone de Nova York que vimos no celular? Pertence ao Russo, ao traficante de armas.

— Sério? Nossa.

— Eu sei. Incrível, não? Mas isso não é tudo. Esta noite providenciei que uma equipe fizesse uma revista milimétrica no quarto de Merton. Eles levantaram pisos, serviço completo. E encontraram algo escondido no banheiro,

dentro da grade do exaustor, próximo à ventoinha. Escondido de forma muito profissional.

— E o que é?

— Uma arma compacta ultramoderna, de plástico. Russa. Calibre .357

Magnum. Especialmente projetada para escapar da detecção por escâneres de segurança. Tudo o que é preciso esconder são algumas peças internas de metal e as balas; a arma em si passa despercebida. Ela foi analisada pelo departamento de balística e, adivinhe?

Aparentemente, é a arma preferida pela comunidade dos assassinos profissionais. — Tom conseguia perceber o quanto Sherrill se divertia com a piada.

— Só um minuto, detetive.

Tom ouviu os toques intermitentes de uma chamada em espera. Ele olhou para o visor do aparelho: um número de Londres que não reconheceu.

— Tom Byrne? E Rebecca Merton. Você precisa vir até aqui agora. Está me ouvindo? AGORA!



CAPÍTULO DEZESSEIS

— Quero ir ao enterro.

— Entendo seus motivos, senhor secretário-geral.

— Então você acha que é uma boa idéia? Fico feliz, Munchau. Minha equipe política diz que seria um erro.

— Por que dizem isso, senhor?

— Gowers aqui diz que poderia ser visto como uma admissão de culpa.

Eu acredito que essa seja uma opinião legal, não política. Por isso quis vê-lo. Se não vê problema jurídico algum, podemos seguir em frente.

Você é quem manda.

Ao dizer isso, o secretário-geral abaixou a cabeça em um cumprimento discreto e cortês, como que dizendo "depende de você". O perfil da revista Time estava certo: "O novo diplomata número um do mundo é um homem extremamente elegante." Ele encarnava tudo o que as pessoas gostam nos nórdicos: profissionalismo, sem a eficiência teutônica; informalidade, sem o excesso de familiaridade dos americanos; progressismo, sem o fervor latino-americano. A revista sugerira que, assim como alguns argumentavam que as Olimpíadas deveriam acontecer sempre em Atenas, o mundo seria um lugar melhor se o principal cargo das Nações Unidas fosse permanentemente relegado a mãos nórdicas. O sistema rotativo não permitiria tal coisa, claro, mas uma vez que a Ásia e a África já haviam tido seus secretários-gerais, e um europeu parecia possível, o experiente ministro das Relações Exteriores da Finlândia rapidamente se transformou na escolha óbvia.

Esperava-se que os russos objetassem, mas, para espanto de todos, eles não o fizeram, e Paavo Viren assumiu o cargo sem qualquer oposição.

— Por que o senhor deseja ir ao enterro?

— Eu acredito que seja a coisa certa a se fazer. Este homem foi morto em nosso solo, sob nossos cuidados. Acho que temos que nos responsabilizar por isso e indenizar a família. Você concorda?

— Eu entendo o seu ponto de vista, senhor.

— Você fica repetindo que entende mas não me diz o que pensa. Por favor, doutor Munchau, me diga qual é a sua opinião.

Antes que tivesse a chance, o chefe de gabinete do secretário-geral se adiantou. Os três, mais um assessor que tomava notas, estavam no escritório do secretário-geral, acomodados nos dois sofás que Viren havia providenciado pouco depois de sua chegada: ferramentas essenciais da diplomacia, era assim que os chamava.

— Enquanto pensa nisso, doutor Munchau — começou o chefe de gabinete —, permita-me explorar alguns dos cenários possíveis. Na melhor das hipóteses, o SG vai até Londres, troca um aperto de mãos com a filha de Merton para as câmeras, e isso encerra o caso. Na pior das hipóteses, ele comparece ao enterro, é mal recebido, talvez até mesmo com protestos e hostilidade, e nós transformamos o problema em uma grande crise.

— Está bem, já é o bastante, Marti. Precisamos ouvir o que pensa o conselheiro legal.

— Muito bem. Estritamente falando, sua visita à família não implica uma admissão de culpa. Como o senhor mesmo disse, está oferecendo seus respeitos simplesmente porque este terrível acidente aconteceu em nosso solo.

— Exato.

— Mas.

— Ah, um mas. Neste prédio há sempre um mas, não?

— Essa manobra inevitavelmente será vista como um ato de arrependimento. Os secretários-gerais geralmente comparecem apenas a enterros de chefes de governo e chefes de Estado. A sua ida a Londres seria vista como um gesto extraordinário, o que significaria que teríamos algo pelo que nos desculpar.

— Bem, temos.

O chefe de gabinete tinha no rosto uma expressão de perplexidade; Henning Munchau sorriu tolerantemente.

— Isso não é algo que desejamos admitir publicamente, senhor.

Certamente, não neste momento.

— Ah, pelo amor de Deus.

— Estou falando sério, senhor. Não podemos fazer qualquer tipo de declaração de desculpas ou pesar até termos em mãos todos os fatos.

Algo que ainda não temos.

— Nós matamos um homem inocente!

— Mas, senhor, o ponto crucial é que a nossa segurança não sabia disso.

O segurança envolvido parece ter acreditado que o homem era uma ameaça imediata à vida do nosso pessoal. O que faria desta uma morte em legítima defesa.

— Está bem. Então nos desculpamos por isso. Foi um engano legítimo, mas nos desculpamos por ele. Qual é o problema nisso?

Henning dirigiu um olhar rápido ao chefe de gabinete, que dizia: "Jesus, será que nos foi imposto um escoteiro como secretário-geral?"

Detectando o desconforto, o chefe recuou: — Olhem, eu não sou ingênuo. Eu sei quais são os riscos. Mas vocês não estão pensando politicamente. Se eu for fotografado com a viúva, filha ou quem quer que seja, demonstrando benevolência, isso faz com que eu seja bem-visto. Transparente, honesto, humano. Uma nova abordagem para o novo homem na ONU. Isso pode ser uma grande manobra de relações públicas.

"Só por cima do meu cadáver", pensou Henning.

— Senhor, deixe-me conversar com meu homem em Londres. Se ele já for capaz de transmitir uma impressão da família, a sua idéia pode mesmo ser boa. Vou entrar em contato com ele imediatamente. Não acredito que vá nos deixar na mão.



CAPÍTULO DEZESSETE

A porta da frente estava aberta, da mesma forma como estivera antes, mas desta vez não havia outras vozes. Tom subiu até o segundo andar, onde encontrara com Rebecca Merton três horas antes. Agora, tudo o que podia ver eram as costas dela, que vasculhava a completa desordem que se abatera sobre sua casa.

O chão estava coberto de livros, todas as prateleiras haviam sido metodicamente esvaziadas. Alguns jaziam abertos, e todos tiveram as capas arrancadas. Nas paredes, molduras vazias; pôsteres e telas rasgadas estavam pelo chão em meio a estilhaços de vidro.

O sofá tivera o estofado rasgado, e o estofamento se insinuava como cabelos despenteados. A TV estava destruída; até mesmo as plantas haviam sido arrancadas dos vasos. Tom nunca vira um lugar tão completamente destruído. Aquilo não havia sido um roubo comum.

Ela se aproximou num repente, os olhos em chamas.

— Bem, isso confirma tudo. Você lhes assistiu fazer isso? Você ficou e assistiu?

— De que diabos você está falando?

— Estou falando que a minha casa, numa coincidência absurda, foi destruída assim que você saiu. E, surpresa, cinco minutos depois da minha ligação você aparece. Você ficou na esquina o tempo todo, para conferir se fizeram um bom trabalho?

— Você está louca? Não tenho nada a ver com isso.

— Mas é muita coincidência, não acha? Primeiro, a ONU assassina o meu pai e, no dia seguinte, meu apartamento, que nunca havia sido roubado, diga-se de passagem, é destruído.

— Você acha que a ONU fez isso?

— O que vocês estavam procurando? Podres? — ela disse, com a sugestão de um sorriso irônico. — Foi para isso que mandou seus rapazes, Tom Byrne? Para ver que tipo de sujeira conseguia descobrir sobre a filha do morto? Então, se eu ousasse exigir justiça da organização que matou meu pai, vocês passariam a informar ao tablóide News of the World com quem eu transei na faculdade de

medicina?

Meu Deus, e estamos falando da todo-poderosa Organização das Nações Unidas.

— Escute, você está ficando histérica — ele disse, e se arrependeu imediatamente. Chame uma mulher de qualquer coisa, mas jamais, em hipótese alguma, diga que ela está histérica. — Você acha que a ONU sai por aí vasculhando as casas dos outros? Você não acha que, nesse momento, já não temos problemas demais com a família Merton para acrescentar isso à pilha? — completou, gesticulando para a desordem do apartamento. — A ONU não usa esse tipo de gente para fazer nada, quanto mais roubar apartamento em Londres.

Ela lhe dirigiu um olhar duro, como que vasculhando seu rosto em busca de sinais de verdade. E aquele olhar o perturbou, já que tudo o que queria era olhar de volta. Então ela se virou, como se houvesse se lembrado de alguma coisa, e disparou pelas escadas.

Tom percebeu a chance. Ele rapidamente foi até sua pasta e tirou de lá o diário de Gershon Matzkin, e estava para jogá-lo na pilha no centro da sala quando algo o impediu: ele queria ser sincero com Rebecca.

Colocou o caderno de volta na pasta e esperou pelo momento certo.

Alguns segundos depois ela estava de volta, e roçou de leve em Tom ao seguir para a cozinha. O toque durou menos de um segundo, mas foi o bastante: ele quase foi atirado para trás com a descarga de energia. A excitação foi instantânea. Seria ele o tipo de homem que se excitava ao ver uma mulher em agonia? Ele não acreditava nisso. Ou seria apenas efeito da combinação de fadiga e adrenalina? Tom não tinha como saber; ele não se sentia daquele jeito desde a adolescência.

Rebecca passou por ele na volta, e Tom sentiu seu cheiro almiscarado.

A necessidade de agarrá-la pelo pulso e puxá-la de encontro a seu corpo o dominou. Tom sentia como se sua capacidade de discernir estivesse encolhendo, e seu lugar sendo ocupado por um desejo crescente.

E a seguiu em seu passeio pela devastação: o que havia acontecido com aquele lugar? Aquilo foi extremamente rápido; os dois tinham deixado o apartamento havia menos de uma hora. E profissional: os invasores devem tê-los visto sair. Os itens valiosos de costume — TV, aparelho de som — continuavam todos à vista. Aquilo não foi trabalho de viciados querendo faturar cinqüenta libras. Eles procuravam desesperadamente por algo específico.

E agora era Rebecca quem vasculhava a casa, claramente desesperada que algo precioso houvesse sido roubado. Ela voltou a subir o pequeno lance de escadas, passou pelo quarto e chegou a um gabinete. Lá arfou ao ver caixas de arquivo rasgadas no chão e o conteúdo espalhado como penas de um travesseiro.

Ela ficou parada por alguns instantes, então se virou para Tom: — Se você estiver envolvido com isso de qualquer forma…

— Pelo amor de Deus…

— Eu vou entrar no meu carro, dirigir até a redação do jornal mais próximo e contar uma história que arruinará a reputação da ONU, e a sua. Está me entendendo? Tudo o que eu preciso fazer é contar a verdade sobre o que aconteceu aqui, e o tipo de homem que foi assassinado ontem. Depois disso, cuidarei que sejam processados por assassinato e roubo — ela disse, e sacudiu a cabeça, desconsolada. — Não me impressiona que você quisesse fechar um acordo.

— Vamos, por que não se acalma? Se alguém aqui deveria estar disposto a fechar um acordo, este alguém é você.

— O que diabos você quer dizer com isso?

— Quero dizer que você também tem algumas coisas a explicar.

— Como por exemplo?

— Como o fato de que o número de um conhecido traficante de armas estava registrado na memória do celular do seu pai. Como o fato de que uma arma usada por assassinos profissionais e matadores de aluguel estava escondida no quarto de hotel dele.

Algo passou pelo rosto de Rebecca Merton, mas foi tão breve, fugaz, que Tom não pôde identificar o que era. Seria dúvida, choque ou pânico? Sumiu rápido demais para que ele conseguisse descobrir.

Os dois ficaram em silêncio por três ou quatro segundos, olhando um para o outro, como cavaleiros medievais prontos para entrar em combate, até que ela finalmente recuou e sentou-se no que outrora havia sido o sofá. Ela ficou estática, como que tentando se decidir sobre algo. Por fim, soltou um suspiro profundo e falou, com uma voz nova, serena:

— Acho que você precisa saber a verdade a respeito do meu pai.

Afinal, pensou Tom.

— Tem algo que eu preciso que leia, mas eu não consigo…

— É isso o que você está procurando? — Tom tirou o diário de Gershon

Matzkin da pasta.

— Graças a Deus.

Ela agarrou o caderno e o apertou contra o peito, os olhos fechados, como a mãe que aperta uma criança que estava perdida em um parque.

Então seus olhos se abriram e se cravaram nos de Tom.

— Onde você encontrou isso?

— Foi um engano. Pensei que era meu — ele disse, então tirou o próprio caderno, quase idêntico, da pasta e o mostrou. — Eu ia voltar aqui e devolvê-lo.

Rebecca voltou a apertar o caderno em seu rosto, numa perfeita expressão de alívio. Tom quase esperou que ela lhe agradecesse por inadvertidamente garantir que aquela relíquia de família ficasse a salvo da invasão. Mas então o olhar dela ficou duro, intenso o bastante para fazer seus músculos fraquejarem.

— Eu não sei se posso acreditar em uma palavra do que você diz.

A sala ficou em silêncio antes que ela voltasse a falar.

— Você leu?

Ele hesitou.

— Partes.

— Então eu gostaria que você o lesse — ela disse, e colocou o caderno nas mãos de Tom. Então voltou a subir as escadas, de onde logo vieram ruídos de móveis sendo arrastados e objetos sendo retornados a seus lugares.

Tom ponderou se o plano dela era manter aquele diário, aquela história, em segredo. Rebecca não mencionara o passado do pai quando ele a procurou, apesar de saber que silenciaria o advogado se o tivesse feito: um homem-bomba, sem dúvida. Será que ela acabaria mencionando a história? Ou será que foi necessária a menção à arma escondida, a arma de um assassino, para fazê-la sentir a necessidade de exonerar o pai morto?

Tom folheou o caderno até encontrar o ponto onde tinha parado quando recebeu a ligação de Sherrill, e deixou que os olhos deslizassem pelas páginas.

Eu levava a mesma mensagem de gueto em gueto. “Tia Esther retornou.” Todos entendiam o significado, que os judeus não enfrentariam a mera escravidão ou mortes isoladas aqui e ali, mas um plano de extermínio. O meu trabalho era informar aos judeus da Europa que os nazistas estavam em busca de uma Europa sem judeus…

Tom virou a página.

Não havia como saber quem ofereceria ajuda. Algumas vezes uma camponesa me encontrava num celeiro e me oferecia um naco de pão.

Mas uma vez, em Cracóvia, foi um médico, um pilar da comunidade, quem desviou a atenção das sentinelas quando viu um rapaz — eu — se esgueirar até o gueto à noite.

… Nós pensávamos que quando tivéssemos escapado dos guetos e nos refugiado nas florestas nossos problemas estariam acabados. Mas não.

Nós aprendemos que, apesar de todos odiarmos os nazistas, as resistências polonesa ou lituana sempre encontravam tempo para odiar os judeus…

Tom folheou mais algumas páginas, atento a algo que pudesse lançar novas luzes às circunstâncias da morte de Merton mais de sessenta anos depois.

… De alguma forma, eu achara meu caminho de volta a Kaunas, ou pelo menos até a floresta nos arredores da cidade. Encontrei com o pequeno grupo de combatentes da resistência que sobreviveram. O uniforme deles não era um uniforme: talvez um casaco roubado de um russo, botas subtraídas de um lituano, uma arma comprada de algum contrabandista polonês. Juntei-me a eles e fizemos o que era possível: explodir uma ponte aqui, descarrilar um trem ali. Matávamos o inimigo à razão de um ou dois de cada vez. Num dia muito bom, algumas dezenas.

Tom pulou para a página seguinte.

… Foi na floresta que conheci a minha Rosa. Ela era mais velha do que eu, mas eu era um velho, não importava a minha idade. Ser um judeu na Europa daqueles anos era ser um velho no mundo…

… Rosa conhecia alguém que havia sobrevivido ao Nono Forte. As duas disseram que os nazistas não precisaram forçar os lituanos a participar dos assassinatos em massa: eles se ofereceram ansiosos, incluindo, claro, o Lobo. Todos queriam participar, ter a sua vez de atirar nas costas de judeus nus. Rosa disse que o gueto foi finalmente limpo em 8 de julho de 1944. Os últimos judeus a sobreviver foram enviados para Dachau.

"Não há para que voltar em Kaunas", ela disse. "Não tem ninguém lá.

Estão todos mortos."

Havia um espaço na página, como para denotar a passagem do tempo.

Bom, pensou Tom: depois da guerra.

Aqueles entre nós que sobreviveram eram os únicos a entender uns aos outros. Quando olhávamos nos olhos uns dos outros víamos a mesma escuridão.

Percorríamos a Europa procurando pelos outros. Aqueles que não conseguiam esquecer o que haviam visto. Aqueles de nós determinados a…

A página seguinte estava em branco. Tom a virou, e a página soltou-se em sua mão. Ele olhou na direção da escada, esperando que Rebecca não o tivesse visto danificar o livro que apertara como a um bebê. Ele colocou a página de volta, mas quando o fez, percebeu que a página seguinte e a próxima também se soltaram, e examinou a encadernação do diário.

Então percebeu o que havia acontecido. Ele se lembrou dos cadernos da infância: rasgue uma página na frente e a página correspondente atrás fica solta. Aquilo sempre acontecia se a encadernação fosse feita com costuras. Para garantir, Tom procurou pela página correspondente à que estava lendo para ver se estava intacta. Não estava. Na verdade, as últimas cinco ou seis páginas estavam com as bordas internas irregulares. Várias páginas daquele caderno haviam sido arrancadas.

Ele leu outra vez a última linha do testemunho de Gerald Merton. Não havia nada depois daquilo, apenas uma frase, tão evasiva quanto o homem que a escrevera.

De alguma forma, encontramos uns aos outros… aqueles de nós determinados a…



CAPÍTULO DEZOITO

O conselheiro providenciou uma sala reservada. Aquele não era o escritório deles, era preciso agir com cautela. Na sede das Nações Unidas, até mesmo a escolha de água com ou sem gás era política. Eles podiam fazer valer a hierarquia, claro, exigir o que quisessem. Mas com um caso delicado como o que tinham em mãos, essa não era uma boa idéia. Apenas chamaria atenção.

Agora estavam apenas os dois na sala, o conselheiro se certificou disso.

Ainda assim, desejava que o chefe tivesse lhe dado ouvidos e esperado até que estivessem de volta ao hotel para ter aquela conversa. Arriscado demais. Talvez as escutas de agências de inteligência estrangeiras não representassem um perigo real, mas eles estavam vulneráveis, ao menos, aos ouvidos intrometidos do lado deles.

Havia telefones na sala, sem dúvida usados em teleconferências. Como o conselheiro poderia ter certeza de que não estavam regulados para a função viva voz, fosse acidental ou intencionalmente? Talvez houvesse algum tipo de sistema de interfone. Ou talvez o chefe da missão que usasse aquela sala houvesse criado um sistema de escuta para gravar as próprias reuniões. Muitos embaixadores nas Nações Unidas e por todo o mundo já haviam feito isso. Diabo, até o próprio chefe, nos tempos de ministro das Relações Exteriores, costumava fazer isso.

— Está feito? — o chefe perguntou, no seu tom barítono característico.

— Sim. Eles enviaram uma equipe há algumas horas. Está feito.

— E encontraram alguma coisa?

— Até agora nada.

— Nada? Como assim, nada?

— Eles pegaram papéis, alguns documentos, um computador com alguns arquivos que estão examinando. Mas, até agora, nada parece ter relação com, é…

A garganta do homem estava seca. Ele lutava para encontrar as palavras.

Desejava que o chefe o houvesse deixado fora daquela operação. E sabia que, se estivessem em casa, isso teria acontecido. O chefe teria confiado a missão ao chefe de gabinete, o homem que estava com ele desde o começo. Mas ali, em Nova York, sua equipe havia sido reduzida. A única pessoa em quem confiava para cuidar daquele caso era ele. O conselheiro tentou terminar a frase: — Nada

parece ter relação com o assunto.

— Maldição — disse o chefe em voz baixa, com os olhos em outro lugar.

— Achava que isso tinha acabado décadas atrás. Literalmente, décadas atrás. Estou velho agora, e isso não fica para trás. Mesmo morto, o sujeito volta para me assombrar. Ele já havia feito isso uma vez e está fazendo de novo. Gershon Matzkin, o homem que volta dos mortos.



CAPÍTULO DEZENOVE

O próximo passo de Tom era um que ele aprendera com a mãe. Foi até a cozinha, desviando da pilha de talheres e das panelas espalhadas pelo chão, e colocou uma chaleira no fogo. Onze anos nos Estados Unidos não diminuíram sua apreciação do valor de uma xícara de chá em momentos de crise.

Estava procurando uma caneca intacta quando o telefone tocou.

Henning. Tom olhou para o teto: muito baixo, Rebecca ouviria tudo.

Ele desceu, enrolando um cigarro — uma desculpa para sair da casa e ir até a calçada —, e atendeu.

— Oi, Henning.

— Muito cedo para perguntar o que já conseguiu?

— Tenho boas e más notícias.

— Primeiro as más, por favor: eu gosto de ter algo por que ansiar.

— A má notícia é que Gerald Merton não era um idoso qualquer. Ele era um sobrevivente do Holocausto.

— Meu Deus do céu.

— Um herói, na verdade. Um garoto que foi de gueto em gueto, numa missão secreta, alertando os judeus do que estava para acontecer.

— Jesus.

— Eu sei. Nada bom.

— Principalmente para mim.

Tom havia pensado naquilo: o horror de um conselheiro legal defendendo a ONU por ter matado um judeu vítima dos nazistas.

— Não fale com ninguém, está bem? Ainda não.

— Claro.

— Acho que preciso ouvir a boa notícia.

Tom observava um homem do outro lado da rua, também falando ao telefone. Havia algo de estranho na forma como ele andava?

— Merton podia não ser apenas um turista idoso. Ele tinha uma arma escondida no quarto do hotel. Um revólver com corpo de plástico,

aparentemente destinado a não ser detectado. Parece que comprou a arma de um traficante em Nova York, fornecedor de carteirinha da Terror e Cia.

— Então você quer que eu sustente que não cometemos um erro afinal de contas? Que pegamos o cara certo?

— Acho que pode colar.

— Nem pensar. Não com a história de vida dele. Questão de opinião pública, meu velho. E aí que perdemos esse caso antes mesmo de abrirmos a boca. Ninguém vai acreditar que um idoso era uma ameaça a quem quer que seja, não importa o que tenha sido encontrado no quarto de hotel dele.

— Era uma arma de assassino, Henning.

— Não me importa, isso é circunstancial. Qual a ligação com o traficante de armas?

— O número dele estava na memória do telefone de Merton.

— Isso também é circunstancial. De volta ao plano A, Tom: ofereça à filha o que ela quiser e volte para casa.

— Ela rejeitou isso categoricamente. Disse que é dinheiro sangrento. Ela quer um pedido de desculpas do SG, oferecido pessoalmente. Algo que eu, obviamente, neguei.

Henning suspirou.

— Por que você não emprega o lendário charme Byrne? Nunca vi uma mulher negar nada a você.

— De alguma forma, acredito que isso não vai funcionar — disse Tom, percebendo um ligeiro tremor em sua voz. — Ela não é assim. Ela é uma mulher, eu não sei, muito incomum e…

— Não me diga que caiu de joelhos pela filha enlutada.

— Henning…

— Ele caiu! Você está se transformando em um daqueles advogados do corredor da morte que acabam traçando a viúva! Tom, dê um ponto final nisso e volte para casa.

— Henning, eu preciso descobrir o que Merton estava fazendo em Nova York. Se ele realmente tinha objetivos escusos, podemos afastar qualquer acusação legal contra nós. A ONU ficaria completamente livre de responsabilização legal.

— Escute, Tom. Você vai ser pago de qualquer forma, se é isso que o

preocupa.

— Não, eu só quero fazer o que é melhor para as Nações Unidas.

— Faz muito tempo desde que ouvi você falar assim, Tom. Você realmente acha que ela é capaz de nos processar?

Tom lembrou-se da afirmação que Rebecca fizera havia alguns minutos.

Depois disso, cuidarei que vocês sejam processados por assassinato e roubo. Ela não pensava realmente naquilo; havia sido apenas uma explosão. Mas era o bastante.

— Sim, ela já fez ameaças.

— Está bem, então. Faça o que você tem de fazer. Mas eu reafirmo: minha prioridade número um é que você dê um ponto final nessa história. Lembre que essa é a semana da droga da Assembleia Geral. Eu não tenho tempo para outra dor de cabeça.

Tom entrou na casa, concluindo, não pela primeira vez, que Henning Munchau era o homem mais observador que conhecia.

Ele voltou ao chá e cuidadosamente levou duas canecas fumegantes para o segundo andar. Da porta, observou Rebecca colocar porta-retratos quebrados e lascados de volta à estante com o celular colado ao ouvido. Ela falava com suavidade.

— Eu sei, é terrível ver sua menininha assim. Mas, por favor, tente acreditar em mim quando digo que é apenas uma infecção e que nós vamos derrotá-la. E assim que isso for feito, ela estará bem o bastante para o transplante.

O olhar dela se voltou para Tom. Pegou a caneca que ele oferecia e voltou a falar:

— Exatamente. Recebemos os resultados do irmão de Anna e foi confirmada a compatibilidade HLA. Desculpe, Sra. Reid, isso quer dizer que o seu filho é o doador perfeito. Só precisamos que Anna supere essa infecção e… está bem. Pode ligar sempre que quiser. Até logo, Sra. Reid.

Depois que desligou, Tom gesticulou para as fotografias.

— É melhor você não tocar nos porta-retratos — ele disse com o tom mais gentil que conseguiu. — Para a polícia.

— Eu não vou chamar a polícia.

Tom tentou esconder o alívio: a última coisa de que ele precisava era que a invasão viesse a público. Se Rebecca Merton suspeitasse de que a ONU estava por trás da invasão de seu apartamento, milhares de doidos com fixação em teorias

da conspiração chegariam à mesma conclusão na internet.

— Por que não?

Rebecca olhou fixamente para ele, a claridade verde de suas íris brilhava tanto que era difícil desviar o olhar. Tom teve um súbito flashback das revistinhas Marvel da adolescência — um vício que durou dois bons anos —, o Ciclope dos X-Men, o super-herói mutante que disparava "raios ópticos" devastadores dos olhos. Teria Rebecca Merton um poder místico semelhante, um olhar que instantaneamente paralisaria qualquer homem que cruzasse seu caminho?

— Nas últimas 24 horas, descobri que meu pai sofreu uma morte violenta, com um tiro a sangue-frio — ela disse calmamente. — A minha casa foi invadida e eu revelei a história de vida de meu pai, que a vida toda eu guardei em grande segredo, porque essa foi, claramente, a única forma de convencer você de que ele não era um terrorista. — Ela continuou, agora com um tom mais alto, o rosto mais corado: — Você acha que eu sou capaz de lidar com uma multidão de pessoas perambulando pela minha casa, fazendo mais perguntas e mais perguntas e MAIS DROGA DE PERGUNTAS!

Ao dizer isso, Rebecca atirou a caneca, ainda cheia de chá, na parede do outro lado da sala. Em seguida veio silêncio, os dois olhando o líquido escorrer pela parede.

— Rebecca, escute…

— Não, é você que vai me escutar.

Algo na voz dela o fez congelar.

— Você disse que queria fazer um acordo, então vamos fazer um acordo.

— Sobre a indenização, eu entendo…

— Eu não quero seu dinheiro, quero sua ajuda. Foram vocês, as pessoas para quem você trabalha, que começaram isso, e agora vocês vão me ajudar.

— Estou escutando.

— Eu quero descobrir a verdade sobre o que aconteceu com meu pai em Nova York e o que a morte dele tem a ver com isso — ela disse, gesticulando para a desordem que se abatera sobre o apartamento. — Eu não posso fazer isso sozinha. Mas você é um advogado, trabalha para a ONU; você sabe como essas coisas funcionam. Eu quero que você me ajude.

— Fechado — ele disse. — Mas, sem polícia, significa que vamos estar sozinhos. Vamos ter que começar do zero. Você sentiu falta de alguma coisa?

Eles olharam em volta, investigando novamente uma sala que tivera cada item removido do lugar ou destruído. Os olhares deles se cruzaram, ambos pensando na mesma coisa, e aquele indício de sorriso apareceu outra vez nos lábios dela. Tom percebeu e sorriu de volta. O absurdo daquela pergunta estava agora suspenso no ar — perguntar a um passageiro do Titanic se ele percebera algo fora do lugar —, e Rebecca ao menos ensaiou uma risada, uma risada motivada não por humor ou prazer, mas sentimentos opostos, tensão e sofrimento acumulados por tempo demais.

O som que vinha dela mudou. Rebecca tentou cobrir o rosto, mas Tom percebeu uma lágrima rolar por sua bochecha. Deu um passo à frente, hesitou por um momento depois colocou a mão no braço dela e a puxou para si. Ela descansou a cabeça no peito dele por um momento, e, nesse instante, Tom sentiu como se todas as terminações nervosas de seu corpo estivessem em chamas.

Mas então, subitamente, ela se afastou, mexeu nos olhos e sinalizou que o momento havia passado.

— Vamos começar, então.

Ela começou, metodicamente, no canto esquerdo do quarto, pegando livros do chão não para colocá-los de volta a seus lugares, mas para tentar identificar um padrão. Ela tentava avaliar que áreas teriam interessado mais aos invasores; apenas então seria capaz de deduzir por quê. Tom a observava, percebendo a concentração gravada no seu rosto.

Ele a imaginava ainda criança, inteligente e estudiosa, correndo para trazer para casa notícias de notas 10 a um pai cuja infância havia sido consumida por sombras e crueldade. Ela não havia dito explicitamente, mas Tom tinha certeza de que Rebecca Merton era filha única, e que tinha com o pai uma ligação cuja intensidade beirava o sobrenatural.

Depois de alguns minutos ela voltou à escrivaninha, trabalhando com concentração absoluta. Tom a observou se dirigir a uma gaveta.

Quando Rebecca se curvou, ele foi dominado por uma nova descarga de desejo, como uma onda que se quebrasse sobre sua cabeça.

Ela puxou a alça e a gaveta deslizou livremente. Rebecca fez que sim, como que confirmando um pressentimento.

— A fechadura foi arrombada — ela disse.

— O que estava guardado aí?

— Os papéis do meu pai.

— Que tipo de papéis?

— Documentos, extratos bancários, detalhes de coisas que ele queria que eu cuidasse. Caso ele…

Tom se aproximou e examinou a mesa: uma caneca com canetas, uma fotografia de Rebecca e outra mulher sentadas em uma pedra numa praia ensolarada, tirada, estimou Tom, havia cerca de dez anos. Um retângulo marcado na mesa de madeira, delineado por poeira, era mais escuro do que o restante no tampo; pelas dimensões, Tom adivinhou o que estava faltando. Um monitor desligado e inútil continuava no lugar, mas o computador havia sido levado.

Ele se virou para dizer isso a Rebecca, que agora tentava reorganizar o conteúdo de um arquivo, quando viu algo imediatamente à sua frente, espetado em um quadro de cortiça sobre a mesa: três palavras, que ocupavam uma folha de papel A4. Não havia dúvida; apesar de claramente rabiscadas às pressas, aquelas palavras foram escritas na mesma letra que ele conhecera no caderno que lera aquela tarde. A mensagem era simplesmente: "Lembre-se do Kadish."

— O que é isso?

Rebecca olhou na direção dele e por um momento pareceu abalada.

Tom sentiu um calafrio.

— Isso já estava aqui? Ou foi pregado agora?

— Não, já estava aí — disse Rebecca em voz baixa. — É algo que o meu pai escreveu há algum tempo. Ele está me lembrando de rezar pela memória da minha mãe.

— Da sua mãe?

— Sim. Ela morreu há seis anos. Meu pai sempre insistia muito que rezássemos no aniversário da morte dela. Esse é o nome da oração judaica para pessoas queridas que se foram.

Não é de impressionar que ela houvesse ficado emocionada: aquele simples pedaço de papel deve ter parecido uma mensagem do além, Gerald Merton pedindo para ser lembrado.

No silêncio, dominada por lembranças, Rebecca não percebeu a vibração sutil do BlackBerry de Tom, que estava no bolso do seu paletó.

Ele esperou que a mulher voltasse as atenções para a estante antes de sacar o aparelho e observar a tela iluminar-se. Era uma mensagem de Jay Sherrill, que consistia em apenas uma frase: Digitais na arma batem com as de Merton.



CAPÍTULO VINTE

— Muito obrigado por me receber, comissário.

— Não precisa agradecer. Eu pedi que respondesse diretamente a esse escritório.

— Sim, senhor.

— Então, o que tem para mim, Sherrill?

— Progresso, senhor. E numa direção inesperada.

— Vamos direto ao assunto, sim?

— Nossa principal hipótese na manhã de ontem era de que o senhor Gerald Merton era inocente, vítima de um caso trágico de engano de identidade.

— Correto.

— Bem, algumas de nossas primeiras descobertas levantam dúvidas quanto a essa hipótese.

— Ah, levantam?

— Exatamente, senhor. O primeiro alerta levantado pela Divisão de Inteligência foi um encontro com um conhecido traficante de armas…

— O Russo.

— Isso. O telefone dele estava registrado na memória do celular de Gerald Merton. Segundo, uma revista feita ontem à noite no quarto de hotel de Merton localizou uma arma, um revólver russo com corpo de plástico e peças internas metálicas.

— Amiga de assassinos profissionais.

— Precisamente, senhor. Uma arma de grosso calibre. Estava oculta no quarto do hotel Tudor onde o senhor Merton estava hospedado. E terceiro, a arma tem as digitais de Merton, senhor. Em toda a superfície.

Riley recostou-se na cadeira, reclinando-a ao máximo. Mas não quebrou o contato visual com o detetive; avaliava-o, como o diretor de uma escola avaliando um aluno promissor.

— Isso é realmente fascinante, Sherrill, fascinante. Mais alguém na polícia sabe disso?

— Não, senhor. O senhor pediu que eu me reportasse apenas ao senhor.

— Bom trabalho, Sherrill. Vamos manter as coisas assim — disse o comissário, para então deixar que a cadeira voltasse à posição vertical.

Então se inclinou um pouco para a frente. — Como foi a entrevista com o chefe da guarda?

Sherrill consultou suas anotações, folheando o caderno até achar a página certa. Não esperava por aquilo. O depoimento do chefe da guarda havia sido totalmente previsível, nada comparado ao que havia descoberto sobre Merton. Por que o comissário não reagira ao que claramente era a notícia mais importante?

— O chefe da guarda Touré afirmou que recebeu um telefonema do seu contato na polícia, sugerindo atenção especial para um homem vestindo casaco preto, chapéu de lã e…

— E quando isso aconteceu?

— Aproximadamente às 8h49, senhor.

— E quando os tiros foram disparados?

— Às 8h51, senhor.

— E o que você percebeu a respeito desses dois horários, detetive?

— Há um espaço de dois minutos entre eles, senhor.

— Nossa, esses estudos em Harvard valem cada centavo! Exato, senhor Sherrill, exato! E o que isso nos diz?

— Bem, que pode ser uma coinci…

— Não há coincidências no trabalho policial, senhor Sherrill. Isso nos diz que havia trabalho de inteligência em andamento, isso é o que nos diz.

— O senhor quer dizer que alguém havia visto o suspeito se aproximar do prédio das Nações Unidas?

— Isso é exatamente o que eu quero dizer. Agora, qual foi exatamente o texto da mensagem recebida pelo chefe da guarda do prédio da ONU?

Jay Sherrill virou outra página do bloco de anotações. Ele levantou o olhar para o comissário.

— Era um alerta urgente, senhor. Informando à segurança da ONU que ficasse atenta para um possível suspeito de terrorismo.

— Urgente, você diz. Quase como se soubessem que o sujeito estava a caminho.

— Mas isso não faz sentido, senhor.

— E por quê, senhor Sherrill? Por que isso não faz sentido?

Riley voltava a se recostar na cadeira, satisfeito consigo mesmo.

— Porque qualquer pessoa que visse Gerald Merton teria percebido que ele era, na verdade, um idoso. O completo oposto de um terrorista.

— O senhor pensaria assim, não é verdade, senhor Sherrill? Nós dois certamente teríamos feito isso, não teríamos?

Agora era a vez do detetive de estudar o rosto do chefe. Lentamente, uma imagem emergia, uma sugestão do que podia estar na cabeça do comissário. Sherrill ainda não compreendia totalmente aonde o chefe queria chegar, mas agora pelo menos tinha um lampejo disso. Aonde quer que fosse, não era apenas à solução da morte de Gerald Merton.

— O que o senhor quer que eu faça, comissário?

— Ótima pergunta, detetive. Eu quero que você descubra quem exatamente transmitiu aquela informação urgente ao chefe da guarda do prédio das Nações Unidas e qual foi sua motivação. Porque um erro crucial foi cometido neste caso, um erro que levou aquele segurança belga azarado a…

— Português.

— Enfim. Um erro que levou um segurança azarado e aterrorizado a cometer um engano fatal. Precisamos descobrir qual, precisamente, foi a fonte deste erro. Eu quero saber qual parte do aparato de segurança pública desta cidade…

— Mas pode não ter sido um erro, senhor. A arma, as digitais…

Riley levantou a mão direita espalmada, um gesto que pedia silêncio.

— Cada coisa a seu tempo, senhor Sherrill. Cada coisa a seu tempo.



CAPÍTULO VINTE E UM

Por sorte, Tom ajustara o BlackBerry para toque silencioso; Rebecca não percebera a chegada da mensagem de Sherrill e aquela não era a hora para informar a ela o que dizia. Além disso, a mensagem apenas confirmava o que Tom já tinha dito que suspeitava: que seu pai estava em Nova York com uma arma de assassino profissional.

Mas, acima de tudo, ele não queria quebrar o clima que tomava conta da sala, estabelecido primeiro pelo abraço fugaz e, agora, pela visão da mensagem no quadro de cortiça, o pedido pela lembrança de uma mãe morta. Havia silêncio na sala, uma quietude que de alguma forma parecia aproximá-los. Ocasionalmente o olhar de Rebecca encontrava o seu, em silêncio, e ela então voltava a atenção aos sanduíches agora amolecidos que os amigos haviam trazido aquela manhã.

— Sua mãe, ela era a garota sobre quem li no diário de seu pai? — Aquela era a primeira chance que Tom tinha de falar com ela sobre o que havia lido.

— Como?

— Rosa. Era ela a sua mãe?

— Não. Essa é uma longa história.

— Eu tenho tempo.

Rebecca sorriu, e o calor do seu sorriso irradiou através da mesa até ele.

— Eu não conheci Rosa. Ela e meu pai ficaram juntos depois da guerra. E ela veio para cá, para a Inglaterra.

— Mas?

— Mas eu não estou certa se eles se amaram de um jeito normal. Eles se agarravam um ao outro. Eles precisavam um do outro.

Por um instante uma imagem passou pelos olhos de Tom, dois adolescentes que presenciaram os piores horrores. Ele via corpos jovens e rostos velhos.

— Eles não tiveram filhos. Eu suspeito de que ela era estéril. Desnutrição prolongada e trauma emocional nos primeiros anos da puberdade podem ter impedido a ovulação.

— Essa é a sua opinião médica?

Houve um indício momentâneo do sorriso de canto de boca, que então sumiu.

— Meu pai sempre dizia que a luz havia se apagado. Que ela não tinha mais luz dentro dela.

— Talvez vocês dois estejam certos.

Rebecca se virou para olhá-lo nos olhos, o raio de luz X-Men agora com metade da força.

— Ela morreu em 1966. Meu pai ainda era jovem, relativamente falando.

Ele sofreu, mas não era o tipo de homem que consegue ficar sozinho, e alguns anos depois ele conheceu uma mulher aqui em Londres. Eles se casaram e alguns anos depois eu nasci. Ele estava com 45 anos.

— Isso fez alguma diferença, ter um pai um pouco mais velho do que os demais?

— Não tanto quanto ter um pai que sobreviveu ao Holocausto.

Tom concordou, aceitando a censura. Ele tinha consciência de que evitava a todo custo pronunciar aquela palavra.

— Além do mais — ela prosseguiu —, ele sempre se manteve em forma.

Sempre cuidou da saúde.

Isso eu conferi pessoalmente, pensou Tom, rememorando a necropsia de Gerald Merton.

— A experiência da guerra, a experiência do Holocausto, deixou algum tipo de marca física nele?

— Bem, ele não teve um número de série gravado no braço, se é isso o que está perguntando. Algumas vezes eu desejava que ele tivesse.

— O que você quer dizer?

— Bem, é isso o que as pessoas esperam, não é? Sobrevivente do Holocausto, tatuagem no braço. Mas eles só fizeram isso em Auschwitz.

Você sabia disso? Aquele foi o único lugar onde eles marcavam os judeus com um número.

Ela estava falando mais rápido, sua voz soava diferente. Um som fragmentado, como de vidro quebrado.

— Mas meu pai nunca esteve em Auschwitz ou qualquer outro campo de extermínio. Então as pessoas não podiam ver. Elas não eram capazes de perceber, simplesmente olhando para ele, tudo pelo que havia passado.

E ele não podia exprimir em poucas palavras; não podia dizer: Estive em Treblinka. Ou Sobibor. Ou Belzec. Ou Majdanek. Muito poucos podem dizer que estiveram lá, já que pouquíssimos saíram. Quase ninguém escapou daqueles lugares. Então ou meu pai contava às pessoas a história toda — da vila e do celeiro em chamas e dos pogroms em Kovno e da mãe enforcada no gueto e das valas comuns — ou não falava nada. Então, na maioria das vezes, ele decidia não dizer nada.

Ficava calado. Ele não fazia discursos. Ele nunca voltou lá, nunca foi a uma dessas viagens para relembrar.

Ela fez uma pausa, pensativa.

— Eu não respondi à sua pergunta — ela disse, e a entonação era a mesma que Tom ouvira ao telefone, doutora Rebecca Merton. — Você perguntou sobre cicatrizes. Ele tinha uma.

— E qual era?

— O pé esquerdo. Ele perdeu três dedos. Acho que congelaram na floresta. Quando ele estava lutando ao lado dos guerrilheiros. Está no diário: eram forçados a usar sapatos de feltro no frio congelante. Eles não tinham botas. Era preciso esperar que alguém morresse para ficar com seu par de botas.

— E isso o afetou, perder os dedos?

— Não muito. Ele mancava um pouco, como se estivesse carregando uma sacola pesada de um lado do corpo. Mas isso não o impediu de se manter em excelente forma. Ele nadava, corria, costumava fazer musculação.

Não havia como conseguir a resposta com subterfúgios. Tom precisaria fazer uma pergunta direta:

— Fui informado de que seu pai foi encontrado com um tipo de placa de metal na perna, atada à canela. Você sabe por quê?

Ela olhou para Tom outra vez, um olhar demorado, examinador.

— Eu via meu pai regularmente, mesmo antes da viagem, e posso afirmar que não havia absolutamente nada de errado com a perna dele.

Você deve estar enganado.

Tom não insistiria naquilo. Ele simplesmente tomaria aquela placa de metal que vira com os próprios olhos como mais um item da numerosa lista de mistérios ligados àquele caso.

— E quanto a você? — ela disse, levando os pratos para a pia. — Tem família por aqui?

— Minha mãe. Ela mora em Sheffield. Meu pai está morto.

— Vai visitá-la enquanto estiver por aqui?

— Acho que não. Eu costumava ser o filho obediente. Agora guardo a nostalgia para o Natal.

O telefone tocou, o fixo desta vez; outra ligação de pêsames. Rebecca pegou o telefone sem fio e foi até o hall de entrada.

Enquanto ela estava fora, Tom avaliou os estragos na cozinha. Quem quer que tenha feito aquilo, não tivera piedade. Os invasores haviam virado o lugar de cabeça para baixo com eficiência brutal. Entre a despedida deles na calçada e a ligação exigindo sua presença não havia transcorrido mais de uma hora. Eles conseguiram arrasar o lugar em menos de sessenta minutos. O que estariam procurando? Aquela invasão estava relacionada com a morte de Gerald Merton em Nova York ou era uma mera coincidência? Fosse como fosse, um inimigo oculto e brutal claramente tinha Rebecca Merton na mira. Esse pensamento provocou um arrepio em Tom.

Ele levantou os olhos e a viu, lívida, na porta da cozinha.

— Acabei de achar isso lá embaixo, no capacho da porta — disse Rebecca, que tinha nas mãos um envelope grande e branco. — Entregue pessoalmente.

— O que é isso?

Ela entregou o envelope para Tom e se sentou no banco ao lado dele, tão perto que suas coxas se tocaram. Rebecca se curvou enquanto ele inspecionava o envelope sem identificação. Sentia o cheiro dela, e aquele cheiro o inundou de luxúria. Ele tentou se concentrar. Dentro do envelope havia duas folhas de papel, macias ao toque, quase aveludadas de tão velhas, unidas por um único clipe. Em cada uma delas, a impressão característica de uma máquina de escrever; era difícil dizer, mas podiam ser cópias, daquelas feitas em antigos mimeógrafos.

Tom estudara em Manchester com um professor que claramente passava os mesmos exercícios desde a década de 1950: durante os seminários dele foi a última vez que Tom vira cópias daquele tipo.

Não havia cabeçalho ou texto explicativo. A primeira página trazia apenas uma lista de nomes, aparentemente organizados em ordem alfabética pelo sobrenome:

Wilhelm Albert

Wilhelm Altenloch

Hans Bothmann

Hans Geschke

Paul Giesler

Odilo Globocnik

Richard Glücks

Albert Hohlfelder

Friedrich Wilhelm Krüger

Kurt Mussfeld

Adalbert Neubauer

Karl Puetz

Christian Wirth

Cada um desses nomes estava riscado meticulosamente com um X, da forma como detentos marcam os dias em um calendário. Tom passou para a página seguinte. A fonte era ligeiramente diferente e desta vez não havia ordem alfabética:

Hans Groetner

Hans Stuckart

Joschka Dorfman

Otto Abetz

Theo Dannecker

Karl-Friedrich Simon

Fritz Kramer

Jacob Sprenger

Georg Puetz

Herbert Cukors

Alexander Laak

Esses nomes também estavam todos riscados, mas com menos cuidado e com riscos que não eram uniformes, nem ao menos feitos com tinta da mesma cor. Parecia que os nomes da primeira lista haviam sido todos riscados de uma vez e os da segunda, em momentos diferentes.

Além disso, o documento em suas mãos não oferecia outras informações. Mas quanto mais Tom olhava para ele, mais convencido ficava de que aquela lista explicaria o último mistério de Gershon Matzkin.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

— Só isso? Não havia mais nada no envelope?

— Não. Só isso.

— Nenhum bilhete?

— Nada.

— Tocaram a campainha quando fizeram a entrega? Você sabe quando o envelope chegou?

— Estava sobre o capacho quando desci agora há pouco.

— Está bem.

Tom foi até a janela à procura do homem que vira mais cedo: nenhum sinal. Ele começou a andar, pensando nas possibilidades, quando cruzou com o olhar de Rebecca, que o avaliava de alto a baixo. Quando percebeu que Tom a notou, desviou o olhar.

— Primeiro, algum daqueles nomes é familiar?

— Não — ela disse, mas não parecia ter tanta certeza.

— É possível que tenha conhecido algum deles? Será que poderiam ter algum tipo de relação profissional com seu pai?

— Meu pai tinha uma lavanderia de lavagem a seco na Stoke Newington Church Street.

— Certo. Então imagino que não tivesse muitas relações profissionais — ele disse, com o esboço de um sorriso. — Será que poderiam ser parentes distantes?

— Estou dizendo, não conheço nenhum desses nomes.

Tom voltou à lista. Um palpite começava a se formar.

O computador dela havia sido roubado — o que provava, ao lado da estante esvaziada e do arquivo revirado, que os invasores estavam em busca de informações, não de bens —, mas os cabos e o modem ainda estavam no lugar. Ele pegou o laptop na pasta e o conectou e, assim que a página do Google foi aberta, digitou o primeiro nome. E conseguiu um resultado sobre Wilhelm Albert, quinto duque de Urach, nascido em 1957: não era o que ele esperava. Tom tentou o segundo nome.

Wilhelm Altenloch era major da SS nazista em Bialystock. Ele olhou para

Rebecca, que estava de pé, olhando por sobre seu ombro.

Hans Bothmann foi identificado como o Kommandant do campo de concentração de Chelmno, onde comandou operações de extermínio em massa entre a primavera de 1942 e março de 1943. O Google não mostrou nada sobre Hans Geschke, mas Paul Giesler tinha uma entrada a seu respeito na Wikipédia. Ele foi um recruta precoce do nacional-socialismo, alistara-se no movimento ainda nascente de Hitler em 1924, chegou a Gauleiter da Westfália do Sul e, em 1942, de Munique e da Alta Baviera. Sua alçada à fama veio com o cargo de supervisor do campo de concentração de Dachau; aparentemente, quando as forças americanas se aproximavam, Giesler colocou em prática um plano para garantir que chegassem tarde demais — ordenando o extermínio de todos os judeus do campo.

Rebecca se inclinou para olhar melhor a tela e uma mecha de seu cabelo roçou o rosto de Tom.

O nome Odilo Globocnik também trouxe um resultado, que o qualificava como um líder político da SS e antigo líder policial em Lublin, responsável pela supervisão dos Einsatzgruppen, unidades móveis de extermínio que massacraram judeus poloneses entre 1942 e 1943.

O padrão ficava mais claro a cada busca. O coronel da SS Albert Hohlfelder foi condecorado pelo seu trabalho de esterilização de judeus e outros escravos pela exposição maciça a raios X. O tenente-general da SS doutor Friedrich Wilhelm Krüger era integrante da equipe de planejamento responsável pelo extermínio nos guetos da Polônia. O tenente da SS Kurt Mussfeld foi o supervisor do crematório número dois de Auschwitz em 1944. Christian Wirth foi assistente de Globocnik e responsável pela implementação dos princípios do projeto de eutanásia T-4, no qual deficientes eram mortos em câmaras de gás ou por injeção letal em larga escala, o que foi possibilitado pelo desenvolvimento de campos de extermínio que eram, na verdade, fábricas de morte ultramodernas.

— Então temos uma lista de nazistas de altos escalões — disse Tom finalmente, afastando a cadeira da mesa.

— Eu não entendo.

— Você pode pensar em algum motivo para alguém ter entregado isto para você? De forma anônima?

Os olhos dela brilhavam por algum motivo que Tom não era capaz de interpretar. Seria o sofrimento da perda que voltava a atormentá-la?

Seria raiva, por se sentir manipulada? Seria medo de ser ameaçada por

invasores violentos ou telefonemas anônimos? Tom poderia olhar indefinidamente para aqueles olhos e mesmo assim não chegar a uma conclusão.

— Não faço idéia do que isso significa, Tom — ela disse, contrariada. — Mas conheço alguém que talvez saiba.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Rebecca o levou a uma região no noroeste de Londres que teria sido absolutamente estranha ao Tom Byrne que crescera em Sheffield mais de três décadas antes. Uma única e interminável rua parecia cortar não bairros, mas continentes. Bancas de jornais e kebaberias turcas davam lugar a uma sucessão de restaurantes vietnamitas, que por sua vez eram substituídos por delicatessens polonesas e então a fachadas que anunciavam acesso à internet e ligações telefônicas de baixo custo para a Nigéria e Serra Leoa.

Nas calçadas, mulheres com as cabeças cobertas por hijabs, e outras com os rostos cobertos por niqabs, véus que deixam apenas uma pequena abertura para os olhos. Cruzando com elas, judeus ortodoxos cuja indumentária Tom conhecia bem de Nova York: ternos pretos e chapéus da mesma cor e, ocasionalmente, chapéus de pele que pareciam vindos de outra e misteriosa era. Também apressados para suas orações, mas seguindo em direção contrária, homens muçulmanos, alguns vestindo kurtas, camisas compridas que chegam à altura dos joelhos, e kufis, chapéus brancos redondos e sem abas. Tom observou as pessoas que aguardavam em um ponto de ônibus: um estudante vestindo uma camisa da seleção brasileira, dois negros, um sique de turbante e três mulheres brancas que empurravam carrinhos de bebê suficientemente equipados para encarar terrenos acidentados.

A expressão dele deve ter sido óbvia, já que Rebecca, do banco do motorista do velho Saab, disse:

— Vejo que essa é a primeira vez que você visita Kingsland High Street.

Ela estacionou e os dois seguiram a pé pela calçada. Passaram por uma quitanda curda e uma banca de revistas que promovia suas prateleiras "amigáveis a muçulmanos, livres de pornografia", até chegarem ao prédio que já vira dias melhores e em cujo letreiro lia-se "Assistência Jurídica Kingsland".

Rebecca abriu a porta de uma forma que sugeriu a Tom que aquela não era a primeira vez que visitava o lugar. Dentro do prédio, havia uma bicicleta encostada no corredor de entrada, que levava a uma escada — e que, por sua vez, adivinhou Tom, devia dar acesso a apartamentos residenciais. Havia uma segunda porta à esquerda e foi para ela que seguiram.

A primeira metade do escritório era semelhante às recepções de consultórios médicos populares: três cadeiras em volta de uma mesa velha com revestimento de fórmica que imitava madeira. Sobre ela, cópias do jornal local gratuito Hackney Today com 3 meses de idade. As cadeiras estavam ocupadas por homens que Tom, especialista no assunto depois de 11 anos de ONU, diria serem somalianos. Um deles tinha nas mãos um folheto intitulado Seus direitos de asilo no Reino Unido.

Atrás de uma divisória débil, uma conversa que claramente deveria ser particular era audível.

— Desculpe, Lionel, preciso perguntar outra vez. Você parou de tomar os remédios? Preciso chamar alguém para te buscar?

Mesmo sem tentar, Tom podia ver o que acontecia do outro lado. Nos fundos, sentado em frente a uma mesa como um cliente que conversa com um gerente de banco, um homem com barba por fazer e um boné na cabeça, cercado por meia dúzia de sacolas plásticas. Ele murmurava, sem fazer pausas em seu monólogo nem mesmo quando seu interlocutor se dirigia a ele.

Atrás da mesa estava um homem com não mais do que 30 anos e aparência que também era familiar a Tom, apesar de poder ser considerada excêntrica na Sheffield de sua juventude. Ele tinha boa aparência, cabelos escuros encaracolados e óculos com armação de tartaruga. Se estivesse em Nova York, Tom poderia apostar com segurança que se tratava de um advogado judeu, e arriscava o mesmo palpite agora.

Rebecca sorria na direção do homem com um semblante que sugeria a compreensão de uma irmã mais velha; ele levantou uma das mãos num cumprimento silencioso, sem interromper a conversa com Lionel.

Os telefones que tocavam sem ser atendidos, o carpete roto, o caos: tudo contribuía para evocar uma onda de memórias. Tom havia trabalhado por pouco tempo em um escritório de assessoria jurídica como aquele quando voltou para Sheffield pouco depois de se formar. O enfisema do pai finalmente cobrava seu preço e sua mãe pediu que voltasse, para "se despedir decentemente de seu pai". A clientela não era diversa como aquela, isso ele tinha que reconhecer, mas a atmosfera era a mesma: um escritório mínimo e de baixo custo, permanentemente no limiar de afundar em um mar infestado de tubarões.

— Rebecca, eu sinto muito — disse o advogado, que se aproximara, deixando Lionel às voltas com suas sacolas. A voz transmitia pêsames por Gerald Merton num tom que sugeria que conhecia ambos. — Tentei falar com você,

deixei algumas mensagens. Acho que você deve estar ocupadíssima. Ficamos muito chocados.

Rebecca fez um sinal que indicava que não precisava pedir desculpas e então passou para as apresentações.

— Julian, este é Tom Byrne, das Nações Unidas. Tom, este é Julian Goldman, baluarte jurídico da comunidade de Hackney e neto de um dos maiores amigos do meu pai.

O sorriso de Julian àquilo, ser banhado pelo reconhecimento de Rebecca, disse a Tom tudo o que ele precisava saber: que aquele era um jovem inteligente que estava apaixonado por Rebecca havia anos, provavelmente desde a infância.

— Lequasia, você pode conseguir um café para nós? — ele falou com uma secretária que Tom ainda não havia notado.

Sentada a uma mesa ao lado da de Julian, Lequasia, que não tinha mais do que 18 anos e usava o cabelo extravagantemente alisado, dedicava-se mais a admirar suas unhas de comprimento improvável do que a atender o telefone. Ela levantou os olhos com uma expressão que combinava indolência e escárnio.

— Venham, sentem-se — disse Julian, que pegou duas cadeiras de plástico e as colocou em frente à mesa.

Tom percebeu que o rapaz colocara a cadeira de Rebecca próxima à sua.

— E quanto aos arranjos para o enterro, posso ajudar em alguma coisa?

— Quando eles ligaram para informar o que havia acontecido, disseram que haveria um atraso. Para a necropsia.

Tom percebeu que ela falava com uma voz suave. E se perguntou o quanto diria a Julian; eles não haviam discutido isso no caminho. Em Nova York, Tom nunca entraria em uma reunião, nem que fosse para discutir o orçamento mensal de material de escritório, sem um curso de ação. No entanto, ali estava ele, levado pelo vento, sem qualquer tipo de estratégia. Aquele foi outro lembrete de que estava perdendo o controle daquele caso — se é que já o tivera.

— Você está pensando em tomar algum tipo de atitude contra a… — disse Julian, que dirigiu um olhar para Tom — as pessoas responsáveis por isso?

Lá vem o instinto oportunista, pensou Tom.

— Não estou pensando nisso agora — disse Rebecca, como se a condição de vítima inocente de Gerald Merton fosse algo indiscutível. — Mas tem outras coisas que eu preciso descobrir. Sobre meu pai.

— Mas você sabe de tudo, Rebecca. Você era tudo para ele, qualquer um

podia ver — disse Julian, e se voltou para Tom: — Você nunca viu pai e filha mais próximos. Mesmo quando eram apenas os dois, eles eram uma família. Uma família de duas pessoas.

— E quanto ao testamento?

Pela primeira vez, Julian olhou para Rebecca com uma expressão que não traía sua adoração. Ele parecia chocado, o garotinho que acaba de ver a Branca de Neve fumando um cigarro.

— Você não pode estar pensando nisso agora…

— Eu quero saber se ele deixou alguma coisa para mim.

— Oh, Rebecca.

— Não estou falando de dinheiro, Julian — ela disse com uma impaciência que agradou a Tom. — Estou falando de qualquer coisa que ele pode ter deixado aqui para que fosse guardada. Para que me entregassem depois da sua morte.

Julian se recompôs.

— Você sabe que ele cuidou desses detalhes quando meu pai ainda era o advogado dele, antes que papai se aposentasse. Eu nunca acertei nada com ele pessoalmente.

— Você pode conferir?

Julian olhou para Lequasia, estava para falar com ela, sacudiu a cabeça e se levantou.

— Só um minuto.

Tom olhou para Rebecca e arqueou as sobrancelhas, um gesto que na sede da ONU diria tudo mas que ali, ele reconhecia, precisava de legendas:

- Qual é a história?

— Meu pai era sentimental. Ele e o avô de Julian vieram juntos para este país. Eu acho que ele também era um guerrilheiro, só que muito mais velho. Quando o filho se formou em Direito, meu pai foi seu primeiro cliente. Questão de lealdade. Então, quando o pai se aposentou, papai passou a ser cliente do neto.

— Seu pai precisava de um advogado por algum motivo?

O aço voltou aos olhos de Rebecca.

— Nem uma única vez.

Tom se levantou e esticou as pernas. Os três somalianos ainda aguardavam, os rostos inexpressivos de cansaço e decepção. Um contraste e tanto, Tom pensou, com os executivos engravatados e os incorporadores mafiosos que

atualmente formavam sua clientela.

Julian voltou da sala de arquivo nos fundos carregando uma caixa que lembrava uma caixa de sapatos, mas com o dobro do comprimento, feita de papelão com reforços metálicos nas quinas. A caixa, que um dia deve ter sido vermelha, tinha coloração rosa desbotada e estava coberta de poeira.

— Imagino que deva ser esta aqui. Não é exatamente uma casa em Barbados, eu sei — ele disse, e colocou a caixa sobre a mesa.

— Há quanto tempo ela está aqui? — perguntou Rebecca, sem tocá-la.

— Nós a transferimos para cá há uns dois anos, quando meu pai se aposentou. Ele começou em 1967. Então ele pode tê-la recebido do seu pai em qualquer momento entre essas datas. Mas ela parece bem velha, não?

Lentamente, Rebecca retirou a tampa. Julian se retirou da sala e foi até a recepção, de onde vinha sua voz se desculpando com os três somalianos.

Assim que a tampa foi retirada, Tom foi tomado por decepção. Ele não sabia o que esperar, mas certamente não era aquilo. A caixa não parecia ser diferente daquelas que podem ser encontradas nas casas da maioria dos aposentados: uma coleção de documentos outrora importantes, passaportes vencidos e coisas do gênero. O que ele esperava encontrar ali, uma arma?

Com cuidado, Rebecca retirou cada item. Os passaportes antigos estavam atados com um elástico. Ao lado deles, ela colocou um documento que provocou um sorriso triste. Era um Certificado de Naturalização, um documento emitido pelo Ministério do Interior em 1947 que aceitava Gershon Matzkin como leal súdito do rei George VI e magicamente o transformava em uma nova criatura: Gerald Merton.

Havia outros documentos, como a escritura do imóvel da lavanderia em Stoke Newington e títulos de capitalização. A Grã-Bretanha do pós-guerra parecia emergir daquela caixa como uma nuvem de poeira.

— Tom, veja isso.

Arrumados no fundo da caixa, uma pequena pilha de recortes de jornal.

Rebecca a retirou com cuidado especial, para evitar que se desintegrassem em suas mãos. Alguns estavam amarelados, outros em tons anêmicos de bege. Apenas alguns tinham textos em inglês, diversos estavam em espanhol, dois em português e meia dúzia em alemão.

Escrita a mão acima de cada um dos recortes, uma data. Eles pareciam estar organizados em ordem cronológica, os primeiros, quase todos em alemão,

datavam da mesma época, o segundo semestre de 1945, o restante de datas dispersas nas décadas de 1950 e 1960.

— Você fala alemão?

Rebecca fez uma negativa.

— Essa foi uma língua que eu nunca quis aprender.

Ela colocou de lado os primeiros recortes até encontrar um do The Times. Era difícil discernir qual das quatro notícias do pedaço de papel deveria ser o alvo de sua atenção, até que Rebecca notou uma linha fina e apagada riscada a lápis que circulava uma notícia de apenas um parágrafo.

Odilo Globocnik, antigo líder da SS, foi encontrado morto ontem em um chalé alpino nas montanhas próximas a Weissensee. Fontes nas autoridades de ocupação informam que Globocnik, famoso por supervisionar o extermínio no gueto de Varsóvia, muito provavelmente se suicidou…

Havia outros dois recortes em alemão, um deles do Die Welt, publicado pelas forças de ocupação britânicas depois da rendição alemã. A notícia de interesse também tinha apenas um parágrafo, e estava numa coluna com diversas outras, mas circulada em tinta preta. O alemão que aprendera na escola bastou para a tradução.

O porta-voz militar anunciou ontem que outro alto oficial do Terceiro Reich foi encontrado morto. O tenente da SS Kurt Mussfeld foi oficial graduado nos campos de concentração de Auschwitz e Majdanek…

Tom se voltou para Rebecca e levou uma das mãos em direção ao envelope que repousava na caixa de correio fazia menos de uma hora.

As mãos dos dois se tocaram brevemente e uma descarga elétrica atravessou seu corpo.

Fazendo esforço para se concentrar, ele tirou a lista de nomes do envelope e então pegou os primeiros recortes, os de 1945, de onde extraiu os nomes dos homens encontrados mortos. Ele identificou dois nomes, Wilhelm Albert e Karl Puetz: ambos estavam na lista, com os nomes riscados a tinta. Tom seguiu pelos recortes da década de 1950.

Todos os nomes que encontrou estavam na lista, também riscados.

Uma imagem flutuou na sua cabeça: Gershon Matzkin prematuramente velho, debruçado sobre sua lista e registrando as mortes de oficiais nazistas envelhecidos mundo afora. Tom o imaginou vasculhando os jornais, visitando a biblioteca local, riscando os nomes de sua lista um a um, cada morte um bálsamo

para o sofrimento terrível que devia devorá-lo. A tragédia naquilo — um homem consumido por tal sofrimento e ódio, vivendo apenas para saber das mortes distantes de outros — fulminou Tom. Como Gershon Matzkin deve ter-se sentido impotente, um garoto cuja família havia sido destruída por aqueles homens, agora adulto e à espera em sua lavanderia, à espera do dia em que um acidente rodoviário ou um curto-circuito riscasse mais um nazista deste mundo. Por isso ele se mantivera em forma, para que sobrevivesse a todos eles, para que talvez vivesse até um dia em que não restasse mais nenhum deles?

Ou não foi assim que tudo aconteceu?

— Rebecca, você pode me passar os passaportes, por favor?

Tom retirou o elástico que os envolvia — e percebeu imediatamente.

Havia três antigos passaportes britânicos de capa preta, todos em nome de Gerald Merton. Mas havia também um de capa dura e azul, da República Francesa, emitido em nome de Jean-Luc Renard — com uma foto que era, sem sombra de dúvida, do jovem Gerald. Havia ainda um documento em nome de Hans Borchardt, leal cidadão da República Federal da Alemanha; também com uma fotografia de Gerald Merton.

Tom conferiu as datas no interior dos documentos: a maioria emitidos em 1952, mas também havia documentos paraguaios e argentinos, válidos por toda a década seguinte. Tom pegou um passaporte que lhe chamou especial atenção. Emitido em 1952, ele identificava Fernando Matutes como cidadão espanhol — apesar de também trazer a fotografia de um sério Gerald Merton.

Rapidamente, seguro de que estava certo, Tom folheou o passaporte espanhol e soube que ele foi usado pela primeira e única vez em agosto de 1952. Ansioso, ele vasculhou a pilha de recortes até encontrar um em espanhol. E lá estava. Amarelado e apagado, mas ainda legível: El Correo, o jornal do País Basco, datado da segunda semana de agosto de 1952.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

EL CORREO, 12 DE AGOSTO DE 1952

Turista encontrado morto em hotel de San Sebastián; esposa encontra o corpo.

A polícia de San Sebastián investiga a morte misteriosa de um turista cujo corpo foi encontrado, pela esposa, na suíte do casal no hotel Londres. A Sra. Schroeder afirmou que ela e o marido alemão passavam férias na cidade, e que este não demonstrou sinais de aflição ou depressão. “Fiquei fora menos de uma hora, fazendo compras, e quando voltei ele estava, ele estava…”, disse uma abalada senhora Schroeder ao nosso repórter, antes de desabar em pranto.

A abundância de comida foi a coisa que mais me impressionou. Nunca havia visto tanta fartura, delícias espalhadas por todo lado. Peixes frescos em tabuleiros forrados com gelo, as cabeças intactas; o balcão transbordando de delícias, de pimentões recheados a tortillas resfriadas que, de alguma forma, mesmo frias, eram deliciosas; fatias de salame e queijo, prontas para serem degustadas com um guardanapo, que prontamente era solto no chão — e, claro, os presuntos pendurados acima do bar.

Eu confesso, tive que parar de encarar aqueles presuntos. Nunca tinha visto nada parecido. Não no gueto, claro, onde não havia carne, muito menos de porco. Nem tampouco em Londres, que transformei no meu novo lar, onde a comida ainda era um bem racionado e precioso. Se era daquele jeito que se perdia uma guerra, para que todos nós lutamos tanto para vencer?

Eu me sentava sozinho. Àquela altura já estava acostumado. Tinha completado 22 anos recentemente, mas já viajara por toda a Europa — França, Alemanha Ocidental, Áustria —, além da América do Sul e do Canadá, sempre sozinho. Eu aprendera como me sentar em um restaurante e ler sem chamar atenção. O segredo era não se esconder.

Nada de chapéus enterrados na cabeça ou jornais abertos em frente ao rosto, como no cinema. Mostre a si mesmo, aja com confiança, como um habitante local, ou despreocupado como um turista. Desta forma ninguém percebe a sua presença.

Uma prateleira acima do bar estava abarrotada com todo tipo imaginável de

bebida: cinco tipos diferentes de uísque, mais vodcas do que consegui contar e toda uma fileira de conhaques. Será que era assim durante a guerra? Será que o vinho fluía e as mesas rugiam enquanto Rosa e eu vivíamos como animais selvagens, ciscando pelas nossas vidas? Uma imagem das minhas irmãs flutuava na minha mente. Isso acontecia freqüentemente quando eu estava em uma missão.

Eu precisava ficar lúcido, manter o foco no objetivo. Ouvi este conselho de um dos líderes, antes que ele fosse morto em serviço. "Não os odeie.

Odeie antes e odeie depois. Mas nunca os odeie durante uma missão. Se fizer isso, falhará — e eles vencerão." Foi o que ele me disse.

Eu normalmente conseguia seguir este conselho. Quando me infiltrei no hospital em Bochum, no oeste da Alemanha, disfarçado com um guarda-pó de médico, e disse ao meu "paciente", um antigo comandante da Gestapo, tranqüilamente deitado numa cama com um termômetro enfiado na boca, que estava tudo em ordem para a operação a que se submeteria aquela manhã mas que antes precisaria fazer um último exame — que envolvia ter querosene injetado na corrente sangüínea — a única coisa que senti foi um frio senso de propósito.

Quando pisei no acelerador depois de perseguir o capitão da SS Fritz Kramer até uma viela de Paris, não senti raiva quente correr pelas minhas veias. Nem mesmo quando vi aquele homicida em massa correr para salvar a própria vida. Não, eu estava calmo quando alcancei o antigo oficial do campo de concentração de Birkenau, a frente do meu carro atingindo-o em alta velocidade, lançando-o a 5 metros de distância até que caísse com os braços e pernas afastados, feito um espantalho, nas grades da estação.

Eu guardava uma lembrança de cada operação, uma reportagem de um jornal local sobre a "morte em circunstâncias misteriosas" ou o "acidente trágico" que privou a sociedade de mais um criminoso de guerra nazista que se fazia passar por cidadão respeitável. Não sinto prazer algum em salientar que me tornara um dos executores de maior sucesso da equipe, capaz de entrar e sair da maioria dos países sem maiores percalços. Claro que ajudava, como sempre ajudou, o fato de ter cabelos loiros e olhos azuis. Eventualmente minha presa olhava para mim com simpatia, imaginando que estava prestes a ter um encontro com um jovem camarada. Claro, eles não eram capazes de situar de onde conheciam o rosto, mas eu tinha a aparência certa. De onde nos conhecemos? Seria de Sachsenhausen, ou talvez da Ucrânia? Servimos juntos, Mein Herr? Não

exatamente, não.

Eu geralmente não era atormentado pelo meu trabalho. Mas esta missão era diferente. Meu alvo era Joschka Dorfman, que servira o Reich com distinção como um dos principais oficiais do campo de concentração de Treblinka, a cerca de 100 quilômetros de Varsóvia. Para meus camaradas, aquele era o ponto principal da sentença de Dorfman: estima-se que 840 mil pessoas, quase todos judeus, morreram em Treblinka, "processadas" em suas câmaras de gás a uma taxa de 10 mil por dia, uma eficiência invejada por outros campos. Durante todo o tempo em que Treblinka esteve em operação, pouco mais de cem pessoas sobreviveram.

Mas não era por isso que sentia um fio de suor escorrer pelas costas, ameaçando molhar minha camisa. A fonte era outra linha do currículo de Dorfman. O tenente conseguira sua promoção não na Polônia, mas na vizinha Lituânia, na cidade de Kaunas, para ser mais preciso. No Nono Forte, onde foi um dos encarregados de encher valas comuns com os corpos de 50 mil pessoas, quase todos judeus. Eu sabia que entre as pessoas que Dorfman presenciou serem mortas com tiros nas costas — se é que não foi ele próprio quem disparou — poderiam estar minha Hannah, minha Rivvy e minha Leah.

Ele chegaria logo, eu não tinha dúvida. Até agora, todas as informações que tínhamos recebido de nosso homem na Espanha haviam se provado totalmente confiáveis. Dorfman e a esposa estavam mesmo em férias na cidade, como prometido. Eles moravam em Alicante, sudeste do país.

Centenas haviam se mudado para lá: a cidade se transformara em refúgio de antigos servidores do Führer. Os movimentos de Dorfman eram conhecidos; teria sido perfeitamente possível caçá-lo por lá.

Possível, mas arriscado. Uma operação no âmago de um retiro de aposentadoria de nazistas alertaria outros; eles poderiam fugir, ou, pior, tentar vir atrás de nós. O melhor era cuidar do serviço ali, no extremo oposto do país, onde a notícia não se espalharia.

Nossa fonte descobrira que os Dorfman gostavam de viajar para o País Basco. Eles gostavam especialmente de San Sebastián e eu entendi por quê. A cidade era envolvida por uma baía; suas praias eram belas e amplas. Vi o casal nadar pela manhã e depois secar a pele ao sol. Então eles vieram até aqui para almoçar; ela bebia vinho, ele preferia cerveja.

Saciado, ele voltava para o hotel Londres para uma sesta, enquanto ela preferia caminhar tranqüilamente pelas ruas com calçamento de pedra e admirar

as vitrines. Aquela parecia uma rotina agradável e eles a seguiram em cada um dos três dias desde que cheguei à cidade.

Conferi meu relógio no instante em que eles chegaram: 13h50. Eles estavam bronzeados e bonitos, o brilho de agradáveis férias. Ela sorria quando chegaram, tirando o grande e flexível chapéu de praia que usava e sacudindo os últimos grãos de areia dos cabelos. Ele estava de óculos escuros, o que provocou em mim uma onda de ansiedade. E se ele não os tirasse? Seria impossível fazer uma identificação 100 por cento positiva sem ver os olhos do homem. Então eles chegaram ao balcão e, para ler com atenção o cardápio de pintxos da casa, retirou os óculos, e eu tive certeza.

Pedi chá de hortelã e voltei ao meu jornal: um homem saboreando uma tarde despreocupado. Quando os Dorfman pagaram a conta e saíram, coloquei cuidadosamente algumas notas sobre a mesa, o bastante para pagar pela minha refeição com uma gorjeta generosa, peguei minha sacola e caminhei até a porta.

Mantive uma boa distância deles, muito maior do que aqueles que nunca fizeram um trabalho como esse imaginam. Deixei que sumissem de vista quando entravam por uma esquina à esquerda ou à direita, sabendo que voltaria a alcançá-los. Eu tinha a grande vantagem de saber para onde Dorfman, pelo menos, estava indo.

Observei o casal se despedir. A esposa deu nele um beijo na bochecha, levantando o pé direito num gesto coquete, e perguntei a mim mesmo que palavras ela teria usado, se dissera "tchau" ou meramente "au revoir". Meu coração começou a bater de uma forma que eu não gostei.

Deixei que a mulher se afastasse por uma das ladeiras estreitas e íngremes da cidade antes de seguir em frente. Dorfman apertou o passo e caminhava com o mar de um azul resplandecente à sua direita.

Será que o sol continuava a brilhar em lugares como aquele enquanto minhas irmãs e eu vivíamos no gueto? Eu sempre pensei que os céus de todo o mundo haviam escurecido.

Dorfman esperou que alguns adolescentes em suas bicicletas passassem, atravessou a rua e seguiu para a entrada do hotel à beira-mar. Decidi não segui-lo, mas dobrar a esquina e caminhar até a entrada em uma rua lateral.

Com o caminhar decidido que aperfeiçoei naquela viagem de trem de Kovno a Varsóvia, passei pelo balcão da recepção, ignorei o elevador e tomei as escadas. Nosso informante conseguira até mesmo o número do quarto do casal. Antes que tocasse o corrimão, vesti um par de luvas de couro justas.

Parei entre o segundo e o terceiro andares. Olhando para cima, vi Dorfman sair do elevador e observei seus pés pelo corredor acarpetado.

Prendi a respiração, à espera do som da chave na fechadura.

Quando cheguei à porta do quarto 212, não me permiti um momento de hesitação. Bati na porta duas vezes e disse em espanhol: "Servicio de habitaciones!" Serviço de quarto!

Levei a mão ao coldre sob meu ombro esquerdo e saquei minha Beretta 1951 para que o cano ficasse visível assim que a porta fosse aberta. Seria a primeira coisa que Dorfman veria.

Não dei a ele tempo para reagir. Usei a mão esquerda para empurrá-lo de volta, uma precaução para o caso de ele pensar em bater a porta na minha cara. Empunhando a arma com a mão direita, fechei a porta com o pé.

— Guten Tag, Herr Dorfman — eu disse, caminhando agilmente em direção ao telefone na mesa de cabeceira para depois arrancar o fio da parede com um puxão. — Não grite, se não quiser morrer imediatamente.

Fiquei satisfeito por minha voz soar firme, não trair o nervosismo que sentia.

— Você é o tenente da SS Joschka Dorfman do campo de concentração de Treblinka e anteriormente do Nono Forte em Kovno, onde foi pessoalmente responsável pela morte de centenas de milhares de judeus. Estou aqui em nome dos judeus, e vim fazer justiça.

Houve muita discussão no grupo quanto a este estágio do processo.

Alguns acreditavam que isso trazia um risco desnecessário, que qualquer tipo de atraso era imprudente. Eu não discutia em relação a isso, já que em alguns casos era, até, impossível. Não tive chance, por exemplo, de me dirigir a Fritz Kramer quando o atropelei, ou de falar com outros que acabaram em valas na estrada ou em carros em chamas nas rodovias. Mas quando isso era possível, como agora, acho que valia a pena. O líder do nosso grupo — Aron, o mesmo homem sério e resoluto que me enviou na primeira missão como mensageiro, daquele porão iluminado por uma vela em Kovno — argumentara a respeito com grande paixão. "Os culpados do maior crime da história da humanidade devem saber, nem que seja no último suspiro, que suas vítimas não deixaram este crime passar sem vingança. Que não se podem assassinar judeus impunemente. Que os judeus vão reagir."

O bronzeado de Dorfman desapareceu, a visão do cano da arma drenou

todo o sangue de seu rosto. Havia também, eu percebi, um quê de confusão nos olhos do homem, uma expressão perplexa que eu já vira mais de uma vez. Por que você, um ariano jovem e forte, está dizendo estas coisas?

— Não. Você está enganado, eu sou…

— Eu sou um judeu e estou aqui para vingar meu povo.

— Mas eu não fiz nada de errado. Você está enganado, eu…

— Não se preocupe. Não vou atirar em você.

Ao ouvir isso, Dorfman relaxou aliviado. Recuou cambaleando e sentou-se pesadamente num canto da cama.

— Graças a Deus — ele disse. — Graças a Deus.

Mantive a arma apontada para ele e não disse nada.

— Você quer dinheiro, é isso? É isso. Claro. Você quer dinheiro. Quanto você quer para manter essa informação, é… confidencial? Diga seu preço. Tenho muitas pessoas que podem providenciar uma transferência bancária, você só precisa…

— Eu não vou atirar em você porque isso seria rápido demais. Tenho na minha sacola duas seringas e um pequeno galão de gasolina. Vou injetar essa gasolina no seu coração. A morte leva pelo menos… você sabe muito bem quanto tempo. Das experiências de Aribert Heim em Mauthausen. Ele fez esse experimento diversas vezes. Tenho certeza de que ele compartilhou os resultados com você.

— Por favor, não faça isso comigo. O que você quiser, pode dizer o que você quiser. Nomes. Posso te dar nomes.

Aquilo, também, fazia parte do nosso procedimento. O pedido de piedade em troca de informações sobre outros criminosos escondidos — sua localização, suas novas identidades: sempre escutávamos isso com paciência.

Abri a sacola e peguei um caderno e uma caneta e escrevi o que Dorfman me dizia. Ocasionalmente pedia que ele fosse mais devagar. A torrente de palavras, impulsionada pelo medo, fluía rápido demais para que eu pudesse acompanhar com uma caneta em uma mão e a arma na outra.

Mas eu também estava ciente do tempo. Eu sabia que Frau Dorfman voltaria em breve das compras. Fechei o caderno e o coloquei de volta na bolsa. O nazista expirou com força, acreditando que seu sofrimento havia chegado ao fim.

— Onde estávamos? — eu disse. — Ah, sim. Estava explicando como vou

matá-lo.

— Seu judeu imundo! Nós fizemos um acordo!

— Acho que é bom chamar seu advogado.

Dorfman tentou agarrar minha arma. Mas calculou mal. Eu ainda segurava a arma com a mão esquerda, o que deixava a direita livre para desferir um soco rápido e forte em seu maxilar.

Por um momento temi que ele estivesse apagado. Isso não seria bom.

Dorfam estava estirado na cama, com as mãos apertadas contra o rosto — mas estava consciente.

— Como eu estava dizendo, a gasolina vai direto para o coração.

Felizmente, trouxe duas seringas. Uma para cada um de vocês.

Veio uma agitação da cama e um resmungo baixo.

— Desculpe, não ouvi o que você disse.

A voz estava arrastada, o sangue borbulhava na boca do homem.

Dorfman tentou outra vez:

— O que você quer dizer com "cada um de vocês"?

— Você e sua esposa, claro. Vamos esperar que ela volte para que morram juntos. Mas, como você sabe graças ao doutor Heim, isso pode levar algum tempo.

Com grande esforço, Dorfman voltou a sentar na cama. Os olhos do homem ardiam de medo. Percebi uma mancha nas calças do nazista: ele havia urinado.

E passou a implorar. Primeiro que eu poupasse a vida dos dois, dele e da esposa, repetindo a oferta de dinheiro até ver que aquilo era inútil.

Prometeu que me daria mais nomes se lhe desse mais algum tempo. Por fim, disse o que eu queria ouvir:

— Mate a mim, mas não ela. E permita que eu morra como um homem.

Ele queria um tiro, mas eu recusei: barulhento demais. Abri a sacola e tirei de lá uma corda comprida. Nossa fonte informara que havia vigas no teto da suíte e que a altura era suficiente.

Eu, um judeu, entreguei a ele, um nazista, a corda. Posicionei uma cadeira. Observei quando Dorfman passou o laço pela cabeça e o ajustou no pescoço, e continuei observando enquanto ele o apertava. Não desviei o olhar quando ele chutou a cadeira: observei seu corpo cair.

Mantive o rosto impassível enquanto o tenente da SS Joschka Dorfman do Nono Forte arfava, o corpo convulsionando nos últimos espasmos de vida, até que suas pernas passassem a oscilar inertes como os presuntos da Calle Puerto.

Calmamente, coloquei a arma de volta no coldre, peguei minhas coisas, incluindo a sacola que agora continha uma variedade de armas que não usara, entre as quais um revólver sobressalente — mas nenhuma seringa ou gasolina —, e fechei atrás de mim a porta do quarto 212.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

— Rebecca, temo que não haja outra explicação. Você não percebe o padrão?

Eles estavam de pé, seus braços quase se tocando, inspecionando os papéis espalhados sobre a mesa.

— Para cada data estampada no passaporte há um recorte. Veja.

Metodicamente, Tom colocou a pilha de recortes de jornal ao lado dos passaportes. Havia um do jornal francês Libération, do final de 1952.

Ele traduziu em voz alta, hesitante: "Os detetives de Les Halles estão em busca de testemunhas que possam ajudar a polícia com informações sobre a morte de um homem na noite de terça-feira, aparentemente atropelado por um carro e arremessado contra as grades de uma estação do metrô. A polícia informou que, a julgar pelos ferimentos do homem, ele foi atropelado por um veículo em alta velocidade…" Na margem do recorte havia uma frase escrita a mão com uma letra que Tom conhecia bem: Capitão da SS Fritz Kramer, Birkenau.

E lá estava, um carimbo no passaporte britânico de Gerald Merton, uma prova de que ele chegara ao aeroporto de Orly dois dias antes e partira no dia seguinte ao acidente.

Em seguida, havia a notícia de um suicídio por enforcamento em um subúrbio do Rio de Janeiro no mesmo ano. Tom conferiu a data e, como esperava, "Fernando Matutes" chegara ao Brasil quatro dias antes e partira no mesmo dia da ocorrência. O passaporte informava também que o destino deste voo fora a Argentina, bem a tempo para um misterioso acidente automobilístico que aconteceria dois dias depois — como sugeria outro recorte cuidadosamente guardado na caixa.

A explosão num edifício residencial em Lille, uma operação mal-sucedida em um hospital de Munique: para cada caso Tom encontrou um carimbo com datas coincidentes. Havia notícias sobre homens mortos em acidentes de carro, alguns dentre um intervalo de poucos meses. Um homem foi encontrado morto numa sarjeta. Uma anotação a lápis o identificava como Hans Stuckart, ministro do Interior. Uma reportagem de 1953 narrava a confusão resultante de um mal-

entendido da polícia após um motorista ter sido queimado vivo quando seu carro teve um raro defeito que o fez capotar em uma rodovia. A nota escrita a mão o identificava como Otto Abetz, deportou judeus da França.

Agora Rebecca cuidava ela própria dos recortes, organizando as reportagens em ordem cronológica. Depois da primeira seqüência, de 1945 e 1946, eles passaram para 1952 e então fizeram outra pausa antes do último recorte, extraído de uma edição do início dos anos 1960 do jornal canadense Winnipeg Free Press. Ela relatava que um imigrante estoniano havia sido encontrado enforcado em casa. A polícia dera o caso por encerrado. A lápis, o suicida foi identificado como Alexander Laak, comandante do campo de concentração de Jägala, na Estônia.

Em silêncio, Tom colocou os recortes dentro dos respectivos passaportes, nas páginas com os carimbos correspondentes. Quando terminou, quase três quartos dos recortes já haviam sido analisados; faltava apenas a pequena pilha com reportagens em alemão datadas de 1945.

— Rebecca, que línguas seu pai falava?

— Muitas — ela disse em voz baixa, olhando para a mesa. — Alemão, russo. Francês, acho. Talvez espanhol.

Uma frase que lera no caderno veio à tona. Eu e minhas irmãs freqüentávamos a escola, e eu descobri que tinha facilidade para estudar línguas. O professor dizia que eu tinha um ouvido bom.

Tom não sabia o que dizer. Primeiro os tiros em Nova York e agora aquilo: o pai que Rebecca acreditava conhecer havia sido morto duas vezes.

Ela desabou em uma cadeira, mordendo os lábios com tanta força que ele achou que poderiam sangrar.

Tom desviou o olhar.

— Rebecca, isto é…

— Não diga nada.

— Eu não sei o que mais nós…

— Preciso de tempo para pensar.

Tom recuou e passou a retirar os itens da mesa, colocando-os de volta na caixa.

Por fim Rebecca se levantou, pegou a caixa do pai e seguiu em direção a Julian. Tom a observou devolver a caixa e pedir o que parecia ser um favor. Julian rabiscou algo em um pedaço de papel, beijou-a na bochecha e se despediu. Tom correu atrás dela quando ela saiu pela porta, sentindo-se um cachorro na

coleira.

— Para onde vamos?

— Encontrar com um homem que pode saber a verdade a respeito do meu pai.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

As lojas de conveniência e os restaurantes de fast food rapidamente deram lugar ao brilho de vidro e aço. À medida que eles passavam pelo Gherkin, outro marco de Londres que florescera na ausência de Tom, Hackney ficou para trás e os arranha-céus reluzentes de Canary Wharf ficaram visíveis.

— Você dirige — disse Rebecca enquanto caminhavam de volta ao carro, depois de saírem da Assessoria Jurídica Kingsland. — Eu quero pensar — ela disse, e se instalou no banco do passageiro, com uma expressão fechada de determinação.

Em um tribunal, Tom teria defendido o ponto de vista de que todas as provas que descobriram eram circunstanciais, que não havia prova material alguma que ligasse Gershon Matzkin a qualquer um daqueles assassinatos, quanto mais a todos. A maioria das mortes havia sido considerada suicídio ou acidente; não havia nada que pudesse provar que algum tipo de crime havia sido cometido. E, mesmo que isso fosse possível, o jovem Gershon podia muito bem ter atuado apenas como cúmplice, ou talvez olheiro. Não havia nada que provasse que ele era um assassino em série.

Apesar disso, nem Tom nem Rebecca tinham a menor dúvida de que Gershon Matzkin havia sido um assassino. Quem mais teria mantido um registro, uma lista de criminosos de guerra com os nomes riscados na ocasião de suas mortes a não ser o responsável por elas? Aquilo, estava claro, era o registro de suas ações, mantido com orgulho. (Aquilo era algo que os amigos criminalistas de Tom diziam ser comum entre criminosos: orgulho profissional, desejo de receber crédito por suas ações. De uma forma ou de outra, conscientemente ou não, eles queriam que suas realizações fossem reconhecidas. Este é um instinto humano básico.)

Enquanto percorriam as ruas da cidade, Tom viu todas as peças se encaixando. Claro que Gershon Matzkin sempre repudiara a publicidade, tendo recusado convites para participar de seminários ou da gravação de depoimentos para registros históricos orais: ele não podia arriscar que sua história viesse a público. Por isso, não era de estranhar que as últimas páginas do diário houvessem sido arrancadas.

Motivado pelo desejo igualmente humano de registrar uma narrativa de sua

vida, ele deve ter escrito abertamente a história de sua vida — apenas para se dar conta de que tinha em mãos uma confissão escrita de assassinato em série. Tom podia vê-lo se dando conta deste erro e freneticamente arrancando as páginas incriminadoras, rasgando-as ou escondendo-as, para que suas lembranças extraordinárias fossem, mais uma vez, relegadas ao esquecimento.

Tom se lembrou outra vez do cadáver que vira pouco mais de 24 horas antes na mesa de necropsia da legista-chefe, de como ficara impressionado com a musculatura, com o corpo de um homem que lutara para se manter em forma. Agora aquela forma física fazia sentido.

Ele havia sido uma arma humana, enviado para punir aqueles que quase riscaram seu povo da face da Terra. Um homem que escolhera fazer algo que os judeus não conseguiram quando teria feito diferença: reagir.

Claro que ele precisaria ser forte. Ele precisava ser um Sansão, com músculos o bastante para castigar cada um dos inimigos assassinos dos judeus. Aquele homem havia sido um anjo exterminador.

O telefone de Tom tocou.

— Está no meu bolso — ele disse com os olhos na pista. — Pegue, mas não atenda, apenas diga quem é.

Rebecca se inclinou sobre ele, tentando encontrar a abertura do bolso no paletó aberto de Tom, os dedos roçando em seu corpo. Havia camadas de roupa entre eles, mas nem por isso a sensação deixou de provocar uma descarga elétrica.

— Chamada não identificada — ela disse.

Ele pegou o telefone da mão dela e apertou o botão verde.

— Tom Byrne.

— Tom, como vão as coisas?

— Quem está falando?

— Um cliente muito satisfeito.

— Ah, senhor Fantoni. Que bom que ligou.

Tom ouvia a si mesmo pronunciando as palavras com mais clareza, apurando o tom britânico formal. Era uma tática barata, mas os clientes mais abastados pareciam suscetíveis a ela.

— Acontece que, neste momento, estou na Inglaterra. Será que…

— Isso só vai durar um minuto. Ficamos muito satisfeitos com o trabalho

que fez para nós: fechamos a venda. Meu pai ficou muito satisfeito.

— Fico feliz.

— Tão satisfeito que quer que você trabalhe com outro projeto grande que temos por aqui. Com prazo parecido.

— Bem, podemos nos encontrar na próxima semana e…

— Muito tarde. Precisamos que isso seja resolvido imediatamente. Vou comprar um bilhete de primeira classe para você no primeiro voo com saída daí.

— Infelizmente…

— Estamos pagando o triplo dos seus honorários de costume, senhor Byrne. O que posso fazer? Meu pai gosta do seu trabalho.

O triplo. Seriam 250 mil dólares por duas semanas de trabalho. Ele olhou de soslaio para Rebecca, seu rosto de perfil olhando pela janela.

Aquele mero olhar foi o bastante para provocar uma descarga em seu peito.

— Senhor Fantoni, eu adoraria, realmente adoraria. Acontece que estou no meio de um caso aqui em Londres que não posso abandonar. Espero que…

A voz no telefone adotou um estranho sotaque italiano.

— Estou fazendo uma oferta irrecusável! Está cometendo um erro, senhor Byrne.

O sotaque sumiu, e o tom de voz ficou frio. Em silêncio, Tom sentiu a garganta ficar seca.

— Desculpe-me. Incompatibilidade de agendas.

— Espero que não se arrependa.

— Eu também.

Tom entregou o telefone para Rebecca, esperando que ela não tivesse ouvido o tom de voz agressivo e intimidador de Fantoni, mas não percebeu sinal algum disso. Ele tentaria afastar Fantoni dos pensamentos por ora e ligaria quando voltasse para Nova York — na esperança de amaciar o cliente. Agora ele precisava se concentrar naquele caso. O conteúdo da caixa secreta de Merton deveria interferir na sua recomendação a Henning? A ONU poderia alegar que o homem morto em seu solo era ele próprio um assassino? Dificilmente. Aquelas mortes aconteceram cinco décadas atrás; a pista já estava congelada, que dirá fria. Se a ONU tentasse abrandar seu erro, seu crime, ao matar um homem desarmado de 77 anos alegando que ele fora, nas décadas de 1950 e 1960, um assassino profissional, o tiro provavelmente sairia pela culatra. Isso seria visto

como uma manobra disparatada da organização.

A imprensa exigiria provas muito mais concretas do que uma caixa de sapatos velha com recortes de jornais amarelados. Ela provavelmente nem chegaria a esse estágio. Eles fariam a pergunta que martelava na cabeça de Tom desde que a caixa empoeirada fora aberta: e o que isso tem a ver com as Nações Unidas?

Desde o instante em que identificara as provas naquela caixa, Tom tentava formular uma resposta. Teria sido isso que levara Gerald Merton ao prédio da ONU, uma última missão, um último nazista a assassinar? Décadas atrás, o secretário-geral austríaco Kurt Waldheim havia sido envolvido em uma crise por ter mentido sobre seu serviço militar na Wehrmacht, omitido que tinha conhecimento de crimes de guerra nazistas — um assunto que ainda provoca calafrios em burocratas mais velhos da ONU. Mas isso aconteceu na década de 1980.

Agora não havia ninguém que pudesse correr esse risco, ninguém velho o bastante, para começo de conversa. Tom pensou em Paavo Viren, o atual secretário-geral. Com idade se aproximando dos sessenta, ele ainda usava calças curtas nos tempos da guerra. Além do mais, ele era finlandês; seu país escapara das garras dos nazistas. Tom se lembrava vagamente de um perfil do SG que lera logo após sua nomeação, onde falava da atuação religiosa de longa data do pai nos rincões da Finlândia, como pregador que defendia a paz e a tolerância. Seu pensamento se voltou para o restante da equipe da ONU, mas não conseguiu pensar em ninguém que se enquadrasse na idade mínima necessária.

Por outro lado, aquela era a semana da Assembléia Geral: Nova York transbordava com representantes de todo o mundo, cada qual com delegações numerosas…

Eles encontraram uma vaga, e, enquanto Rebecca vasculhava a bolsa em busca de moedas para o parquímetro, Tom se adiantou alguns passos e discou o número de Henning. Eles estavam em Canary Wharf, uma região que ele nunca visitara. Quando ainda morava em Londres, a região de Docklands, às margens do Tâmisa, era basicamente formada por terrenos baldios, uma região abandonada pontilhada por prédios com apartamentos estranhamente caros com transporte público apenas ferroviário e deficiente. As pessoas falavam da região como se fosse um tipo de Sibéria, um lugar que não pertencia à "verdadeira" Londres.

Agora, ao que parecia, isso havia mudado. Os prédios vazios no passado

agora estavam ocupados por escritórios e arranha-céus emergiram por todo lado como espíritos de um pântano. A região tinha agora um skyline de respeito, algo que sempre faltara a Londres. E cheirava a dinheiro.

— Munchau.

— Oi, Henning. É Tom.

— Ou você já traçou a filha ou ela vai nos processar. Qual dos dois?

— Nenhum dos dois.

— Está bem. Desisto.

— Henning, não vou incomodar você com todos os detalhes, mas estou precisando de algumas informações.

— Incomode.

Tom olhou para Rebecca, que colocava o bilhete pago do parquímetro sob o limpador de para-brisa.

— É apenas um palpite, nada de mais.

— Estou sem tempo para palpites, meu velho. Arriscando ser repetitivo, Assembléia Geral, Assembléia Geral, Assembléia Geral.

— Mas é exatamente nisso que estou pensando. Será que você conseguiria que alguém do departamento de processamento de dados compilasse uma lista de todos os representantes e integrantes de delegações com mais de 70 anos?

— Ainda está pensando na teoria do assassino profissional?

Tom fez uma pausa.

— É um pouco complicado explicar isso agora.

— Ah, ela está aí com você! Por que não disse antes? Ela é mesmo absurdamente maravilhosa?

— Obrigado, Henning. Obrigado mesmo.

— Sem problema. Vou ver o que conseguimos. No mínimo 70, é isso?

Tom fez as contas mais uma vez: mesmo 70 anos era pouco, e qualquer pessoa com menos do que isso seria um bebê na época da guerra. Ainda assim, é sempre melhor pecar por excesso do que por falta.

— Isso. Setenta. Chefes de governo, ministros de Relações Exteriores, embaixadores, obviamente. Mas também assessores, tradutores, quem quer que participe da Assembléia Geral.

— E quanto ao pessoal das Nações Unidas, já que vamos fazer esse levantamento mesmo?

— Não é uma má idéia. Comece por…

— Tom, eu estava brincando.

Ele desligou e se apressou para alcançar Rebecca, que já caminhava em direção à recepção da Roderick Jones & Partners, um dos maiores escritórios de advocacia da City, que se mudara para Canary Wharf no final da década de 1990. O pai de Julian Goldman, Henry, era um sócio sênior da firma, recém-aposentado. Mas Julian informara a eles com o olhar que Goldman pai não conseguia levar uma vida de aposentado, e passava pelo menos dois dias por semana no escritório, teoricamente no papel de "consultor" dos antigos colegas, porém, como sugerira Julian, mais precisamente porque não tinha outra coisa para fazer.

No momento em que entraram no saguão do prédio, Tom sorriu: ao vê-lo, instantaneamente formou uma impressão a respeito do jovem que deixaram em Hackney. Com arquitetura em aço e vidro, o saguão tinha um amplo átrio, alto o bastante para encerrar uma árvore, algo impressionante apesar de um tanto absurdo. O piso de mármore se estendia por alguns hectares até chegar a uma mesa branca, grande como um palanque do Politburo, com não apenas uma, mas três recepcionistas equipadas com headsets. Aquele era um exemplo clássico do paradoxo das relações corporativas: a forma mais fácil de impressionar os clientes é mostrar quão pródigo se é com o dinheiro deles.

Que opções tivera o pobre Julian Goldman? Nascido no topo da montanha, para onde mais ele poderia ir a não ser para baixo? Ele claramente dera as costas para a riqueza do papai e seguira o caminho da ética, abrira um escritório simples de assistência jurídica nas profundezas de Hackney, numa rua que provavelmente estava à sombra do palácio corporativo do pai. A carreira de Julian seria uma censura a Henry Goldman; ele seria um advogado movido não por dinheiro, mas por consciência. Tom sorriu consigo mesmo com a previsibilidade daquilo. Enquanto homens com histórias de vida como a dele lutavam com todos os tendões para subir a escada do prestígio, outros como Julian Goldman se apressavam para descê-la.

Quando saíram do elevador, Henry Goldman os esperava. Ele estendeu os braços para abraçar Rebecca, mas de um modo desajeitado, como se manuseasse um equipamento novo que ainda não dominava. Então cumprimentou Tom e os conduziu a uma sala de reuniões mais ricamente decorada do que a sala de reuniões mais grandiosa das Nações Unidas.

— Rebecca, fiquei muito triste quando recebi a notícia. Todos ficamos.

Rebecca concordou.

— Meu pai sempre dizia que o seu pai era o amigo mais querido que teve na vida.

— Verdade. Acho que meu pai via Gerald como um irmão mais novo. — Uma expressão dolorida tomou conta do seu rosto por um instante. — Talvez até mesmo como outro filho.

— Acho que ele deve ter dito coisas ao senhor. Como advogado.

Goldman esticou as pernas e alisou a gravata com uma das mãos. Tom reconheceu as cores do Garrick Club.

— Você está vindo do escritório de Julian, não é verdade? Você sabe do que estou falando — Goldman fez uma pausa. — Os materiais agora são mantidos lá.

— Eu sei — disse Rebecca. — Acabo de vê-los.

— Entendo.

O advogado se levantou e caminhou em direção à janela. A luz estava diminuindo agora; Canary Wharf começava a reluzir à luz do crepúsculo.

— Não posso afirmar que o curso dos acontecimentos me impressione.

Não importa o que digamos aos clientes, é uma verdade simples que nada permanece em segredo para sempre. Não é verdade, senhor Byrne?

Tom mal prestava atenção. Ele ainda não superara o sotaque inglês empolado que parecia saído de um filme de Kenneth More. Aquele era o filho de um sobrevivente do Holocausto, do combatente de um movimento subversivo, de um guerrilheiro que se escondia nas florestas; um sujeito esnobe envergando uma gravata do Garrick Club?

Tom já devia estar acostumado, depois de passar os últimos dez anos na cidade de imigrantes por excelência, mas aquele caso parecia extremo.

Talvez as pessoas se referissem àquilo quando falavam em "tornar-se mais inglês do que um inglês".

Rebecca não deu a Tom tempo para responder.

— O senhor pode nos dizer o que sabe?

Tom resistiu ao impulso de inspirar profundamente. Que deslize elementar. Não havia como confundir Rebecca Merton com uma advogada. Deixe o sujeito esquentar.

— Eu sabia que isso acabaria acontecendo mais cedo ou mais tarde. Mas, por algum motivo, sempre desconfiei de que seria Julian a descobrir e me

confrontar.

— O senhor pode me dizer…

Tom cerrou os dentes, preocupado que ela afugentasse Goldman. Mas não precisava se preocupar: Henry Goldman simplesmente desejava falar.

— É claro que o meu pai sabia de tudo, e ele me confidenciou alguns detalhes. Não vou negar que isso se transformou em um foco de grande tensão entre nós, principalmente quando eu era um jovem fazendo os primeiros contatos com a jurisprudência em Cambridge e, depois, quando eu era um advogado em início de carreira. Pensava em Julian e imaginava a repetição de algumas daquelas discussões com meu filho no papel do meu pai.

Tom fez a primeira pergunta:

— E Julian já o questionou a esse respeito?

— Não. E isso me faz pensar que ele talvez ainda não tenha descoberto.

Mas a conclusão dificilmente é o último teorema de Fermat, não é verdade, senhor Byrne? Uma vez que a caixa é aberta, é uma questão de somar 2 e 2 e obter 4.

— Talvez Julian nunca tenha aberto a caixa.

Tom não gostava de tomar a dianteira daquele jeito. Mas a gravata do Garrick Club o convencera: um homem como Henry Goldman falaria mais abertamente com um colega advogado branco do que com uma mulher, e ainda por cima não advogada. Para homens da estirpe de Goldman, isso seria como se comunicar com outra espécie. O fato de Rebecca ser judia e Tom não ser não parecia fazer diferença. A gravata sugeria que aquele homem não era esse tipo de judeu.

Goldman voltou até a mesa, sentou-se e olhou para os dois diretamente.

— É difícil falar disso sem expor meus pontos de vista, e tenho certeza de que vocês precisam, na verdade, de um relato imparcial. Por esse motivo, talvez seja melhor que eu abra mão dos meus comentários e me atenha àquilo que me foi dito por meu pai.

— Na verdade, a essa altura, alguns fatos seriam muito bem-vindos - disse Tom, adotando a polidez excessiva que sempre usava quando falava com a elite inglesa.

— Muito bem — disse Goldman, inclinando-se para a frente. — Como vocês já sabem, o pai de Rebecca estava envolvido com a… — ele buscava a palavra certa — remoção de certos homens associados aos eventos da Segunda

Guerra Mundial.

Tom podia ver a perna de Rebecca oscilando para cima e para baixo em uma vibração constante.

— Bem, mas devo dizer que ele não fazia isso sozinho. Ele fazia parte de uma organização. Hoje podemos chamá-los de sobreviventes do Holocausto, apesar de ninguém usar este termo na época. Eles eram homens, e algumas mulheres, que presenciaram horrores inenarráveis.

— Goldman fez um discreto meneio com a cabeça. — No começo, nas últimas semanas da guerra e imediatamente depois, eles não eram mais do que cinqüenta, com talvez duzentos colaboradores externos. Quase todos envolvidos de uma forma ou de outra com a resistência durante a guerra.

Uma imagem passou pela mente de Tom: o jovem Gershon Matzkin, se fazendo passar por Vitatis Olekas, embarcando e desembarcando em trens na sua missão labiríntica pela Europa ocupada, enganando a morte e tentando desesperadamente alertar outros para que conseguissem sobreviver. Tia Esther retornou e está na rua Meguilá, número 7, apartamento 4.

— Eles eram guerrilheiros nos guetos, meu pai inclusive, e acredito que esse esforço evoluiu daí um tanto naturalmente. Eles tentavam matar nazistas antes e continuaram a tentar matar nazistas agora. Churchill e Roosevelt decretaram o fim da guerra, "mas aquela guerra não era deles para que terminassem com ela", era o que meu pai dizia. Hitler declarara guerra aos judeus muito antes de declarar guerra à Grã-Bretanha, aos Estados Unidos ou à Rússia. Os judeus tinham suas próprias contas a acertar.

— Mas havia mais do que isso. Mais do que o que nós… — ele se referia a ele e Tom, colegas advogados — chamaríamos de motivo. Para entender isso, devemos partir dos princípios.

Tom não precisava olhar para Rebecca para saber que ela se retorcia na cadeira. Ele sentia a mesma impaciência. Goldman não fazia idéia da urgência da situação deles. Eles não informaram sobre a invasão da noite anterior por medo de que ele se calasse. Ele não se tornara sócio sênior emérito da Roderick Jones, dono de um escritório de esquina com vista para o rio, envolvendo-se em problemas. Eles teriam de ser pacientes.

— Vocês devem se lembrar que a resistência judaica aos nazistas era quase impossível. — Goldman levantou uma mão em protesto, antecipando uma objeção. — Eu sei, eu sei, havia resistência. Meu pai e seu pai, Rebecca, fizeram parte dela. Não obstante, o ponto de partida lógico é que a resistência judaica era

impossível. É preciso entender isso para entender todo o resto.

"Como vocês sabem, o controle dos nazistas era absoluto. Até mesmo o mais ínfimo ato de desafio era punido com retaliação imediata e letal.

Ousasse levantar uma mão a um nazista, e eles matariam essa pessoa, sua família e toda a sua comunidade, sem remorso. Para cada um deles, eles matariam mil. Mas esse não é o ponto mais importante."

Rebecca agora tamborilava os dedos no braço da cadeira.

— Os judeus eram desprovidos da exigência primordial para qualquer resistência. Eles não tinham armas, não tinham tradição de combate.

Eles não tinham exército, quartéis, arsenais. Os poloneses e os franceses eram filhos de nações soberanas, com exércitos; havia recursos, paióis e afins, mesmo no meio de zonas rurais, aos quais eles podiam recorrer durante a ocupação. Os judeus não tinham nada disso.

"Mas, acima de tudo, eles não tinham amigos. Ninguém ajudaria. Tenho certeza de que conhecem as histórias, as distâncias que os judeus precisavam percorrer, as propinas que precisavam pagar, para que poloneses, lituanos ou ucranianos vendessem a eles uma única pistola. E se conseguissem fugir, escapar dos nazistas, a desgraça se abatia sobre eles caso se deparassem com o resto da resistência. Os poloneses, lituanos e todos os demais odiavam de tal forma os judeus que ficariam felizes em acabar com qualquer um que os nazistas tivessem sido tolos o bastante para deixar escapar. Como o meu falecido pai, que amava o idioma inglês, costumava dizer, "we went from the fire into the frying pan", "fomos do fogo para a frigideira".

— Posso… — disse Rebecca, e Tom podia sentir como ela estava inquieta, desesperada para que Goldman fosse direto ao ponto.

O homem levantou a mão outra vez.

— Vocês logo verão aonde quero chegar — ele pigarreou. — Acres-centem a isso o fato de que os nazistas não exatamente alardeavam seus planos. Eles os divulgavam com eufemismos, "reassentamento no Leste"

e assim por diante. E claro que os judeus engoliram. "Nunca subestime a incapacidade de um homem para imaginar sua própria destruição", essas são palavras de um dos integrantes do grupo. Um rabino, por sinal. Ah, sim, havia um rabino. Um poeta também. E alguns jornalistas.

Fazendeiros, comerciantes, médicos. Eles eram um grupo variado.

Enfim, esse rabino costumava falar do ônibus de Hitler.

Goldman se inclinou para a frente, os olhos brilhando.

— Vocês já ouviram falar do ônibus de Hitler, não? O plano de exterminar todos os judeus a não ser 12? Esses 12 seriam poupados como espécimes. Objetos humanos. Eles viajariam pelo mundo em um ônibus especial, uma exposição itinerante sobre "o povo judeu extinto".

Este era o plano de Hitler. E vocês sabem o que o rabino dizia? "Todos os judeus da Europa acreditavam que sobreviveriam, que seriam um dos 12 nesse ônibus."

— Era neste contexto que o seu pai, Rebecca, e o meu atuavam. Eles acreditavam que os judeus, por todos os motivos que mencionei, haviam aceitado seu destino muito passivamente. Poucos indivíduos reagiram, mas os danos causados foram nada mais que picadas de mosquito. Eles eram apenas crianças, os líderes da resistência. Mesmo os comandantes mais graduados estavam na casa dos 20 anos. Havia muito pouco que pudessem fazer. Vocês conhecem o dito "como ovelhas para o abate"? Ele foi cunhado pelo poeta do grupo. Ele dizia que os judeus caminhavam para as câmaras de gás como as ovelhas entram no matadouro.

"E era isso que aqueles trezentos homens não podiam suportar, que a vida judaica houvesse sido extinta tão facilmente, sem punição. Eles queriam ensinar ao mundo outra lição: que matar um judeu tinha um preço. Que tal crime seria vingado. Então se debruçaram na história e encontraram um antigo juramento: "Dam Israel Nokeam", "O sangue de Israel se vingará". Eles usaram a primeira letra de cada palavra em hebraico daquele dito antigo e formaram outra palavra, DIN. Em si uma palavra que significa "julgamento" e que se transformou no nome do grupo. Seu pai e o meu participaram dele. E acredito, Rebecca, que Gerald foi o último integrante."

Tom pensava em tudo que havia visto: os passaportes, os recortes de jornal, as provas em Nova York. Será que haveria algo que apontasse para aquela palavra, DIN, alguma pista que passara despercebida?

— No começo era algo bem direto. Em meados de 1945 os aliados já haviam ocupado Berlim, e a DIN operava com relativa liberdade de ação. Eles cultivavam informantes nas burocracias americana e britânica, principalmente nas promotorias, homens que por motivos pessoais se sentiam mais do que satisfeitos em vazar informações sobre nazistas que voltavam à vida civil. De uma forma ou de outra, a DIN levantou uma lista de alvos. Então eles usaram as velhas técnicas de resistência nos guetos para conseguir os uniformes e

documentos de que precisavam. Meu pai era bom nesse trabalho: ele seguiria um policial militar e o nocauteava, tomando grande cuidado para roubar tudo que tivesse: relógio de pulso, carteira, cinto. O soldado voltaria a si algumas horas depois, completamente nu, alheio ao fato de que as únicas coisas que seu agressor queria eram o uniforme e a identidade militar. Mas eu acredito que as mulheres integrantes da DIN eram especialmente eficientes nesta tática, mas elas não usavam a força para desvencilhar os PMs de seus uniformes.

Goldman se permitiu um sorriso, que evaporou rapidamente. O entusiasmo e a pompa de antes haviam esvanecido; seu rosto agora parecia imerso em sombras, parecia um novo rosto. Quanto mais contava da história, maior parecia ser o peso sobre ele.

— Passar-se por policiais militares facilitava o trabalho; eles podiam ir diretamente até o alvo e "prendê-lo" com toda a audácia que desejassem. Ou podiam simplesmente seqüestrar os nazistas. Eles podiam fazer isso porque a DIN usava uniformes das autoridades aliadas, e agora eram os Aliados que estavam no comando.

"Então agiam como um tribunal, liam uma acusação que listava os crimes do prisioneiro. Só então revelavam sua identidade: 'Agimos em nome dos judeus e estamos aqui para fazer justiça.'

"E em seguida tomavam medidas para ocultar o corpo. Assim a investigação do desaparecimento da vítima era mais demorada, o que dava à DIN tempo para escapar ou voltar a agir. O procedimento padrão, o ideal, era que a morte, quando descoberta, fosse considerada um suicídio.

Tom lembrou-se da pilha de recortes de jornal que vira na caixa de papelão aquela tarde: a maioria das mortes foi considerada suicídio ou acidente de carro.

Goldman prosseguiu:

— Essa abordagem tinha a vantagem óbvia de garantir que outros antigos nazistas não soubessem da existência de um grupo que os perseguia; eles não levantariam a guarda. Mas vocês devem ter em mente que, da forma como a DIN via as coisas, essa também era uma desvantagem. Eles queriam que os nazistas soubessem que estavam se vingando. Eles queriam que os nazistas temessem os judeus.

"Devo salientar que eles só perseguiam pessoas envolvidas na Solução Final. Homens da SS que trabalharam em campos de concentração, homens que atuaram nas unidades móveis de extermínio, os Einsatzgruppen. Já ouviu falar deles, senhor Byrne?"

Tom assentiu, lembrando-se do que lera no diário, a mesma história contada e recontada em inúmeros livros: as valas comuns, os fuzilamentos, as pilhas de corpos que continuavam a se mexer por algum tempo.

— Sei que evitei falar das execuções propriamente ditas, como meu pai as chamava. Devo corrigir isso. — Goldman suspirou. — Meu pai falou de todo tipo de métodos exóticos. Uma punição adequada ao crime era uma abordagem: um nazista envolvido com as câmaras de gás podia ser trancado na garagem de casa, devidamente vedada, com o motor de seu carro em funcionamento. O monóxido de carbono não se comparava ao Zyklon B, mas ao menos a intenção ficava clara. Ouvi falar de outro método, que também envolvia uma garagem. O alvo era forçado a ficar de pé no teto do carro, enquanto um laço que pendia do teto era colocado em volta de seu pescoço. Então um integrante da DIN tirava o carro, deixando o alvo pendendo do teto.

"Mas, ainda assim, não sei se acredito nesses relatos. Acho que a DIN

preferia matar com as próprias mãos — estrangulamento — ou, talvez, com faca."

— Senhor Goldman — Rebecca interveio. — O que vimos hoje não tem nada a ver com este período da guerra. As ações de meu pai aconteceram muito depois, nos anos 1950 e 1960.

Henry Goldman afundou no encosto da cadeira, o ar saindo dele como o de um pneu perfurado.

— Desculpem-me. Falei durante muito tempo.

— Não, não é isso, eu apenas…

— Veja, eu sabia, claro, que este dia ia chegar, que um dia eu precisaria contar essa história. Mas essa consciência não nos prepara para o momento. — Ele forçou um sorriso, uma expressão não de prazer, mas de refreamento, de alguém que procura conter uma enxurrada de emoções. — Não a dividi com minha mulher ou com meus filhos.

Carreguei essa história, dessa forma, por muitos e muitos anos. Não sei como contá-la, a não ser como a ouvi.

Tom decidiu agir como diplomata:

— Não há problema com a forma como está contando, senhor Goldman.

Leve quanto tempo achar necessário.

Goldman agradeceu com um meneio silencioso, pigarreou e continuou: — Os assassinatos que eu descrevi ficaram conhecidos como "a primeira temporada

de caça". Eles vieram à tona com base na forte crença de que não haveria outro tipo de justiça. Os Aliados a prometeram, claro, com discursos pomposos sobre levar cada um dos nazistas a julgamento. Mas mesmo antes do fim da guerra essas promessas já perdiam a força. Logo veio a sugestão de que apenas os homens no comando do Terceiro Reich enfrentassem a justiça. E foi com base nela que tivemos o grande espetáculo de Nuremberg, no qual 24 homens no total foram responsabilizados. Vinte e quatro!

Havia algo estranho na narrativa de Goldman, e subitamente Tom se deu conta de que estava presenciando um ato de ventriloquia. Ele estava canalizando os argumentos, a voz até, do pai havia muito falecido. Ele contava a história da mesma forma que a ouvira. Ela foi preservada, como num rolo de fita magnética de 0,25 polegada, dentro de sua cabeça por 15 anos.

— A DIN ficou enojada com o espetáculo ridículo dos julgamentos de Nuremberg, a fantasia de que apenas duas dúzias de pessoas foram responsáveis por um crime internacional de proporções absurdas. Eles viram com os próprios olhos os homens que chicoteavam judeus até a morte por diversão, que os pastorearam a trens e os fuzilaram em valas comuns, os homens que os empurraram para câmaras de gás e depois jogavam seus corpos, com pás, em crematórios; eles presenciaram tudo isso, e sabiam que os responsáveis não haviam sido 24 homens. Aquela havia sido uma obra de dezenas de milhares, centenas de milhares, talvez até mesmo milhões de pessoas!

Não havia como interromper Goldman agora, as palavras brotavam dele aos borbotões.

— Quando os crimes começaram a ser revelados, quando as pessoas passaram a ver os filmes de montanhas de corpos nus, as pessoas do Ocidente exigiram mais. Os russos estavam executando nazistas aos milhares; as pessoas aqui e nos Estados Unidos esperavam por algo semelhante. Os Aliados sentiram que precisavam tomar alguma atitude.

Até o final de 1946, eles haviam encarcerado quase meio milhão de alemães, que esperavam por julgamento sob a acusação de participação direta em assassinato em massa. Havia ainda 3,5 milhões de alemães acusados de "cumplicidade criminal significativa". Pensem neste número: 3,5 milhões. Mas a Comissão de Crimes de Guerra das Nações Unidas compilou uma lista com os nomes de pessoas sujeitas a prisão imediata por serem integrantes do Partido Nazista: apenas na zona de ocupação americana o total era de mais de 13 milhões de pessoas.

— Eles acabariam prendendo toda a população masculina — disse Tom em voz baixa, com uma memória pessoal vindo à tona. Mas Goldman ouvia apenas uma voz: a voz em sua cabeça, a voz de seu pai.

— Finalmente parecia que a justiça seria feita. E não uma justiça feita com as próprias mãos. Eles debateram longamente o assunto e concluíram que, se a justiça realmente estava a caminho, eles não deveriam continuar a exercer o papel de juizes, júri e carrascos. Eles decidiram abaixar as armas, extinguir a DIN e seguir seus caminhos, dar prosseguimento às suas vidas. Meu pai e o seu vieram para Londres.

Alguns foram para os Estados Unidos, muitos para Israel. Mas a justiça não viria.

Goldman fez uma pausa, como que relembrando.

— Gosta de estatísticas, senhor Byrne? — Ele não esperou pela resposta: — Eu gosto. Não há nada de que goste mais do que números precisos. Meu pai também era assim. "Um número pode dizer mais do que mil palavras." Isso é o que ele diria. Há uma tabela em um livro de Raul Hilberg, um dos maiores historiadores do Holocausto. Uma tabela muito reveladora. Meu pai a analisava freqüentemente. Você bota o dedo na coluna de números, move o dedo para baixo e lá está: ele diz tudo o que precisa saber.

"Ela começa com os Fragebogen, os registrados, aqueles 13 milhões ou mais de pessoas que faziam parte do aparato nazista. Então você desce uma linha, até o total de acusados. E este número, você notará, é bem menor: apenas 3.445.100, se me lembro bem. O número na linha seguinte destaca aqueles que, acusados, foram liberados sem um julgamento sequer. Uma anistia branca, se preferirem. É grande, este número: 2.480.700. Eles simplesmente se safaram. Se tiver uma queda por aritmética mental, como eu, fica fácil calcular a diferença entre ambos, de pouco menos de 1 milhão. Este era o número de nazistas que continuavam na mira da Justiça.

"Como eles foram punidos? É só olhar para a tabela. Precisamente 569.600 deles foram condenados a pagar uma multa. A ficha deles foi limpa com um pagamento em dinheiro. Vá até a linha seguinte e verá que outros 124.400 homens foram sujeitos à indignidade de restrições empregatícias. Infelizmente, para algumas carreiras, ser um assassino em massa nazista era uma desqualificação imediata. O mesmo valia para elegibilidade a cargos públicos; 23.100 nazistas foram informados de que suas carreiras políticas estavam suspensas.

"Se a memória não me trai, outros 25.900 tiveram suas propriedades confiscadas. Digo 'suas', mas essas eram propriedades adquiridas por meios pouco ortodoxos. Os condenados a esta pena viram seus vizinhos em Hamburgo ou Frankfurt serem arrastados para os campos de concentração, verteram algumas lágrimas e saquearam suas casas assim que partiram."

Os olhos de Goldman brilhavam.

— A tabela então traz os condenados a "trabalhos especiais sem encarceramento": acredito que hoje os chamemos de serviços comunitários. Trinta mil e quinhentas pessoas receberam essa pena. E 9.600 foram condenadas a trabalhos forçados.

"Se fizermos as contas, veremos que sobram cerca de 90 mil criminosos de guerra nazistas condenados a penas de prisão variadas de até dez anos. Mas então olhamos para o último número da tabela, o mais importante de todos: Condenados ainda cumprindo pena. E este número é de — ele faz uma pausa, como se esperando o rufar dos tambores — trezentos.

"Agora, lembrem-se de que essas estatísticas foram compiladas em 1949.

O que essa pequena tabela nos diz é que, alguns poucos anos depois da guerra, menos de trezentos nazistas ainda estavam atrás das grades. O

senhor percebe aonde isto vai chegar, senhor Byrne? Dos mais de 13 milhões de homens considerados cúmplices dos horrores do Terceiro Reich, tivemos 11 sentenças de morte em Nuremberg e esses trezentos homens na cadeia. E foi tudo.

"E quando os alemães ocidentais assumiram a responsabilidade pelo julgamento dos crimes de guerra, não fizeram melhor. Eles condenaram, para ilustrar apenas um exemplo, Wilhelm Greiffenberger pelo envolvimento em 8.100 assassinatos — e o sentenciaram a uma pena de três anos de prisão e três anos de privação da honra, apesar de a corte ter descoberto que ele esteve envolvido nas mortes de 8.100 pessoas. Eu poderia enumerar casos como esse por uma semana e não conseguiria esgotá-los. Quase todos os condenados se integraram novamente à sociedade alemã. Eles saíram daquelas prisões como se não fossem culpados por nada mais sério do que uma multa de trânsito. Eles eram tão arrogantes, tinham tanta certeza de que não haveria conseqüências, que sequer escondiam o que haviam feito. Os nomes deles estavam na lista telefônica.

"E este, veja você, é o segredinho sujo da Segunda Guerra Mundial.

Dizem, vezes sem fim, que a tentativa de extermínio dos judeus foi o maior crime da história da humanidade — e, ainda assim, quase ninguém foi punido

por ele. Os culpados se safaram. Foi um crime que ficou impune, um genocídio para o qual não houve acerto de contas."

Finalmente, Goldman desmoronou na cadeira; ele parecia exausto, esvaído, como um médium assim que o espírito se vai.

Rebecca e Tom permaneceram em silêncio. Foi Rebecca quem falou primeiro:

— E foi por isso que a DIN se reestruturou.

— Sim — ele disse suavemente. — Em 1952.

— E então os assassinatos tiveram início. Exceto agora, eles estavam por todo o mundo. Onde quer que os nazistas estivessem se escondendo.

Seu pai e o meu.

Goldman concordou.

— Eu achei uma das listas deles. Estava procurando outra coisa e me deparei com uma pasta do clube de pôquer. Essa era a fachada que eles usavam: cinco judeus que se encontravam nas noites de quinta-feira para jogar pôquer. Meu pai sempre dizia que era uma sociedade secreta porque se as mulheres deles soubessem quanto apostavam eles estariam em maus lençóis. Então nunca podíamos saber quem fazia parte do clube. Nem minha mãe poderia saber.

"Quando vi a pasta, eu tive que olhar. Eu queria saber mais sobre aquele mundo secreto de jogatina do meu pai, um homem que não fazia nada mais interessante do que vender roupas femininas para lojas de departamentos. Mal sabia eu — disse Goldman, e deu um sorriso triste.

— Dentro da pasta havia um maço de dinheiro estrangeiro, diversos passaportes e uma lista com nomes alemães, riscados um a um. E entendi imediatamente. Eu tinha 20 anos, acho.

"Tivemos uma discussão acalorada. Que nunca mais acabou, de então até o dia de sua morte. Eu disse que o denunciaria às autoridades. Eu acabara de me formar, eu era um advogado, e aquele era o meu dever.

— Lágrimas começaram a brotar do seu olho direito. — Mas nunca o fiz. Eu devia ter contado à polícia o que sabia, que meu pai estava envolvido em uma organização criminosa."

— Mas será que eles poderiam ser considerados assassinos? — disse Tom numa voz contida. — Eles estavam garantindo que um crime hediondo não permanecesse sem punição.

Goldman olhou para ele, impressionado.

— Confesso que estou surpreso por ouvir um homem como o senhor falar dessa forma, senhor Byrne.

Tom podia sentir as veias do pescoço começarem a pulsar. A raiva dele se acumulava; ele precisava se controlar.

— Desculpe. Mas estava pensando no que o senhor disse há poucos instantes. Que os homens responsáveis por esse crime monumental saíram impunes.

— Senhor Byrne, como certamente sabe muito bem, eu estava meramente fazendo o papel de advogado, estava expondo o caso da DIN da melhor forma que pude, para que vocês pudessem entender — disse, mas as cortinas de aço haviam sido novamente fechadas, o momento de comunhão com o espírito do pai ficara para trás. — O curso de ação correto era a Justiça. Este era o caminho que aqueles homens deveriam ter perseguido.

— Exceto que a justiça muitas vezes leva a lugar nenhum. Ambos reconheceremos isso se formos honestos, não é verdade, senhor Goldman? — Tom ouvia o tremor em sua voz. — E não é por isso que, depois de tudo dito e feito, não há algo como a "justiça"? Gostamos de imaginar uma deusa da justiça cega e imparcial, mas isso não é mais real do que as fadas nos fundos do jardim, ou é?

— Tom…

— Não, Rebecca, posso falar disso por experiência própria — ele disse, e a temperatura subia, com o aflorar de memórias indesejadas. — Nós acreditamos que exista a Justiça. Mas a verdade é que existe apenas política. E a política nunca acha conveniente perseguir os culpados.

— Tom, por favor…

— Desculpe-me, mas é verdade. Quanto maior o crime, menos conveniente. Quando há o choque entre "apaziguamento" e justiça, e sempre há um choque, o apaziguamento sempre vence. Vi isso acontecer vezes sem conta — ele disse, e percebeu que lá estava aquele tom outra vez. — Portanto, por mais inadequado que isso possa soar vindo de um advogado, tenho alguma simpatia pelo que este grupo, o DIN, estava sentindo. Eles presenciaram o extermínio de suas famílias.

Claro que eles desejavam caçar os responsáveis. A justiça permitiu que estes saíssem impunes. Realmente imagino, senhor Goldman, se neste ponto seu pai entendeu corretamente a situação e o senhor, não.

Goldman estava para responder quando Rebecca levantou.

— Basta! — ela gritou, com o olhar cravado em Tom.

Os olhos dela flamejavam. A lembrança silenciosa de que acabava de perder o pai envergonhou e calou os dois advogados.

Com a sala em silêncio, ela se voltou para Goldman e perguntou, de uma forma que transmitia tanto a paciência esgotada quanto o desejo por uma resposta breve, direta:

— Há qualquer outra coisa, qualquer elemento da história da DIN, que o senhor não nos contou? Algum segredo talvez, que alguém, em algum lugar, não queira que seja revelado?

Tom, com o pulso ainda acelerado, percebeu que Goldman ponderava a resposta. Ao que ele se inclinou para a frente, prestes a falar, o ar foi tomado pelo som agudo penetrante de um alarme: não uma sirene distante, mas um alarme vindo do interior do prédio.



CAPÍTULO VINTE E SETE

Jay Sherrill não admitiria para ninguém, nem mesmo para a mãe — muito menos para ela —, mas naquele dia sentia sua inexperiência.

Desde o encontro com o comissário, experimentara a nova sensação de um enigma que podia exceder até mesmo seus poderes de compreensão conquistados com uma formação de alto custo. Fosse uma simples questão de lógica, ele tinha confiança de que nenhum problema podia derrotá-lo. Mas aquilo exigia algo além de raciocínio dedutivo, além daquilo que Chuck Riley sem dúvida classificaria, com seu melhor sotaque sulista, de "sabedoria de livro".

Ao menos Sherrill alcançara o estágio de saber o que não sabia. E este conhecimento, ele concluiu, não era ensinado em Harvard ou em qualquer outro lugar. Era adquirido com o passar dos anos, acumulado como os líquens em uma pedra primordial. Algo que os policiais mais velhos, que ele veria com condescendência em qualquer outro contexto, já tinham, e que ele, sem sombra de dúvida, ainda não.

Aquela era uma vantagem da cronologia pura e simples, dos anos de trabalho. Ele a teria algum dia, mas no momento estava sendo derrotado por ela.

Sherrill seguira a dica do comissário e entrara em contato com a Divisão de Inteligência da polícia. Pedira para falar com os policiais envolvidos na operação de vigilância de Gerald Merton — e não obtivera resposta.

Ligou outra vez, acrescentando que tinha urgência, já que a informação estava relacionada com uma investigação criminal classificada como da mais alta prioridade pelo comissário. Ninguém retornou a ligação.

Ele avaliou suas opções, que incluíam informar Riley da recusa em cooperar de uma divisão sob seu comando, mas a deixou de lado: o que seria pior do que um garoto de Harvard correndo para o papai porque os caras durões não queriam brincar com ele? E a notícia circularia, confirmando cada preconceito que já sabia terem contra ele.

E então, às 8h30 daquela manhã, ele recebeu a ligação. O diretor da Divisão de Inteligência, Stephen Lake, gostaria de vê-lo às 10h. Aquilo não fazia sentido. Sherrill fizera uma solicitação em nível operacional; ele gostaria de falar com um policial — ou a Divisão de Inteligência os chamava de agentes? — de campo, no

máximo o comandante de uma unidade, alguém envolvido no trabalho de monitoramento do Russo e da posterior vigilância de Merton. Aquela solicitação aparentemente havia sido recusada, e em lugar disso ele havia sido convocado para falar com o homem à frente da Divisão.

Isso ele tampouco admitiria a qualquer um, mas estava nervoso. Lake havia sido um figurão na CIA. E recebera um convite de fundo inteiramente político quando, depois do 11 de Setembro, a cidade de Nova York decidiu que não mais confiaria nas autoridades federais; faria seus próprios acertos. Aquela manhã, Sherrill fizera uma pesquisa sobre Lake e a Divisão de Inteligência no site do New York Times. A Divisão já contava com mais de mil homens à sua disposição, uma força paralela dentro do universo de 40 mil homens da polícia da cidade. Em comparação, o FBI, que contava com apenas 10 mil agentes espalhados por todo o território americano, parecia uma piada. Os federais se ressentiam da Divisão, claro; e o Times noticiara uma infinidade de reclamações de grupos de liberdades civis, que alegavam que a Divisão de Inteligência não encontraria terroristas estrangeiros espionando ativistas políticos, grampeando os telefones ou vigiando os lares de cidadãos americanos. Isso apenas reforçava a sensação desconhecida mas que agora fermentava em Sherrill de que estava muito além de sua alçada.

Ele sabia como entrevistar policiais, conhecia seus pontos fracos, suas vaidades, suas fraquezas emocionais. Ele era como um político, um jogador veterano do jogo de Washington. Por que cargas d'água estava ali para aquela reunião? Que mensagem ela transmitia?

Sentado na sala de espera do escritório do homem formalmente conhecido como comissário-assistente para Inteligência, Sherrill ainda teria dez minutos para lutar com essas perguntas. Ele conhecia aquela manobra bem até demais: deixar um homem esperando, lembrá-lo quem é quem na hierarquia. A reação de Jay Sherrill — a recusa em folhear revistas ou jornais sobre a mesa de centro da sala de espera, e em lugar disso simplesmente sentar-se olhando para a frente — também transmitia uma mensagem: "Você está desperdiçando o meu tempo e isso me incomoda."

Finalmente uma secretária de cara amarrada gesticulou para que Sherrill a acompanhasse. Eles seguiram por duas portas sucessivas antes de chegarem a um escritório que Jay instantaneamente avaliou como um pouco maior do que o do comissário.

Lake era baixo para os padrões de macho alfa, tinha no máximo 1,75 m.

Ele usava os cabelos grisalhos num corte rente e seu olhar era frio. O comissário-assistente levantou-se ligeiramente da cadeira para reconhecer a chegada do detetive, estendeu uma mão e começou a falar antes mesmo que Jay estivesse sentado.

— Então, em que posso ajudá-lo, detetive?

— Bem, senhor, eu não tinha intenção de incomodá-lo com isso. É uma questão de pouca importância…

— Comparado a quê, detetive? Meu contra-cheque? — disse Lake, que em seguida sorriu sem prazer algum. — Por que não permite que eu seja o juiz disto? Quais são as perguntas que tem para este departamento?

— Senhor, a segurança da ONU abriu fogo contra Gerald Merton às 8h51 de ontem. Dois minutos antes, o chefe da guarda recebeu um alerta de seu contato na polícia de Nova York, a descrição de um suposto terrorista que estava prestes a entrar no complexo das Nações Unidas. E foi com base nessa descrição, na qual Gerald Merton se encaixava perfeitamente, que o segurança da ONU abriu fogo.

Sherrill sabia que o relato teria mais impacto se acrescentasse as palavras "matando um senhor idoso inocente", mas não conseguiu fazê-

lo. Apesar da indiferença demonstrada pelo comissário, para Jay a arma e as digitais encontradas no quarto de Merton eram as provas mais contundentes do caso.

Lake esfregou o queixo, aparentemente imerso em pensamentos.

— Entendo — ele disse por fim. — E a pergunta que deseja fazer, qual é exatamente?

Sherrill percebeu que Lake não estava disposto a oferecer a menor ajuda.

— Eu gostaria de saber como a polícia estava em posição de transmitir para a segurança da ONU uma informação que só poderia ser coletada numa operação de vigilância.

— Operação de vigilância? Não acha que está se intrometendo numa questão que vai muito além da sua alçada, detetive? Inteligência é uma especialidade sua?

Sherrill sentiu uma queimação nas bochechas; uma queimação que esperou desesperadamente que não se manifestasse. Ele tentou se acalmar, lembrar que aquela tática de intimidação — invocar o conhecimento especializado — era apenas isso, uma tática.

— Acredito que isso não exija grande qualificação, senhor. Assim como não era necessária grande qualificação para perceber que Gerald Merton era um septuagenário, dificilmente o perfil de um terrorista.

Ao ouvir isso, os olhos de Lake transformaram-se em aço.

— Há duas respostas para isso, senhor Sherrill: a oficial e a extraoficial.

A oficial é que este departamento nunca discorre sobre questões operacionais, o que poderia comprometer os policiais que trabalham em campo para proteger a grande cidade de Nova York e, dessa forma, todos os Estados Unidos.

— Claro, senhor —Sherrill imaginava se estaria prestes a fazer algum progresso. — E qual é a extraoficial?

— Pode ser que estejamos de olho na ONU por algum tempo, com provas de uma bomba-relógio por lá. Ou pode ser que não. Mas isto foi uma burrada de inteira responsabilidade dos trapalhões da sede da ONU. Você tenta rolar a bola da culpa para cima deste departamento, por isso e é bom garantir que você não esteja no caminho. Porque, se estiver, eu cuidarei pessoalmente que ela o esmague com tanta força que você terá sorte se acabar com um bloco de multas de trânsito na mão em Trenton. Fui claro, detetive?

Sherrill engoliu em seco.

— Isso não pode ser considerado coação de um agente de segurança pública, senhor?

— Deixemos isso para os bancos de Harvard, detetive. As únicas palavras que ouviu de mim neste encontro foram as seguintes: este departamento nunca discorre sobre questões operacionais, o que poderia comprometer o trabalho dos policiais em campo para proteger a grande cidade de Nova York e, desta forma, todos os Estados Unidos.

Quaisquer outras imaginadas por você serão negadas por mim.

Assinarei uma declaração juramentada a respeito por solicitação de qualquer tribunal e a enviarei, claro, com uma cópia da sua ficha médica, que registra seu histórico de doença mental.

Jay Sherrill sentiu o ar escapando do estômago como se houvesse levado um soco. E precisou se esforçar para sussurrar uma resposta.

— Do que o senhor está falando?

Stephen Lake olhou para uma folha de papel que segurava entre o polegar e o indicador.

— Parece, senhor Sherrill, que já buscou tratamento para depressão. Isso é compatível com o papel de um detetive de primeira categoria no Departamento de Polícia de Nova York? Humm, não consigo me lembrar. Talvez devêssemos confirmar com o detetive-chefe.

Lake tirou o fone do gancho e começou a discar.

- Não!

— Qual é o problema, detetive?

— Isso aconteceu há anos; eu era estudante! Meu irmão tinha acabado de morrer!

— Meus pêsames. Tenho certeza de que o departamento de recursos humanos teria sido compreensivo quando você concorreu ao promissor cargo de detetive engravatado e intrometido. A não ser que, por algum motivo, tenha esquecido de compartilhar essa informação com eles, não é verdade? Tenho sua ficha de inscrição aqui comigo — e pegou outro documento. — "Você já buscou ajuda profissional para algum problema de saúde mental, incluindo, mas não exclusivamente…" blá-blá-blá, ah, aqui está, "depressão"? E aqui está a pequena caixa de seleção que você assinalou com um X; adivinhe qual foi? Não poderia ser mais claro. N, A, O, til, não. Isso conta como uma mentira no meu manual. Pode até mesmo ser considerado perjúrio. Preciso me lembrar de confirmar isso com um advogado.

Lake jogou o papel na mesa e encarou Sherrill com um olhar intimidador.

— Caso eu não tenha sido suficientemente claro, detetive, isto é o que estou dizendo para você: pegue a sua bola e a role para outro quintal, porque esse está cheio de minas e uma delas vai atirá-lo pelos ares. Isso eu garanto.



CAPÍTULO VINTE E OITO

A conversa foi interrompida no instante em que o alarme de incêndio soou. A cabeça de uma secretária surgiu na porta para dizer que se desculpava, mas que o prédio precisava ser evacuado imediatamente.

Henry Goldman se recompôs, juntou seus papéis, colocou-os em uma pasta de couro e se encaminhou para a porta.

Do lado de fora da sala de reuniões havia uma confusão de funcionários, dois ou três vestindo jalecos de cores fluorescentes, e o clima era de nervosismo e agitação. Tom e Rebecca desceram os 15 andares de escada, e nenhum dos dois ousou falar nada a respeito do que acabara de acontecer. Um dos monitores de incêndio olhou para os crachás de visitantes deles e os orientou para um ponto de concentração fora do prédio diferente daquele para onde seguiu o pessoal da Roderick Jones.

Eles ficaram vinte minutos no frio do começo da tarde, e Tom aproveitou a oportunidade para fumar um cigarro. Ele ofereceu outro a Rebecca, que o aceitou com ansiedade. Claro. A maioria dos médicos que ele conhecia era do tipo um maço por dia. Mas ela ainda se mantinha calada.

Então, sem qualquer anúncio, sem o som de um apito ou sirene, simplesmente conduzidos pelo instinto de rebanho que se apodera de qualquer multidão, as pessoas começaram a voltar para o prédio.

Aparentemente um alarme falso.

Eles logo estavam de volta ao 16a andar e à sala de reuniões. A secretária apareceu outra vez.

— Pois não? — ela gorjeou, como se nunca os tivesse visto antes.

— Estávamos aqui antes do alarme, em reunião com o senhor Goldman — disse Rebecca com um sorriso.

— Oh. Mas o senhor Goldman já foi. Desculpem-me.

— Já foi?

— Eu imaginei que a reunião já tivesse acabado — ela disse, e deu de ombros.

A pedido de Tom ela ligou para a segurança, que conferiu as vagas

executivas do estacionamento: a do senhor Goldman estava vazia.

— Ele não teria feito isso nos velhos tempos, posso garantir — ela disse —; aproveitar a chance para ir embora mais cedo. A maioria dos sócios nunca sai antes das 22 ou 23 horas; as secretárias precisam trabalhar em turnos! O senhor Goldman era um dos piores. Antes de se aposentar, claro.

— E aquele foi um exercício de incêndio padrão, não?

Tom ofereceu à secretária um sorriso dos mais abertos: modo de charme.

— Ah, não. Esses só acontecem às segundas-feiras. Achei que tivesse sido um curto-circuito: foi isso o que aconteceu da última vez. Mas acabo de falar com Janice, uma das nossas monitoras de incêndio, e ela disse que alguém quebrou uma daquelas caixinhas "em caso de emergência" no subsolo; usou um daqueles martelos de borracha para quebrar o vidro.

— Nossa — disse Tom.

— Acho que devia existir uma multa para essas coisas — acrescentou a secretária. — Aparentemente, a segurança não faz idéia de quem pode ter sido, mas já estão conferindo o circuito interno de TV.

— Talvez tenha sido uma travessura bem-humorada — disse Tom, lembrando-se da linguagem que o reitor usava em Manchester quando ele e os colegas aprontavam com os extintores. — De algum funcionário mais jovem.

A secretária ficou boquiaberta.

— Mas nós não temos ninguém assim na Roderick Jones — ela disse, e Tom acreditou. A lembrança dos tempos de faculdade incubara uma intuição, que agora o cutucava.

Rebecca não estava com humor para prolongar a conversa com a assistente de Henry Goldman mais do que o necessário. Eles se desculparam e saíram do prédio. Deixando que Rebecca seguisse à sua frente, Tom fez uma ligação rápida para Jay Sherrill: ele não gostava do sujeito, mas tinha que ao menos dar a impressão de que estava cooperando. E não mencionaria o passado de Merton: Henning o instruíra a manter isso em sigilo, e Tom não via por que agir de outra forma. Sherrill podia relacionar essa informação com a arma e descobrir a história da DIN por si mesmo. E antes de Tom perceber, ele já teria perdido o controle. Administrar o fluxo de informação, esse havia sido o segredo do sucesso nas Nações Unidas, algo que Henning Munchau transformara em um tipo de arte.

— Alô, detetive Sherrill, é Tom Byrne, de Londres.

— Alguma pista sobre aquela arma que encontramos?

— Sim, na verdade, tenho algo.

— Pode falar — disse Sherrill.

— É uma suposição ainda, não é nada certo. É possível que Merton tenha participado de algum tipo de grupo armado no passado.

— Jesus. Que tipo de grupo armado?

— Como eu disse, é apenas uma suposição. Mas acho que pode ter participado de um grupo de justiceiros. Um grupo que fazia a lei com as próprias mãos, punia criminosos.

— Quando você diz "punia", quer dizer…

— Sim, detetive Sherrill. É isso que eu quero dizer. Mas foi há muito tempo, e não imagino que esclareça muita coisa quanto ao que foi descoberto no hotel ou o encontro com o Russo.

— Sim, mas de qualquer forma isso é útil. Quais são as provas?

— Apenas uma pista ou duas que encontrei em documentos que Merton deixou para trás. Nada explícito.

— E alguém desse grupo foi condenado?

— Ninguém; até onde sei.

— Eles ainda estão em atividade?

— Essa é a pergunta de 1 milhão de dólares. Entro em contato quando tiver algo mais concreto.

Tom desligou e se apressou para alcançar Rebecca, que já abria a porta do Saab. Depois de sentar-se no banco do motorista, ela suspirou fundo.

— Nossa, como aquilo foi frustrante! Ele finalmente estava para nos dizer algo que ainda não sabemos e você me vem com aquela arenga.

— Não era arenga. Eu estava defendendo um ponto de vista…

— Não quero falar sobre isso.

— …algumas vezes a justiça…

— Estou falando sério — ela disse, com um olhar furioso. — Eu não quero falar sobre isso. — E arrancou com o carro, a ferocidade de seu silêncio palpável no ar.

Os argumentos que Tom pretendia defender disparavam em sua cabeça, mas ele os dispersou. Rebecca provavelmente estava com a razão; ele de fato afugentara Goldman, cometera um erro elementar: expor as próprias opiniões

em um caso quando elas são irrelevantes. Tudo o que importava era extrair informações de uma testemunha. Ele sabia que aquilo fora um erro, mas não era isso que o enervava. O que o enervava era por que o cometera.

A luz do dia estava se esvaindo. Rebecca apertava o volante furiosamente, o olhar cravado na pista à sua frente. Tom olhava para o vazio. Nenhum dos dois prestava atenção ao retrovisor do lado de Tom do carro: se o tivessem feito, poderiam ter percebido as manobras do Mercedes três carros atrás deles — o que teria confirmado que estavam sendo seguidos.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

Agora oficialmente idoso, o chefe ainda era capaz de deixar sua equipe para trás. Tendo em vista o pouco que dormira, ele já deveria estar cansado àquela altura. Era sempre assim. Enquanto homens na casa dos 30 ou 40 anos já sonhavam com um banho quente e uma boa noite de sono, o chefe estava pronto para abrir a garrafa de puro malte escocês que levava para onde quer que fosse, afrouxar a gravata e iniciar alguma conversa importante.

Para o assessor, era um lembrete do que todos disseram sobre o futuro empregador quando ele conseguiu o trabalho: que o poder era a forma mais pura de adrenalina e que aquele sujeito a tinha correndo, desimpedida, pelas veias. Esqueça a adrenalina, ele pensava agora; era mais como fluido de embalsamar. De alguma forma, os anos que aquele homem passara no topo da política de seu país alteraram completamente seu processo de envelhecimento; a aparência dele não parecia ter mudado nos últimos 25 anos. Mesmo suas camisas, notou o assessor, olhando para a sua, amarrotada, permaneciam lisas e alinhadas na 19a hora de atividade em um dia de 24 horas.

— Então, o que temos? — começou o chefe com o gambito de abertura de praxe.

— Bem, nosso pessoal em Londres conseguiu seguir os suspeitos…

— Suspeitos? Vamos deixar de lado essa baboseira de linguajar de inteligência, está bem? Você tem tanto tempo de exército quanto eu.

— Eles seguiram Rebecca Merton e Tom Byrne até uma reunião numa firma de advocacia. Felizmente, ela fica em um edifício alto de aço e vidro, então, graças a um microfone direcional, conseguimos grampear a reunião.

— Lembro-me de aprovar um orçamento para a compra desses equipamentos. E?

— O advogado da firma falou longamente sobre as origens do grupo…

- DIN?

— Isso, senhor. Mas ele não tocou, bem, no nosso contexto nessa questão — disse o assessor, e então concluiu com uma careta: — Pelo menos não no trecho da conversa que monitoramos.

— O que diabos isso quer dizer? Vocês perderam uma parte?

— O começo, senhor. Mas tudo o que veio em seguida sugere que nosso contexto não foi explorado.

— Mas você não tem certeza.

— O contexto deixa tudo muito claro, senhor. E quando eles pareciam se aproximar, bem, de território delicado, nós agimos.

— Que tipo de ação?

— Nós encerramos a conversa.

— E como vocês fizeram isso?

— Ativamos o alarme de incêndio, senhor.

Com isso o chefe deu o primeiro sorriso.

— Fico feliz que a máquina política ainda tenha lições valiosas a ensinar.

O velho truque do alarme de incêndio, hum? Sempre eficaz cinco minutos antes de um voto desconfortável. Fazíamos isso nos velhos tempos. Talvez devêssemos usá-lo nas Nações Unidas.

O assessor riu com lealdade.

— E agora?

— Está tudo sob controle, senhor. Os suspeitos estão, desculpe, as pessoas envolvidas estão sendo acompanhadas de perto. Se é que a informação que nos interessa é conhecida, o que duvido firmemente, agiremos para garantir que não chegue ao conhecimento da senhorita Merton ou do senhor Byrne. E, caso chegue, vamos garantir que não siga adiante.



CAPÍTULO TRINTA

O silêncio não foi rompido. Rebecca estacionou o carro, destrancou a porta de casa e subiu irritada as escadas do apartamento. Apenas quando ela abriu a boca Tom percebeu que, pelo menos nesse aspecto, Rebecca se parecia com muitas mulheres que ele havia conhecido: ela era capaz de conter a raiva até chegar em casa — ali, na sua cozinha — para que pudesse discutir onde queria.

— Francamente, Tom, que merda foi aquela?

— Merda?

— Hoje, com Goldman.

— Eu dei minha opinião, foi isso. Eu…

— Não, você arruinou a reunião no momento mais importante. — A voz dela estava firme e clara: ela era a doutora Merton, repreendendo um anestesista que administrara uma dose errada. — Você devia estar me ajudando, lembra? Esse foi o nosso acordo. E lá estávamos nós, ouvindo a monotonia de Goldman, falando o que já sabíamos. E então, no momento em que ele estava para chegar ao…

— Você já sabia de tudo aquilo?

O rosto dela adquiriu uma expressão que Tom não entendeu.

— Não, claro que não. Mas nós descobrimos, não foi? Com a caixa.

— Claro, mas não conhecíamos aqueles detalhes. Ou o contexto. Ou a motivação. Pensei que você ficaria fascinada ao ouvir tudo aquilo. Ao entender seu pai.

— Isso não é terapia para mim, está bem? Caso você ainda não tenha percebido, alguém invadiu a minha casa hoje. E não fazemos idéia de quem eles são ou o que querem. E não temos idéia se virão atrás de mim outra vez.

— Entendo. Isso é muito assustador.

— Pode ter certeza, é assustador. E então você começa a impor seu ponto de vista, a defender a justiça feita com as próprias mãos, homens que saíam por aí matando as pessoas…

O volume das vozes aumentava.

— Bem, e você é capaz de culpá-los?

— O quê?

— Você é capaz de culpá-los? Falo sério, Rebecca. Sabendo de tudo o que aconteceu com eles. Eles estavam certos: eles não teriam justiça de outra forma.

— Como você pode dizer isso? Você é um advogado, pelo amor de Deus.

— E é exatamente por isso! — Tom gritava agora. — Ah, sim, eu já acreditei nessa baboseira sobre "lei", "justiça" e todas essas palavras bonitas. Eu acreditava de verdade, Rebecca. Eu era como o seu amigo Julian — ele disse, percebendo o olhar de ceticismo dela. — E sei que isso parece ridículo agora. Mas nem sempre foi assim, sabe?

Tom arregaçou as mangas do terno Paul Smith.

— Eu acreditava que se trabalhasse duro, reunisse todas as provas e apresentasse uma acusação, a justiça seria feita. Por que você acha que fui trabalhar nas Nações Unidas? Porque eu era um desses ingênuos que acham que vão mudar o mundo.

Tom estava impressionado por ouvir a si mesmo falando daquele jeito.

Ele não verbalizava aqueles pensamentos, nem para ele mesmo, havia muito tempo. Mas não podia parar.

— Eu estava ali, no topo. Na porcaria das Nações Unidas. E então fui convocado para liderar nossa delegação no tribunal de Ruanda. Era um trabalho importante, e eu estava eletrizado. Enfrentaria uma luta justa.

"Comecei pela leitura dos depoimentos das testemunhas, página a página: eram exatamente como o diário de seu pai. Histórias que a levariam às lágrimas. Você sabe o que aconteceu por lá; todos sabem o que aconteceu. Nós já sabíamos então. Pelo menos 800 mil pessoas assassinadas em três meses. O genocídio mais rápido da história da humanidade, eles reconhecem; mais rápido do que o feito pelos nazistas. E, como sempre, todos, absolutamente todos, estavam com sangue até o pescoço. Era vizinho matando vizinho, uma extremidade da rua enfrentando a outra, as pessoas cortando os pescoços umas das outras a facão. Freiras abriam caminho enquanto crianças eram levadas a igrejas e queimadas vivas. Freiras, pelo amor de Deus. E o de sempre: adolescentes estupradas, meninos com os testículos arrancados, irmãos forçados a sodomizar as irmãs, homens forçados a matar as esposas.

Milhares de páginas disso.

"Com as provas que tínhamos, pelo menos 1 milhão de pessoas deveria estar atrás das grades. Mas adivinhe quantos tútsis foram condenados?"

— Não sei — disse Rebecca, que olhava para o chão.

— Vamos, adivinhe quantos tútsis foram condenados no tribunal da ONU pelo genocídio em Ruanda.

— Eu não sei.

— Chute.

— Eu não sei.

— Droga, dê um CHUTE, Rebecca!

— Cinco mil? Mil? Eu não sei!

— Vinte e seis. Este foi o total de condenados depois de 15 anos de trabalho de dezenas de advogados e sabe Deus quantos milhões de dólares. Vinte e seis pessoas. É papo-furado, Rebecca. Papo-furado.

Você sabe o que dizem sobre a mentira: quanto maior a mentira, mais pessoas acreditam. É a mesma coisa com os assassinatos em massa. Se você mata dez pessoas, nunca conseguirá se safar. Mas mate mil e nunca verá a cor de um tribunal, muito menos de uma cela. Foi isso o que eu aprendi em Ruanda.

A voz de Tom tremia.

— E o que você fez?

Tom se recostou na mesa da cozinha. Ele queria sentar-se, mas sabia que isso soaria como uma derrota.

— O de sempre. Bebida, fumo, drogas: o tipo de coisa que se faz quando se quer atirar a vida pela janela.

— Você teve um colapso?

— Acho que pode chamar assim. Na verdade, o departamento de recursos humanos das Nações Unidas afirmou isso. Byrne, Thomas: licença por tempo indeterminado por motivos de saúde. Eu não acreditava mais, essa foi a minha doença. Eu não conseguia fazer o meu trabalho: eu sabia que era tudo uma grande mentira.

— Eles o demitiram?

— Eles deveriam. Mas Henning, meu chefe, segurou as pontas. Ele me manteve na folha de pagamento, ficou de olho em mim. Acho que ele temia que, se me demitissem, eu poderia fazer algo comigo mesmo.

— E faria?

— Eu pensei nisso.

O silêncio pesava no ar, até que Tom o quebrou: — Então decidi que não

seria mais um ingênuo. Eu seria esperto, como todo mundo. A justiça é um grande esquema, então o melhor que fazemos é desfrutar os benefícios. Todos sempre fizeram isso, por que não eu?

— O que você quer dizer com esquema?

— Deixe-me colocar desta forma, Rebecca. Você não gostaria de encontrar com meus últimos clientes numa rua escura — ele disse, e tentou sorrir, mas tudo o que conseguiu foi contrair o rosto. — Esta é a diferença entre eu e Julian, entende? Ele ainda não aprendeu a lição. Eu já.

— E qual é a lição?

— Nada vai ficar melhor amanhã e ninguém se importa com o que aconteceu ontem, então o melhor que fazemos é viver o presente.

— Ninguém se importa com o que aconteceu ontem? Você realmente acredita nisso?

— Agora acredito. E parece que o seu pai também: ele olhou a sua volta e viu que ninguém dava a mínima ao que havia acontecido com os judeus. Não de verdade. Não o bastante para trazer os culpados à justiça.

Então ele e os amigos fizeram isso eles mesmos.

— Como você ousa presumir que sabe o que meu pai sentia sobre o que quer que seja?

— Só estou repetindo o que Henry…

— Você acha que eu sinto orgulho do que descobrimos hoje? Você acha que está tudo bem sair por aí matando e matando e matando daquele jeito?

— Eram nazistas, pelo amor de Deus!

— E se eles se enganassem, Tom? Hein? E se eles acidentalmente matassem o homem errado? Você não acha que isso aconteceu? — Rebecca deu um passo na direção dele, e agora gritavam um com o outro a centímetros de distância.

— Eu tenho certeza de que eles…

— E quem deu a eles esse direito? Quem deu a eles o direito de agir como juizes, júri e carrascos?

— Ah, pelo amor de Deus. Se eles não tinham o direito, quem tinha?

Acho que é um pouco demais nós, sentados aqui, julgarmos as pessoas que viveram tudo aquilo. Era diferente para eles, eles…

— Viveram tudo aquilo? Você não acha que eu vivi tudo aquilo? Você está brincando?

Os olhos dela estavam irados agora.

— Eu vivi cada hora daquela guerra, vivi e revivi, desde o minuto em que nasci. Você pode imaginar como é crescer em um lar que é escuro mesmo quando o sol está brilhando? Você pode imaginar como é crescer mergulhada até os joelhos em sangue, cercada por todos esses fantasmas? Quando mesmo o maior problema da sua vida não é nada comparado a essa coisa enorme, essa sombra gigantesca que cobre todo o resto?

— Eu pensei que ele raramente… — Tom hesitava. — Você me disse que seu pai raramente tocava no assunto.

— É verdade. Mas ele não precisava. Esse assunto estava por toda parte sem que ele precisasse dizer uma palavra. Essa dor. Você sabe o que um dos combatentes do gueto disse certa feita? "Se você pudesse lamber meu coração, era capaz de ele envenená-lo." Meu pai era assim. Então não me diga que eu não vivi tudo aquilo, eu vivi…

E o resto da frase ficou preso na garganta, engasgada em lágrimas. Sem um pensamento consciente, Tom reduziu o espaço entre eles e a envolveu, tentando acalmá-la com seu abraço. Mas ela não se acalmou e, em vez disso, esmurrava o peito dele, seus punhos duas bolas de aço.

Ele não conseguiu resistir. Levantou o queixo da mulher e, guiado por um impulso que refreara por demasiado tempo, aproximou os lábios dos dela até que se tocassem.

O beijo foi urgente, faminto, movido pele desejo que pulsava nele desde o instante em que seus olhares se cruzaram. A princípio ela resistiu, as mãos apertadas em sua camisa, mas isso não durou. A boca de Rebecca estava tão ávida quanto a dele. O primeiro toque de sua língua fez passar uma corrente elétrica pelo corpo dele, uma descarga que o enrijeceu num instante. Ela sentiu quando Tom a apertou contra si.

O cheiro dela era forte agora. Ela lhe arrancou o paletó e passou a trabalhar rapidamente nos botões da camisa, abrindo-os um a um, e soltou um gemido quando tocou a pele do peito do homem. Tom colocou uma das mãos em sua cintura, sentindo a pele nua acima do cinto, quando ouviu um chilrear que instantaneamente sugou o oxigênio da sala. Arfando, ela se afastou e foi até o telefone.

— Ah, oi, Julian.

Claro, pensou Tom, de súbito consciente do sangue que pulsava por todo o seu corpo. As antenas apaixonadas do jovem Julian provavelmente vibraram no

momento em que se beijaram. Ele observou Rebecca assentir com “hum hums” e por fim levar a mão a um bloco de anotações e rabiscar um endereço. Quando ela se inclinou para pegar uma caneta, o espaço entre a blusa e a calça revelava uma estreita faixa de suas costas e um lampejo do topo da calcinha. Ele a desejava com uma intensidade que o assustava.

Rebecca colocou o fone no gancho.

— Era Julian, querendo saber como foi. Ele falou com o pai. Disse que ele parecia “agitado” com a nossa conversa.

— Agitado? E isso é bom ou ruim?

Conseguir falar era uma luta.

— Julian não sabe dizer.

— Está bem. Podemos voltar a encontrar com ele amanhã.

— Julian acha que devemos tentar vê-lo esta noite.

Aquelas obviamente eram antenas bem afinadas: mesmo a distância, Julian Goldman conspirava para garantir que Rebecca Merton e Tom Byrne não se aproximassem mais do que o necessário.

Ela mordeu o lábio.

— O que foi?

— Ele disse que teve a nítida impressão de que o pai quer nos dizer alguma coisa. Algo importante.



CAPÍTULO TRINTA E UM

Se não servisse para outra coisa, aquela viagem pelo menos se provava uma excursão de primeira classe pela Londres contemporânea. Rebecca dirigiu de volta à Upper Street, mas, em vez de seguir para o leste, em direção à imundície da Essex Road no sentido de Hackney, tomou a Holloway Road, rumo à elegância da região de Highgate.

Nenhum dos dois dizia uma palavra, mas o silêncio era diferente agora.

A tensão entre eles havia crescido gradualmente, como o céu se fechando num dia de verão. Graças à discussão acalorada, e ao beijo que a seguira, as nuvens começavam a se dissipar. Sentado ao lado dela, Tom já não lutava contra o impulso de fitá-la ou, ocasionalmente, tocá-la.

— Rebecca, nós conversamos sobre a lesão na perna de seu pai, não?

— Não havia lesão, eu já disse. Por quê?

— O corpo foi encontrado com uma espécie de caneleira de metal.

— Se é o que você diz.

— Embora não houvesse lesão alguma. — E se voltou para o banco traseiro. — Posso pegar o diário dele na sua bolsa?

Rebecca concordou e lhe dirigiu outro lampejo do sorriso cujo poder sobre ele ela certamente conhecia. Tom folheou as páginas manuscritas.

Elas agora pareciam algo muito mais valioso, um autêntico documento histórico de importância genuína. Gerald Merton foi um dos protagonistas de um pós-escrito notável para o Holocausto, uma história capaz de chocar todos que a ouvissem. Faria a eles o que fizera a Tom: seriam forçados a rever as opiniões a respeito de um evento histórico sobre o qual acreditavam já saber tudo o que havia para saber.

Quando Goldman usou aquela expressão — ovelhas para o abate —, Tom sentiu uma pontada de vergonha. Era precisamente a imagem que havia muito tinha dos judeus vitimados pelos nazistas, conduzidos às câmaras de gás sem protestar. Lembrou vagamente do professor de história no colégio dizendo, solidário: “Tenham compaixão dos pobres judeus, tão indefesos quanto cordeiros enviados ao matadouro.” Tom tinha certeza de que era isso mesmo o que o professor queria dizer. Mas agora percebia o quão insultante e ofensiva

essa noção deve ter sido para homens como Gerald Merton.

Pronto. Encontrara o que estava procurando: uma passagem que descrevia o envolvimento do jovem Gershon com os guerrilheiros escondidos nas florestas. Era um daqueles trechos que Tom tivera de ler superficialmente, mas algo ficara. E ali estava.

Naqueles meses, eu dificilmente servia como combatente, pelo menos não de maneira direta. Como de costume, meu maior valor era a aparência ariana. Então, em vez de simplesmente disparar uma arma, eu estava envolvido em procurar armas. Como em algumas ocasiões no gueto, tornei-me um contrabandista. Corria do esconderijo na mata até um ponto de encontro, escolhia uma pistola, uma granada ou um detonador e pagava com o que tivesse à mão — às vezes dinheiro, mas quase sempre um relógio ou colar — e então me esgueirava de volta ao acampamento. Na maioria das vezes, o fornecedor acreditava estar armando um jovem voluntário loiro da resistência lituana — ele não teria vendido armas a um judeu tão facilmente.

O grande segredo do contrabando é estar preparado para o caso de ser pego. É preciso deixá-los encontrar algo com você. Ao encontrarem, eles geralmente ficavam satisfeitos pelo bom trabalho e o deixavam seguir seu caminho. E só você saberá que aquele "algo" que encontraram não era o que importava. O que importava estaria escondido em algum lugar, a salvo. Assim, sempre que comprava uma arma, comprava também cigarros ou um pouco de carne, que escondia — mas não tão bem. Se alguém me parasse, pegava os cigarros, talvez me desse uns sopapos — mas a arma escondida nas ataduras em minhas costas, isso eles não encontravam…

Tom sorriu consigo mesmo. Aquilo explicava a caneleira de metal.

Gerald Merton se preparava para os detectores de metal que, sabia, estariam na entrada da sede da ONU. O alarme dispararia e, encolhendo os ombros timidamente, o velho senhor subiria a perna esquerda da calça para mostrar aos seguranças a placa de metal que usava por motivos médicos. Provavelmente faria uma piada — "É pior nos aeroportos" —, e então todos sorririam e permitiriam sua passagem. E ninguém pensaria em revistá-lo em busca da arma de última geração que carregava desmontada e atada ao corpo, com a munição e os componentes de aço presos junto à coluna ou em algum outro lugar.

A arma não estava com ele no dia em que foi morto: ainda estava no banheiro do hotel. A visita à ONU naquela manhã de segunda-feira foi, sem dúvida, uma missão de reconhecimento, do tipo que o jovem Gershon sem

dúvida realizara pelas ruelas de Buenos Aires, Bonn, Roma, San Sebastián ou qualquer uma das cidades em que conduzira operações para a DIN. Era possível, até mesmo, que tivesse adquirido o costume de fazer reconhecimentos nas trilhas íngremes das florestas lituanas ou nas vielas fétidas do bairro de Viriampole, em Kaunas, que se tomou o gueto de Kovno.

Era um plano inteligente: se Merton retornasse à ONU no dia seguinte e os detectores de metal mais uma vez disparassem, era muito provável que algum dos guardas o reconhecesse: aquele senhor simpático com uma placa de metal na perna. Mais sorrisos e cumprimentos, e ele passaria tranqüilamente, sem a necessidade de levantar a perna da calça uma segunda vez: "Tenha um bom dia, senhor."

Uma vez dentro do prédio… o que aconteceria? Quem dera poder falar com a sombra de Gershon Matzkin, perguntar a quem aquela arma estava endereçada. Tom ainda não tivera notícias de Henning a respeito da lista. Qual dos presentes na sede das Nações Unidas naquela semana seria capaz de incitar o último e envelhecido guerreiro da DIN a vestir o manto de assassino outra vez? Tom recostou-se no assento, desejando que as páginas desaparecidas do caderno do velho ressurgissem de alguma forma. Teria Gershon as arrancado e destruído? Ou estariam escondidas em algum lugar? Era isso o que os ladrões buscavam quando reviraram o apartamento de Rebecca?

Agora passavam por Hampstead Heath: a vasta área verde e o parque à esquerda, casas de opulência e tamanho extraordinários à direita.

Quando Rebecca reduziu a velocidade, ele disse, incrédulo: — Não me diga que Goldman mora por aqui.

Rebecca assentiu.

— Numa dessas casas? Não me surpreende que o jovem Julian seja tão desmiolado.

Rebecca lançou-lhe um olhar zombeteiro de desaprovação. Para deleite de Tom, a expressão tinha algo de cumplicidade, como se os dois agora estivessem de um lado e Julian de outro.

— Chegamos — ela disse, sinalizando uma curva à direita para subir por uma pista de acesso íngreme. A casa era imensa e tinha um ar absurdamente palaciano; Tom percebeu 16 janelas, metade com as luzes acesas, antes de perder a conta. Rebecca estacionou ao lado de um Mercedes reluzente e desligou o motor: — Lembre-se, use todo o charme dessa vez.

Ela tocou a campainha. Um dingue-dongue tradicional ressoou,

inesperadamente suburbano para uma casa tão grandiosa, e Tom lembrou-se de quando a mãe o arrastava pelas regiões mais ricas de Sheffield para cantarem canções de Natal.

Silêncio.

— Tente a aldrava. Mas bata forte; essas casas são tão grandes que é possível que ninguém tenha ouvido a campainha — disse Tom.

Rebecca levou a mão à aldrava de bronze, que tinha a forma de uma barra de metal presa entre os dentes de um leão feroz. Puxou a argola e bateu com força, duas vezes.

A primeira batida não surtiu efeito, mas a segunda soou estranhamente oca e a porta cedeu. Nem sequer estava trancada.

Rebecca olhou desconfiada para Tom, e então entrou. Ele a acompanhou, e seguiram por um saguão amplo, seus passos abafados por um enorme tapete xadrez extravagante, um tabuleiro irregular multicolorido.

— Olá? — chamou Rebecca, e seguiu adiante, até uma sala de estar ampla, contornada por sofás cor de creme por todos os lados com duas mesas de centro grandes e baixas. A parede oposta era ocupada por um quadro imenso, que parecia parte fotografia, parte pintura.

Reconheciam-se os rostos de um Henry Goldman com seus 40 e poucos anos e, com dentes grandes e cabelo encaracolado, Julian ainda adolescente.

Rebecca tentou mais uma vez:

— Senhor Goldman?

— Talvez seja melhor ir embora — sugeriu Tom, feliz por ter uma desculpa para uma saída antecipada e talvez um retorno ao apartamento de Rebecca: — Podemos ligar para ele amanhã.

— Mas Julian tinha certeza de que ele estava em casa.

— Ele mora sozinho?

Distraída, espiando a escuridão de um corredor, Rebecca respondeu: — Sim, a esposa morreu anos atrás.

— Você já esteve aqui antes?

— Vinha sempre quando era mais nova, mas não nos últimos tempos.

Vou conferir o escritório; se ele não estiver lá, vamos embora.

Entrou a passos leves no escuro e, enquanto se movia, chamou: — Senhor Goldman? Henry?

Chegou a uma porta e, ao abri-la, o corredor se encheu de luz. Muitos passos atrás, Tom sentia um ligeiro desapontamento: se as luzes estavam acessas no escritório, isso significava que o velho estava em casa.

Provavelmente cochilava na cadeira.

O grito de Rebecca rasgou o ar. Ficou paralisada na porta, e então disparou para dentro do cômodo. Tom correu e a encontrou agachada sobre um corpo caído, o ouvido junto ao peito de Henry Goldman, cujo rosto pálido e gélido fitava o teto. Parecia perplexo. Rebecca endireitou o corpo e passou a golpear o peito com as duas mãos, os dedos entrelaçados, numa série de pancadas secas e fortes. Agachado a seu lado, Tom ouvia seu esforço à medida que ela empregava todas as energias nos golpes sucessivos. Mas também ouvia um som diferente, uma espécie de choro desesperado. Lágrimas escorriam pelas maçãs de seu rosto como chuva por uma vidraça.

Por fim, Rebecca largou o corpo inerte e apoiou a cabeça no ombro de Tom.

— Ele está morto — ela disse aos soluços, as lágrimas lhe ensopando a camisa. — Ele está morto. Está morto. — Seus dedos arranhavam os braços de Tom. — Está morto, está morto, está morto.

Rebecca finalmente recuou de modo que Tom pudesse ver seu rosto.

— Ele está morto… e nós o matamos.



CAPÍTULO TRINTA E DOIS

A princípio, pensou consigo mesmo se não seria algum tipo de brincadeira. Quando viu aquilo, imediatamente olhou em volta, para flagrar quem estaria por trás, mas não houve risinhos abafados. Além disso, pouco ficava naquele escritório. Não tinha colegas de trabalho, quanto mais amigos no trabalho. Não era assim que trabalhavam os detetives do primeiro time. Isso significava não estar enfiado num uniforme nem acorrentado a uma mesa. Jay Sherrill trabalhava como imaginava que cirurgiões ou advogados de renome trabalhassem: organizava o próprio dia e circulava com um celular e o BlackBerry no lugar de um escritório.

Ainda assim, alguém pusera aquilo ali, e havia poucos minutos. Quando chegou, uma hora antes, em busca de um local tranqüilo para refletir sobre o passo seguinte depois da advertência nada sutil de Stephen Lake, da Divisão de Inteligência, não havia nenhum post-it colado à tela do computador. Ele foi até a máquina em busca de um café num copo descartável, poderiam ter sido só cinco minutos, e agora lá estava.

A mensagem fora escrita em letras maiúsculas: METRÔ. DO OUTRO LADO DA RUA. 16h15.

Sherrill olhou para o relógio: eram 16h06. Poderia ser uma armadilha.

Lembrou-se de alguns dos casos em que trabalhou nos últimos dois anos, e um deles envolvera altas-rodas da Máfia. Todos os tiras de Nova York sabiam o quanto aqueles caras gostavam de se vingar. Mas seu papel havia sido secundário; aquela foi, basicamente, uma operação do FBI. Por certo não viriam atrás dele. E ainda por cima numa estação de metrô lotada, durante o dia?

Analisou o bilhete outra vez. Foi escrito com esperteza: quem passasse por ali nunca, jamais pensaria que se tratava de uma mensagem, mas de um lembrete que o próprio Sherrill poderia ter rabiscado para si mesmo. As maiúsculas garrafais não deixavam pista. Mas como alguém teria sido capaz de se infiltrar ali, em um dos prédios mais bem protegidos de Nova York, e sair tão rapidamente? Sherrill não fazia idéia.

E também não tinha escolha; teria de ir. Não podia ignorar uma mensagem direta como aquela; nenhum policial podia.

Sherrill saiu pela entrada principal do prédio e estava prestes a virar à esquerda, em direção à estação de metrô, quando viu bem à sua frente a lanchonete Subway.(Subway: do inglês, metrô. (N. do E.) E quase se sentiu aliviado; aquele era o último lugar dos EUA onde um mafioso armaria uma cilada: bem na frente da Secretaria de Segurança Pública, era uma espécie de refeitório alternativo da polícia, repleto de tiras abastecendo as energias com sanduíches de 30 centímetros com queijo da Filadélfia e todos os acompanhamentos a que tivessem direito. Era o tipo de lugar que um detetive como Sherrill sempre evitava, sabendo do escárnio e do ressentimento que partiriam dos veteranos no momento em que pusesse os pés lá dentro.

O detetive abriu a porta e vasculhou o lugar com os olhos, na esperança de não estar sendo óbvio demais. Uma fila de clientes, policiais ou secretárias em horário de almoço; dois homens de meia-idade falando ao celular. Ninguém pareceu reconhecê-lo.

— Perdão — disse Sherrill, ainda observando os rostos, quando um faxineiro de uniforme azul tropeçou nele, empunhando letargicamente uma vassoura e uma pá de lixo de cabo longo. Era um dos hábitos ridículos e almofadinhas dos quais Sherrill não conseguia se livrar: desculpar-se quando alguém trombava nele.

— Sem problemas, detetive — murmurou o faxineiro.

Sherrill virou-se para encarar o homem negro, com dreadlocks e fones de ouvido brancos, que levantou as sobrancelhas em reconhecimento: — Que tal dar uma volta?

O detetive não disse nada e observou, incrédulo, o homem deixar os utensílios apoiados ao lado da porta de entrada e simplesmente sair. Já fora da lanchonete, caminhava determinado, sem esperar que Sherrill o alcançasse. Ele se mantinha meio passo à frente, o olhar fixo diante de si, de modo que ele e o detetive pareciam apenas dois nova-iorquinos apressados, sem fazer qualquer tipo de comunicação.

— Obrigado por vir, detetive Sherrill. Desculpe-me por… — ele fez um pequeno gesto com a mão — …tudo isso.

— Quem é você? Como sabe meu nome?

— Somos colegas. Sou agente da Divisão de Inteligência. Agente infiltrado — disse, ainda fitando adiante, e deu um sorriso discreto. — Caso não tenha notado.

— Como você…

— Entrei no seu escritório? Foi fácil. Tenho uma identidade da polícia.

Além disso, esse uniforme de faxineiro é o manto de invisibilidade mais comum desta cidade. Hogwarts é o caralho, basta ser um negro vestido de faxineiro: assim ninguém lhe enxerga, pode ter certeza. Aí, Sherrill, pegue o celular.

— O celular? Por quê?

— Finja que está numa ligação. E não olhe para mim.

Pela segunda vez num espaço de seis horas, Jay Sherrill se deparava com a própria inexperiência. Nunca trabalhara infiltrado e, percebia agora, não sabia nem o básico. Fez o que o agente ordenou e tentou fingir estar falando ao celular.

— Está bem; o que você quer?

— Não quero nada. Estou arriscando a droga do meu emprego…

— Desculpe, não quis dizer…

— O que eu quero? Qual é o problema com vocês?

— Realmente sinto muito. Foi…

— Tenho algumas informações que podem ajudar.

O tom da voz de Sherrill aumentou: — Informações?

— Sobre o assassinato de Gerald Merton.

— Que tipo de informações?

— Do tipo que testemunhas oculares têm.

Sherrill não pôde evitar encarar, por um instante, o homem que caminhava logo diante dele. Depois, com ar culpado, retomou o olhar perdido a meia distância adotado pelos transeuntes que falam ao celular.

— Você estava lá?

— Eu vi tudo. Desde o começo.



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

— Primeiro, você precisa se acalmar. Temos que ficar bem calmos agora.

— Precisamos fugir.

— Não podemos fazer isso. Temos que ficar e chamar a polícia.

— Estou falando sério! — disse Rebecca, que se desvencilhou dos braços de Tom e olhou para ele. — Precisamos fugir. E para bem longe. Para algum lugar onde não haja pessoas.

— Dê um tempo, Rebecca.

— Você não percebeu? — ela disse, com um tom de voz esganiçado.

— Algo muito ruim está acontecendo aqui, e está nos seguindo. Primeiro meu apartamento, agora isso. — Ela apontou para o cadáver de Henry Goldman, rígido sobre o tapete luxuoso do escritório, com uma expressão ainda perplexa no rosto.

— Eu sei, eu compreendo — disse Tom, com a cabeça em parafuso, à medida que um pensamento patinava e se chocava com outro. Já era quase impossível negar: o perigo estava no encalço deles. Uma imagem formou-se diante de seus olhos, um verdadeiro soco no estômago: ele vislumbrou Rebecca brutalmente assassinada. De imediato, mandou a idéia para longe: o importante agora era manter o foco.

— Não podemos ir a lugar algum. Temos de avisar a polícia o que houve.

Agora mesmo.

Ele estava encaminhando a conversa para uma discussão, mas não havia escolha. Imagine o que pareceria, caso não chamassem a polícia. Os dois haviam se encontrado com Henry Goldman naquela tarde, para uma reunião que terminara de maneira inconclusa. Depois, Goldman telefonara para o filho, parecendo agitado; Julian se certificaria de dizer isso à polícia. Tom amaldiçoou a si mesmo por ter perdido a calma mais cedo, na sala de reuniões: a secretária confirmaria a história de Julian e contaria aos detetives sobre as vozes exaltadas que ouvira. E então Julian confirmaria que falou com Rebecca naquela mesma tarde, para lembrá-la do endereço da casa do pai.

— Você precisa chamar a polícia agora mesmo.

— Eu?

— Vai soar melhor vindo de você. É amiga da família, tem um motivo para estar aqui. E você é mulher.

Tom apanhou o telefone sem fio da base sobre a mesa de Goldman e logo se arrependeu: impressões digitais. Merda, Rebecca deixara digitais por todo lado, incluindo o corpo inteiro de Goldman. Tocara nos pulsos, no pescoço. Ele olhou para o cadáver: ela rasgara a camisa, arrancando os botões. Os dois teriam de explicar aquilo.

Tarde demais para reparar o erro. Tom discou 999 e passou o telefone para Rebecca.

— Peça para falar com a polícia.

Com a respiração ainda rápida, ela falou em questão de segundos: — Estou ligando para comunicar um assassinato.

— Não! — Tom gritou a palavra sem emitir som, expressando-a com uma urgência desesperada e negando freneticamente. Ele sussurrou: — Você está ligando para comunicar a descoberta de um cadáver!

Rebecca tentou corrigir, mas o estrago já estava feito. Tom imaginou a gravação do telefonema sendo reproduzida diante de um júri no futuro julgamento de Rebecca Merton e Tom Byrne pelo assassinato de Henry Goldman. Ele sabia como aquilo ia soar. Massageou as têmporas.

Quando a ligação terminou, Rebecca olhou para Tom e disse: — Desculpe. Eu não sei…

— Você precisa ligar para Julian.

Agora, qualquer atraso pareceria ainda mais suspeito. Rebecca pegou o telefone e saiu da sala, embora Tom ainda pudesse ouvi-la falando no corredor. Estava impressionado com a maneira tão rápida com que ela parecia ter se firmado; imaginou que aquela seria sua voz de médica, que usava quando tinha de dizer o pior às famílias dos pacientes.

Pelas janelas do escritório, Tom agora via as luzes azuis de uma viatura e dois homens fardados emergindo dela. Policiais locais, concluiu; a primeira leva, enviada para garantir a segurança da cena do crime. Os peixes grandes chegariam mais tarde, depois que ouvissem o que acontecera.

Tom foi até a porta: fechada, mas não trancada, da maneira como a haviam encontrado. Abriu-a e gesticulou para que os dois homens entrassem.

Apresentaram-se como policiais, mostraram os distintivos e sacaram os

blocos de anotações. Começaram por Tom: pediram detalhes e checaram o endereço em Nova York informado por ele. Rebecca entrou, e os quatro permaneceram de pé no hall, como anfitriões recebendo os convidados para um jantar.

O mais velho dos policiais disse:

— Eu pediria que a senhora se sentasse, mas estou relutante em fazer isso a essa altura, já que pode ser que altere alguma coisa que venha a ter importância.

Como Tom temia, estavam tratando aquilo como a cena de um crime.

— Então por que vocês não nos contam o que aconteceu?

Os policiais assentiam enquanto Rebecca explicava que Henry Goldman era amigo de seu falecido pai. Para grande alívio de Tom, nenhum dos dois pareceu reconhecer o nome Gerald Merton, embora estivesse impresso em todos os jornais daquele dia. Ouviram-na explicar que ela e Tom foram até a casa para continuar uma conversa iniciada mais cedo naquele mesmo dia. Então, sacaram as canetas e começaram a tomar notas intensamente quando Rebecca disse que encontraram a porta da frente destrancada.

É claro, pensou Tom. Aquele era o detalhe crucial, o fato desajeitado que transformaria a situação da infeliz descoberta de um idoso morto em um interrogatório sobre assassinato. Percebeu que o policial mais velho disparava olhares rápidos e regulares em sua direção, mesmo enquanto Rebecca falava. Espere até ficar sabendo que conheço Rebecca Merton há menos de 12 horas, pensou Tom. Aliás, espere até descobrir por que estou em Londres. Lutou com todas as forças contra o desejo de levar as mãos à cabeça.

Logo chegou um médico, para confirmar que Henry Goldman estava morto, seguido por uma segunda viatura, esta com um fotógrafo, que rumou imediatamente para o escritório a fim de registrar imagens do corpo de Goldman in situ de todos os ângulos. Com ele viera um detetive à paisana. Agora, Tom havia conhecido duas dessas figuras no espaço de dois dias, informação que guardou para si. O detetive era oriental, o que levou o advogado a se lembrar de Harold Allen, antiga estrela em ascensão da polícia de Nova York minado por uma batalha contra o racismo na corporação. O encontro com Sherrill e Allen parecia ter acontecido numa era diferente; Nova York parecia a bem mais do que um oceano de distância.

O detetive pediu a todos que saíssem da casa: não queria mais pegadas do que já havia no hall de entrada. Assim, formaram um círculo do lado de fora. Tom observou os policiais que começavam a cercar todo o perímetro com uma

faixa plástica.

Esse homem mais velho fez as mesmas perguntas repetidamente, embora carregasse algumas delas com um tom um pouco mais enfático e ameaçador, na opinião de Tom.

— Então vocês chegaram aqui, entraram sem ser anunciados e não se incomodaram em fazer isso porque a senhora visitava esta casa com freqüência quando criança, correto?

— Não, não é…

— E, ao entrarem, encontraram o corpo. No escritório, o que significa que procuraram pela casa, foram até o fim do corredor, e assim por diante, até encontrá-lo, correto? E então, senhora Merton, quando o viu, passou a tentar ressuscitar o senhor Goldman. Respiração boca a boca etc., certo?

— RCR Ressuscitação cardiopulmonar.

— Certo. E fez isso pois suspeitava do quê?

— Suspeitei de que fosse uma parada cardíaca séria. Um ataque cardíaco.

— E em que estado se encontrava o senhor Goldman quando a senhora fez essa tentativa?

— Ele estava morto.

— Eu sei disso, senhora Merton, eu sei disso.

— Doutora Merton — interrompeu Tom. Rebecca pôs uma das mãos sobre a sua. Não faça isso.

O detetive então lançou um olhar severo a Tom, como se mirando uma mancha desagradável no carpete, antes de se dirigir a Rebecca novamente:

— Quero dizer que era óbvio que ele não estava morto havia muito tempo. Ou a senhora não teria tentado ressuscitá-lo, certo?

— O corpo ainda estava quente, se é isso que quer dizer.

— É exatamente o que quero dizer, doutora Merton. Exatamente.

Obrigado. Agora, e quanto ao senhor, senhor Byrne? O que estava fazendo esse tempo todo?

— Observei Rebecca tentar trazê-lo de volta. Consolei-a quando me dei conta de que era tarde demais. E então chamamos a polícia.

— Sim, o telefonema. Estou curioso quanto a isso. As anotações que tenho dizem que a chamada realizada às 21h55 comunicou um assassinato. Agora, o que eu não…

— Posso lhe fazer uma pergunta, detetive? — Tom ergueu-se à sua altura máxima, 30 centímetros mais alto do que o policial, e continuou: — Está nos interrogando em que contexto exatamente?

Os olhos de Rebecca se arregalaram num aviso: Não seja hostil.

— O que quer dizer, senhor Byrne?

— O que quero dizer é: somos testemunhas ou suspeitos?

De súbito, o detetive adotou uma expressão severa.

— É exatamente isso o que estou tentando descobrir.



CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Ele imaginou se estava prestes a ser atingido por uma merda em dobro.

A punição havia se tornado notória por toda a burocracia nacional.

Funcionários públicos de todas as áreas falavam sobre isso: da Defesa, da Educação, todas. O que acontecia com o chefe era o seguinte: ele estava nos quadros do governo havia tanto tempo que já exercera todo tipo de cargo. Não havia ninguém com mais de 25 ou menos de 80 anos com a mais remota ligação com o governo que não tivesse trabalhado sob seu comando pelo menos uma vez. Suas reprimendas eram lendárias; havia alunos de escolas primárias de cidadezinhas de fim de mundo que já sabiam delas — embora certamente não falassem em receber uma merda em dobro.

Ninguém sabia quando fizera isso pela primeira vez, mas havia múltiplas versões da história. Alguns diziam que a primeira vítima foi um sujeito azarado que não conseguira enquadrar três líderes sindicais extremamente importantes na véspera de uma eleição do partido que o chefe subitamente se deu conta de que ia perder.

"Que tipo de imbecil de merda comete um erro desses, seu merda?", ele perguntara na reunião com os assessores, que os jornalistas chamariam de pre-mortem. Dois merdas numa só frase: a merda em dobro.

Agora, o assessor que maldizia o azar de viajar com o chefe durante aquela crise podia apostar que estava prestes a receber o mesmo tratamento. Não importava o que o mundo exterior via — o Senhor Orador Eloqüente e Homem de Letras —, ele sabia que o chefe podia ser um tirano rude e cruel. Não se mantivera no topo por tanto tempo pela doçura.

Ainda assim, era final de tarde e o dia havia sido longo. E ele estava velho. Talvez não tivesse energia para tais arroubos histriônicos. Era o que o assessor esperava.

Bateu na porta da suíte do chefe e entrou. Como de costume, o velho vestia terno e camisa impecáveis, sem uma dobra sequer, e tinha o rosto muito bem barbeado. Estava sentado tomando o chá da tarde — uma de suas afetações anglófilas — diante da janela panorâmica com vista para Manhattan, que caminhava para o pôr do sol.

— Alguma novidade? — disse, antes mesmo que o assessor cruzasse o cômodo. Nada de cumprimentos, nada de convites para se juntar a ele, nem mesmo um olhar para trás. Não eram bons sinais.

— Algumas novidades, senhor. — O assessor se condenou por não ter ensaiado aquele momento; deveria ter se sentado com papel e caneta e pensado com precisão no que iria falar.

— Humm?

— Uma notícia boa e uma má, eu diria.

— E qual é a má?

Droga.

— Bem, na verdade só vai fazer sentido depois que souber da boa, senhor — começou o assessor, incrédulo por ter entrado em um beco sem saída tão óbvio. Ele continuou:

— A boa notícia é que Henry Goldman não nos dará mais trabalho, senhor. Ele não conseguiu passar adiante as, é…, informações críticas aos sus… Perdão, às pessoas que estamos seguindo, perdão, digo, às pessoas que estamos vigiando, isto é, interessadas em…

— Você está enrolando. O que aconteceu?

— Goldman está morto, senhor.

— O quê? Como?

— Esta noite. Na casa dele, senhor.

O rosto do velho começou a enrubescer.

— Somos responsáveis?

— Não de maneira que possa ser provada, penso que não, senhor.

— Você PENSA que não? — O chefe esmurrou a mesa, fazendo com que talheres, pratos e a jarra de leite saltassem no ar. — Como assim, você pensa que não? Que merda aconteceu lá?

Aqui vamos nós, pensou o assessor. Está chegando a hora.

— Minhas instruções não foram claras? — disse o chefe, em voz mais baixa e calma, o que a tornava mais intimidadora. — Não fui claro o bastante? Ou soletrei, em palavras que qualquer imbecil seria capaz de entender, que não deveria haver mortes? Poderíamos convencer, até mesmo intimidar, mas nada além disso. Não deixei isso EXTREMAMENTE CLARO?

— Nossos homens estavam seguindo essas ordens, senhor.

— Não seja idiota.

— O problema é que Goldman era cardíaco. No instante em que os viu em sua casa, começou a gritar e levou as mãos ao peito. Não tocaram nele. Simplesmente aconteceu.

— Tentaram salvá-lo?

O assessor não havia nem ao menos pensado nisso.

— Acho que não, senhor.

O chefe não estava mais gritando.

— Acredito que, no meu tempo, homens numa missão como essa não teriam simplesmente deixado um homem agonizar. Teriam feito algo.

— Sim, senhor.

O velho estava largado na cadeira; parecia, de algum modo, menor.

— Encontraram alguma coisa? — perguntou.

O assessor estava prestes a dizer que essa era a boa notícia, mas pensou melhor.

— Sim. Por coincidência, Goldman estava vendo alguns documentos quando nossos homens chegaram. Não tiveram tempo de analisá-los ainda, mas acreditam que têm a ver com o nosso problema.

— E se houver outros documentos?

— Goldman estava com uma caixa, senhor. Ao que parece, tudo estava guardado em um só lugar. Provavelmente escondido.

— Os documentos estão seguros agora?

— Perfeitamente.

— Alguma menção a… — suas palavras ficaram no ar, como se estivesse envergonhado — …bem, ao nome?

— Ainda não sabemos, senhor. Ainda há traduções a serem feitas.

— E quanto à garota e àquele homem?

— Encontraram o corpo de Goldman.

— Estão em apuros?

— A informação que temos é de que foram levados pela polícia e presos.

Estão sob custódia no momento.

O velho cofiou a barba. Se esse último trecho das novidades o havia agradado ou incomodado, o assessor não seria capaz de dizer. O chefe estava

apenas processando a informação, calculando.

Por fim, jogou o guardanapo sobre a mesa e empurrou a cadeira para trás. Em seguida, murmurou de modo que mal se podia ouvir, falando mais para si mesmo do que para o assessor, que ainda se encontrava parado em pé ao lado da mesa, como um garçom pronto para levar os pratos embora.

— O que foi que começamos? — disse e, com um gesto, dispensou o homem.

O assessor se retirou do cômodo a passos leves e fechou a porta atrás de si quase que sem ruído. Não recebera a merda em dobro, então. O chefe ficou amortecido, em vez de lívido. E isso, de uma maneira curiosa, era ainda mais assustador.



CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Tom percebia o dilema que devia ter se formado na mente do detetive poucos minutos antes de chegar. Estava claro que ele e Rebecca eram pessoas de bem, uma médica e um advogado, e haviam tomado uma atitude respeitável ao soar o alarme de imediato. Em circunstâncias comuns, a polícia apenas agradeceria a eles pelo ato de civilidade e os deixaria em paz.

Mas havia a questão incômoda da porta da frente. As pessoas simplesmente não chegam em casa e deixam de trancar a porta apropriadamente. Alguém além de Henry Goldman deve ter entrado na casa, o que sugeria que a morte dele não se devia, pelo menos não por completo, a causas naturais. E havia o telefonema de Rebecca Merton: por que ela teria dito que estava comunicando um assassinato?

Assim, o detetive se via diante de um dilema. Poderia trabalhar partindo do princípio de que um crime fora cometido e tratar Tom e Rebecca como testemunhas úteis. Demonstraria muita cortesia, é claro, sem perder de vista a possibilidade de que os dois poderiam ser os assassinos: não eliminar nenhum suspeito é a lei pétrea de toda investigação de assassinato.

Mas havia um risco nessa abordagem. Se ele, por fim, os acusasse, as informações que colhera enquanto os tratava como meras testemunhas estariam comprometidas. Interrogar suspeitos era algo completamente diferente: deveriam ser alertados conforme as normas formais e ter os direitos lidos, com um advogado presente. Logo, enquanto o detetive poderia muito bem querer que Tom Byrne e Rebecca Merton falassem com a guarda baixa, não podia fazer vista grossa indefinidamente. No entendimento de Tom, era esse o dilema do policial.

Um facho concentrado de luz banhou o local: devia ser Julian. Sem esperar por permissão, Rebecca partiu em direção ao carro. Tom notou o olhar de apreensão no rosto do detetive: se ele via Rebecca como suspeita em potencial, não ia querê-la papeando com o filho do falecido, enchendo a cabeça dele com sua versão dos fatos.

— Vou lhe dizer o que acho que devemos fazer — disse o detetive, de súbito. — Por que não vamos todos até a delegacia? Podemos ter uma conversa, tomar um depoimento completo de vocês dois como testemunhas e então veremos como as coisas estarão amanhã de manhã.

— Depois da necrópsia, você quer dizer.

— Sim. Tudo ficará muito mais claro. Estou certo, senhor Byrne?

A polícia agiu mais rápido depois disso. Tom estava certo de que era porque queriam que o tempo que Rebecca tivesse com Julian fosse o menor possível.

— Temos uma viatura aqui. Por que não levamos vocês até a delegacia agora mesmo? — disse o detetive.

— Estamos bem. Temos nosso próprio carro.

— Você dois passaram por uma experiência traumática esta noite. Nossas normas de conduta para apoio a vítimas dizem que pessoas que passaram por traumas, com freqüência, estão chocadas demais para dirigir. Mesmo que não percebam.

Tom assentiu, embora não conseguisse abandonar a suspeita de que o principal propósito do detetive era dar uma vasculhada rápida, ainda que não autorizada, no Saab, antes que seus de-maneira-alguma-suspeitos tivessem a chance de limpá-lo.

Foram levados à delegacia de Kentish Town, uma verdadeira espelunca, minúscula e horrível, cheia de salas com lâmpadas fluorescentes e cadeiras de plástico. Foram interrogados individualmente, como Tom já esperava. E, não menos previsível, o detetive decidiu interrogar Tom primeiro. Ele logo percebeu a conexão de Rebecca Merton com os acontecimentos noticiados nos jornais. Tom explicou que essa era a razão da visita a Goldman, já que este era um velho amigo do pai de Rebecca, e, para grande alívio de Tom, o detetive não se estendeu. Sem dúvida, guardava a interrogação linha-dura para o dia em que Rebecca e Tom fossem promovidos a suspeitos oficiais — mais do que objetos de suspeita meramente não oficial — e aí poderia questioná-los como se deve.

A possibilidade amedrontou Tom. Como se toda aquela situação já não fosse complicada o bastante. Por onde começaria? Pela arma no quarto de hotel de Gerald Merton? Pelo diário? Pela DIN? E como Rebecca explicaria por que não deu queixa do arrombamento em sua casa?

Tom pensou novamente em Jay Sherrill. Sabia que devia telefonar para ele, pelo menos para deixá-lo a par dos acontecimentos. Mas que diabos diria? "Ah, oi, Jay. Olha, por mais engraçado que pareça, estou ajudando alguns policiais nas investigações daqui também. Não é uma coincidência?" Tudo soaria muito forçado, muito louco. Ele já dera a Sherrill a dica sobre Merton ser um ex-justiceiro; o restante deveria vir mais tarde. Tom agora estava convencido de que se tratava de um quebra-cabeça que só seria resolvido por ele e Rebecca — sem

qualquer ajuda ou interferência da polícia, fosse de Londres ou Nova York.

— Venham por aqui, por favor. — Um policial conduziu ambos até um apetrecho eletrônico, como os dos aeroportos americanos, em que se pressiona um dedo sobre um vidro que coleta as impressões digitais.

— Por que temos de fazer isso? — perguntou Tom, o que lhe rendeu um olhar firme de Rebecca. — Essas digitais entrarão numa base de dados?

Por quanto tempo serão guardadas?

O detetive sorriu.

— Uma vez advogado dos direitos civis, sempre advogado dos direitos civis, não é, senhor Byrne?

Disse que não havia com o que se preocupar; isso era apenas para excluí-los da investigação, para permitir que a polícia identificasse as digitais encontradas no local.

— É voluntário. O senhor pode negar se quiser. Mas, se aceitar, vai ajudar.

Os detalhes seriam destruídos e, não, não seriam incluídos numa base de dados nacional.

Aquilo não tranqüilizou Tom. Ele achava que, se alguém havia invadido a casa de Henry Goldman, teria tomado a precaução elementar de usar luvas. Isso significava que as únicas digitais que estariam na porta, nas paredes, na mesa do escritório e no corpo de Goldman pertenceriam a ele e Rebecca.

Por fim, cerca de três horas e meia depois de terem chegado a Hampstead Heath, o detetive disse que esperava ter os resultados da necropsia pela manhã: se Goldman tivesse morrido de causas naturais, sem vestígios de veneno ou drogas na corrente sangüínea, então não seria um caso de assassinato de fato. Tom e Rebecca não mais ouviriam falar sobre aquilo. E, assim, seriam dispensados.

Saíram para o ar frio de uma noite prematuramente outonal e se deram conta de que não tinham um meio de transporte. Tom estava prestes a voltar para a delegacia e pedir o número de uma empresa de táxi, quando um passou por eles, a luz alaranjada brilhando com a promessa de refúgio. Entraram no carro e seguiram para a zona leste da cidade.

Sua cabeça estava latejando. Tivera apenas algumas horas de sono desde a noite de domingo, graças a uma combinação de Fantonis, Miranda e um voo desde Nova York, e agora era oficialmente a manhã de quarta-feira. E ele não tinha mais 30 anos. Porém a exaustão era mais profunda do que a simples falta de sono. Era a fadiga que vem com uma frustração longa e insistente, agarrada a

um problema que se recusa a ser resolvido.

Tanto ele quanto Rebecca estavam cansados demais para conversar. Ele olhou pela janela. Não importava o quanto Londres tivesse mudado, a cidade ainda parecia morta à noite. Não nas regiões freqüentadas pelos turistas, como o West End ou o bairro dos teatros, mas na Londres dos londrinos, onde as pessoas viviam. Esse ainda era um dos contrastes óbvios com Nova York: a ausência de delicatessens, livrarias e cafés abertos até tarde da noite.

Algumas horas antes, a Stoke Newington Church Street sem dúvida estaria agitada, com homens usando capacetes de ciclista saindo com uma só sacola de compras do supermercado de produtos orgânicos, casais vasculhando as prateleiras da Film Shop, "especialista em cinema internacional". Tom imaginou o tipo de pessoas que moravam por ali, os advogados direitistas e os membros esquerdistas de ONGs. Numa outra vida, muito facilmente poderia ser ele. Mas, agora, não havia ninguém por lá — apenas alguns vagabundos expulsos de bares e um veículo de limpeza de ruas, uma fera lenta que piscava e apitava ao longo do meio-fio.

Ele não queria estar ali, quicando para cima e para baixo outra vez pelas ruas repletas de quebra-molas causadores de concussões do bairro londrino de Hackney. Queria voltar para o apartamento de Rebecca ou, com um pouco mais de ambição, para o hotel, mesmo que fosse só para descansar um pouco, mas ela rejeitou a idéia logo de cara. No carro da polícia, havia tentado tocar sua mão, mas ela o afastou; não exatamente com raiva, mas com uma espécie de irritação reprimida, como se aquele não fosse o momento. E imaginou se ela o tinha compreendido mal, se pensara que ele buscava um vínculo ainda incerto, em vez de apenas consolá-la.

Ela estava assustada, isso era claro. Tom achava que Rebecca Merton, sem dúvida endurecida por alguns anos de PS, não tinha muita experiência com a polícia e a lei. A simples menção àquelas palavras — interrogatório, testemunha, cena do crime — era suficiente para fazer qualquer pessoa perder a cabeça. Daí o erro na chamada para o 999.

Mas Rebecca já estava fragilizada quando estacionaram diante da imensa casa de Henry Goldman. Tom temia esquecer que não haviam se passado 48 horas desde que o pai dela — a única pessoa que tinha no mundo, ao que parecia — fora morto a tiros a milhares de quilômetros de distância e em circunstâncias ainda confusas. Sua casa havia sido alvo de um arrombamento violento, e agora um velho amigo da família também estava morto — horas depois de revelar a

vida secreta de uma organização obscura e letal da qual os pais de ambos fizeram parte. Ele poderia tentar confortá-la com o argumento de que a morte de Henry Goldman por certo fora uma coincidência, que ele provavelmente desceu do carro com dores no peito, não teve forças para fechar a porta da frente e cambaleou até o escritório com as mãos no coração, antes de desmaiar. Tom poderia dizer que, antes de qualquer outra conclusão, seriam necessárias mais informações. Mas sucumbira ao mesmo medo nauseante que a dominou no momento em que viu o cadáver. O velho advogado com certeza tinha sido assassinado — e ela poderia ser a próxima.

Alguém estava caçando informações sobre a vida e a carreira peculiar de Gerald Merton. Haviam revirado o apartamento de Rebecca em busca disso e, por certo, foram atrás de Henry Goldman pelo mesmo motivo. Afinal de contas, não era por isso que ele e Rebecca tinham ido até Canary Wharf e, depois, até Hampstead, porque Goldman era um dos únicos homens vivos com conhecimento detalhado sobre a DIN? A questão que martelava na mente de Tom agora era se esses perseguidores souberam desse fato sobre Goldman de forma independente ou se estavam no rastro de Rebecca. E concluiu que era muito provável que tivessem sido seguidos desde a manhã anterior, que os homens conseguiram entrar no apartamento porque haviam monitorado os movimentos de Rebecca e sabiam que ela não estava em casa.

— Pensei em algo. O alarme de incêndio — ele finalmente disse, de modo a quebrar o silêncio exaustivo que se estabelecera desde que deixaram a delegacia.

— Como assim?

— Não foi uma coincidência. A sincronia.

— O que você quer dizer?

— É uma tática antiga. O pessoal dos diretórios acadêmicos fazia isso o tempo todo quando eu era estudante. Se uma reunião não estava se encaminhando do jeito que queriam, simplesmente soavam o alarme de incêndio: reunião terminada, viva para lutar mais um dia.

— Você está dizendo que Henry Goldman acionou o alarme de incêndio porque não gostou do que estávamos perguntando? — Ela olhava para Tom como se ele fosse uma criança particularmente lenta.

— Não ele.

— Mas não havia mais ninguém naquela reunião, Tom.

— Ninguém mais estava na sala, isso eu garanto. Mas isso não quer dizer

que ninguém estava escutando — ele disse, e lembrou o notório segundo voto de resolução que antecedeu a Guerra do Iraque, quando os seis indecisos do Conselho de Segurança da ONU, os "Swing Six", como ficaram conhecidos, descobriram que foram grampeados pelos britânicos e pelos americanos. — Não sei como fizeram, mas fizeram — disse Tom.

— E quem são eles?

— Gostaria muito de saber.

O celular de Tom tocou. Àquela hora da noite, só podia ser de Nova York. Ele consultou o visor: era Henning.

- Oi.

— Você não parece muito contente em ouvir notícias minhas.

— Desculpe. As últimas horas foram difíceis.

Tom fechou os olhos, temendo o simples pensamento de Munchau descobrindo o que acabara de acontecer: um representante da ONU sob custódia da Polícia Metropolitana de Londres, ligado a uma suspeita de homicídio. Como se já não fosse o bastante a ONU estar envolvida na morte de um velho judeu, estaria envolvida em outra. Imaginou por quanto tempo conseguiria manter aquilo em segredo.

— Bem, talvez isso possa ajudar. Seus antigos colegas descobriram alguns nomes.

— O quê?

— Você sabe, o seu clube geriátrico. Só para maiores de 70?

— Ah, isso. Certo. — Ele tinha esquecido completamente; aquele telefonema para Henning, aquele pressentimento, parecia ter acontecido anos antes.

— Concentre-se, Tom.

— Desculpe; estou com você agora. O que você tem para mim?

— Bem, é uma pesquisa preliminar, mas eles dizem que ficariam surpresos se aparecer mais algum nome.

— Continue.

Agora que fora forçado a engrenar a mente, estava animado. Poderia ser a revelação de que precisavam: um alemão idoso, um alvo plausível para a última missão da DIN, e esse problema todo seria explicado.

— Bem, primeiro, você não vai se surpreender ao ouvir que não há nenhum

na equipe permanente da ONU. Aposentadoria aos 60, a regra é estrita.

— Claro.

— Mas há três visitantes com mais de 70. Todos na cidade esta semana.

Tom assentiu, sem ser visto; seu pulso acelerou.

— Os chineses trouxeram um intérprete veterano, Li Gang. Reza a lenda que ele trabalhou com Mao e Nixon, mas não acredito. Quero dizer, eles…

— E quanto aos outros dois?

— Bem, o presidente do Estado de Israel está aqui. Ele tem 84 anos.

— E o outro?

— O ministro das Relações Exteriores da Costa do Marfim. Setenta e dois. Está no cargo, indo e vindo, desde os anos 1970, ao que parece.

— Obrigado, Henning.

— Nada útil?

— Foi só um pressentimento.

Tom quase sorriu diante da ironia. Já notara isso antes, como o destino parecia ter senso de humor. Se alguém quisesse apontar os três suspeitos mais improváveis de serem criminosos de guerra nazistas, dificilmente encontraria escolhas melhores do que representantes da China, Costa do Marfim e — só para ter alguém acima de qualquer suspeita — Israel.

Não era apenas mais um beco sem saída. Era um beco sem saída com uma parede de tijolos.

A essa altura, já haviam chegado à Kyverdale Road, lar do falecido Gerald Merton. Rebecca insistira: se não puderam encontrar o que quer que Goldman queria dizer a eles pessoalmente, teriam de checar se havia alguma pista, alguma dica deixada para trás por seu pai.

Enquanto estacionavam e pagavam a corrida, Tom imaginou se aquela era a primeira vez que Rebecca vinha à casa do pai desde a morte dele.

Imaginou-a sendo atingida por mais um trem de carga emocional: quanto uma pessoa conseguiria agüentar?

Ele a observou pegar um molho de chaves, escolher uma e girá-la na fechadura. Ela não ficou muito tempo no hall de entrada, subiu rapidamente as escadas acarpetadas. O cheiro era bem o que esperava: mofo e coisa velha. No terceiro andar, Rebecca foi até a porta mais próxima da escada. Tom percebeu suas mãos tremendo enquanto abria a porta. Quando acendeu a luz, ela suspirou.

O advogado olhou por cima de Rebecca. O lugar fora invadido, judiciosamente revirado, assim como o apartamento dela. As almofadas foram rasgadas, os livros espalhados no chão como cadáveres num campo de batalha. Até o tapete tinha sido enrolado de modo a expor o chão sujo e coberto de poeira. Pelo menos duas tábuas estavam saltadas, como se tivessem sido puxadas para cima, depois socadas grosseiramente de volta no lugar. Havia duas pinturas nas paredes, uma colagem abstrata no corredor e uma imitação de Chagall, retratando o que parecia ser um rabino violinista, na sala de estar. Ambos estavam tortos nas paredes.

Mesmo com a luz acesa, o lugar estava tomado por uma penumbra persistente. Cortinas marrons pesadas cobriam as janelas. Tom abriu caminho por entre a confusão, tentando constituir uma imagem de como teria sido aquele lugar. A cozinha era pequena e de um branco escurecido, os eletrodomésticos eram peças de museu da década de 1970. Havia uma mesa simples para duas pessoas encostada na parede.

Próximo dela, um pacote com 12 embalagens de suco de laranja. Ao lado, um pacote semelhante de latas de feijões embrulhadas em papel celofane. Estava claro que Gershon Matzkin nunca esquecera a lição do gueto de Kovno: sempre guarde comida, por via das dúvidas.

Havia um rádio, um vaso e vários porta-retratos, quase todos com o vidro quebrado. Tom observou atentamente uma foto de férias que mostrava um homem bronzeado, sem camisa, com o braço direto envolvendo uma mulher e, à esquerda, uma garotinha, todos sentados à mesa de um café ao ar livre, banhados pela luz do sol. A garota tinha por volta de 12 anos e era desajeitada, toda cotovelos e ombros. Mas os olhos verdes cristalinos já eram brilhantes mesmo então. A mulher também tinha cabelos escuros, mas os olhos eram diferentes dos da filha, mais quentes e escuros.

Tom concentrou-se em Gershon. Parecia pelo menos dez anos mais velho do que a esposa, estava careca e os pelos do peito estavam grisalhos. Mas o corpo estava em ótima forma, os músculos firmes e torneados, o peito e a barriga rígidos e retos. Os olhos eram tão luminosos quanto os da filha.

Tom voltou para a sala de estar e examinou os restos de uma poltrona gasta próxima à parede. Ao lado, sobre uma mesa, um telefone e um toca-fitas, uma relíquia maciça dos anos 1980. Espalhados pelo chão, os conteúdos de um armário com porta de vidro: velas, miudezas variadas, alguns livros e mais fotos de família. Uma delas prendeu o olhar de Tom: Rebecca com um sorriso largo e

usando um barrete, com a vida inteira pela frente.

Ele a encontrou no quarto, contemplando outra cena triste: roupas espalhadas pelo carpete, as portas dos armários escancaradas. Todas as gavetas haviam sido esvaziadas; as gravatas pendiam como enfeites de festa esquecidos. Tom esperava que ela se jogasse na cama e começasse a chorar num arroubo, mas, em vez disso, ela voltou para a sala. Uma expressão de alívio passou por seu rosto: — Ainda estão aqui.

Ela se ajoelhou e começou a vasculhar os porta-retratos espalhados pelo chão. Tom se juntou a ela, procurando instintivamente por fotos da década de 1940, da aurora da DIN. Talvez encontrasse uma imagem do adolescente Gershon Matzkin, nas florestas, com seu uniforme improvisado, talvez acompanhado da amante e parceira no sofrimento, Rosa. Mas a maioria eram retratos do Gershon do pós-guerra, estabelecido na Grã-Bretanha: o novo em folha Gerald Merton.

Rebecca examinou com cuidado uma dessas fotos. Tinha aquele tom alaranjado opaco característico que parece cobrir todas as fotos em cores da década de 1970, e mostrava cinco homens sorrindo efusivamente, quatro deles com grandes óculos quadrados. Tom reconheceu Gerald, as costeletas exageradas já marcadas por cabelos brancos. Todos estavam em trajes de gala, mas sem os paletós. O que estava na extrema direita fazia um brinde.

— Joe Tannenbaum. Deve ter morrido pouco depois de tirarem essa foto — murmurou Rebecca.

Seu dedo parou sobre o último homem na foto, que brindava alegremente à saúde do fotógrafo.

— É Geoffrey Besser. Morreu há uns dez anos. Mas não me lembro dele.

— Quem são esses?

— Esses eram os melhores amigos de meu pai.

Tom olhou para seu rosto, procurando por algum sinal de nostalgia ou reminiscência. Mas ela tinha uma expressão concentrada.

— Não estou entendendo. O que você está procurando?

— Desculpe, eu devia ter dito. Essa foto foi tirada no casamento de meu primo, em 1976. E esse é o clube de pôquer — ela virou a foto para que Tom pudesse vê-la melhor.

Tom deu um passo atrás, amassando um livro de fotos de Jerusalém. A fotografia mostrava cinco homens de meia-idade, cujas papadas cresciam e as

cabeças ficavam carecas, provavelmente rindo de uma piada de mau gosto. Eram cinco sobreviventes do inferno que fizeram novas vidas em Londres: Gerald Merton, com a lavanderia, e o pai de Henry Goldman, atacadista de roupas femininas. Ninguém diria, só de olhar para a foto, do que aqueles homens haviam sido capazes — da campanha de assassinatos determinada e inabalável com alvos perseguidos por vários continentes. E ninguém saberia o inferno pelo qual tinham passado e que os levara a isso.

— Este é o pai de Henry Goldman, bem aqui — ela apontou, com a voz ainda calma. — O único de quem me lembro pouco é esse sujeito aqui.

Sid alguma coisa.

Tom olhou com atenção para o homem indicado, o que fazia o brinde.

Agora que sabia da história da irmandade, estaria se iludindo ou de fato podia ver algo a mais naqueles cinco rostos? Gerald Merton trazia um cansaço no rosto discernível em todas as fotografias que Tom vira. Mas havia algo parecido nos olhares dos outros homens também. Aço sob a superfície, apesar dos sorrisos aparentemente paternais. E então Tom viu.

— Isso é o que eu estou pensando? — perguntou, apontando para uma mancha cinzenta no antebraço de Sid, cujo sobrenome Rebecca não lembrava. Ele tinha as mangas da camisa dobradas, a testa brilhava de suor, talvez resultado da dança extenuante. Tom já estivera num casamento judeu, de um colega da faculdade. Aquelas danças tradicionais eram um exercício e tanto.

— Sim, é isso mesmo. Sid esteve em Auschwitz.

O dedo de Rebecca pairou sobre a imagem borrada de um número, tatuado no braço de um homem que faz um brinde num casamento há mais de três décadas.

Tom não pôde evitar fitar aqueles olhos, quase nada visíveis por trás dos óculos grossos e aparentemente com lentes coloridas. Que horrores aqueles olhos haviam visto? As imagens tinham ficado marcadas? Sid podia vê-las mesmo numa noite como aquela, de dança, camisas suadas e brindes?

— Sid Steiner! Era esse seu nome. Sid Steiner.

— Ele está vivo?

— Não faço idéia. Mas acho melhor descobrirmos.



CAPÍTULO TRINTA E SEIS

O apartamento ainda não estava arrumado, e os dois se sentavam ao lado um do outro, na calada da noite, nos restos rasgados do que fora o colchão de Gerald Merton, ambos olhando para o pequeno e iluminado aparelho abrigado nas mãos de Tom. Era o BlackBerry, embora não o estivessem usando para e-mails. Havia um navegador de internet, embora andasse a passos lentíssimos. Tentavam vasculhar o arquivo online do jornal The Jewish Chronicle, em busca dos arquivos de anúncios. Tom se esforçava para se concentrar apesar do ruído da TV.

Tinha sido idéia sua ligá-la: se alguém estivesse escutando a conversa, como estava convencido de que acontecera no escritório de Goldman em Canary Wharf, pelo menos poderiam tornar o trabalho dos bisbilhoteiros um pouco mais difícil. Era uma forma de contra-vigilância tecnologicamente simples, mas não conseguia pensar em nada melhor.

Por sugestão de Rebecca, digitou uma única palavra, “Steiner”, e o site trouxe centenas de resultados. Rolaram a tela à procura de Sids e, para terror de Rebecca, encontraram fácil um Sid Steiner, com data de seis anos antes:

STEINER, Sid. Faleceu em paz, aos 89 anos, depois de muito sofrimento. Um cavalheiro muito amado e especial, deixará saudades à esposa Beryl, ao filho David e à nora Caby, aos netos Josh, Daniel, Richard, Simon e à cunhada Helen. Que ele descanse em paz.

— Ótimo, não é ele. A esposa não se chamava Beryl.

— Tem certeza?

— Tenho. Espere, aqui há outro.

Esse era mais recente, de apenas dois anos atrás.

STEINER, Sid. Nosso pai querido, que agora está em paz e reunido com sua Ada. Um pai forte, presente e maravilhoso, que estará para sempre em nossos corações. Que sua alma descanse em paz. Ruth e Jack.

Tom olhou para Rebecca, a seu lado no colchão, com uma sobrancelha erguida. Ela fez um gesto negativo.

— Os filhos não tinham esses nomes.

— Como você pode ter certeza? Não se lembrava do nome dele um minuto

atrás.

— Tinham um filho chamado Daniel. Dan. Lembro porque tinha uma queda por ele.

Absurdamente, Tom sentiu uma pontada de ciúmes. Depois, ao lembrar-se do beijo de apenas algumas horas antes, a pontada tornou-se de desejo. Ele olhou para Rebecca por um segundo ou dois a mais, resistindo ao desejo de tocá-la: não podia dar em cima dela ali, no apartamento destruído do falecido pai, mesmo se quisesse desesperadamente. Ele forçou o olhar de volta para o aparelho: não via mais nenhum Sid Steiner.

— Bem, acho que é isso — disse.

— Você ainda não tentou a seção Social e Pessoal.

— Esses eram os anúncios pessoais. Foi o que acabamos de ver.

— Não, eram os classificados pessoais. Há também a seção Social e Pessoal. É outra coluna. Fonte maior, página diferente. Mais cara.

— Duas classes diferentes de obituários? Você está de brincadeira.

— Não estou.

— Então a morte não é a grande igualadora, afinal de contas.

— Não no The Jewish Chronicle. Lá está, Social e Pessoal. Digite Sid Steiner.

Surgiram três resultados. Homenagens a um "Querido irmão, agora em paz e com muitas saudades" e "pensamentos com a família nessa hora tão triste", mas nenhum chamou a atenção de Rebecca como o Sid Steiner certo. A idade ou os nomes estavam errados.

Tom pôs o BlackBerry de lado e se voltou para ela.

— É possível que ele tenha morrido sem ninguém saber, sem obituário?

— Não. Quando se é tão judeu quanto Sid Steiner, morre-se no The Jewish Chronicle.

— Então onde ele está?

— Não sei.

— Certo. Faremos isso à moda antiga. Vamos dormir um pouco e, pela manhã, faremos alguns telefonemas.

Numa cama improvisada com almofadas rasgadas e um sofá em trapos, Tom tentou pegar no sono. Rebecca estava logo ao lado, no quarto do pai. Ele sabia que estava exausto, que os dias pareciam ter se estendido num único intervalo de tempo sem descanso. E, ainda assim, sua mente estava acelerada.

Uma sucessão de imagens corria por sua cabeça como as páginas de um livro infantil ilustrado. Viu um menino maltrapilho num gueto, depois um velho sendo baleado na escadaria da ONU, depois o corpo de uma mulher pendurado dentro de um abrigo, depois a legista sorridente em Nova York, depois o sorriso de Rebecca e, então, sem mais nem menos… Rebecca.

Lá estava ela, emoldurada no batente da porta, a luz do quarto revelando sua silhueta. Vestia apenas uma camisa.

Tom ergueu-se um pouco, apoiado nos cotovelos. Não disse uma palavra, nem ela.

Os beijos foram famintos como antes — mais famintos por terem sido frustrados. O toque da pele e o perfume dela enviavam uma voltagem tão alta por seu corpo que ele sentia como se estivesse em chamas. E ali, nas sombras, com suores e os sabores se misturando, o momento em que a penetrou foi como se tivessem penetrado um no outro. A intensidade do momento, tão grande que expulsava toda a consciência de onde estavam, o assustou.

Depois, o silêncio pareceu uni-los. Rebecca apoiava a cabeça sobre o peito de Tom, e foi a sensação de uma lágrima tocando sua pele o que o fez falar.

— Rebecca?

Tom podia senti-la tremendo, com um leve soluço.

— É por causa… daqui? De onde estamos?

— Não.

— O que é?

— Só gostaria que não tivesse acontecido assim.

Ele acariciou seu cabelo, certo de que seu instinto inicial estivera certo: foi uma loucura da parte deles, fazer amor ali, no lar do falecido pai de Rebecca.

Ela falou novamente:

— Quero dizer, com tudo isso acontecendo. Gostaria que tivesse acontecido de outra forma. Sinto muito.

— Posso lidar com isso, se você puder.

Novamente o silêncio, mas desta vez Tom sabia que era o prelúdio para outra pergunta.

— Por que não há uma senhora Byrne?

— É tão óbvio assim?

— Para mim é. Já houve uma?

— Não. Eu era casado com meu trabalho. Então, depois de tudo que aconteceu, meio que tranquei o futuro, junto com o passado. Fiz meu lar no presente. Não era capaz de fazer muitos planos além de reservas para jantares.

— Você está falando no tempo passado.

— Talvez eu tenha mudado.

— Quando?

— Nos últimos dois dias.

Ela se levantou, foi até a cozinha e voltou com um copo d'água. Bebeu um pouco e passou para ele, depois voltou a deitar-se, pele com pele.

— Por que não há um senhor Merton? Desculpe, quero dizer…

— Sem problema. Bem, há os pacientes. Cuidar deles exige muito.

— Mas essa não é toda a história.

— Não. A verdade é que era difícil para o meu pai. Eu era sua filha única. Então, depois que mamãe morreu, fui sua única família. Se tivesse casado com alguém, pareceria que eu o estava…

— …abandonando.

— Talvez.

— O que ele teria achado de mim?

— Bem, para começar, você não é judeu.

— E?

— Então não vamos falar sobre isso. Isso é outro psicodrama que você não precisa saber.

— Rebecca…

Ela se virou ligeiramente para encará-lo e repousou um dedo sobre seus lábios.

— Não. Não diga nada.

— Por que não?

— Porque estou tentando ser como você. Passei a vida inteira afogando o passado ou me preocupando com o futuro. Quero ver se consigo aproveitar o presente. Pelo menos uma vez.

Tom acordou um pouco depois das 8 horas. Rebecca não estava deitada a seu lado — estava de pé e vestida. Explicou que estava impaciente demais para dormir. Queria começar a busca por Sid Steiner imediatamente.

Ela pegou o telefone, tentou pedir informações na central, em vão, e então tentou a lista telefônica. Circulou um número e discou, mas a ligação foi atendida por uma secretária eletrônica. A voz pertencia a Sid Steiner — mas era um escritório de contabilidade em Hendon, sem ligação alguma com quem procuravam.

— Certo. E quanto a esse Dan? — disse Tom, engolindo o orgulho.

— Foi há 25 anos. Eu tinha uns 7 de idade. Não faço idéia de onde ele esteja agora.

Tom sentiu-se aliviado: ela não tinha dito que era uma paixonite infantil.

— Vocês não mantiveram contato algum? Sabe onde ele trabalha?

Ela negou. Em seguida, seu rosto se iluminou e ela buscou o BlackBerry.

— Dá para acessar o Facebook com isso?

De súbito, Tom se deu conta da lacuna de gerações entre eles: ele confiava no bom e velho e-mail a vapor. Pelo menos sabia do que ela estava falando.

— Tenho certeza de que sim. Por quê?

— Porque é a maneira mais fácil de encontrar Dan Steiner.

Dito e feito; depois do login, foi questão de segundos para que surgisse na caixa de busca a foto de um homem de beleza deprimente, mais ou menos da idade de Tom, com volumosos cabelos pretos.

— Eu podia cutucá-lo — disse Rebecca.

Quando viu a expressão assustada de Tom, ela sorriu: — Não é o que parece. Coisa do Facebook.

Só havia uma vaga no estacionamento; as outras estavam ocupadas por três micro-ônibus que, Tom percebeu, estavam equipados com diferentes rampas e corrimões para o acesso de cadeiras de rodas. O prédio em si era grande, construído com o concreto cinzento que parecia ter sido o único material disponível aos arquitetos dos tempos da infância e da adolescência do advogado: Sheffield era repleta de construções sem vida ou identidade própria como aquela. O escritório da assistência à moradia, a biblioteca, a câmara distrital: nos anos 1970, todos os prédios britânicos pareciam com aquele.

Caminharam por uma rampa, com uma pausa na entrada para que Tom enrolasse dois cigarros, que tragaram rapidamente até transformá-los em guimbas minúsculas. Rebecca tinha "cutucado" Dan Steiner havia uma hora. Ele respondera de imediato — o que não surpreendeu Tom — e dera a ela um número de telefone com o maior prazer. Rebecca quis ligar para ele lá mesmo, na

hora, mas Tom a impediu: caso estivessem sendo seguidos, se a reunião com Henry Goldman tivesse sido, de alguma forma, grampeada, não faria sentido usar o telefone do apartamento de Gerald Merton. Se os perseguidores haviam estado lá para vasculhar o lugar, não teria custado muito grampear a linha telefônica. Assim, dirigiram-se até um telefone público a três ruas de distância, o que rendeu de Rebecca Merton, aos 31 anos, filha da geração do celular, a confissão de que nunca usara um antes. Depois de receber as instruções de Tom, que estava satisfeito por se apertarem na cabine, os rostos tão próximos que quase se tocavam, ela fez a ligação.

Agradeceu as condolências de Dan, perguntou simpática sobre sua esposa e filhos, e então se poderia entrar em contato com seu pai, Sid.

Com esse último pedido, fez uma careta, preparando-se para receber de Dan a eventual notícia de que o pai tinha se mudado para Israel ou Manchester, ou mesmo morrido havia pouco tempo, apesar do The Jeivish Chronicle — mas, em vez disso, ele lhe deu o endereço de uma casa de repouso em Stamford Hill, onde o pai vivia agora. Era uma viagem de 15 minutos desde o apartamento do pai dela: os dois últimos rapazes do clube de pôquer haviam, de algum modo, se mantido juntos.

Não telefonaram com antecedência, mas Dan o fez: a senhora na recepção disse estar esperando dois visitantes para Sid. Por coincidência, haviam escolhido uma boa hora para vir: estava tendo um bingo na sala principal e Sid teria vindo de seu quarto para participar.

Tinham apenas de esperar ali e ela encontraria alguém para conduzi-los Tom observou o lugar e pousou os olhos sobre um mostruário de vidro no saguão. Dentro, alguns dos candelabros de oito braços que reconhecia de Nova York: estavam por todo lugar em Manhattan durante os preparativos para o Natal, enquanto os judeus celebravam a festa do Chanuca. Havia também cálices prateados com inscrições em hebraico. O lugar de honra era ocupado por um escudo comemorativo, do tipo que extasiara o jovem Tom Byrne quando ele e seus amigos trouxeram um do campeonato de futebol sub-13 de “Sheffield e Região”.

Havia dois carrinhos carregados de xícaras de chá, alguns balões esquecidos e um quadro de avisos. Tom deu um passo à frente para lê-lo: “Não esqueçam: exercícios em cadeira com Maureen na quinta-feira às 15h.” Outro aviso anunciava a “Cantoria da Judith”. Ao lado havia um quadro de condolências, com uma mensagem padrão e um espaço em branco onde o nome do último

residente a colidir com a mortalidade podia ser escrito.

— Olá!

Tom se virou e viu uma mulher bem grande, de mais ou menos 50 anos, cujo peito era uma prateleira sólida, vindo em direção a eles. Pelo crachá, Tom pôde ver que seu nome era Brenda e sua função, descrita como "facilitadora".

— Nunca vimos vocês aqui no centro antes, não é? — ela soava ofegante.

— Estão aqui para ver Sid?

A perda do sobrenome: a mesma coisa acontecera com o pai de Tom no instante em que se tornou senil. Tom sempre os corrigia — enfermeiras, médicos, todos — se referindo ao pai como senhor Byrne, mas raramente pegavam a deixa. Na maioria das vezes, ainda diriam: "O Ron está muito bem, não é, Ron?"

— Estamos — disse Rebecca, mais uma vez com a voz de médica. Era uma voz profissional, profunda como um lago noturno. Ela completou: — Não somos da família. Mas ele e meu pai foram muito próximos.

— E seu marido já conhece Sid?

— Eu não…

— Ele não…

Os dois se entreolharam.

— Bem, fico contente, de qualquer modo. Ele não recebe muitas visitas.

Os filhos vêm de vez em quando, mas vocês sabem como é. Todos são ocupados. — O sotaque era em parte leste de Londres e parte algo que Tom não conseguia identificar. Era musical, quase um cantarolar: uma melodia judia.

Ela os conduziu por uma porta dupla até um salão amplo, dividido pelo que parecia ser uma treliça de madeira de jardim. Brenda apontou para a divisória e disse:

— Essa é nossa área de jantar. Daquele lado fica a carne, deste o leite — como se isso esclarecesse algo. Aparentemente, para Rebecca, esclarecia.

Do lado do leite da divisória, havia talvez 15 idosos sentados em cinco ou seis mesas redondas dispostas como num café. Na extremidade da sala havia um homem sozinho numa mesa, segurando um microfone e, sem expressão alguma na voz, lendo uma série de números em voz alta.

De vez em quando, um dos velhinhos rabiscava um cartão. Apesar da ausência de palmas ou risos, Tom percebeu que o homem estava cantando bingo.

O painel eletrônico ao lado dele, que piscava cada número cantado, servia para auxiliar aqueles surdos demais para ouvir.

— Ah, estou surpresa — disse Brenda, repousando uma das mãos sobre o peito vasto. — Pensei que ele estaria aqui. Espero que não tenha saído vagando por aí. Vocês sabem sobre o estado de saúde de Sid? O filho a explicou, não?

Rebecca lançou um olhar de pânico para Tom.

— Não. Não explicou. Disse que talvez fosse difícil falar com o pai, mas…

— Ah, imagino que ele não goste de falar sobre isso. Mas Sid não é o único aqui, sabem? Muitos deles também têm. Às vezes acho que é uma bênção, para protegê-los de lembrarem demais. Embora o problema seja que eles de fato lembram…

— Você acha que podemos vê-lo? — Rebecca estava ficando impaciente.

Brenda então saiu com eles do salão e desceu um pequeno lance de escadas.

— Esta é a sala de artes — anunciou, como uma diretora apresentando a escola a pais potencialmente interessados.

Tom viu um homem grisalho que acrescentava um palito de fósforo a uma miniatura de trem a vapor construída inteiramente com palitos.

— Aquele é Melvyn; ele era relojoeiro — anunciou Brenda.

Em seguida, espiou pela porta de uma sala disposta como um salão de cabeleireiro, igual ao que a mãe de Tom costumava ir às sextas-feiras alternadas quando ele era garoto. Com direito àqueles secadores de cabelo que parecem capacetes, sob os quais as clientes se sentavam: Tom lembrou de entrar num deles aos 5 anos, e fingir que era um astronauta.

— Não achei que ele estivesse aqui, mas checar nunca é demais. São principalmente as senhoras que vêm aqui. Para bater papo.

Tom viu uma lista de preços ao lado da porta: "Lavagem e secagem, £5."

Subiram dois lances de escadas. Brenda retomou o fôlego e disse: — Eles de fato saem vagando, às vezes. Quando têm esse problema. Às vezes chegam a sair do prédio. E sabe onde os encontramos?

Geralmente parados em frente à casa em que viviam quando crianças.

Um olhar triste mudou o formato da boca de Brenda, que continuou: — Embora não no caso de Sid, é claro — de súbito, seu rosto se iluminou. — Acho que estou ouvindo alguém — cantarolou.

Ela empurrou uma porta dupla que os levou a uma sala ampla, cujo chão

era coberto, quase completamente, por um tapete da cor do feltro de uma mesa de bilhar. Na outra extremidade havia um piano de parede solitário e, encolhido sobre o teclado, um homem com cabelos brancos dos dois lados da cabeça calva, tocando escalas repetidamente.

Fiel à excursão, Brenda disse:

— Esta é a sala que usamos para jogos de bocha, como gostam os cavalheiros que residem aqui, e para danças de quadrilha. E ali, ao piano, está Sid. — Ela sorriu com satisfação, como se justificando que o sistema funcionava, afinal. — Sid, visitas para você!

O olhar do velho permaneceu fixo na mão esquerda, que se movia ao longo do teclado.

— Sid, esses jovens simpáticos vieram bater um papo. — Ela se voltou para Rebecca e Tom, deliberadamente dando as costas a Sid Steiner. — Talvez não seja uma boa hora. Vocês poderiam voltar amanhã? Ou no fim de semana?

Mais uma vez Rebecca usou a voz de médica: — Nós adoraríamos, de verdade. Mas, infelizmente, perdi meu pai esta semana e surgiu algo urgente. Acho que Sid pode ser a única pessoa capaz de nos ajudar.

Brenda segurou a mão de Rebecca.

— Desejo-lhe uma vida longa, querida. E você precisa perguntar algo a Sid? Precisa de informações?

Rebecca assentiu. A boca de Brenda adotou uma forma que sugeria ceticismo à beira do alarme. Ela olhou para Sid e então para a médica: — Vamos ver o que uma xícara de chá pode fazer.

Com a menção do chá, Sid parou abruptamente no meio de uma escala.

Levantou os braços e os repousou no colo. Com gentileza, Brenda segurou seus ombros e virou-o na direção de Rebecca e Tom.

Seu rosto era marcado e venoso, mas ainda era possível reconhecê-lo como o homem que brindara à saúde do clube de pôquer trinta anos antes. As sobrancelhas haviam crescido, como uma cerca viva malcuidada, os lóbulos das orelhas eram longos e cobertos de pelos.

Como Brenda havia lembrado, ele estava com 89 anos. Nos tempos da primeira temporada de caça da DIN, Sid Steiner devia ter 20 e poucos anos: em forma, forte e destemido.

— Olá, Sid — disse Rebecca gentilmente.

Ela apontou para uma coluna de cadeiras empilhadas, das quais Tom

buscou duas. Quando estava com o olhar nivelado com o do velho, continuou:

— Sou Rebecca, filha de Gerald Merton.

— De quem?

— Sou filha de Gerald Merton.

— O que você disse?

— Gershon Matzkin.

— Gershon Matzkin? Você é esposa de Gershon?

— Sou filha dele.

— Gershon é um bom rapaz.

Rebecca baixou o rosto e Tom pôde ver os cantos de seus olhos: lacrimejavam. Era desespero pelo estado lamentável de Sid Steiner ou foi a noção do pai como um rapaz que a deixou assim? Ele não sabia, mas sentiu uma vontade tão grande de tocá-la, consolá-la, que, desta vez, não resistiu. Apertou-lhe os ombros e ela, em agradecimento, tocou sua mão suavemente. Até mesmo aqui e agora ele podia sentir o estalar da eletricidade.

— O senhor se lembra da última vez que o viu?

— Minha mãe não vai gostar que eu converse com uma garota como você. Ela me alertou para não falar com garotas como você. Do outro lado do rio.

Tom percebeu que Rebecca ficava tensa. Ela estendeu um braço e repousou a mão sobre a manga da camisa de Steiner, gesto que expôs como os braços do homem haviam definhado. Com um calafrio, Tom pensou na pele oculta sob aquela manga larga demais, no número roxo tatuado.

— O senhor conseguiria me dizer qualquer coisa que Gershon tenha lhe dito recentemente? Ele chegou a visitá-lo aqui?

— E então, vocês se casaram, no final das contas? Ou ele não quis?

— Quem?

— O que você disse?

Nesse momento, Brenda passou pela porta dupla empurrando-a com as costas, trazendo uma bandeja com chá. Ela deve ter percebido a expressão de Rebecca, pois fez um pequeno gesto de reconhecimento, como que dizendo: era isso o que eu queria dizer. Demência.

— É hora do chá, Sidney.

— Que horas são?

— Hora do chá.

— O que é isso? — ele apontou para a bandeja.

— É uma xícara.

— Eu sei que é uma xícara. O que é aquilo?

— Adivinhe.

O velho franziu a testa e apertou os olhos, como uma caricatura infantil de concentração. Por fim, abriu-os novamente e disse três palavras que fizeram os olhos de Tom arderem:

— Não me lembro.

— É leite, Sidney. É uma jarra de leite.

Rebecca se levantou e disse a Brenda em voz bem baixa, quase inaudível:

— Perdão por tomar seu tempo, senhora Jacobs. Mas não acho que isso vá funcionar. Cometemos um erro, desculpe.

— Do que você precisa que ele se lembre?

Rebecca voltou-se para Tom, com uma pergunta no olhar: o quanto podemos dizer?

— Precisamos que ele se lembre de algo de muito tempo atrás. Talvez cinqüenta ou sessenta anos — disse o advogado, sacando uma resposta do ar.

Brenda sorriu:

— Vocês deveriam ter dito. Venham comigo.

Os quatro passaram por uma porta decorada com vidro jateado, à moda das portas da frente de antigamente. Ao lado, uma placa de bronze dizia: Sala de Lembranças Pomba da Paz.

A sala era dividida em dois espaços. O primeiro tinha piso de madeira e era decorado como um hall de entrada, com um chapeleiro e um aparador amontoado com alguns objetos: um gramofone de corda portátil; um rádio Philips; uma máquina de costura Frister & Rossman e uma pesada caixa registradora preta, cujas teclas marcavam quantias em shillings e pence. Do lado oposto havia uma pequena área de serviço, com uma grande pia redonda, uma tábua de lavar e uma pilha de panelas esmaltadas amassadas.

Sobre o balcão havia uma lata de biscoitos decorada com retratos de George VI, da rainha Elizabeth e das duas princesas, Elizabeth e Margaret. Acima, uma prateleira repleta de produtos que não se viam havia décadas: lustra-móveis Flor Brite Mop, chá Lipton's no 1 e pastilhas Victory Lozenges.

A parte principal da sala ostentava um tapete floral do tipo que Tom não via

desde as visitas aos avós em Wakefield, quando criança. Havia uma lareira, cujas laterais eram decoradas com azulejos de cerâmica bege, e, numa mesinha, um telefone pesado de baquelita preta.

Na parede, um pôster emoldurado mostrava uma camponesa caminhando sobre um prado com um forcado nas mãos: "Venha ajudar na Colheita da Vitória." Uma faixa na parte inferior do pôster dizia: "A sua ajuda é necessária no campo." Sob o quadro, Sid Steiner sentou-se numa grande poltrona.

Aquele era o lugar que os internos com demência visitavam para sessões cujo objetivo era exercitar a memória. Já que, enquanto a memória de curto prazo é a primeira vítima, as experiências do passado distante tendem a ser esquecidas por último; as lembranças de infância permanecem até o fim. Pessoas que não conseguiam encontrar as palavras para "xícara" ou "jarra", que não reconheciam os próprios filhos, podiam ir até aquela sala e, finalmente, se lembrar.

Rebecca se preparou.

— E então, Sid, quando você veio para este país?

Brenda fez um gesto negativo e sussurrou: — Tente evitar perguntas factuais, datas, esse tipo de coisa. Pode ser estressante para eles. Use os objetos na sala, tente fazê-lo falar.

Tom olhou em volta e apanhou um maço de cigarros Park Drive. Deu-o a Rebecca, que o colocou nas mãos de Steiner.

— Você fuma, Sid?

— Todos nós fumamos.

— Gosta de fumar?

— Aquece.

— Já fumou destes cigarros, Sid?

O velho olhou para baixo, examinou o maço e negou.

— Não é fácil conseguir cigarros. Além disso, quando conseguimos, não fumamos. Usamos os cigarros. Você não sabia disso? Não lhe ensinaram nada em Varsóvia?

Rebecca inclinou-se para a frente; foi a frase mais coerente que tinham ouvido até então de Sid Steiner.

— O que você compra com eles? — perguntou ela.

— Qualquer coisa. Entrar, sair, passar por um guarda. Cigarros ou jóias, não

faz diferença.

Nem Tom nem Rebecca sabiam onde ou quando em sua memória Sid havia pousado. Teria sido no gueto em que fora preso, ou talvez no campo de concentração; ou teria sido na zona de ocupação de 1945, cenário da primeira temporada de caça da DIN?

— E quanto a isso? — Pendurado na parede, entre um painel de documentos e fotografias, havia o paletó de um uniforme do exército britânico. Rebecca o entregou a Sid.

— Nada mal. — Ele reconheceu as três listras no braço. — Sargento. Isso pode ser útil. Mas precisamos mesmo das dos PMs. Se você conseguir uma farda deles para mim, podemos usá-la.

Tom pressionou o pulso de Rebecca num sinal de animação: PM era a polícia militar. Isso se encaixava com precisão no testemunho dado a eles por Henry Goldman, de que uniformes de PM eram os mais valiosos para a DIN.

— Usar para quê, Sid?

— Não vou responder isso para você. Se fosse para você saber, já saberia.

Se não sabe, então não deve saber.

Tom sorriu: era uma resposta inteligente.

— Você trabalhou com Gershon na DIN? — perguntou Rebecca.

— Você é algum tipo de espiã? Não respondo a perguntas como essa.

— Estou com Gershon.

— Ele é jovem demais para uma garota como você. É só um menino.

Deve ser 1945. Sid Steiner deve ter se transportado de volta à Alemanha ocupada pelos Aliados, provavelmente na zona britânica. Talvez o uniforme tenha feito isso. Tom procurou outro item, algo que pudesse desencadear uma lembrança útil. Viu, dentro de uma caixa de vidro, uma escova de sapatos e, ao lado, um Livro de precauções em caso de ataque aéreo do Ministério da Guerra. Não serviria; era britânico demais. Correu os olhos pelas paredes e prateleiras, desesperado em busca de qualquer coisa que pudesse produzir uma faísca.

Então, Sid falou por si só:

— Sei como usar aquilo — ele apontava para um dos armários.

Rebecca se levantou, na tentativa de seguir o trajeto do dedo curvado do velho.

— Isso? — ela pegou uma lata de leite em pó distribuída pelo governo.

— Não! Não isso, aquilo! — apontou para a esquerda, o que levava a um rolo de macarrão.

Tom suspirou: justo quando estávamos chegando a algum lugar.

Rebecca voltou a sentar-se, agora com a postura desanimada. Voltavam para a terra dos devaneios.

— Para quê você usava isso, Sid? — perguntou Brenda, tirando o rolo de macarrão do armário e entregando-o a ele.

— Bem, tive de me preparar para ser padeiro, não? Se quiséssemos que o plano funcionasse.

Rebecca inclinou-se para a frente novamente e perguntou: — Que plano, Sid?

— Pergunte a Gershon, ele lhe dirá. Ele também recebeu treinamento.

Nós dois. Como misturar a massa, confeitar bolos. Eu fazia sonhos muito bem, mas os pães eram mais difíceis.

— E isso se deu para que pudessem executar o plano?

— Claro.

— Qual é o nome do plano?

— Plano B.

— B de broa?

— Não. Errado de novo.

— O Plano B funcionou?

— Chegou a sair nos jornais. No New York Times. Nuremberg, abril de 1946. Mas poderíamos ter feito mais.

— Qual era o plano?

— Todos precisam de pão, certo?

- E você fazia pães. Para quem?

- Você pode ser bonita, mas me parece que Gershon escolheu uma garota um pouco lerda, com o perdão da palavra. Para quem você acha que eram?



CAPÍTULO TRINTA E SETE

NUREMBERG, PRIMAVERA DE 1946

Nossa primeira tarefa foi escolher um alvo. Essa decisão não era para mim; eu era apenas um adolescente. Outros, os líderes, tomavam essas decisões. Um deles era o homem que eu conheci no porão no gueto de Kovno, naquela noite das velas. Seu nome era Aron. Os outros dois já estavam mortos em 1946, assassinados na última Aktion, que esvaziou o gueto de uma vez por todas. Eu não tinha certeza disso, não naquela época, mas foi o que presumi. A menos que se ouvisse o contrário, visse ou topasse com eles na rua ou ouvisse um boato, era melhor presumir que este ou aquele indivíduo estava morto. Em 1946, todos estavam mortos.

Mas alguns líderes da resistência sobreviveram e emergiram dos guetos incendiados e das ruínas enfumaçadas das cidades. Foram estes, juntamente com alguns outros vindos dos campos de concentração, os homens que iniciaram a DIN. Eu ainda era adolescente, mas queria que pensassem em mim como um guerreiro, um homem que provara seu valor. Embora fosse muito jovem, de fato me tratavam como um homem: quem sobreviveu ao que nós passamos não era mais uma criança, não importava quão jovem fosse. A infância se fora.

Não era eu quem tomava as decisões, mas eu tinha um bom par de ouvidos, e ouvia. Estávamos num aparelho em Munique e, certa noite, enquanto lavava os pratos depois do jantar, ouvi os comandantes mencionarem um lugar mais do que qualquer outro: Nuremberg.

Eles descobriram que os Aliados haviam criado uma prisão nos arredores da cidade, com o objetivo de deter os nazistas para "interrogatório". E não apenas qualquer nazista, mas os importantes.

— Há 8 mil homens da SS lá — disse Aron. Seus olhos eram escuros e ferozes, os cabelos, espessos e embaraçados; nunca o vi sorrindo uma vez que fosse. — Peixes nada pequenos — continuou. — Estão presos por crimes de guerra graves. Crimes de guerra graves. Estão todos lá: oficiais de alto escalão de campos de concentração, Politischen Abteilungen, Gestapo, Einsatzgruppen, todos.

Era óbvio que ele estava mais animado pela presença dos homens dos "departamentos políticos", Politischen Abteilungen. Entre eles, estariam alguns dos burocratas veteranos que haviam ajudado a organizar a Solução Final. Era assim que os nazistas chamavam o extermínio. Não falavam em assassinato em massa, em matar pessoas por hora, como a produção de uma fábrica. Não, chamavam de Solução Final para o Problema Judeu.

Mas eu não pensava nesses burocratas enquanto lavava os pratos, fingindo não ouvir. Pensava nos Einsatzgruppen, as equipes móveis de extermínio, que iam de um lugar a outro matando, matando e matando.

Foram eles que mataram minhas irmãs no Nono Forte.

Aron fizera algumas sondagens, usando um voluntário da DIN que acabara em Nuremberg. Ele encontrou a fonte de todo o pão consumido na prisão, uma padaria de médio porte nos arredores da cidade. Os líderes falaram um pouco mais, as vozes se tornando cada vez mais baixas e sussurradas, até que ficaram em completo silêncio.

Eu tirava a gordura de uma panela quando me virei e vi que estavam todos olhando para mim, com o mesmo olhar que eu vira três anos antes, no porão no gueto.

Eles me entregaram um endereço e disseram com quem deveria falar na padaria: o supervisor. Descreveram-no como baixo e parrudo, de rosto quase sempre avermelhado. Eu deveria me arrumar, encontrá-lo e contar a minha história.

A descrição foi precisa e o reconheci assim que entrei no local.

Comecei:

— Meu nome é Tadeusz Radomski e preciso aprender como me tornar um padeiro.

Disse que era polonês e tinha um tio em Montreal que era padeiro e estava pronto a me oferecer um emprego.

— Só preciso do visto, mas, para o Canadá, isso leva tempo. Enquanto espero, quero aprender. Meu tio disse que preciso de experiência…

— Sinto muito, não temos vagas aqui — disse o supervisor enquanto limpava a mão cheia de farinha no avental.

— Não me importo em trabalhar de graça — disse eu.

— Não temos vagas.

Então, como havíamos combinado no aparelho, prossegui da seguinte

maneira:

— Meu tio disse que eu deveria mostrar isso ao senhor — disse, e abri minha bolsa de lona.

Assim que o homem espiou o que havia dentro, fez um gesto para que eu o acompanhasse até uma sala nos fundos. Eu mostrara a ele uma garrafa de uísque escocês e duas barras de chocolate. Além dos cigarros, essas mercadorias eram a moeda corrente na zona de ocupação, e o homem sabia o quanto valiam.

— Meu tio disse que o senhor pode ficar com isso agora e que haverá mais quando eu completar um mês de trabalho.

Comecei naquela tarde, sem pagamento.

Assim, passei a aprendiz de padeiro e tive conhecimento de tudo, de misturar e abrir a massa a cobrir e confeitar bolos. Ofereci-me para fazer trabalho extra, como lavar panelas e limpar os fornos. Se o gerente precisasse de um garoto para fazer tarefas do dia a dia, eu o faria também. Falava pouco e trabalhava muito. Queria que não houvesse reclamação alguma contra mim e que o gerente confiasse plenamente em mim, de modo que me deixasse trabalhar em qualquer lugar da padaria. Minha missão era descobrir exatamente como o lugar funcionava, entender cada minúcia: quando o carregamento de farinha era recebido dos americanos, onde era estocado, quando começava cada turno, a que horas os responsáveis saíam e como o local era protegido.

Acima de tudo, eu precisava descobrir como os milhares de pães para o Stalag 13, o centro de detenção para os prisioneiros nazistas, eram assados e quando eram transportados.

Eu fazia o máximo que podia, sem fazer uma única pergunta direta; apenas observava e ouvia. Não conversava com ninguém — até onde eu sabia, cada funcionário daquele lugar era um assassino de judeus —, mas queria que pensassem que a única razão para meu silêncio fosse o fato de eu ser um garoto órfão solitário, trabalhando duro por uma nova vida no estrangeiro. Algo curioso de que só me dou conta agora, ao escrever estas palavras, é que eu não estava fingindo: era realmente um órfão solitário.

Então, certo dia, os caminhões do exército americano chegaram como de costume, pouco antes do amanhecer, para apanhar os pães. Eu trabalhava no turno da noite — como voluntário — e lá estava, em frente à plataforma de carga e descarga, quando ouvi um dos motoristas americanos reclamar que seu parceiro habitual estava de folga, doente: ele precisava de alguém para ajudá-lo a descarregar a entrega. O gerente olhou para mim e, com o dedo indicador,

indicou o caminhão.

— Ele vai.

Assim, fui na cabine, ao lado do americano, tentando não olhar para seu uniforme. Recusei o chiclete oferecido por ele, mas aceitei um cigarro, embora não fumasse: não queria parecer um moleque que não fumava.

Segurei o cigarro entre os lábios, tragando de vez em quando. Olhava pela janela sem dizer nada enquanto passávamos pela Nuremberg devastada. Minha lembrança agora é de uma paisagem que parecia a superfície da lua, interrompida aqui e ali pelos raros prédios que escaparam do bombardeio, assomando sobre os demais como um adulto num jardim de infância.

Quando chegamos ao Stalag 13, recebidos pelos guardas americanos no portão, senti arrepios na nuca. Eu sabia que aquele lugar fora um campo de concentração. Era cercado por arame farpado e repleto de fileiras e mais fileiras de construções de madeira: alojamentos que outrora abrigaram os judeus que trabalhavam como escravos e eram conduzidos à morte agora estavam ocupados pelos homens que os torturaram e assassinaram. Tive de cerrar os punhos para me manter focado e parar de tremer.

— OK, aqui vamos nós — disse o motorista em inglês ao estacionar e descer da cabine.

Por meio de gestos e sinais, disseme para começar a descarregar os carrinhos, cada um com uma pilha de 12 bandejas, cada bandeja com duas dúzias de pães. Tínhamos estacionado diante das cozinhas da prisão, e levei bastante tempo para descarregar: estimei que, somados aos outros caminhões, entregamos cerca de 9 mil pães, todos pães pretos.

— E quanto ao pão branco? — perguntei em alemão.

O motorista fez um sinal de negação, com uma expressão de dúvida: não havia compreendido. De algum modo, com gestos e um misto de alemão e inglês, consegui passar a pergunta adiante. Por fim, ele assentiu e apontou para longe dali, para um caminhão que estava sendo descarregado na outra ponta da prisão. Então o procedimento era o seguinte: 9 mil pães pretos para os prisioneiros nazistas, entregues em vários caminhões, incluindo aquele em que eu estava, à cozinha dos presos. Depois, outro caminhão, carregando mil pães brancos, era descarregado numa outra cozinha para os soldados americanos. O

motorista apontou para os pães pretos e fez uma expressão de desgosto.

Em seguida, apontou na direção da entrega dos pães brancos e deu tapinhas

na barriga. Queria me dizer que os americanos não supor-tavam o pão preto, fibroso e pesado; exigiam pão branco, como o que consumiam nos Estados Unidos.

Tive de me esforçar muito para esconder meu sorriso enquanto dirigíamos de volta à padaria e, depois disso, caminhei para casa. Só quando cheguei ao apartamento que tínhamos alugado em Nuremberg, um novo aparelho, pude berrar de alegria.

— Isso vai ser fácil, vai ser muito fácil — disse.

Naquela noite, transmiti orgulhoso a minha descoberta aos comandantes. Tínhamos apenas de nos concentrar nos pães pretos; o que quer que fizéssemos com eles não afetaria os americanos. Seria a operação mais simples da DIN, e também a maior.

Mas então Rosa trouxe más notícias. Todos tínhamos de arrumar empregos. Meu amigo Sid Steiner — cujo primeiro nome era Solomon — também foi aprendiz de padeiro em Munique, pois esperávamos poder repetir lá a operação de Nuremberg, talvez até na mesma noite. O trabalho de Rosa não era menos importante. Ela recebeu ordens para encontrar um namorado. Não qualquer namorado, mas um americano.

Muitas mulheres na Alemanha ocupada estavam fazendo o mesmo.

Algumas eram alemãs, outras eram polonesas, tchecas ou húngaras, mulheres que haviam chegado a Berlim ou Nuremberg do mesmo modo que lascas de madeira flutuantes chegavam às praias. Engraçavam-se com qualquer homem vestido numa farda americana, um homem que poderia oferecer atenção, além de café, cigarros e carne enlatada.

Estavam desesperadas e não se faziam de rogadas. A tarefa de Rosa era fingir ser uma delas. Eu não fazia idéia da nacionalidade que ela adotara.

Mas ela não parecia tão judia — a não ser pelos olhos mortos, mortificados por tudo que haviam visto, algo óbvio para qualquer um que os visse. Por sorte, aqueles homens não olhavam tão atentamente.

Ninguém jamais se importou em perguntar se ela se incomodava ou não em ser usada dessa maneira; era simplesmente seu dever. A ordem fora dada e, como combatente, partidária e, agora, soldada da DIN, ela obedeceria. Tampouco perguntaram a mim, embora, àquela altura, Rosa e eu estivéssemos juntos. Talvez ninguém soubesse; talvez imaginassem que eu fosse jovem demais para essas coisas.

Assim, Rosa se insinuou para o soldado raso americano responsável pelo refeitório dos guardas no Stalag 13. Ela dormiu com ele? Na época, disse a mim mesmo que não, mas hoje vejo algo diferente: imagino-o em cima dela, penetrando o corpo dela sem notar seus olhos imóveis e vítreos.

De qualquer modo, esse sargento fazia piadas sobre alguns de seus oficiais, sujeitos de Boston ou da Nova Inglaterra preocupados com a saúde.

"Você não vai acreditar, mas eles se recusam a comer o pão branco americano. Querem aquele negócio preto que os chucrutes comem! São uns loucos", era o que ele dizia. Assim, a cada manhã, ele tinha de providenciar que cem pães da leva dos nazistas fossem separados do resto e entregues na cozinha dos americanos.

Recebi a notícia como se fosse um desastre. Se fizéssemos algo com o pão preto, atingiríamos alguns americanos, e eles não deixariam que tal ataque passasse impune. Viriam em nosso encalço.

Havia mais complicações. No que imaginei ser um momento de conversa de travesseiro corriqueira, o namorado de Rosa explicou que tivera um dia difícil. Ele não apenas tivera de cuidar de suas tarefas como também realizar uma inspeção minuciosa na cozinha dos prisioneiros. Isso deveria ser feito pelo menos uma vez por semana: checar os equipamentos, certificar-se de que nenhuma faca havia sido roubada e, o mais importante, garantir que os suprimentos de comida não estavam sendo usados para algum tipo de tráfico. Sabia-se que prisioneiros escondiam armas e até mesmo tabletes de cianeto dentro de pães ou sacos de açúcar. Tudo que entrava naquela cozinha tinha de ser inspecionado, não todos os dias, mas com freqüência. Era uma chatice; acrescentava horas de trabalho ao dia do soldado. Rosa provavelmente acariciou o cabelo do homem em sinal de simpatia, guardando em silêncio o que diria aos líderes da DIN quando voltasse ao apartamento: que não havia garantia de que o pão adulterado não seria provado, examinado e, muito provavelmente, descoberto.

Rosa e eu agimos conforme nos foi ordenado: descobrimos cada detalhe do processo e os relatamos aos comandantes. Pediram que eu conseguisse uma planta fiel da padaria, com todas as medidas, tão detalhada quanto o projeto de um arquiteto. E, é claro, tive de trazer vários pães, pretos e brancos, para que pudessem ser estudados.

Dois meses depois, fomos convocados para outra reunião. Desta vez, porém, estava presente um homem que eu não conhecia. Lembro-me dele como

um sujeito elegante e mais velho, vindo de Paris — mas talvez isso seja apenas como ele parecia a meus olhos, olhos de um garoto de 15 anos que sabia tudo e nada do mundo. Esse homem nunca foi apresentado pelo nome, mas era tratado pelos comandantes como um especialista. Eles o respeitavam. O fato é que ele tinha bom trânsito no mercado negro — e fizera contato com um químico.

Aron pediu a esse homem que nos dissesse o que sabia.

— Camaradas, a questão decisiva é como introduziremos o veneno no pão — começou ele, num sotaque que parecia apenas meio francês.

Veneno. Foi a primeira vez que a palavra foi murmurada. Preferíamos um código: remédio. "Se vamos tratar uma doença, precisamos de remédio", dizia Aron. Evitávamos dizer "veneno" em voz alta. Por quê?

Temíamos que revelasse nosso segredo? Que poderia minar nossa missão, trazer má sorte de alguma forma? Não estaríamos muito dispostos a admitir, para nós mesmos, o que estávamos prestes a fazer?

Tudo isso era verdade.

Mas agora ele dissera, e isso nos deu uma estranha confiança. Aquele homem, aquele adulto, tornaria nosso sonho louco realidade. Ele prosseguiu:

— Bem, o método óbvio seria fazer do veneno um ingrediente a ser misturado na massa do pão preto. Isso seria simples. Infelizmente, é impossível. Sabemos que cem desses pães vão, na verdade, para os americanos. Se esses americanos morressem, seria um desastre! Logo, precisamos de outro método, não?

Aron estava inquieto na cadeira.

O francês abriu uma grande mala surrada de couro marrom, como a de um médico, e, num gesto bem afetado, apresentou uma brocha.

— Vocês já viram este utensílio ser usado por um pintor de paredes, não?

— ele sorriu.

— Qual é a idéia? — perguntou Aron, cuja paciência diminuía.

— Pintar o veneno em cada pão.

— Pintar? Com isso?

— Tenho certeza de que o rapaz sabe tudo sobre isso — ele disse, e fez um gesto na minha direção. — Os confeiteiros chamam de pincelar, se não me engano.

Ele pegou um pão preto da mesa, colocado ali por mim justamente para esse

propósito.

— Primeiro, mergulha-se o pincel no líquido… É claro que, agora, usaremos apenas vinagre. Uma pincelada aqui, outra ali e pronto: Voilà!

Fez-se silêncio enquanto o semifrancês se sentava, tendo terminado a demonstração. Nosso chefe tinha uma expressão desconfiada. Nenhum de nós queria falar antes dele. Ele pegou o pão, examinou-o e colocou de volta na mesa.

— E isso é suficiente?

— Sim, é.

— Tem certeza de que o veneno não terá gosto?

— Gosto nenhum.

— Nem cor?

— Cor nenhuma. É uma mistura de arsênico, inodora e incolor. Eu mesmo a vi.

Estava nervoso quanto a dizer qualquer coisa, mas, como único padeiro no recinto, senti que tinha certa autoridade: — A parte de cima da casca não ficará úmida? O homem de Paris arregalou os olhos e sorriu.

— Nosso jovem amigo fez uma boa pergunta! Esse, para mim, é o maior de nossos problemas.

Aron se alarmou.

— Quer dizer que ele está certo? O pão ficará úmido?

— Por um tempo. Mas não muito tempo. Acho que estará seco depois de cerca de uma hora.

— Acha?

— Se houver certa umidade, será tão pouca que ninguém estranhará.

Lembre-se, não é o hotel Ritz. O que os nazistas vão fazer? Pedir ao garçom que troque o pão?

Aron ignorou a piada e voltou-se para Rosa: — A que horas começam a tomar o café da manhã?

— Às 6h15.

E então para mim:

— E os pães são pegos às 5 horas?

— Sim. Mas a maior parte já está assada às 3 horas. Aron virou-se para o homem não-tão-francês:

— E esse método funciona?

— Há um gato morto em Paris que diz que funciona muito bem.

Aguardamos enquanto Aron apanhava o pão da mesa mais uma vez.

Colocou-o de volta no lugar e coçou o queixo. Por fim, deu seu veredicto, observando cada um de nós com o olhar firme.

— Entraremos em ação na primeira noite de lua cheia.

Acabamos não escolhendo a primeira noite de lua cheia. Esperamos por um sábado, por causa da maneira como decidimos colocar a operação em prática.

Foi idéia do francês. Chamo-o assim porque nunca descobri seu nome.

Rosa disse que ele era comunista, ou pelo menos havia sido, e que fizera parte da resistência em Cracóvia. Acabou chegando a Paris, lugar onde era possível conseguir qualquer coisa: carros, documentos falsos, seringas, veneno. Por que ele estava na DIN, que amargura trazia dentro de si, isso eu não sabia. Mas ele ocultava bem, com o sotaque semifrancês e as afetações. Não eram muitos os homens na DIN que sorriam tanto quanto ele.

Depois que Aron disse que a operação podia ter seguimento, iniciou-se uma nova discussão: como? Quando os comandantes primeiro elaboraram o plano, presumiram que seria uma tarefa simples: eu levaria veneno escondido até a padaria e, quando ninguém estivesse vendo, despejaria no tonei de farinha, misturaria e, pronto, estava feito.

Mas pincelar veneno em 9 mil pães era uma tarefa homérica, mesmo para várias pessoas trabalhando ao mesmo tempo.

Pela centésima vez, fui chamado para explicar o processo, apontando para minha planta da padaria conforme fazia a descrição.

— Assim que o pão sai do forno, é colocado numa série de carrinhos, aqui. Depois, são levados até a sala de secagem, aqui. Esta é a porta que dá para a área de carga e descarga. Pouco antes das 5 horas, os carrinhos são levados para fora, para que os americanos os carreguem.

Aron agora me questionava da maneira como questionara o francês.

— Quando o pão já está na sala de secagem, ela fica vazia?

— Não por muito tempo. Pessoas entram e saem constantemente.

— Mesmo às 4 da manhã?

— Sim.

Ele assentiu.

— E não há como alguém ser discreto trabalhando com aquilo — disse, apontando para a brocha tamanho família, ainda sobre a mesa. — Seria preciso ficar lá sem interrupções por horas! Maldição! — ele esmurrou a mesa.

O francês se dirigiu a mim:

— Quantos funcionários estão lá a essa hora da madrugada?

— Cerca de dez, normalmente.

— Normalmente? E o que não é normalmente?

— Aos sábados à noite, quando o trabalho já está quase terminado, antes das 3 da manhã, cerca de metade dos funcionários vai embora. Para beber.

— E quantos ficam na padaria? Talvez cinco, contando com você?

Concordei.

— Nesse caso, acho que tenho um plano.

Os preparativos levaram semanas. Depois da reunião no apartamento, o francês retornou a Paris para se encontrar com o químico: haviam calculado a quantidade de mistura de arsênico necessária para 9 mil pães e demoraram algum tempo para prepará-la. Uma vez pronta, o francês enviou um emissário, outro voluntário da DIN, para transportar pessoalmente o líquido de Paris a Nuremberg. "Não há outra maneira", ele disse.

Quando o emissário apareceu em nosso apartamento, vestia uma farda americana sob um sobretudo pesado. Rosa atendeu a porta, mas me lembro de me perguntar como um homem que sobrevivera ao que tínhamos sobrevivido, um soldado da DIN, poderia ser tão gordo. Ele não era apenas alto, era imenso. Porém, logo que a porta se fechou, entendi. Ele abriu o sobretudo e o paletó e revelou pelo menos 12 bolsas de água quente de borracha atadas ao corpo. Antes que tivesse a chance de dizer qualquer coisa, ele olhou em volta e desmaiou no chão: não conseguia mais suportar todo aquele peso.

Naquela noite, Rosa e eu transferimos a mistura para recipientes menores. Usamos o que conseguimos encontrar: vidros de remédio eram os melhores, contanto que coubessem em minha bolsa. Todos os dias, eu levava um ou dois até a padaria e, quando ficava sozinho na sala de secagem, os escondia sob o assoalho. Mantive um mapa mental da sala, de modo a memorizar cada tábua para poder saber exatamente quais levantar nos poucos minutos que teríamos para preparar a mistura.

No sábado 13 de abril de 1946, estava ansioso como jamais estivera antes. Não me pergunte por quê. Talvez tenha sido porque, no passado, eu fingira ser

isso ou aquilo por apenas alguns minutos, o suficiente para despistar um guarda ou embarcar num trem. Agora, eu já era Tadeusz, o garoto padeiro polonês, havia vários meses. Era parte da equipe da padaria. Não há como trabalhar lado a lado com pessoas a cada dia, a cada semana, e permanecer um completo estranho. Às vezes, uma das mulheres, de touca no cabelo e luvas, acariciava meu cabelo, como se eu fosse amigo de um de seus filhos. A primeira vez que isso aconteceu, tive de correr para fora. Estava ofegante, como se tivesse sido estrangulado (mais tarde, disse que tinha tido um ataque de tosse).

Agora, mais velho, compreendo o que não compreendia naquela época.

Talvez tenha sido necessário me tornar pai para entender o que aquele garoto de 15 anos sentiu naquele dia, um garoto que não sentia o toque amoroso de uma mãe havia tanto tempo que a mínima alusão a isso era o suficiente para deixá-lo desnorteado. Li certa vez sobre um prisioneiro que ficou tanto tempo na cadeia que, quando foi solto, estava alérgico ao ar puro. Talvez isso tenha acontecido comigo em relação ao amor maternal.

Naquela noite, estavam prestes a descobrir a verdade sobre mim e acredito que foi isso o que me deixou assustado. Tive de me concentrar para lembrar do verdadeiro objetivo daquela operação, lembrar dos homens no Stalag 13, pensar nos Einsatzgruppen. Depois que fiz isso, consegui que meu coração ficasse duro como pedra.

Conferi o relógio. Trabalhava desde as 17 horas daquela tarde e o tempo tinha se arrastado. Aguardava desesperado que desse 3 da manhã. Fazia meu trabalho, mas não podia ser distraído. Perguntava a mim mesmo, insistente, se teríamos mistura o suficiente, tempo o suficiente, se aquele plano maluco funcionaria. Cheguei até mesmo a começar a me questionar quanto ao francês. O que sabíamos sobre ele? Será que tudo aquilo não se tratava de uma grande armadilha?

Faltando sete minutos para as 3 horas, ouvi as palavras pelas quais estava esperando, proferidas pelo próprio gerente.

— Vamos, a cerveja nos espera!

Ele e outros sete funcionários tiraram os macacões, penduraram-nos e partiram, como de costume, para a taverna no fim da rua. Despediram-se de mim e dos outros "bobos" que ficaram por lá.

Conferi o relógio outra vez. Dali a exatos seis minutos, eu faria o que havíamos planejado. Por enquanto, tinha que me manter alerta.

Eu sabia o que estava acontecendo do lado de fora. Quando recebesse o

sinal — eles se foram! — de Manik, que estava de vigia do outro lado da rua, Rosa viria na direção oposta, usando um vestido curto, preto e vermelho; só Deus sabe onde ela o arranjou. Também lhe deram dinheiro para comprar batom vermelho. As instruções eram para que parecesse atraente e disponível — pelo preço certo.

Posso imaginá-la caminhando de salto alto até o portão e esperando que o guarda noturno surgisse, como eu disse que aconteceria. Ela só teria alguns instantes para encenar seu papel. Não era loira como aqueles alemães gostavam, mas era bela e seu corpo, pelo menos, era jovem.

Posso imaginar o guarda destrancando o portão e saindo para conferir devidamente os atributos de Rosa. Ela provavelmente o teria deixado apalpá-la um pouco, apenas para fechar o negócio, e, enquanto ele a tocava e apertava, ela teria se aproximado mais, mais íntima, até que estivesse perto o bastante para só ter de empurrar a faca alguns centímetros para acertá-lo no coração.

Então, Manik correria de seu esconderijo do outro lado da rua, com sapatos de solado de borracha, silenciosos, para ajudar Rosa a tirar o morto dali. Eles então fariam sinal para o caminhão estacionado ali perto. O veículo pertencia ao exército britânico e fora conseguido por um simpatizante da Brigada Judaica por intermédio de documentos falsos. Com os faróis apagados, cruzaria o portão, que em seguida seria fechado por Manik.

Foi então que me dirigi à sala de secagem e, de lá, à área externa de carga. Quando eu estivesse lá, mantendo a porta aberta, todos já teriam saído do caminhão, cinco, com os rostos enegrecidos com graxa. Com Manik e Rosa, eram sete, todos armados.

Guiei-os pela sala de secagem até que estivessem todos acomodados em torno da outra porta, que dava para a padaria propriamente dita. Em silêncio, Aron contou os presentes e então, um, dois, três — entraram com tudo, gritando "Achtung!" e apontando as armas para a meia dúzia de padeiros, meus colegas de trabalho, que encontraram lá dentro.

Não entrei, mas observei pelo vidro da porta. Os padeiros não ofereceram resistência. Estavam apenas sentados ali jogando cartas ou matando o tempo: não estavam na posição de lutar contra uma quadrilha de homens armados. Todos levantaram os braços, um grupo de alemães se rendendo a um grupo de judeus. Teria sido um momento maravilhoso, mas acontecera com pelo menos três anos de atraso.

Três integrantes do grupo começaram a amordaçar e amarrar os padeiros

pelos pulsos e calcanhares e, por fim, prenderam cada um deles a uma pilastra ou pé de mesa.

Vi nosso líder olhar em volta, procurando por mim. Ele precisava que eu lhe mostrasse onde estavam os suprimentos — açúcar, fermento e farinha. Entrei, pronto para indicar o estoque. Tentei com todas as forças evitar olhar nos olhos dos homens amarrados a minha volta, mas não consegui. Olhei em cada par de olhos, a maioria deles perplexos ou ardendo em fúria. Então o garoto polonês nos traiu. Não podiam dizer nada, mas não precisavam.

Aron e outro membro do grupo começaram a esvaziar o estoque, alternando-se em viagens dali até o lado de fora, onde carregavam o caminhão. Fizeram isso com calma, certificando-se de que a empreitada durasse o quanto fosse necessário.

Voltei para a sala de secagem. Já que os padeiros estavam todos presos, comecei a levantar as tábuas que havia memorizado, para pegar os vidros de veneno escondidos. Mais cedo naquele dia eu trouxera um conjunto de tigelas de metal, as maiores que encontrei. Rosa e eu começamos a enchê-las o mais rápido que conseguíamos. O francês estava certo: o fluido era incolor e inodoro.

Os outros quatro de nosso grupo abriram suas bolsas e sacaram as brochas. O primeiro mergulhou as cerdas numa das tigelas cheias, para que absorvesse o líquido. Olhou para mim, esperando instruções.

Apontei um carrinho, indiquei a fileira de cima e ele, metodicamente, começou a pincelar o veneno, pão a pão.

Logo havíamos desenvolvido um bom ritmo, uma verdadeira linha de produção, enquanto Rosa e eu garantíamos que houvesse pelo menos cinco tigelas cheias de veneno à disposição, recorrendo a toda hora aos esconderijos sob o assoalho para mais suprimentos.

A cada dez minutos mais ou menos, Aron passava pela sala de secagem, mas não podia parar por muito tempo: tinha de manter o fluxo do carregamento do caminhão com sacos de açúcar e farinha. Não podia deixar que os padeiros, amordaçados e amarrados dentro da padaria, soubessem que alguma coisa estava acontecendo na sala ao lado. Por isso, trabalhamos em silêncio, no máximo sussurrando em algumas ocasiões.

O dia em si tinha se arrastado, mas aquelas duas horas — menos até, a contar do momento em que de fato começamos — voaram. Suamos a camisa o tempo todo, cada um de nós possuído pelo mesmo desejo ardente: envenenar o máximo possível daqueles pães. Contei as bandejas que estavam prontas e

estimei que cerca de 3 mil pães já estavam pincelados com arsênico.

Aron então se juntou a nós e apontou para o relógio. Eram 4h45; os caminhões americanos chegariam em 15 minutos. Ele insistiu em que guardássemos as coisas. Comecei a colocar os vidros de veneno não utilizados de volta nos esconderijos sob o assoalho. É claro que acabariam sendo encontrados, mas até lá, com sorte, já seria tarde demais.

Escondi o último vidro e machuquei a mão na farpa de uma tábua que tentava recolocar. Começou a sangrar. Embora pressionasse a tábua para baixo cada vez com mais força, ela não voltava ao lugar, e agora uma poça de sangue estava se formando.

— Vamos! — disse Aron, num sussurro baixo, olhando fixamente para mim.

Faltavam três minutos. Os caminhões poderiam chegar a qualquer momento. Mas eu não podia ir embora, não enquanto sangue e uma tábua mal encaixada estivessem ali para ser vistos e denunciado o veneno escondido abaixo. Se eu pelo menos retirasse o vidro dali, mesmo se procurassem os americanos não encontrariam nada.

Presumiriam que era apenas um estrago causado pelos invasores enquanto faziam seu serviço.

Olhei em volta. Todos já haviam saído. Rosa e o resto da equipe de envenenamento já estavam fora, dentro do caminhão na plataforma de carga, esperando para partir. Apenas Aron ficara, agora crescendo para mim. Eu estava ajoelhado, tentando reaver o vidro escondido. Ele me olhou como se estivesse prestes a me dar um chute na cabeça, me nocautear e arrastar até o caminhão.

Porém, quando viu o sangue e a tábua teimosa, compreendeu.

Empurrou-me dali e, num só pulo, lançou todo o seu peso sobre o pedaço de madeira irregular — que, ainda assim, não entrou. Agora tínhamos menos de dois minutos.

Aron se afastou e fez um gesto para que eu tirasse o vidro dali. Depois que o fiz, empurrou um dos carrinhos e o posicionou sobre a tábua e a mancha de sangue. Não havia mais nada que pudesse fazer.

Em seguida rumou para o caminhão. Eu estava logo atrás, já do lado de fora, na área de carga, quando vi algo esquecido sobre um dos balcões de aço, perto demais dos pães para não parecer suspeito. Uma trincha enorme, grande e grosseira demais para ser usada para pincelar pães. Na pressa para enxaguar e

esconder as tigelas já limpas do arsênico, além de encher as bolsas com os vidros vazios, alguém esquecera a maior e mais óbvia prova. Corri e a agarrei; quando me virei de volta, vi nosso líder, agora agachado junto aos outros na carroceria, apontando a pistola para mim.

Percebi que se tivesse demorado um segundo a mais ele teria atirado em mim pelas costas. Qualquer atraso a mais causado por mim teria tido um preço simplesmente muito alto: seria melhor me matar e me largar ali. Isso não pareceria suspeito. Um aprendiz morto durante um assalto a mão armada a uma padaria. Essa era, afinal, nossa história de fachada.

Os americanos desamarrariam os funcionários e tirariam conclusões óbvias. Ladrões armados roubaram os sacos de farinha e açúcar e grandes quantidades de fermento que sabiam haver ali dentro, encheram um caminhão com a carga e partiram pouco antes da chegada dos soldados, ao amanhecer. Não seria uma grande surpresa. Alimentos e suprimentos alimentares valiam um bom preço no mercado negro alemão em 1946. Os funcionários, buscando o ar ofegantes e esfregando os pulsos, contariam tudo a eles. "Fomos traídos! Aquele bastardinho polonês os deixou entrar", diria o gerente.

Os demais explicariam como os ladrões procederam com calma, levando tudo o que havia de valor ali. Os americanos os tranqüilizariam, lamentariam a perda de suprimentos tão caros e, talvez, chamariam policiais militares para uma investigação. Mas não se desviariam da tarefa matinal. Havia milhares de homens a serem alimentados no Stalag 13, e — sim, veja só —, por sorte, os intrusos chegaram depois das fornadas. Os pães estão todos aqui, empilhados e prontos para o carregamento: pelo menos isso não roubaram. Bem, lamentamos, cavalheiros, mas temos de ir.

Era, de qualquer forma, o plano imaginado pelo francês, pressionado, puxado, estendido e enrolado semanas a fio, muito mais do que qualquer pão que fiz naquela padaria. Aron atacou o plano por todos os ângulos, pensava em novas objeções a cada dia. Mas, depois de ter pensado em soluções para tudo — Rosa para o vigia noturno, Manik para o cadáver —, decidiu que aquela era a única maneira.

Cometeríamos um crime corriqueiro — pelo menos no caos da Alemanha pós-guerra — no intuito de cometer um crime muito maior e mais nobre. Que não era, claro, um crime de fato.

O caminhão rumou para o sul, onde Manik encontrou um local deserto para escondê-lo. Estaríamos bem contanto que ninguém encontrasse o veículo,

ou o relacionasse com o assalto em Nuremberg, até que fosse tarde demais. Seria um mistério o porquê de ladrões do mercado negro terem simplesmente abandonado um carregamento tão precioso, mas era um mistério com o qual poderíamos conviver. Além disso, esse pequeno quebra-cabeça seria o disfarce perfeito, uma pista falsa que atrasaria quem quer que estivesse atrás de nós.

Os outros desceram a alguns quilômetros da padaria e esperaram à beira da estrada: àquela altura a cidade já estava acordando, os homens caminhavam para os turnos da manhã e, em pouco tempo, alguns táxis passaram. Entramos, e Aron deu ao taxista um punhado de notas, dizendo que nos deixasse na fronteira com a Tchecoslováquia.

Apenas Rosa ficou para trás, para fazer um último trabalho. Mais uma vez ela teve de atuar, mas agora não seria como uma oferecida ou uma prostituta. Em vez disso, teria de simplesmente perambular pelas ruas residenciais tranqüilas que circundavam o Stalag 13, casas alugadas pelas esposas dos nazistas que aguardavam julgamento. Ela fingiria ser uma dessas esposas ao parar e perguntar a outras mulheres se eram verdadeiros os boatos de que muitos dos prisioneiros haviam adoecido de repente. Algumas dessas fiéis damas do Reich choravam com ela, enquanto diziam que sim, estava certa: o hospital estava cheio daqueles bravos homens. Os médicos não conseguiam lidar com todos os pacientes, entravam mais homens do que era possível tratar, todos derrubados de súbito pela mesma praga terrível. "O que é?", perguntaria Rosa. Um total mistério. Intoxicação alimentar, disseram os americanos, mas quem sabia se era possível confiar neles? Apesar disso, não havia dúvida de que era algo sério.

— Não quero alarmá-la, querida, mas alguns homens parecem estar à beira da morte.

Rosa nos contou tudo isso, além das migalhas de informação que conseguiu levantar. Ela terminara o namoro com o sargento algumas semanas antes. Eu gostava de pensar que isso aconteceu porque já tirara dele todas as informações de que precisávamos e fugiu dele assim que pôde. Mas acredito que a ordem partiu de Aron: se ainda estivessem juntos, o americano poderia suspeitar de algo.

E, por fim, vieram as versões oficiais, publicadas nos jornais e assim por diante. Não acreditamos em tudo o que estava escrito: sabíamos que havia censura e suspeitamos de que os americanos tentariam encobrir o que acontecera. Se não haviam sido capazes de proteger os homens que mantinham presos, a situação não pareceria muito boa.

Mas os relatos, incluindo o de Rosa, não deixavam dúvida. Os pães envenenados haviam chegado a seu destino e milhares de nazistas os comeram. Quantos morreram? Nunca soubemos ao certo. Podem ter sido trezentos ou setecentos. Podem ter sido mil, ou até mesmo vários milhares. Aron disse que o número exato não importava. O que importava era que os nazistas presos em Nuremberg teriam compreendido e, por fim, o mundo também teria entendido que os judeus não aceitaram seu destino, eles voltaram para exigir vingança.

Que a história do Stalag 13 permaneceria viva e que ninguém poderia voltar a dizer que havíamos sido ovelhas levadas ao matadouro.

Tentei aceitar o que Aron disse, mas não consigo mentir. Eu queria saber, e nunca deixei de querer, mesmo muitos anos depois, exatamente quantos nazistas comeram o pão que ajudei a assar, o pão que ajudei a envenenar, quantos comeram e morreram por isso. Queria saber se as mortes foram dolorosas. Acima de tudo, queria saber se, entre os milhares ou centenas ou mesmo dezenas de mortos, estava o homem que matou minha Hannah, minha Leah e minha Rivvy, minhas irmãs.



CAPÍTULO TRINTA E OITO

A única coisa que Jay Sherrill desejava era se sentar. As informações do agente Marcus Mack, do Departamento de Inteligência da polícia de Nova York, chegavam rápido demais para serem absorvidas, ou pelo menos rápidas demais para serem absorvidas naquele contexto, caminhando numa rua movimentada de Manhattan no final da tarde, esbarrando em pessoas fazendo compras, transeuntes e vendedores ambulantes e fingindo falar ao celular, incapaz até mesmo de olhar o interlocutor nos olhos. Não era daquele jeito que o detetive Sherrill gostava de trabalhar.

— Quando você diz desde o começo, quer dizer desde o começo mesmo?

— Hum, hum. Pelo que me lembro, fui o primeiro agente a ser colocado no caso. Naquela manhã, pelo menos. É óbvio que ele já estava sendo acompanhado por uma equipe de vigilância desde a noite anterior.

— Quando se encontrou com o russo?

— Exato.

— Juntaram isso à localização dele…

— Perto da ONU.

— …e, com base nisso, ele se tornou um suspeito. Suspeito de terrorismo.

— E é por isso que eu estava na cola dele.

— E você diz que havia outro homem, outro agente?

— Pelo menos mais um.

— Como assim, “pelo menos”?

— Bem, sei com certeza de outro cara, porque o vi quando chegamos à sede da ONU. Vimos um ao outro e tivemos a mesma reação.

— Mas?

— Mas, quando perguntei ao responsável se havia reforços, ele respondeu “há uma equipe”. Agora, ele poderia estar me enrolando; não era impossível que fizessem isso.

Por um milissegundo, Mack olhou de relance para Sherrill, à sua esquerda, e retomou o olhar para a frente enquanto continuava a andar.

— Sabe o que quero dizer, detetive? Quando dizem "há uma equipe", querem dizer que somos só eu e você; nós somos a equipe. Então, pode muito bem ter sido só eu e esse outro cara, o que vi quando cheguei lá.

— Você falou com esse outro agente?

— Sim e não.

— O que isso quer dizer? Ah, sinto muito, desculpe. — Uma mulher, que segurava um cappuccino para viagem e também falava ao celular, trombara em Sherrill, e ele, naturalmente, se desculpou.

— Quer dizer que não tivemos uma conversa propriamente dita, mas falamos.

— Entre si? Com alguém mais? Quem?

— Não, dissemos algo ao mesmo tempo. Foi quando me dei conta. Olhe, voltemos um pouco. Lembra-se de quando disse que, quando cheguei à ONU, não poderia mais seguir o sujeito, porque ele havia entrado em outra jurisdição? Ele estava em território da ONU, então eu tive de puxar o freio?

Sherrill assentiu.

— Certo. Então, vi o que aconteceu. Vi o suspeito ir até o centro do pátio, meio que dar uma olhada em volta, e então vi o guarda da ONU

sacar a arma. Nesse exato momento, o suspeito se virou na minha direção. E foi aí que vi o que não tinha visto enquanto estava na cola dele.

— Você viu o rosto dele.

— Exato. Vi o rosto dele. E, naquele instante, me dei conta do erro que tínhamos cometido. Quer dizer, o cara era velho, bem velho. Não tinha como ser um terrorista. Era um idoso. E sei o que aconteceu lá. O guarda tinha recebido um alerta e a descrição do suspeito, e esse senhor correspondia perfeitamente. Chapéu preto, casaco preto. Tudo batia. E ele acabava de receber nosso aviso, meu aviso, de que o suspeito estava prestes a entrar em território da ONU, então sacou a arma. Pensou consigo mesmo: temos aqui Muhammad Atta, tenho de dar um jeito nele.

— Então você tentou impedi-lo?

— Tentei impedi-lo de atirar. Queria gritar que era o cara errado! Agora que tinha visto aquele rosto, sabia que era o cara errado. Mas não houve tempo. A única palavra que saiu foi "não!".

— E, ao mesmo tempo, o outro agente fez exatamente a mesma coisa.

— Pois é. A mesma palavra, no mesmo momento. E foi assim que soube que

o outro cara, que estava a uns 4,5 metros de mim, também era um policial, um agente. Porque ele percebeu o que estava acontecendo, exatamente como eu.

Jay cerrou os dentes. Lembrava-se do depoimento de Felipe Tavares, dois dias atrás. Por que ele puxara o gatilho? "Por causa dos rostos daqueles homens. A forma como pareciam chocados, e o negro gritando 'não!', como se estivesse desesperado."

— O negro que ele viu era você — murmurou Sherrill.

— O que disse?

— Nada.

Sherrill estava compreendendo tudo: Tavares só ligara os pontos depois, quando já era tarde demais, depois que a bala já perfurava o peito de Gerald Merton. Só então ele entendeu que o negro e o branco perto dele não estavam tentando impedir um homem-bomba, mas que ele, Felipe Tavares, atirasse em um inocente.

— Você conversou com o outro agente?

— Não. Meio que nos olhamos, como se tivéssemos compreendido.

Então fizemos o que mandam as regras nesse tipo de situação.

— Que é?

— Cair fora. Em direções opostas. Não é desejável travar contato, não se estivermos infiltrados. Isso pode comprometer a situação dos dois.

Sherrill lembrou-se da última pergunta que fez a Tavares, quando o segurança disse que os dois homens haviam desaparecido.

— Está bem — ele disse, incerto do que faria em seguida. — E você vem pensando nisso desde então?

— Pode-se dizer que sim. Eu que avisei que o "suspeito" estava se aproximando da ONU. E eu assustei o guarda ao gritar "não!" Foram essas coisas que o fizeram pensar que estava lidando com um homem-bomba.

— Então você se sente culpado.

— Eu prefiro a palavra responsável. Fui responsável por isso. E não só eu. É isso que você tem que entender. Eu só estava na cola do cara porque a inteligência o ligou ao russo e àquela história toda. Então, não sou o único responsável aqui, entende o que estou dizendo?

— Quem mais?

— Quem você acha? Estou falando do Departamento de Inteligência. E eu já

saquei o que está acontecendo. Percebi como o departamento de repente ficou em silêncio. Não falaram uma só palavra, na-não.

Deixaram que uns belgas lá da ONU levassem o tranco. Bem, meu amigo, isso não está certo. E não pretendo deixar que se safem dessa.



CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Tom tinha o olhar fixo. Pelo menos dessa vez não em Rebecca, mas no homem sentado duas cadeiras à frente dela.

Não havia razão para se preocupar. Era só um sujeito digitando diante de um computador. Mas algo nele chamara a atenção de Tom. Parecia fora de lugar ali; muito bem-vestido, não pobre o bastante…

Estavam em um cibercafé na High Street, em Kingsland, a apenas alguns metros do escritório de advocacia mal-ajambrado de Julian Goldman, uma caminhada de dez minutos desde o Brenner Centre, lar do quase senil Sid Steiner.

Ir até lá tinha sido idéia de Tom. Dificilmente poderiam voltar ao apartamento de Rebecca, ele dissera: quem quer que os estivesse perseguindo poderia estar lá, à espera. Até mesmo usar seu computador seria um risco: os perseguidores sem dúvida seriam capazes de hackeá-lo e observar tudo o que faziam.

Assim, ele sugeriu vir até este lugar. “Cibercafé” não era uma descrição muito precisa. Havia café disponível numa máquina de aparência deplorável num canto, cercada por uma bagunça de sachês, açúcar e mexedores descartados. Com exceção disso, não diferia em nada de qualquer outra loja popularesca, com a vitrine coberta de adesivos que anunciavam ligações com tarifas mais baixas para a Nigéria, Serra Leoa e Adis-Abeba, na Etiópia. Numa parede, havia cabines telefônicas montadas com divisórias plásticas finas, frágeis, imitando madeira.

Estavam todas ocupadas, e a proteção acústica era tão precária que o falatório das conversas, em uma dúzia de línguas diferentes, era alto e constante. Dentro delas, jovens com não mais de 35 anos, notou Tom.

Ele conseguia imaginar as saudades expressas naqueles telefonemas para esposas, mães e filhos na terra natal, pessoas cujos sustentos dependiam do dinheiro enviado de Londres e cujas esperanças dependiam desses telefonemas. Aquele som era inconfundível: era o som do desespero.

Os terminais de computador também estavam todos em uso por basicamente a mesma clientela. Pelos anos que trabalhou na ONU, Tom era

capaz de imaginar muito bem a variedade das nacionalidades reunidas ali: quenianos, somalianos e sudaneses seriam sua estimativa inicial. A presença deles ali indicava algo deprimente sobre a presença deles em Londres: não estavam nem perto de se estabelecer; tudo com o que se preocupavam estava em outro lugar. Eram como aquelas pessoas sem terra, sempre apenas de passagem, e esse lugar, esse cibercafé, era uma parada no caminho.

A exceção era o único homem branco, a dois assentos de distância de Tom e Rebecca.

Enquanto Rebecca checava os e-mails, Tom observava por cima do ombro dela, na tentativa de notar algum sinal de um namorado. Havia um dilúvio de mensagens de condolências, a maioria delas de conhecidos, ao que parecia. Rebecca leu rapidamente e acessou o site NYTimes.com e clicou na página de consulta ao arquivo do New York Times.

— Certo — disse Rebecca, deslizando sobre o teclado.

— Não esqueça, ele nos disse a data. Treze de abril de 1946. Vamos começar por aí — sussurrou Tom, atento ao homem perto deles.

— Preciso de palavras-chave.

— Tente "Nuremberg, veneno".

Ela digitou lentamente, com dois dedos.

Houve o resultado para sua busca por Nuremberg, veneno em todos os campos.

Tom mordeu o lábio.

— Tente "Nuremberg, SS, mortes".

Houve o resultado para sua busca por Nuremberg, SS, mortes em todos os campos.

Tentaram Stalag 13, padaria, pães. E, mesmo assim, nada.

Por fim, Rebecca disse:

— Olhe, a memória de Steiner está por um fio. Quais são as chances de ele saber a data exata? Ela alterou as datas, de modo a incluir não um único dia, mas um período de uma semana: 12 a 19 de abril.

Nada.

Tom se recostou na cadeira de plástico. Talvez tivessem ficado empolgados com nada além de um devaneio de um velho que não se lembrava mais da palavra para designar uma jarra.

A expressão no rosto de Rebecca sugeria que ela chegara ao mesmo estado de resignação: o que era uma pista se tornara um beco sem saída.

Ela se virou na cadeira para pegar seu casaco.

Tom correu os olhos pelo monitor para vasculhar as outras notícias na página, nenhuma delas nem se aproximava do que estavam procurando.

Ele clicou em uma ao acaso, maravilhado enquanto a tela era preenchida por palavras escritas do coração da Europa ocupada havia mais de seis décadas. Ele estava prestes a clicar no círculo vermelho para fechar o navegador: decidira não deixar detalhes na tela, onde poderiam ser notados. Olhou mais uma vez de relance para o homem, que notara desde o momento em que entraram: se ele os estava observando, estava escondendo isso muito bem.

Justo quando o cursor de Tom passava sobre o círculo vermelho, uma frase lhe chamou a atenção: "Artigo arquivado mediante acordo com a censura militar."

É claro. As notícias da Europa ocupada não apareciam instantaneamente. Não era o tempo da TV a cabo, das transmissões via satélite e da internet. As notícias se arrastavam naquela época, atrasadas pelas tecnologias de então e pelas autoridades militares, que filtravam qualquer coisa de que não gostassem.

Ele se sentou na cadeira de Rebecca, ainda quente. Repetiu as palavras-chave — Nuremberg, veneno —, mas desta vez incluiu um período de três meses, de março a maio. Surgiram cinco resultados na tela, todas manchetes fascinantes. Havia uma reportagem datada de 24 de abril em Munique — Nazistas reconquistam posição na Bavária; Juventude Hitlerista auxilia em operação-chave — e outra de Frankfurt: Haushofer, "geopolítico" de Hitler, se suicida com a esposa. Mas foram o primeiro e o segundo resultados que chamaram a atenção de Tom quase instantaneamente. Ele clicou no primeiro.

Pão envenenado derruba 1.900 prisioneiros alemães em base americana em Nuremberg

Sábado, 20 de abril de 1946

Página 6, 351 palavras

FRANKFURT, Alemanha, 19 de abril (AP) - Mil e novecentos prisioneiros de guerra alemães foram envenenados com arsênico presente em pães esta semana na base do exército dos EUA e todos estão "gravemente doentes", anunciou o comando americano esta noite.

Tom voltou-se para Rebecca, cujos olhos se arregalavam a cada frase lida.

Depois, ele clicou no segundo item, arquivado três dias depois:

Nazistas envenenados no Stalag 13: 2.283

Militares americanos encontram vidros de arsênico em padaria de Nuremberg que servia a prisão.

Terça-feira, 23 de abril de 1946

Página 9, 347 palavras

NUREMBERG, Alemanha, 22 de abril (AP) - Autoridades do exército americano anunciaram esta noite que mais prisioneiros de guerra alemães foram envenenados com arsênico, o que eleva para 2.283 o número de atingidos por um misterioso plano executado contra 15 mil ex-soldados de elite nazistas confinados na prisão nos arredores de Nuremberg.



CAPÍTULO QUARENTA

Tom hesitou antes de sugerir que voltassem para o apartamento do pai dela. Já era difícil o suficiente estar em meio aos restos mortais de um pai morto, que dirá em um lugar que havia sido destruído e representava assim uma lembrança subliminar de que o pai tinha sido privado de uma morte natural, pois fora assassinado.

Além disso, ao retornar para um local que já era visado, os dois estariam facilitando as coisas para quem os perseguia. Entretanto, ele sabia que havia uma falha nesse raciocínio: se tinham mesmo a intenção de matá-los, por que simplesmente não o tinham feito? Não poderia ser uma questão de escrúpulos; o corpo de Henry Goldman era prova disso. Nem poderia ser falta de esperteza: quem quer que estivesse atrás deles era evidentemente competente o bastante para ter seguido seus passos nas últimas 24 horas, grampeado a reunião deles com Goldman de forma tão precisa que conseguira terminá-la no momento crucial e, pelo que podia concluir, estar ciente de tudo o que eles haviam descoberto até aquele momento.

Ele e Rebecca Merton eram claramente os inimigos de alguém, mas estas pessoas não haviam aparecido ou feito qualquer exigência. O melhor palpite de Tom era que ele e a filha de Gershon Matzkin haviam se tornado uma espécie de Russo em Brighton Beach. O trabalho deles era continuar representando o papel, fazer o que quer que estivessem fazendo para que os que estivessem observando continuassem observando. Será que deveriam conduzi-los a algum lugar, ou descobrir algo que esses homens ainda não sabiam? Poderia isso explicar o envelope que chegara misteriosamente ao apartamento de Rebecca no dia anterior? Seria o gesto de um inimigo ou de um amigo?

Quando deixaram o cibercafé e pegaram o ônibus 76, Rebecca tirou a decisão de suas mãos.

— A reposta está em algum lugar desse apartamento, tenho certeza.

— Eles deixaram o lugar de pernas para o ar. Não acha que, se tivesse algo lá, já teriam encontrado?

— Não. Foi por isso que estava tão destruído: porque não encontraram

nada. Se tivessem, não precisariam ter cortado o sofá.

Tom estava prestes a dizer que aquilo não fazia sentido quando o telefone de Rebecca tocou. Ele se endireitou. Ela checou o número e balançou a cabeça: nada relacionado com isso.

— Oi, Nick. Sem problemas, posso falar — ela assentiu. — Certo, perfeito. Vamos torcer para que a sorte dela esteja mudando. Confirme se ela ainda está em remissão, troque a medicação e avise a equipe de transplante que ela está pronta. Podemos preparar o irmão para a cirurgia na semana que vem. Até logo.

Tom mal escutava. Estava concentrado em um rapaz de uns 20 anos que entrara no ônibus usando fones de ouvido de um iPod. Tom tentava descobrir se eles estavam conectados a um tocador de mp3 ou a outra coisa.

Rebecca guardou o telefone e continuou a discussão com Tom precisamente do ponto onde havia parado.

— De qualquer forma, não há mais o que fazer. Nós não temos um plano B.

Apesar de tudo o que estava acontecendo, aquele "nós" o deixava feliz.

Então eles fizeram outra visita a Kyverdale Road para verificar se havia algo que os ladrões não tivessem descoberto, por mais improvável que isso fosse. O casal andou na ponta dos pés pelo apartamento, erguendo cada fotografia restante e checando dentro de cada bibelô, inclusive os quebrados. Rebecca permaneceu no quarto verificando as jaquetas do pai, examinando cada bolso. Tom procurou em todos os livros do velho, chacoalhando cada um na eventualidade de que um bilhete esquecido, datado de 1946, caísse dali.

O tempo todo ele pensava no que havia acontecido naquele quarto apenas algumas horas atrás. Não somente sexo, mas o modo como Rebecca havia baixado a guarda nos minutos seguintes. Ela se sentira culpada pelo que acontecera, sem dúvida, mas, se ele pudesse escolher estar em qualquer lugar do mundo, Tom decidiu, escolheria viver aquele momento mais uma vez: os dois juntos e nus, dizendo a verdade.

Ele virava as páginas de um Antiques Roadshow Compendium de 1981 quando encontrou algo amarelado, escrito à mão e impossível de se entender. Tom conseguiu decifrar apenas algumas letras. A única coisa que podia afirmar com certeza era que as palavras não estavam em inglês. Talvez fossem nomes, nomes alemães.

— Rebecca! Venha cá!

Ela correu do quarto e chegou até ele em segundos. Pegou o papel das suas

mãos, aproximando-o dos olhos a fim de decifrá-lo. Tom respirava rapidamente.

Por fim, ela se virou para ele com um sorriso.

— São nomes, com certeza. Talvez até em alemão. O problema é que são nomes de produtos para lavagem a seco. Esta é uma das antigas listas de compras do meu pai.

Tom amassou o papel e deixou-se cair numa cadeira com os olhos fechados. Ao abri-los, Rebecca o encarava friamente.

— Nessa não.

— O quê?

— Não sente nessa cadeira.

— Por que não?

— É a cadeira do meu pai.

Tom imediatamente saltou da cadeira e tentou fingir que aquele momento não tinha acontecido.

— Então, o que sabemos?

— Sabemos que meu pai, Sid Steiner, Goldman e outros da DIN circularam matando nazistas. Fizeram isso em duas fases, logo após a guerra na Alemanha ocupada e depois novamente nos anos 1950 e 1960, pelo mundo todo, Europa, América do Sul, todos os lugares. E agora sabemos que a maior operação deles aconteceu na padaria de Nuremberg, onde possivelmente mataram milhares de nazistas.

— Certo.

— O que precisamos descobrir é por que tudo isso teria importância agora. Mesmo que a DIN estivesse tentando matar um último nazista, que obviamente é o que você suspeita que meu pai fazia em Nova York, isso já acabou. Meu pai foi… interrompido — ela disse, então fez uma pausa. — E ele era o último. Ele sempre foi o mais novo. Não tem ninguém depois dele. Goldman não faria nada. Então, por que mataram ele? Por que tudo isso?

Ela apontava a cena de destruição no apartamento.

— Para impedir que o nome fosse divulgado — respondeu Tom. — Talvez seja um nazista que todo mundo esqueceu. Ou que tem um nome falso. Ou seu pai sabia o endereço do homem. Se eu fosse um nazista e soubesse que Gerald Merton estava atrás de mim, eu também gostaria de ter certeza de que ele não deixara nenhuma pista para trás.

— Não, não pode ser isso — disse Rebecca, mordendo o lábio inferior. — Lembre-se de que Goldman tinha algo mais para nos dizer.

— Talvez fosse o nome.

— Certo, e esse nazista ancião então nos espiona, entra na minha casa, destrói…

— É possível levar as pessoas a fazerem isso. — Tom se endireitou. — O que é aquilo?

- Ah.

Rebecca girou o corpo e fitou o quadro no corredor. Pouco iluminada no espaço sem janelas e escondida pelo cabideiro, estava uma pintura abstrata, uma reunião de cinzas e pretos sem forma, com pelo menos 1 metro de largura e 70 centímetros de altura e uma camada espessa de tinta. Tom não a havia notado antes. Nem, ao que parecia, tinham os invasores: não parecia ter sido tocada.

— Foi feito por Rosa. Acho que é a única coisa que sobrou dela. Eu o odiava quando era criança, tão sombrio e depressivo. Minha mãe também. Ela só o deixava guardar no porão.

— Mas, ao ter sua própria casa, ele pendurou na parede. Interessante isso, não é?

— Não sei, talvez ele sentisse que devia algo a ela — disse Rebecca, aproximando-se do quadro. — Quando criança, imaginar Rosa sempre me deixava magoada: você sabe, "a mulher que veio antes da mamãe" e tudo mais. Mas você olha isso e percebe a vida horrível que ela teve. Ao morrer, ela era mais nova do que eu.

— Qual o nome? Do quadro.

— Chama-se Aleph. Veja as linhas cinza, elas têm quase o formato de um Aleph. A primeira letra do alfabeto hebraico.

— Certo.

Os dois ficaram parados, olhando o quadro, a forma da letra óbvia agora. Tom tentava imaginar o mundo em que as duas pessoas jovens-velhas, um garoto e uma garota, viveram sessenta anos antes. Um mundo de massacres, mortes e crueldades constantes, que eles acreditavam só poder ser compensado com mais mortes. Ele imaginava Gershon na padaria, sem dúvida rezando para que o pão envenenado tocasse os lábios do homem que assassinara suas queridas irmãs.

E então a idéia o atingiu, surgindo em seu cérebro com tanta força que ele

mal conseguiu entendê-la.

Ele se virou para Rebecca, agarrando seu braço.

— Que foi que você disse antes, quando estávamos discutindo sobre vir até aqui? No ônibus.

— Disse que tínhamos de vir, que talvez não tivéssemos encontrado algo…

— Não isso, outra coisa, continue.

— Disse que não tínhamos outra opção…

— É isso!

— …que não tínhamos um Plano B.

— Exatamente! É isso: Plano B. O que aconteceu na padaria não era a operação principal, afinal de contas. Era o Plano B. Foi assim que Sid o chamou.

— Pensei que era B de broa.

— Eu também. Brot, alemão para pão; ou Bäckerei, para padaria.

Lembre-se, foi isso que eu disse para Sid. "B de broa." E ele respondeu: "Não. Errado, de novo." Eu pensei que era a demência, mas quando ele falava da operação na padaria ele estava perfeitamente lúcido. Ele até lembrou a data exata! Você não vê? Ele estava dizendo a verdade. Claro que estava. Pense nisso: por que todos aqueles judeus da Polônia e da Lituânia iriam usar o alemão para o codinome de uma operação? Não iriam. Eles usariam o hebraico, igual fizeram com o nome da organização. Goldman nos disse que "DIN" era hebraico para julgamento. Qual a palavra em hebraico para pão?

— Lechem.

— Claro. Nenhum "b" aí. E qual a segunda letra do alfabeto hebraico?

— Bet.

— Viu só! Plano Bet. Plano B. E se chamava Plano B porque era o plano B. Era o plano alternativo.

— Então qual era o plano principal?

Tom sorriu.

— Plano A.

— Ah, bom trabalho, Sherlock.

— Ou melhor, como acho que a DIN o teria chamado: Plano Aleph.

Lentamente, os dois se viraram e contemplaram a composição de pretos sinistros e cinzas noturnos feitos por Rosa.



CAPÍTULO QUARENTA E UM

Eles retiraram o quadro da parede tão cuidadosamente quanto a impaciência deles permitira. Cada um segurando um canto, eles o carregaram até o centro do cômodo, onde o apoiaram em uma cadeira, em um ângulo de 45 graus.

Já tinham examinado a pintura microscopicamente, olhando-a a dois centímetros de distância, estudando as camadas de tinta a óleo, procurando pistas… mas não haviam encontrado nada.

Rebecca voltara da cozinha com uma faca de carne e começara a remover a tinta de algumas partes aleatórias da tela. Tom tentou adivinhar se essa energia feroz que ela trazia para a tarefa era o desejo urgente de ver o que a pintura poderia ocultar ou simplesmente uma fúria reprimida de longa data com relação ao quadro e, na verdade, à artista que o havia criado. Mesmo com todo o seu empenho, não descobriram nada, apenas o branco borrado da tela.

Agora eles olhavam o fundo. O quadro havia sido ricamente emoldurado, com um contorno de madeira espessa, a tela firmada na parte de trás com grande quantidade de fita adesiva. Tom tomou a faca de Rebecca e lentamente cortou ao redor das bordas. Ele quase esperava que a pintura se destacasse imediatamente, mas muito tempo havia se passado para isso. Ele começou a remover a fita, camadas e camadas, percebendo logo que a parte de trás não era o fundo da tela afinal de contas, apenas um suporte que saltava quase meio centímetro para fora.

Teria de remover isso também.

Ele resistiu à tentação de simplesmente talhar todas as camadas até chegar ao reforço de papelão; em vez disso, foi trabalhando de maneira mais cautelosa. Então, a fita que envolvia o quadro foi removida e ele pôde ver a borda do papelão. Lentamente, ele a levantou.

Logo que o fez, os dois perceberam que todo o cuidado não havia sido em vão. Grudado no fundo da tela, não colado, mas pressionado com o passar do tempo, estava um montinho de papéis. Com as mãos trêmulas, Tom esticou o braço e o desgrudou.

Havia cinco folhas de papel, todas praticamente com a mesma medida, o

tamanho de uma folha A3. Quando Tom virou a primeira folha, ele quase recuou em surpresa. Não era o que ele esperava — uma fotografia ou uma lista de nomes que talvez revelasse o mistério —, mas um desenho, algo entre um mapa e uma planta baixa. A próxima folha não era idêntica, mas similar e, da mesma forma, a seguinte e a seguinte.

— Mas que droga é isso? — perguntou Tom, porém Rebecca estava muito chocada para responder. De todas as revelações feitas a respeito de seu pai, esta parecia tê-la pego de surpresa.

Tom contemplou com atenção o primeiro desenho. Imaginava se não seria um diagrama antigo de circuitos, talvez o esboço de um circuito impresso. Então pensou se não seria, talvez, o mapa de uma estrada subterrânea; certamente parecia retratar caminhos e rotas.

Ele olhou mais de perto, a apenas alguns centímetros do papel, o suficiente para sentir o cheio de bolor. Com uma letra pequenina, ele viu números escritos em intervalos variados. Eram, decidiu Tom, medidas.

Então Rebecca falou em voz baixa:

— Claro.

— O que é? — perguntou Tom, e depois, erguendo a voz: — O quê?

— Você se lembra do que estava escrito no caderno, de como Rosa e os outros fugiram? Do gueto?

Tom balançou a cabeça negativamente. Fazia parte do trecho em que ele apenas passara os olhos, as páginas que relatavam os estágios finais da guerra, a fuga para as florestas esperando a chegada do Exército Vermelho. A primeira menção de Rosa de que Tom se recordava foi de quando ela e Gershon se tornaram amantes, o que aconteceu bem depois de eles terem escapado do gueto.

— O esgoto. Rosa e os outros, os líderes da resistência: todos fugiram no último dia de extermínio no gueto. Os judeus estavam sendo reunidos e enviados para os campos. Porém a resistência sempre teve um plano para o dia final, quando não poderiam mais contra-atacar.

"Então Rosa e os outros foram para o subterrâneo. Não meu pai. Ele já estava na estrada, espalhando a mensagem. Só que depois Rosa contou-lhe o que aconteceu. E ele contou para mim.

"O fedor lá embaixo era simplesmente terrível. Havia chovido naquele dia e aparentemente isso tornava as coisas piores. Os canos eram tão estreitos, pouca coisa maior que os corpos deles, que eles tinham de engatinhar no meio dos

dejetos. E depois, em alguns lugares, os canos ficavam ainda menores, então eles tinham de se arrastar pelo chão, erguendo a cabeça para conseguir respirar naqueles poucos centímetros de ar. O líquido exalava todos os tipos de gases; as pessoas começaram a desmaiar. Não Rosa, no entanto. Ela continuou. Pelo menos foi o que ela disse. Eles continuaram assim por mais de três quilômetros, até que alcançaram uma abertura fora dos muros do gueto onde dois combatentes da resistência comunista estavam esperando para tirar todos de lá."

— E então…

— Deu bastante trabalho. Havia um membro sênior da resistência que andava trabalhando nisso havia meses, mapeando cada centímetro, cada túnel, cada tampa de bueiro. O esgoto não era apenas uma rota de fuga; a resistência contrabandeava, trazia armas por ali. Muitas pessoas morreram lá embaixo: algumas devido ao cheiro ruim; outras simplesmente ficaram perdidas.

As palavras voavam de sua boca, como se fossem de uma fita gravada havia muito tempo e que estava apenas esperando ser reproduzida. Por um momento, Tom pôde ver Rebecca quando criança, ouvindo atentamente no escuro os contos de ninar sobre resistência, heroísmo e guerra. Parecia que ela havia memorizado cada palavra.

— Então esses…

— Devem ser os mapas do esgoto.

Tom olhou intensamente para os mapas que, agora percebia, eram realmente desenhados a mão. Ele correu os dedos pelo papel. Que documento extraordinário era esse! Não apenas um mapa precisamente construído, mas o testamento de uma habilidade quase sobre-humana.

E pensar que, ao menos de acordo com o falecido Henry Goldman, a mais velha dessas pessoas, desses guerreiros, não tinha mais de 25 anos.

Porém agora, apertando os olhos para examinar cada centímetro do papel, ele podia verificar mais de perto o que parecia ser um padrão, uma marca estampada no canto direito inferior. Agora via que não era de modo algum um emblema impresso, mas um bloco de palavras escritas com caligrafia bem fina, bem pequenina. Ele não conseguiu decifrar nenhuma delas, exceto uma, escrita em letras maiúsculas: NUREMBERG. Verificou o mesmo lugar em outro mapa: München. As três seguintes eram Weimar, Hamburgo e Wannsee, um subúrbio de Berlim.

Gesticulou para que Rebecca desse uma olhada, e a testa dela franziu na hora.

— Não entendo — ela disse.

— Seu pai nunca esteve nesses lugares, não? — hesitou Tom. — Quer dizer, não existiam guetos na própria Alemanha, não é? Os nazistas chutaram os judeus para fora e montaram seus campos e guetos na Europa Oriental, não foi?

— Sim.

Ambos ficaram olhando os diagramas, tentando decifrar seu significado.

Tom se recuperou e tentou novamente: — Mas sabemos que eles estiveram lá depois da guerra. Que ele esteve em Nuremberg — apontou para o desenho de Nuremberg. — E sabemos que isso, tudo isso, de alguma forma está relacionado com o Plano A. É por isso que estava escondido na pintura.

Rebecca, entretanto, não estava mais escutando. Algo na pilha de papéis e fitas descartadas chamou sua atenção. Estava preso tão rente que era quase invisível, mas grudado no fundo do papelão havia um retângulo de papel cujos cantos haviam se tornado quase amarelos. Ela se mexeu lentamente, como se soubesse que mover muito rápido era arriscar perder qualquer mensagem do passado que estivesse ali escondida.

Virou o papel com cuidado, e Tom se viu encarando uma linha com vários rabiscos aleatórios, quadrados pela metade e hieróglifos incompletos que não pareciam ser qualquer língua que ele já tivesse visto.

— O que é?

Rebecca o estudava com atenção.

— É de uma ou da outra.

— Não entendo.

— Os caracteres eu reconheço — disse. — Só não sei direito de qual língua são.

O som da TV distraía ainda mais naquele momento, mas era sua própria culpa. Havia aumentado o volume tão logo Rebecca percebera que o cartãopostal continha uma mensagem: se alguém estivesse escutando, agora era a hora de impedi-los. Porém o fundo de conversa da novela tornava concentrar-se quase impossível.

Tom orgulhava-se de sua facilidade com línguas. Mesmo aquelas que não sabia falar, podia ao menos reconhecer — sabia a diferença entre coreano e tailandês, por exemplo —, e gostaria de pensar que seria capaz de ao menos identificar uma sentença em hebraico, caso colocada à sua frente. Rebecca, entretanto, tivera de explicar que o alfabeto impresso não era o mesmo que o

usado na escrita a mão do dia a dia: o formato de cada caractere era vagamente semelhante, mas não idêntico.

Até para alguém que soubesse reconhecer uma Bíblia impressa em hebraico, uma sentença escrita a mão da mesma língua poderia parecer uma seqüência de ícones de computador corrompidos.

Embora Rebecca conseguisse identificar cada caractere, ela não sabia se poderia fazer mais do que isso.

— Eu até consigo ler alguma coisa em hebraico — disse, completando que havia aturado aulas de hebraico em nível básico quando criança. — Mais ou menos como a Escola Dominical judaica.

— Então qual o problema?

— O problema é que isso pode não ser hebraico. Pode ser iídiche.

— Pensei que iídiche fosse como alemão.

— É, quase. Mas é escrito com caracteres hebraicos.

Tom teve de sorrir ao ouvir aquilo. Iídiche parecia ter sido feito sob medida para comunicações secretas. Um alemão poderia entender se ouvisse, mas não seria capaz de entender a versão escrita. Quantos não judeus saberiam sequer um pouco do alfabeto hebraico, ainda mais a versão escrita a mão? Quase nenhum. Significava que a DIN não precisaria de nenhuma criptografia: a própria linguagem deles, escrita, era suficiente.

— Pronto — disse Rebecca, finalmente. — Consegui decifrar esse tanto aqui. Está escrito: Fargess nicht!

— Pronto — falou Tom. — Isso é fácil. Significa "Não esqueça".

Ela continuou:

— Yir-mee-ya… Yirmiyahu! É um nome, Yirmiyahu, como Jeremias.

— Continue.

— Yirmiyahu vet zine; então vem o número 23; depois a palavra dem e aí outro número, 15. E termina com outra exclamação: Lomir zich freien!

— Lomir zich freien. É uma espécie de exortação, algo como: "Venha, vamos festejar, vamos comemorar." Leia tudo de novo.

— Fargess nicht! Yirmiyahu vet zine 23 dem 15. Lomir zich freien.

— Não se esqueça, Jeremias completa 23 no dia 15. Venha comemorar!

Rebecca balançou a cabeça.

— Não me diga que tudo o que temos é um convite de festa.

Tom levantou-se e começou a caminhar pelo cômodo, mas não ajudou.

Finalmente, ele marchou até a TV e apertou com força o botão para desligar. No silêncio, talvez vinte segundos depois, a explicação surgiu.

— Ah, está muito claro. Muito, muito claro.

— O que está claro?

— Você se lembra, no caderno do seu pai, da mensagem que lhe deram para enviar até o outro gueto?

Rebecca ia abrir a boca para responder, quando Tom colocou um dedo sobre os seus lábios e ligou a TV novamente.

— Tia Esther retornou e está na rua Meguilá, número 7, apartamento 4.

Ela parou.

— Ah, entendo.

— Precisamos de uma Bíblia.

Demorou um pouco, mas finalmente, após procurarem com dificuldade pelos restos de livros e porcarias jogados no chão, encontraram uma, um volume bem maior do que as Bíblias a que Tom estava acostumado.

Não que ele fosse um especialista: seu pai, extremamente ateísta, sempre recusara ter um daqueles "malditos livros" em casa, já que só traziam "miséria para milhões". Esta tinha talvez duas vezes o tamanho de uma Bíblia de quarto de hotel, tão grande quanto um volume de enciclopédia.

Rebecca virou as páginas de forma hesitante, ora voltando duas páginas, ora indo uma para a frente, como alguém procurando uma palavra específica no dicionário.

— Aqui está. O Livro de Jeremias, capítulo 23, versículo 15.

— Leia.

Traçando cada palavra com o dedo, ela leu em voz alta: — "Portanto, assim diz o Senhor dos Exércitos acerca dos profetas: eis que lhes darei a comer losna, e lhes farei beber águas de fel, porque dos profetas de Jerusalém saiu a contaminação sobre toda a Terra."



CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

NUREMBERG, 1945

Aron nunca quis que eu fosse parte daquilo: não acreditava que eu tivesse ódio o suficiente em mim.

No outono de 1945, disseme que a DIN tinha terminado e que, de agora em diante, a justiça estaria nas mãos dos tribunais e advogados.

Abaixaríamos nossas armas e granadas e partiríamos para o próximo front na guerra pela sobrevivência judia: a Palestina. Os dominadores britânicos do país faziam linha dura para com a imigração judia, portanto a entrada não seria fácil, mas uma rede do submundo nos passaria para dentro. Outra guerra estava por vir: a nova terra natal judia não seria conquistada sem luta — contra os britânicos, contra os árabes —, e os judeus precisariam de todos os soldados que conseguissem. Eu mal tinha 15 anos, mas contava como veterano.

Estava pronto para partir quando Aron chamou-me para vê-lo. Pela primeira vez, perguntou-me sobre minha família e como haviam sido mortos. Contei a ele como meu pai fora queimado até a morte em seu próprio celeiro em um linchamento. Como minha mãe tinha se enforcado no dia em que os nazistas chegaram à Lituânia. Por fim, contei-lhe sobre minhas irmãs, metralhadas nas trincheiras do Nono Forte.

Não chorei enquanto contava minha história, e ele assentiu, sem nada dizer. Quando terminei, fitou-me por vários minutos, com uma expressão reflexiva. Finalmente, com uma voz calma, disseme que eu deveria ficar na Europa, que a DIN tinha uma última missão para mim.

Devo tê- lo persuadido de que eu tinha ódio o suficiente para ser confiável.

Nunca havia instruções prévias. Para manter o plano em segredo, Aron dizia a cada um de nós só o que era necessário. Demorei certo tempo para juntar todas as peças, de modo a ver o todo.

Começou com o francês, então desempregado na Paris recém-libertada.

Ele conhecera um ex-combatente da resistência, um cientista, que lhe contou que a maior ameaça na segunda metade do século XX não seria uma poderosa bomba atômica, mas algo bem menor, uma arma que poderia ser

carregada numa maleta. Não seria empregada nos campos de batalha tradicionais, mas pela manhã, num trem de passageiros, num teatro ou numa fábrica de refrigerantes. Veneno, essa era a arma do futuro.

A curiosidade do francês foi atiçada. Discretamente, ele começou a investigar por conta própria, conversando com químicos que lhe contaram sobre toxinas que mantinham a potência mesmo quando misturadas a grandes volumes de água. Foi dessas conversas que nasceu o Tochnit Aleph, o Plano A.

No dia seguinte a Aron ter me dito que eu deveria ficar na Europa, enviou-me para aquilo que chamou de "treinamento" com um homem que eu não conhecia, um judeu da Palestina. Ele viera da Alemanha, mas partira em meados dos anos 1930. No momento em que soube disso, eu o odiei. O que ele sabia sobre a DIN e a vingança, já que salvara a própria pele e fugira antes? Sentime superior diante dele e, ao mesmo tempo, invejei-o.

Mas tive de me manter em silêncio e ser seu pupilo. Ele se apresentou apenas como "o Engenheiro", e eis que era de fato um engenheiro, um especialista em construções e afins.

Em menos de um minuto depois de me conhecer, ele ameaçou ir embora.

— É absurdo ensinar-lhe essas coisas, você é uma criança!

Mas as ordens de Aron eram categóricas e por isso ele me ensinou.

Espalhou várias plantas complexas sobre a mesa. Pareciam mostrar caminhos ou túneis subterrâneos. Explicou que aquele era o sistema aqüífero da cidade de Nuremberg e que eu deveria procurar emprego no Departamento de Filtragem.

— Mas eu não…

— Eu sei. Você não sabe coisa alguma. É por isso que estou aqui para ensiná-lo.

Assim, o tal engenheiro ensinou-me a falar sobre pressões regularizadas, limpeza salina e filtragem de resíduos. À noite, um dos comandantes da DIN testava meu alemão, para aparar pontos fracos de vocabulário e sotaque. Nessas aulas, elaboramos mais uma história falsa — a de que meu falecido pai era polonês e que vivêramos algum tempo

no leste: isso explicaria eventuais lapsos.

Entregaram-me uma série de documentos falsos, incluindo alguns que atestavam serviços na Juventude Hitlerista e na Wehrmacht. Pensamos na menor idade que seria compatível com essa história de vida e optamos por 18 anos. Por

sorte, eu era não apenas loiro, de olhos azuis e não circuncidado, mas também alto para minha idade.

Fui sabatinado repetidas vezes sobre tudo isso.

— Onde você nasceu?

— Leipzig, senhor!

— Qual o nome de solteira de sua mãe?

— Fischer, senhor!

— Qual era o nome de sua tropa na Juventude Hitlerista?

Depois de seis semanas, Aron chegou certa vez à meia-noite. Examinou meus documentos, inspecionou o terno que eu vestiria para a entrevista de emprego e, por fim, disse:

— Candidate-se amanhã ao emprego.

Minhas mãos suavam na sala de espera. Embora já tivesse feito isso muitas vezes, nunca me acostumei a mentir. Fui chamado por uma jovem secretária que, percebi, balançava os quadris mais do que o necessário enquanto andava à minha frente e sorriu para mim por cima do ombro. Se ela soubesse que eu tinha apenas 15 anos, pensei. Se ela soubesse que eu não hesitaria em estrangular seu irmão, seu pai ou até ela mesma, caso tivesse a mínima razão para fazê-lo.

A maior parte da entrevista girou em torno do meu serviço militar. O chefe tinha seus 50 e poucos anos e perdera o alistamento: invejava-me, agraciado com a chance de servir à pátria. Assenti, mas não sorri.

Deixei-o pensar que eu era um soldado endurecido, durão demais para conversinhas. Como acontece com a maioria dos homens fracos, isso o fez falar ainda mais. No final, ele disse quanto tinha gostado de nossa conversa, embora eu não houvesse falado quase nada. Disseme para começar no início da semana seguinte.

Eu ainda não sabia o que deveria fazer. Os chefes não tinham me dito nada. Vestido num jaleco de técnico de laboratório, eu checava válvulas de pressão, posicionava medidores e inseria números num formulário preso a uma prancheta — e me perguntava para que servia tudo aquilo.

Você pode se perguntar se eu, depois de compreender, cheguei a questionar. Mas o que ninguém é capaz de entender, a menos que tenha visto o que nós vimos, é quão profundo nosso ódio se tornara. Era maior do que qualquer um de nós; poderíamos nadar sobre ele, afundar nele e sabíamos que duraria muito mais do que nós.

Quem nós odiávamos? Odiávamos as pessoas capazes de pegar pelos calcanhares um bebê aos berros e esmagar seu crânio contra uma parede de tijolos. Odiávamos as pessoas capazes de conduzir seres humanos para ruas fétidas e medievais e deixá-los morrer de fome, de modo que seus corpos fossem comidos por cachorros abandonados.

Odiávamos pessoas que diziam que seríamos restabelecidos no leste, nos enganavam para subirmos em trens construídos para transportar gado e depois nos dividiam — para a esquerda e para a direita — e se faziam anjos da morte ao decidirem, na plataforma do trem recém-chegado, ainda exalando vapor, quem deveria viver e quem deveria morrer.

Odiávamos as pessoas que nos espancavam, nos chicoteavam e nos empurravam, mesmo as crianças e os idosos, em galpões de concreto com chuveiros, dizendo que seríamos "limpos", pois estávamos infectados como muitos animais picados por moscas — mentiam mesmo nos últimos momentos —, e nos observavam enquanto esperávamos pela água que nunca vinha, espiavam escondidas enquanto gás Zyklon B era bombeado para dentro do recinto, e homens, mulheres e crianças lá dentro subiam uns nos outros para chegar até o que pensavam poder ser, no desespero, uma abertura no teto ou no alto da parede, uma fonte de ar sem veneno, respirável. Odiávamos as pessoas que arrancavam os anéis de nossos dedos e o ouro de nossos dentes, que os derretiam para produzir seu dinheiro. Odiávamos as pessoas que arrancavam as roupas de nossos mortos e as enviavam para serem usadas por suas próprias esposas, filhos e filhas. Odiávamos as pessoas que, depois de já terem extraído as riquezas de nossos próprios corpos, nos atiravam em incineradores e engasgavam com as cinzas que ascendiam e caíam como neve a quilômetros de distância. Odiávamos pelo plano que tinham de nos retirar da face da Terra, de destruir nossas lápides e rasgar os úteros de nossas mulheres, de modo que aquela fosse nossa última geração. Odiávamos pelo ódio insaciável que tinham de nós.

Quando um homem arde com uma raiva tão incandescente quanto essa, aquecida ainda mais pelo conhecimento de que o resto do mundo está pronto para dar de ombros e seguir seu caminho, ele está preparado para fazer quase qualquer coisa. O que saciar essa fúria, ele o fará. E eu estava pronto para fazê-lo.

Isso é o que Aron deve ter visto em mim. Deve ter visto que meus olhos eram os de um homem que vira demais o próprio sangue ser derramado. Porque ele tinha confiança de que, quando eu descobrisse a verdade do Tochnit Aleph,

eu não hesitaria.

E estava certo. Quando finalmente compreendi que o plano da DIN era envenenar o fornecimento de água não apenas do centro de filtragem em que eu trabalhava, mas também de quatro outras cidades alemãs — Munique, Hamburgo, Weimar e o subúrbio de Wannsee, em Berlim —, não dei para trás. Compreendi que iríamos matar com o giro de uma torneira, sem distinções entre nazistas ativos e cidadãos alemães comuns, entre criminosos de guerra diretos e espectadores silenciosos, entre adultos e crianças, entre culpados e inocentes. Em outras palavras, estávamos prestes a fazer a eles o que fizeram conosco — matá-los não um a um, mas sem distinção e o mais sistematicamente possível. E, mesmo assim, nosso massacre seria apenas um sexto do deles.

Pois este era o Plano A, cujo objetivo era matar, com um único golpe, não menos do que 1 milhão de alemães. E eu não o questionei por um momento sequer.



CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Ele se maravilhou com a capacidade do chefe de fazer isso. Era — o quê mesmo?— a quarta reunião da manhã em que ouvia, assentia sabiamente, oferecia pequenos aforismos bem colocados para cada ocasião, deixava cada pessoa que conhecia convencida de que o grande estadista se focara no problema dela em detrimento de todos os outros.

Ninguém suspeitava de que o grande homem estava, na verdade, distraído além do imaginável, que estava, o tempo todo, pensando em um assunto a um mundo de distância daquele em discussão. Seu rosto continuaria a fazer todas as expressões de certeza, a boca proferiria as palavras certas, mas tudo no piloto automático. Enquanto isso, como um programa de computador rodando por trás da tela, seu cérebro processava uma questão completamente diferente. As revistas de negócios chamavam aquilo de compartimentalização, o estado psicológico necessário a diretores-executivos poderosos e polivalentes.

Mas essa era uma descrição mecânica demais para a mágica que este homem era capaz de executar. Não era compartimentalização, era feitiçaria.

Nos intervalos entre as reuniões (as "bilaterais" que sempre aconteciam às margens de qualquer burburinho internacional, e a semana da Assembleia Geral da ONU não era exceção), o chefe se voltaria para o assessor, dispensando o sorriso forçado e retomando a conversa que haviam sido forçados a abandonar vinte ou quarenta minutos antes.

Sempre no ponto exato, como se não tivesse havido interrupção, notava o assessor.

— Não faz sentido esperar por uma prova definitiva — disse, proferindo ao oficial júnior a expressão exata que usara antes da discussão de meia hora com o presidente da OMS.

— Por que não, senhor?

— Porque, quando se é capaz de obter provas definitivas, significa que já é tarde demais. Um exemplo: se você suspeita de que eu vá matá-lo, então uma bala em seu peito seria uma prova definitiva.

Ele sorriu de forma inexpressiva e completou: — Mas você não ia querer

esperar tanto tempo, ia?

— Não, senhor.

— Não. Então não esperemos. Se já suspeitamos…

O instinto o fez parar antes mesmo que ouvisse a leve batida na porta da suíte — que se entreabriu para revelar a bela assistente responsável pela logística.

— O ministro das Relações Exteriores italiano está aqui, senhor — disse ela.

Ele fez um gesto com a mão, particular de seu país, que indicava que ela teria de esperar um momento. A assistente fechou a porta, tomando o cuidado de não fazer barulho.

— Se já suspeitamos de que eles estão se aproximando, então teremos de agir. Não faz sentido esperar.

— Agir?

O chefe inspecionou o conselheiro por completo, começando pelos sapatos do jovem. A maneira com que o fez era menos de coronel de regimento em revista às tropas do que de garota colegial checando uma rival. Tinha a boca curvada de desgosto. Seria agora o momento, imaginou o assessor. Seria essa a reprimenda da merda dupla, aparentemente não provocada e justo quando menos se esperava?

— Tente não deixar sua delicadeza tão óbvia. Um homem da sua idade não deve revelar o medo de maneira tão fácil.

— É que eu não…

— Quando digo agir, não significa nada brutal. Nada apressado. Significa apenas que devemos… — pausou ele. A busca ostentosa pela palavra certa era parte de sua encenação padrão. — Devemos iniciar um diálogo. Que tal?

O assessor já sabia o bastante para não perguntar como ele pretendia fazer tal coisa. Talvez a expressão fosse apenas um eufemismo empregado pela velha guarda para encobrir sabe Deus que prática horripilante dos tempos antigos. Interpretá-la no sentido literal certamente seria um erro pueril, pelo qual ele receberia outra severa reprimenda. Mas não podia pensar naquilo agora. No decorrer da reunião seguinte encontraria um meio de lhe perguntar ao final alguma formação de palavras que não exporia sua própria incerteza, que não revelaria aquilo que ele sentia com mais intensidade na companhia do chefe: sua pura falta de vivência.

Assim, levantou-se, abriu a porta e gesticulou para que o homem de bigode muito benfeito, que aguardava com uma pasta de couro sobre o colo e uma bela

intérprete ao lado, entrasse. Conduziu-o à sala onde o chefe, o velho estadista, já estava de pé, de braços abertos, pronto para um abraço de político:

— Signor Ministro degli Estéri!



CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

NUREMBERG, INVERNO DE 1946

Meu trabalho no centro de filtragem deveria ter sido enfadonho, mas nunca foi: eu tinha de me concentrar demais para que fosse. Tinha de garantir que meu alemão não me deixasse na mão, evitar soltar alguma observação que fosse de encontro à minha história de vida forjada. E, mais importante, tinha de controlar meu rosto, garantir que não denunciasse o que realmente sentia pelos assassinos alemães ao meu redor.

Estava lá todos os dias, cumpria meu turno, comia meus sanduíches, ouvia as piadas na cantina — incluindo aquelas sobre judeus. As pessoas imaginam que tudo mudou no dia em que Hitler se matou no bunker, no dia em que Berlim caiu, mas não era assim. Ainda eram as mesmas pessoas, ainda era a mesma Alemanha.

Todos os dias, voltava para o aparelho e esperava por ordens. Mas, no fim das contas, foi outra notícia que chegou.

A primeira mensagem dizia que o plano havia mudado. O homem da DIN em Berlim não conseguira se infiltrar no centro de abastecimento: foi entrevistado, mas não conseguiu o emprego. Ninguém soube por quê: fora treinado tanto quanto eu. Mas foi o que aconteceu. Estávamos reduzidos a quatro cidades.

Três semanas depois, outra má notícia, desta vez de Weimar: nosso homem conseguira se infiltrar, mas fora transferido para um cargo administrativo, sem acesso às áreas de filtragem. Aproximar-se delas implicava alto risco de ser pego. Os comandantes discutiram as possibilidades e decidiram que isso arriscaria toda a missão. Enviaram-lhe ordens para baixar a guarda.

Pouco depois, recebemos notícias de Hamburgo. Nosso homem mais qualificado, um engenheiro de fato, fora descoberto. Os gerentes da estação de bombeamento checaram seus documentos. Aparentemente, descobriram uma discrepância que os convenceu de que os documentos eram falsos — e eram. Por sorte, imaginaram que ele fosse um criminoso qualquer que buscava esconder o passado. Não imaginaram que era judeu.

O plano de cinco cidades estava reduzido a duas: Nuremberg e Munique. Os comandantes calcularam que um total de 1.380.000 pessoas bebiam a água fornecida pelos centros de abastecimento de água dessas duas cidades. O objetivo de chegar a envenenar 1 milhão de alemães ainda poderia ser alcançado.

Porém, quando já estava estabelecido no meu posto em Nuremberg, e Manik instalado no centro de filtragem de Munique, os comandantes hesitaram. À beira de uma decisão que sabiam reverberaria pelo mundo e mudaria a história das nações, uma decisão que teria seu efeito sentido por eras, estancaram. Hoje, olhando retroativamente, percebo o que nunca poderia ver então: eram apenas jovens.

Decidiram que não poderiam tomar uma decisão tão grave por si próprios. Precisavam agir sob alguma autoridade maior. Um impasse semelhante ocorreu quando formaram pela primeira vez uma resistência armada aos invasores nazistas: "Com que direito vocês agem em nosso nome?" Na época, encerraram o debate com uma resposta simples: "Se não nós, quem?" Ninguém mais estava revidando; era tarefa deles empunhar as armas e salvar vidas judaicas. Mas agora era diferente. O Tochnit Aleph não salvaria a vida de judeu algum, pelo menos não de forma direta. Talvez de gerações futuras, com o alerta de que os judeus não seriam massacrados impunemente. Não: o propósito do Tochnit Aleph era tomar vidas alemãs, inocentes e culpadas. Um milhão de vidas.

Os comandantes não eram religiosos; não recebiam ordens de rabino algum. A autoridade maior que tinham em mente era o povo judeu soberano: os homens e as mulheres que lutavam pela independência judaica na Palestina. Ainda estavam a três anos de um Estado independente, mas o aparato da soberania judaica já estava formado.

A DIN buscaria conselhos dos mais velhos da nação judaica antes de agir em nome desta. Na jornada por uma bênção, a Palestina seria o destino.

Os dominadores britânicos daquela terra fecharam as portas para os judeus em 1939 — no seu momento mais sombrio —, e as limitações à imigração judaica permaneceram. A única maneira era por meio da rede secreta e ilegal que cruzava a Europa: um sistema que recorria a trilhas nas florestas, viagens à meia-noite em minúsculos portos pesqueiros e o fretamento — em dinheiro vivo — de barcos de pesca para viagens longas e perigosas, nas quais era preciso lidar com tempestades, enjoos e barcos de patrulha britânicos, na esperança de, por fim, alcançar a costa da Palestina.

Aquela era a jornada final de Aron à terra prometida. Imagino-o saltando

de um navio velho e enferrujado nas águas frias do Mediterrâneo e, na companhia de talvez duzentos outros refugiados maltrapilhos da velha Europa, nadando até uma praia na calada da noite — novos e secretos imigrantes, que então seriam levados secretamente à rede de kibutzim e vilarejos agrícolas no norte da Palestina, o lugar a que a Bíblia se refere como Galiléia.

Consigo ver nosso líder naquela primeira noite, escondido, como um artigo de um carregamento ilícito, na carroceria de um caminhão que se afasta da costa. Imagino-o com os olhos queimando na escuridão, tentando ver o que conseguisse na penumbra, tentando capturar um lampejo, por mais fugidio, da terra de Israel. Pois ele chegara até o lugar que acreditava que serviria, depois de muita espera, como refúgio para um povo que acabara de se deparar com a extinção.

Aron não agiu de imediato. Sua reputação de líder da resistência judaica na Europa ocupada pelos nazistas o precedia e havia muita gente na Palestina que queria conhecê-lo. Foi recebido como um herói, o símbolo do novo povo judeu que desejavam criar na Palestina: um judeu que revidava, que se recusava a encontrar a morte como uma ovelha no matadouro. Não disse a ninguém que a obra da resistência se tornara uma obra de vingança. Acreditavam que sua luta contra os nazistas estava no passado. Nada sabiam sobre a DIN.

Aron só revelaria isso a um único homem e, duas semanas depois de adentrar os círculos daqueles que um dia governariam o novo Estado judeu, encontrou-se cara a cara com ele. Tinha 70 anos, era um fundador do movimento por uma terra natal judaica, respeitado primeiro como principal emissário e, agora, na velhice, como um totem.

Nenhum homem carregava maior autoridade moral. Há milhares de anos, na terra de Israel, teria sido reverenciado como o chefe ancião dos hebreus.

O mais jovem sentou-se como ele no escritório particular em sua casa e contou-lhe o que, até então, este ancião só havia lido em relatórios e telegramas. Contou-lhe a história do furacão que envolvera os judeus da Europa. Como os alemães estavam decididos a varrer os judeus da face da Terra e colocá-los em usinas da morte em Auschwitz e Treblinka, como se fossem produtos de uma linha de montagem industrial.

Contou-lhe da tortura, dos "experimentos" conduzidos sem anestesia em mulheres aos berros e crianças aterrorizadas em nome da ciência.

Contou-lhe do mundo de morte que habitara por quase cinco anos — e como os homens que o criaram haviam saído impunes.

E então contou-lhe sobre o Tochnit Aleph.

Havia uma razão para o líder da DIN ter escolhido aquele homem em particular. Não era apenas pela experiência, ou pelo poder que a bênção dele traria. Era também porque aquele homem, aquele líder, ganhara distinção, quando mais jovem, como grande acadêmico, em especial no campo da química. De fato, ele agora se aposentara da linha de frente da política e da diplomacia e retornara ao laboratório.

O ancião ouviu do começo ao fim e seus olhos escureciam a cada novo relato de catástrofe. Sua cabeça pareceu pender. Aron pensou em parar, ou pelo menos diminuir o ritmo: dar um tempo para o velho senhor, não forçar tudo aquilo de uma só vez. Pensou e suprimiu o desejo. Isso precisa ser contado, disse a si mesmo. Ele tem que ouvir.

Assim, continuou, sem poupar detalhes, mesmo quando via que o velho líder se contraía, como se o pesar fosse o seu próprio. Quando Aron falou sobre o Tochnit Aleph, o ancião não se horrorizou nem ordenou que pegasse suas coisas e fosse embora. Simplesmente assentiu e, então, falou:

— Se eu tivesse percorrido a mesma estrada que você, visto o que você viu, faria o mesmo.

Aron baixou a cabeça, como se em reconhecimento agradecido. Mas estava incerto. A declaração do ancião era ambígua: era bem possível simpatizar com um homem cuja esposa, digamos, foi assassinada, e jurar que você também gostaria de estrangular o assassino se estivesse em seu lugar e, apesar disso, acreditar que essa não era a coisa certa a fazer.

Estaria o ancião apenas expressando compreensão da fúria da DIN? Ou estava fazendo o que Aron precisava que ele fizesse, ou seja, oferecer aprovação moral para o plano de extinguir 1 milhão de vidas alemãs?

Uma resposta ambígua não era suficiente, mas Aron não pressionaria o velho. Diria aos outros que o plano estava adiado. Se a bênção não viera fácil, então não era uma bênção verdadeira.

Quando Aron se levantou, pôde ver que o ancião tirara uma caneta-tinteiro do bolso e estava escrevendo um bilhete. Demorou dois ou três minutos para escrevê-lo, o som do rabisco no papel funcionando como acompanhamento para o tique-taque do relógio na sala repleta de livros e móveis de madeira — um cantinho da Europa no suor e no calor do Levante.

— Aqui está — o velho disse, por fim. — Este é o nome do melhor bacteriologista da Palestina. É meu aluno no Instituto de Rehovot. É jovem, mas

brilhante. Escrevi uma mensagem, dizendo-lhe o que você precisa. E digo a ele que é um dever dá-lo a você.

— Obrigado — disse Aron.

Em seguida, o ancião, ainda sentado, segurou a mão de Aron, como um avô no leito de morte, desesperado pelo toque daqueles que seguiriam vivendo. Seus olhos se fecharam e ele começou a entoar o que Aron pensou ser uma oração.

— Dam Israel Nokeam — ele disse.

O sangue de Israel se vingará.



CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Tom olhou para Rebecca e viu que a distração de alguns momentos atrás havia desaparecido. Seguiu o olhar dela até as plantas, que descreviam com detalhes precisos o esquema de abastecimento de água de cinco cidades alemãs, até que se voltou para ele: — Diga-me a citação de novo.

Tom pegou o papel em que havia notado a citação.

— "Eis que lhes darei a comer a losna, e lhes farei beber águas de fel."

Ela assentiu, ainda fitando as plantas do sistema de abastecimento.

— Só pode significar uma coisa, Rebecca.

— Eu sei.

— Teriam sido tantas pessoas.

— Eu sei. — Ela desviou o olhar dos desenhos, preferindo se voltar para o chão.

Tom se levantou do resto de cadeira quebrada em que estava sentado e se aproximou de Rebecca. Quando colocou as mãos nos ombros dela, ela se apoiou nele, receptiva a seu toque.

— Sabemos que não aconteceu. Todos saberiam, se tivesse acontecido.

Sabemos que o Plano B aconteceu porque o Plano A falhou. A questão central é: por que esse plano falhou? O que aconteceu?



CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Aron se encontrou com o jovem cientista, de nome Eliezer, que tomou o bilhete como se fosse um farmacêutico lidando com uma receita. Leu o papel rapidamente, depois olhou de relance para Aron e de novo para o bilhete, que releu várias vezes. Por fim, disse: — Isso levará algum tempo. Avisarei quando estiver pronto.

Não sei o que Aron fez nos dias em que esperou. Gosto de imaginar que perambulou pelo país que se formava, imaginá-lo tomando sorvete na praia em Tel-Aviv, comprando um falafel de um quiosque de esquina em Jaffa ou correndo as mãos pelas pedras de um dourado pálido da antiga Jerusalém. Mas essas coisas seriam uma distração do trabalho que o líder tinha consigo. Ele não teria sido capaz de se permitir alegria e deleite sabendo que outros haviam sofrido tanta dor, pelo menos não até que essa dor tivesse sido vingada. Acima de tudo, suspeito de que ele estava assustado: assustado que, caso se permitisse uma hora sequer de conforto, alguns minutos de felicidade, sua decisão enfraqueceria. Sua determinação se amansaria e ele se tornaria incapaz de prosseguir com o massacre do Tochnit Aleph.

Assim, acredito que tenha passado o tempo em mais reuniões com os líderes do Estado judeu por vir, ainda vestindo o terno escuro e a camisa branca da Europa. Não é apenas o caráter do homem que me leva a essa suposição, mas também meu conhecimento do que aconteceu em seguida.

Passaram-se, talvez, duas semanas, e Aron se encontrou novamente com Eliezer. O jovem químico entregou a ele os recipientes cheios de toxina, frascos de aço envoltos numa rede protetora. Poderiam passar por utensílios de acampamento: Aron conseguiria trazê-los para a Europa na mochila.

Combinou sua passagem de volta com os homens do submundo judeu.

Precisava da ajuda deles, pois entrara ilegalmente na Palestina: não tinha nenhum dos papéis requisitados para passar pelos guardas britânicos nos portos e embarcar em um navio. O submundo falou-lhe sobre navios de transporte britânicos que partiam de Haifa. Poderia ser infiltrado em um deles, portando documentos falsos com a sugestão de que seria um soldado da Libertação

Polonesa, que andavam pela Palestina à época.

Consigo imaginar Aron na viagem de volta, sozinho com seu caderno, planejando e escrevendo enquanto os outros homens bebiam e cantavam. Vejo-o esboçando seu lugar na mitologia judaica; ele seria o matador de alemães, o vingador dos judeus. Agora trazia a poção mortal na bagagem. Eu estava em Nuremberg, pronto para derramar o líquido letal no fornecimento de água daquela cidade. Manik faria o mesmo em Munique. O Tochnit Aleph logo passaria de plano para um dos acontecimentos mais importantes da história.

A jornada estava quase terminada, o navio prestes a ancorar em Toulon, França, quando Aron ouviu o barulho vindo de cima, os passos e as perguntas latidas pela polícia militar britânica, que subira a bordo. Foi seu instinto que lhe disse o que eles estavam procurando? Ele sabia, enquanto os soldados desciam as escadas, que estavam ali a sua procura?

Aposto que sim. Ele buscou a mochila? O que fez com os recipientes?

Arrastaram-no para fora do navio sem explicações e o enviaram para o Egito, para uma cela em Alexandria. Por fim, transferiram-no para prisões na Palestina, e até em Jerusalém. Aron — nosso líder, que por cinco longos anos se esgueirou para escapar das garras nazistas, que correu por ruelas de guetos e se escondeu em troncos de árvore ocos nas florestas, que nunca fora pego por ninguém — era agora prisioneiro.

Os britânicos o interrogaram, mas as perguntas eram vagas, subjetivas.

Ele chegou à conclusão de que pouco sabiam sobre ele ou sobre o Tochnit Aleph, que o prenderam não por descobertas próprias, mas baseados em um rumor que sugeria que Aron representava algum tipo de ameaça à segurança. Mas quem fora a fonte?

Sei que a pergunta o devorava por dentro durante aqueles dias e noites sem fim que passou sozinho, numa cela úmida em Jerusalém ou, como um cavaleiro capturado, num velho forte em Acre. Ele teria presumido que fora traído, que o informante fora alguém em quem ele confiara.

Teria elaborado listas em sua mente de todos que sabiam do Tochnit Aleph — o ancião que lhe abençoara; o jovem químico; os líderes mais idosos do submundo, que conhecera naquelas últimas semanas. O que poderiam ter revelado? Teriam soltado a informação para os britânicos sem saber, ou foi algo deliberado? Se foi de propósito, por quê? Por que um patriota judeu teria sabotado esta tentativa audaciosa de justiça?

Ou os britânicos teriam recebido a informação de uma fonte

completamente diferente? Afinal de contas, o Tochnit Aleph era um plano para matar 1 milhão de alemães. A Alemanha era quem se beneficiaria mais diretamente com a prisão de Aron. Seria possível que os britânicos se conluiassem com o inimigo…? Não. Por certo, era inimaginável.

Nós — Rosa, Manik e eu, e até mesmo os comandantes da DIN — não sabíamos de nada disso, é claro. Simplesmente aguardávamos o retorno de Aron à Europa com o veneno. Por fim, um mensageiro chegou com um bilhete que nosso líder, de alguma forma, conseguira enviar. Dizia apenas: "Preso. Prossigam com o Plano B."



CAPÍTULO QUARENTA E SETE

— Mas, se não aconteceu, qual a conexão com tudo o que está havendo?

Por que matariam Henry Goldman ou invadiriam meu apartamento?

Não faz sentido.

Tom gostaria de ter uma resposta, mas ela estava certa. Cada vez que se aproximavam de algo que prometia ser uma solução, a questão toda só parecia se complicar mais. Estava claro que seus perseguidores estavam atrás de algo, e tinha de ser o Plano A secreto. Eles se mostraram certos: a prova, talvez a única que restava no mundo, estivera escondida aqui, dentro da pintura. Não poderia haver nada mais, nenhum outro segredo oculto neste apartamento: cada centímetro do lugar fora infiltrado e examinado, se não pelos bandidos, então por Tom e Rebecca. O Plano Apor certo era esse. Esse deveria ser o segredo que seu inimigo se esforçava para abafar. Por que outro motivo teriam matado Goldman se não para impedi-lo de revelar o plano?

E, ainda assim, é totalmente ilógico. O Plano Anão aconteceu. Não houve um envenenamento em massa das principais cidades da Alemanha. Era um sonho de sessenta anos atrás. Como era possível que importasse agora?

A menos que estivessem procurando no lugar errado. A menos que ele, Tom, estivesse deixando tudo complicado demais.

— Voltemos ao básico — disse ele, com calma. — É óbvio que seu pai estava atrás de alguém em Nova York. Quem quer que seja, seu pai tinha provas contra ele. Isso significa que ele tinha uma lista de nomes, como aquela que chegou a seu apartamento, só que atualizada, que consistia apenas em nazistas ainda vivos. Talvez a pessoa em Nova York sabe que está nessa lista atual, e precisa desse documento. E por isso tinha tanto medo de que Goldman falasse. Esse velho nazista suspeitava de que Goldman também tinha a lista.

Os dois tinham trocado de posição. Rebecca agora se apoiava naquilo que fora um sofá.

— Então isso não vai parar até que encontremos a lista.

— Se é que existe esta lista. Pode ser que não exista. Temos de encarar o seguinte, Rebecca. Se não encontramos nada ainda, onde vai estar?

Provavelmente não existe.

— Não mais.

— Como assim?

— Não mais. Anos atrás, era possível elaborar listas de ex-nazistas ainda vivos. Seria possível encher uma lista telefônica com eles. Mas, hoje, restam poucos. Todos estão velhos demais.

— Exato. O que significa que seu pai estava atrás de apenas uma pessoa, um nome que guardara na cabeça. Acho que a única maneira de resolver isso tudo é encontrar esse nome.

— E como vamos fazer isso?

Tom quase respondeu que não fazia idéia, quando se deu conta. É claro: que erro elementar. Velhos demais.

O advogado dobrou as plantas e cartões-postais e os guardou de volta no interior da moldura — reconhecendo que, já que haviam escapado de ser encontrados até aqui, provavelmente não havia esconderijo mais seguro do que aquele — e refez a colagem de maneira tosca.

— Estamos de saída.

— Para onde? Não estou entendendo.

— Nem eu. Não ainda. Mas acho que estamos prestes a entender.



CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Ele teria preferido algum outro lugar, um lugar com mais gente, mas sem o carro eles não podiam se dar ao luxo de escolher. Então arriscariam, simplesmente fariam o trajeto de dez minutos de volta ao cibercafé na Kingsland High Street. No instante em que saiu pela porta da frente, Tom vasculhou a rua. Viu duas mulheres empurrando carrinhos de bebê, outra falando ao telefone celular. Aquilo podia ser um artifício eficiente — ou absolutamente nada. Olhou para o outro lado. Um carteiro — ou seria um disfarce para alguém que os vigiava?

Um furgão branco com dois jovens brancos dentro passava sobre um quebra-mo-las. Estaria estacionado até que Tom abrisse a porta da casa?

Será que carregava desentupidores de pia e canos, como sugeria a palavra "Encanador" pintada na lateral, ou equipamentos de vigilância de última geração? Tom resignou-se, consciente de que tudo o que podia fazer era continuar a olhar por sobre os ombros, atravessar a rua ao menor sinal de alguém suspeito e dar preferência a ruas movimentadas.

Ele se sentiu grato que Gerald Merton tivesse continuado em Hackney até o fim. As regiões mais ricas quase sempre eram desertas, principalmente àquela hora do dia. As crianças iam e voltavam da escola na cápsula isolada de veículos 4 x 4; os pais voltavam para casa em BMW reluzentes e insulares; qualquer bate-papo com os vizinhos acontecia entre quatro paredes e por telefone ou, possivelmente nesses dias atuais, pelo computador. Mas nas regiões mais pobres da cidade, num lugar como Hackney, a vida era vivida nas ruas. Sempre havia gente por perto, à espera do ônibus, a caminho de comprar leite ou cigarros. Nas áreas residenciais, as crianças ainda jogavam bola na rua.

As mães não os alertavam a ficar em casa, por medo do que outros garotos mais durões poderiam fazer com eles. Eles eram os garotos que os outros garotos temiam.

Tom se deu conta disso ao caminharem por três ou quatro quarteirões em direção à rua principal, a caminho do Newington International Call Centre, com seu nome grandioso.

— Estive pensando — disse Rebecca, olhando para os lados antes de atravessarem a Cazenove Road. — Já não era tempo de termos notícias da polícia? Sobre a necrópsia?

— Falta de notícias são boas notícias. Se eles houvessem descoberto alguma coisa, nós já saberíamos. Se houvesse drogas ou veneno na corrente sangüínea de Goldman, a senhora, doutora Merton, certamente já estaria sabendo.

— Então a polícia concluiu que ele morreu de causas naturais.

— E portanto não têm um assassinato para investigar.

— Mas deveriam.

Tom pensou em repetir o que dissera antes para tranquilizá-la — que a morte de Goldman podia ter sido nada mais do que uma coincidência —, mas não conseguiu.

Eles chegaram ao cibercafé, onde Tom ficou grato por ver a mesma clientela melancólica reunida para o turno da tarde. As cabines telefônicas de madeira falsa estavam outra vez todas ocupadas; a maioria dos computadores estava sendo usada. Enquanto Tom entregava duas moedas de uma libra para pagar pela última máquina do corredor, um senhor barbado, vestindo o traje típico dos judeus ultraortodoxos, levantou-se da cadeira ao lado. Agora havia dois lugares vagos, um para cada um.

Ele foi direto ao Google e digitou as duas palavras que lhe vieram à mente com toda força no apartamento de Gershon. Aquele havia sido um erro de lógica tão primário que Tom estava quase envergonhado.

Qual havia sido sua solicitação para Nova York? Uma lista com todas as pessoas com mais de 70 anos que estariam presentes no prédio durante a semana da Assembléia Geral. Aquilo produzira um beco sem saída, uma lista que incluía um intérprete chinês e um chefe de Estado israelense, entre outros. Algo que era o oposto de uma lista de criminosos nazistas.

Mas, quando Rebecca se queixou de que "todos estão velhos demais", ele percebeu instantaneamente. Assim como ela havia sido criada à sombra dos acontecimentos da era nazista, o mesmo acontecera com muitos outros de sua geração. E nem todos foram filhos das vítimas.

Alguns foram filhos dos criminosos. Eles também podem ter sido arrastados para aquele estranho enigma de sobras, ainda inacabado depois de tantos anos. Podem ter sido alistados naquela batalha póstuma da mesma forma que Rebecca, lutando as guerras de seus pais. Mas esses homens, os homens que Tom

imaginava, lutavam do outro lado.

Era por isso que ele desejava tão intensamente que o palpite estivesse errado ao digitar no campo de pesquisa do Google as duas palavras que pesavam em seu coração.

Henning Munchau.



CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

A maioria dos resultados estava em alemão, a começar por uma reportagem do Frankfurter Allgemeine Zeitung que anunciava a indicação do nome de Munchau para a ONU e diversas outras da imprensa jurídica. Em inglês, havia uma entrevista publicada na New World, revista da Associação das Nações Unidas na Grã-Bretanha, e uma nota publicada no New York Observer, destacando a intimação de Munchau a comparecer à magistratura de Manhattan por ter deixado de pagar uma multa de trânsito. Não era o que estava procurando.

Ele levou as mãos à cabeça. Sabia que havia algo que não estava lembrando. Pense. Pense.

Tom fechou os olhos tentando visualizar o escritório do conselheiro legal, elegante, a área externa com vista para o East River onde ficavam as mesas de duas secretárias. Havia uma placa na porta de Henning. Ele passara por aquela porta mil vezes sem nunca lhe dar maior atenção.

Lentamente a imagem tomou forma em sua mente, as letras ficaram visíveis. Lá estava: W. Henning Munchau.

W.

Agora ele lembrou. Os dois estavam na fila da alfândega para deixar Dili, Timor Leste, esperando que seus documentos fossem conferidos e aprovados. Eles trocaram de documentos, para que Henning pudesse examinar a foto do passaporte de Tom e gozar do seu visível declínio.

— Tão bonito no passado. O que aconteceu, hein, Tommy?

Tom não encontrou nada na fotografia de Munchau que pudesse usar como munição para um contra-ataque: o homem mal parecia ter envelhecido. Mas viu o nome completo dele pela primeira vez.

— Ah, temos um kaiser entre nós, nada menos. Saudações, mein Herren, ao kaiser Wilhelm Henning Munchau.

Henning o calou. Tom não deu atenção na época; o companheiro se irritara, havia pessoas em volta. Mas agora, ao reavivar aquela lembrança, ponderou se Henning não teria engolido o sorriso por outro motivo.

Ele digitou o nome no campo de pesquisa.

Mais uma vez, os dois primeiros resultados estavam em alemão.

Pareciam ser matérias de jornais jurídicos, com o nome de Henning em meio a listas com outros: provavelmente anúncios de premiações e promoções.

Tom decidiu refinar a busca. Não se permitindo parar, antes que mudasse de idéia, digitou o nome outra vez — Wilhelm Henning Munchau —, mas desta vez acrescentou outra palavra: nazista.

A máquina levou menos de um segundo para vasculhar o mundo e encontrar a frase que ele temia. Mas lá estava, aquelas eram as primeiras palavras em um resultado da pesquisa, visíveis mesmo na página inicial da busca. Uma página do Departamento de História da Universidade de Maryland.

Capitão Wilhelm Henning Munchau, 1898-1975; serviu na Totenkopfverbände da SS, ou unidades Totenkopf (Caveira); teve a pena pelo serviço em Theriesenstadt (Terezin) suspensa pela Suprema Corte da Alemanha Ocidental em 1966.

Tom seguiu o link na palavra "Totenkopfverbande". Ele levava a uma página de algo chamado Museu da Tolerância. Havia uma definição: Unidades da SS que cuidavam da segurança de campos de concentração.

No colarinho direito do uniforme dos seus integrantes havia um símbolo com uma caveira, à qual deviam seu nome. A Totenkopfverbande tornou-se a elite da elite da SS.

Tom desceu até o fim do texto.

…julgados por assassinarem judeus e guerrilheiros.

Então afastou a cadeira e levou a mão, instintivamente, à bolsa com fumo no bolso interno do paletó. Se ainda havia um lugar em Londres onde era possível safar-se por fumar, certamente era um buraco como aquele. Com uma das mãos, os olhos ainda na tela, ele enrolou um cigarro e o colocou entre os lábios. Aquela simples sensação, mesmo antes que acendesse o palito de fósforo, foi como uma dose de nicotina calmante.

Jesus Cristo, que parte de seu cérebro não havia pensado naquilo antes?

Será que ele suprimira aquele mero pensamento? Estava sob seu nariz o tempo todo. No minuto em que abriu o diário de Gershon Matzkin, devia ter ao menos levado aquilo em conta. Qualquer um teria. Ele havia sido enviado para abafar o caso de um caçador de nazistas idoso por — adivinhem — um alemão! Não era preciso ser uma pessoa preconceituosa para perceber a conexão, apenas

ter bom-senso. Por que fora tão estúpido? Ele permitira que a afeição pessoal por Henning embaçasse seu julgamento, obscurecesse a linha de investigação mais lógica. A amizade havia impedido suas sinapses de pelo menos se agitarem com o possível interesse que um diplomata alemão poderia ter em suprimir o passado nazista. Ou talvez tenha sido o fato de Tom nunca ter visto Henning como um alemão, mas como um cidadão do mundo semi-australiano.

Sua mente disparou adiante, tentando acompanhar as implicações.

Certamente aquilo significava que Henning o enganara ao enviá-lo naquela missão. Ele afirmara não saber nada sobre Gerald Merton, mas sabia tudo o que importava, a começar pela motivação do velho.

Mas aquilo era o mínimo. O conselheiro legal das Nações Unidas de alguma forma arquitetara uma operação de espionagem em uma capital estrangeira, capaz de rastrear — e destruir — os lares tanto de Gerald Merton quanto de sua filha, isso para não falar na vigilância, e depois no assassinato, de Henry Goldman. Como Munchau tinha tanto poder?

A não ser que fizesse parte de algo maior. A princípio Tom sentiu uma ligeira decepção. Especificamente, decepção com relação a Gershon Matzkin. Ele esperava mais do velho. Que, ao que tudo indicava, viajara a Nova York para rastrear o filho ou, mais provavelmente, neto de um criminoso de guerra nazista. Apesar de tudo, Tom havia simpatizado com a determinação da DIN em caçar os culpados, mas aquilo — cobrar dos filhos os pecados dos pais — era impossível de defender. A única forma de aquilo fazer sentido era assumir que não se tratava simplesmente de Henning Munchau e seu avô nazista, mas um jogo no qual o advogado da ONU — antigo patrão e grande amigo de Tom — desempenhasse apenas um papel secundário.

Ele se voltou para Rebecca, esperando que ela estivesse espiando sobre seu ombro, lendo a história do capitão Munchau que ainda aparecia na tela. Mas Rebecca olhava para o monitor à sua frente. Ela fazia suas próprias pesquisas, e seu rosto estava pálido.

— O que foi?

Ela simplesmente apontou para a tela, onde aparecia sua página no Facebook. Indicava a coluna de amigos na esquerda.

— Não entendo — disse Tom, mais uma vez consciente não apenas de que Rebecca era dez anos mais jovem, mas também de que a última onda de revolução na internet lhe passara despercebida. O resto do mundo podia estar formando redes sociais, mas ultimamente suas únicas comunidades pessoais

consistiam nas modelos com as quais saía, nos mafiosos para quem trabalhava e no alfaiate britânico que descobrira na Spring Street: e nenhum desses relacionamentos acontecia online.

Rebecca apertou algumas teclas, voltando diversas páginas. Tom distraíra a atenção da tela: ele percebera um novo cliente.

— Está vendo este sujeito? — ela apontava para um quadrado preenchido não com uma foto, mas com um ponto de interrogação. — Ele me pediu para adicioná-lo mais cedo.

— Adicioná-lo?

— É uma coisa do Facebook. Enfim, eu aceitei — ela disse, e percebeu o olhar de descrença de Tom. — Muitas pessoas estavam entrando em contato, principalmente para mandar os pêsames por papai. Pareceu mais fácil simplesmente dizer sim a todo mundo.

Tom olhou mais uma vez para o recém-chegado. Algo nele era familiar.

E voltou a dar atenção à tela. Jay… está oferecendo um jantar em York — mais um. Zoe… não pode esperar para sair do trabalho e beber alguma coisa. Os olhos dele iam da tela para o homem, que agora estava sentado no outro extremo do corredor de computadores. Branco, fones de iPod pendurados no pescoço.

O dedo de Rebecca chamou a atenção de Tom de volta à lista de status da página do Facebook, indicando alguém cinco linhas abaixo.

— Esse é ele.

Richard precisa encontrar com Rebecca urgentemente — para explicar tudo que está acontecendo.



CAPÍTULO CINQÜENTA

Tom mal havia lido aquelas palavras quando Rebecca passou a digitar furiosamente: Quem é você? Como você sabe o que está acontecendo?

Tom esfregou o queixo.

— Não sei se você deveria…

— Tarde demais — disse Rebecca, apertando com força a tecla Enter. — Acabei de enviar a resposta.

— Pelo amor de Deus, nós precisávamos… — ele começou a falar e estacou. Não entraria numa briga agora, não com o que estava para dizer a ela. Ele olhou para o homem com os fones brancos, que estava com a cabeça baixa e martelava o teclado, aparentemente alheio a eles e aos demais clientes.

— Rebecca, tem algo que preciso te mostrar — ele disse, e girou o monitor, para que ela pudesse ler a descoberta por si mesma. — Lembra do meu chefe, Henning Munchau? Conselheiro legal das Nações Unidas? Está bem. Leia isso.

Tom viu o rosto da mulher ser iluminado pelo brilho azul da tela do computador, os olhos saltando pelas poucas linhas da biografia de Wilhelm Henning Munchau que ele acabara de descobrir. Ela não lhe pareceu surpresa, apenas concentrada.

— Você acha que pode ser isso?

— Não sei. Parece absurdo. Está bem, Henning joga duro, não tenha dúvida disso. Mas sob o exterior cínico, ele está do lado dos anjos. É um humanitário sério. Se o tivesse visto no Timor Leste, quando os rebeldes estavam sendo atacados. Ele…

— Mas isso explicaria muita coisa. O pai dele era um nazista…

— Talvez avô.

— …e ele não quer que isso seja revelado. Talvez ele saiba que meu pai tinha ciência da verdade a respeito da família dele e esteja determinado a impedir que isso venha a público. Isso explicaria muita coisa.

— Eu sei. Mas me recuso a acreditar que chegaria a esse ponto: mandar homens até aqui para destruir a casa do seu pai, a sua casa, colocar escutas em

nossas reuniões…

— Matar Goldman.

— Mesmo que quisesse fazer isso, duvido de que tenha os recursos. As pessoas sempre imaginam que as Nações Unidas são algum tipo de potência global. Mas a ONU não tem nada. Quando precisa de toner para as copiadoras, tem que sair implorando.

— Você tem uma explicação melhor?

Tom esfregou os olhos até que emitissem um guincho audível.

Ele não tinha uma boa resposta. Afinal, o que eles sabiam? Que houvera um plano para envenenar centros de abastecimento de água na Alemanha do pós-guerra, algo que claramente havia sido abortado.

Que, em lugar disso, a DIN matara algumas centenas, talvez milhares, de antigos integrantes da SS enquanto aguardavam julgamento por seus crimes. Mas a relação que isso tinha com o que acontecia no presente eles não sabiam. Apesar de tudo o que descobriram, ele e Rebecca nem ao menos podiam afirmar o que Gerald Merton estava fazendo em Nova York dois dias antes.

— Não. Não consigo pensar em…

— A-ha. Aqui vamos nós. Ele respondeu.

Sou um amigo e realmente desejo ajudar.

Rebecca digitou uma resposta imediatamente.

Do meu pai?

Algo que pareceu como trinta segundos se passou e então o Facebook anunciou a chegada de uma mensagem. Rebecca clicou sobre o link.

Não tive o privilégio de conhecer seu pai. Mas conhecia o trabalho dele.

Ela se voltou para Tom.

— O que diabos isso quer dizer, o "trabalho dele"? Meu pai tinha uma lavanderia. Ela martelou o teclado.

O cjue quer dizer com "trabalho"?

A resposta chegou em poucos segundos.

Eu sou um admirador da DIN.

Rebecca olhou para Tom, hesitante.

— O que acha que devemos fazer, Tom?

Mais uma vez, aquele "nós" enviou uma descarga por seu corpo. Ele queria abraçá-la, acarinhá-la, passar horas a fio admirando aquele olhar que parecia vê-

lo com tanta clareza. Precisou esforçar-se para voltar.

— Acho que devemos encontrar com ele. Em algum lugar público, um lugar seguro.

Tom olhou para o homem na extremidade do corredor, apertando os olhos para tentar ver o que havia na tela: ele parecia imerso em algum tipo de jogo gótico.

Rebecca estava digitando e fez uma pausa para conferir o relógio.

Estarei no Starbucks da Portland Place às 18h.

— Diga que estará comigo. Como proteção.

Estaremos no Starbucks da Portland Place às 18h.

— Aqui — ele disse; inclinou-se sobre a mulher e passou a digitar ele mesmo. Rebecca não se afastou, e Tom teve a sensação de que ela estava inalando o cheiro dele. — Melhor não ser tão sutil.

Estarei com um amigo: ele está me ajudando.

Então, numa última consideração, Rebecca digitou outras cinco palavras: Como vou te reconhecer?

A resposta chegou, mais uma vez, em poucos segundos.

Não se preocupe. Eu vou te reconhecer.



CAPÍTULO CINQÜENTA E UM

Foi idéia de Tom chegarem cedo. Tem a vantagem em qualquer negociação aquele que é o dono do espaço: era por isso que, na ONU, havia um protocolo complexo para reuniões, mesmo para tratar dos assuntos mais banais. A praxe era que quem tivesse o nível hierárquico mais baixo ia, como em súplica, ao superior. Se estivesse na última posição, você se recostava no encosto da cadeira reclinável e ocupava as mãos com um lápis ou elástico, agindo como o lobo no covil. Ao passo que o sujeito do outro lado da mesa ocuparia uma cadeira rígida, de preferência escolhida para deixar o interlocutor numa posição inferior à sua.

Aquele era território neutro, um café numa rua movimentada. Mas ao chegarem com dez minutos de antecedência, Rebecca e ele poderiam simular a política usada na sede da ONU, minimamente que fosse. Tom vasculhou o lugar, procurando pelas poltronas confortáveis que fizeram o nome da Starbucks nos tempos distantes de início da década de 1990, quando quadros-negros com anotações a giz e baristas com brincos no nariz iludiam o público a acreditar que os cafés eram vagamente alternativos, até mesmo descolados — tendo em vista a ligação com Seattle e tudo mais —, e não parte de uma cadeia voltada ao domínio mundial. O Tom dos últimos anos certamente admirava a perspicácia capitalista da estratégia. Mas atualmente não podia deixar de lamentar a economia tipo lata de sardinhas, que proporcionava algumas poucas cadeiras num layout voltado a permitir o máximo de clientes possível apertados no espaço.

— Ali — ele disse, apontando para uma mesa de madeira redonda que poderia acomodar três pessoas. Aquilo seria estranhamente íntimo, até mesmo claustrofóbico, mas garantia que falariam com o tal “Richard”

em particular. Se estavam sendo seguidos, qualquer espião teria que se esforçar para ouvir a conversa. O fato de o lugar estar tão cheio também tinha suas vantagens.

Agora que o território estava marcado como deles — casacos devidamente pendurados nas costas das cadeiras, a bolsa de Rebecca firmemente plantada sobre a mesa —, Tom afundou as mãos nos bolsos à procura de troco.

— Então, o que vai ser, mademoiselle?

Rebecca conseguiu dar um sorriso tenso. Ela claramente temia o que estava prestes a ouvir. Especulação era uma coisa. Mas finalmente conhecer, e de maneira irrevogável, a natureza do atoleiro pelo qual se arrastavam, ouvir exatamente o que o pai havia feito — como "Richard"

prometeu que faria —, bem, isso era mais assustador. E sugeria finitude.

Tom foi até o balcão para pedir um cappuccino e um latte, hesitando quando indagado se preferia venti ou grande. Entregou o dinheiro a uma loira de olhos azuis com nariz arrebitado: polonesa, lituana ou eslovena, não sabia dizer; talvez até mesmo letã.

Enquanto esperava que ela tirasse, mexesse, espumasse e vaporizasse os cafés, olhava para Rebecca, que tinha os olhos em outro lugar. Se aqueles últimos dias infligiram um cansaço que nunca sentira fora de uma zona de guerra, ele imaginava a exaustão que Rebecca estava sentindo. Ela perdera o pai, em todos os sentidos. A cada dia, a cada hora, teve que assimilar algum aspecto novo, mais surpreendente da história de Gerald Merton. O último havia sido a prontidão do pai em cometer assassinato em massa, em tirar a vida de sabe Deus quantas centenas de milhares de alemães sem fazer distinção, aleatoriamente.

Apesar disso, enquanto olhava para ela — ao telefone agora, sem dúvida conferindo mais uma vez como estava a situação no hospital —, não pôde deixar de admirar sua resistência, marchando adiante como se não houvesse tempo para descansar, como se fosse curar as feridas depois, apenas quando a batalha chegasse ao fim. Tom percebeu que sentia por ela algo que, e isso era doloroso de admitir, dificilmente sentira por uma mulher. Não apenas desejo ou afeição, ou mesmo amor, mas profunda admiração.

Talvez ela tenha sentido o olhar. Ela veio até o balcão, mesmo que não precisasse, e Tom estava para abrir os braços para ela, ou sorrir, quando a garota informou que as bebidas estavam prontas, gesticulando para a mesa oval onde serviam os cafés. Ele pegou as duas canecas grandes e voltou-se para Rebecca quando viu um homem parado em frente a ela, seus olhos em cumprimento franco.

— Rebecca Merton? — ele estendeu uma das mãos. — Eu sou Richard.

Ele era, Tom diria, alguns anos mais velho do que ela e muitos anos mais novo do que ele. Tinha cabelos castanhos quase compridos, quase desalinhados, mas vestia um terno. Tinha aparência saudável, como se fizesse musculação.

Ele se voltou para Tom.

— Onde você estão sentados?

Tom ponderou, incerto do tom a adotar. Por fim, com as mãos ocupadas pelas canecas, usou a cabeça para indicar, com um giro sobre o ombro direito, e disse "logo ali".

— Ótimo. Vou pegar uma bebida e já me junto a vocês.

Eles se sentaram à mesa. Tom contraiu a testa numa pergunta a Rebecca. Ela encolheu os ombros, como que dizendo: "Não sei. Não é o que eu esperava."

Eles bebericaram os cafés e aguardaram. O líquido quente descia pela garganta de Tom como um conforto.

— Obrigado por me encontrarem aqui — o homem disse assim que chegou, com uma caneca na mão, e aproximou a cadeira da mesa para que não precisassem gritar para ser ouvidos.

— E assim tão de repente.

Rebecca ficou em silêncio. Ela levou a caneca aos lábios e bebeu o café.

Tom percebeu que aquele era um movimento estudado: ela forçava o homem a falar.

— E sinto por essa coisa do Facebook. Não tinha outra forma de entrar em contato com você.

— Tudo bem — ela disse com um sorriso, o que surpreendeu Tom; ela parecia estranhamente ansiosa por agradar. Não o recompense tão cedo: ele ainda não nos ofereceu nada.

Tom estendeu a mão.

— Tom Byrne — ele disse, e olhou para Rebecca, conferindo que não estava para tomar a dianteira.

Ela parecia satisfeita que ele conduzisse a conversa. Afinal de contas, não fora esse o acordo que fizeram, que ele navegaria pelo que, para ela, era o território desconhecido de negociações e troca de informações?

— Então, você sabe o que está acontecendo com toda essa confusão? — disse Tom. Ele escolhera não soar agressivo, e ficou satisfeito com o resultado: a pergunta soou casual, não rude.

— Sim, e vamos falar sobre isso. Certamente vamos. Sobre isso e todo o resto. Mas devo dizer, Rebecca, você parece muito cansada. Está se sentindo cansada?

— Na verdade, Richard, estou exausta.

Ela sorriu novamente, mostrando ainda mais os dentes dessa vez. Tom

estava impressionado com aquela súbita demonstração de cordialidade.

— Dá para perceber?

— Temo que sim, Rebecca. E quanto a você, Tom? Está cansado?

Tom queria dizer que ele cuidasse da própria vida e que começasse logo a dizer o que precisavam saber. Mas esse rompante deu lugar a outro sentimento. Talvez fosse o ambiente agradável do lugar ou o poder restaurador de uma bebida quente, ou apenas a visão de Rebecca finalmente relaxada. Qualquer que fosse o motivo, aquele não parecia ser o momento para uma briga. O homem estava sendo amigável e agradável. Tom sentiu que também devia ser amigável e agradável.

— Quer saber? Estou muito cansado. Isso não é engraçado? — E Tom deu um sorriso que acabou transformando-se numa breve risada.

— Vocês não preferem ir a um lugar aberto, com ar fresco? Você gostaria de um pouco de ar fresco, Rebecca?

— Sim, Richard, eu gostaria.

— Tom? E quanto a você? Gostaria de um pouco de ar fresco?

— Acho que sim, Richard. Obrigado.

— Ótimo. Bem, por que não terminam as bebidas? Podemos caminhar um pouco.

Tom e Rebecca fizeram o que lhes foi pedido, bebericando, e então mantiveram as canecas junto aos lábios para beber um pouco mais.

Fizeram isso mais ou menos em silêncio, até que não houvesse mais café.

— Beleza, então — disse Richard, e agora todos sorriam. — E aquela caminhada?

Todos se levantaram. Tom dirigiu a Rebecca um olhar de indagação, mas ao mesmo tempo agradável: estranho, não? Ela deu de ombros ligeiramente, como que dizendo: Vamos deixar a maré nos levar.

— Pegue a sua bolsa, Rebecca. — Era Richard, num tom direto, como se estivesse dando uma ordem que surpreendeu Tom. Mas Rebecca, que lhe dera tanto trabalho, não fez objeção alguma ao fato de aquele homem estranho, o tal "Richard", ter dito a ela o que fazer. Tom queria criticar, objetar ou ao menos fazer um comentário sarcástico, mas não estava com energia para isso.

Eles estavam a céu aberto agora, e assim que pisaram na calçada, foram engolfados por um fluxo constante de pedestres, que caminhavam afobados, apressados, latindo aos telefones celulares tão alto que Tom sentiu a cabeça girar.

Alguns carregavam guarda-chuvas, o que significava, ele percebeu, com algum atraso, que estava chovendo.

— Bem, acho que essa não é a atmosfera certa — disse Richard, com a voz ainda calma e suave. — Já que todos queremos ar fresco, acho que podíamos ir de carro a algum lugar.

— De carro? — disse Rebecca.

— Isso, de carro. E sabem do que mais? Olhem aqui o meu carro.

Tom já havia percebido, uma fração de segundo antes: um Mercedes prateado estacionado junto ao meio-fio. Parecia um carro alugado para clientes exclusivos, o tipo de carro que seus clientes abonados — incluindo aqueles cujas declarações de imposto de renda afirmavam atuar no setor da construção civil de Nova Jersey — ocasionalmente mandavam para buscá-lo. Ele percebeu que os vidros tinham filme escuro.

Naquele exato instante, assim que Richard parou de falar, Tom sentiu um empurrão firme e súbito nas costas, um movimento firme, do tipo que os funcionários do metrô costumam dar para garantir que os passageiros entrem todos no trem. Aquilo obviamente funcionou, já que, sem saber exatamente como havia acontecido, parara de chover.

Ele estava no seco. Um segundo ou dois depois, percebeu que estava no banco traseiro do Mercedes. Rebecca estava no outro extremo, Richard entre eles.

Ele não estava certo se aquilo era real ou apenas sua imaginação confusa, mas o carro parecia deslizar. Nenhum ruído vinha do lado de fora. Tom não via nada além da orelha do motorista, que parecia dotada de algum tipo de equipamento, no qual piscava uma luz azul.

— Rebecca, você poderia levantar a manga da camisa, por favor?

Tom observava, mas parecia olhar através de gaze. Estava escuro dentro daquele carro? Tentou esfregar os olhos. Não, não fazia diferença. A visão ainda parecia embaçada, como se alguém houvesse esfregado vaselina nas lentes.

— Isso — Richard dizia, quando Rebecca, obediente, oferecia a ele a parte interna do braço direito. Ela nem ao menos piscou quando o homem surgiu com uma seringa e esguichou um pouco do conteúdo, testando o instrumento.

— Você vai sentir uma leve picada, e pronto.

Tom observava aquela cena como se ela se desenrolasse num filme.

Tentava dizer a si mesmo que aquilo estava acontecendo ali, na sua frente,

que era estranho e provavelmente não era uma boa idéia, mas de alguma forma não conseguia verbalizar. E falar não era o único problema. Os pensamentos pareciam ter desacelerado, como se viajassem em meio a um melaço espesso, viscoso, de letargia. Não importava o que via acontecer à sua frente, ele não conseguia se convencer a pensar firmemente no que acontecia. Tinha uma vaga sensação de que deveria, mas basicamente queria relaxar. Ele ouviu uma voz distante dizer: "Estou apenas indo com a maré."

— É realmente uma coisa boa que você esteja indo com a maré, Tom — disse Richard. — Muito boa.

Ele preparou outra seringa e indicou a manga direita de Tom com a cabeça. Automaticamente, Tom arregaçou a manga da camisa e ofereceu o braço àquele homem que conhecera havia no máximo dez minutos.

— A propósito, Tom, sinto muito ter sido obrigado a drogar o seu café.

Tom sentiu uma picada muito sutil e observou a agulha ser inserida na veia do braço, que agora estava projetada.

— Não foi nada simpático batizar dois cappuccinos tão bem preparados como aqueles. Ou era um cappuccino e um latte? Enfim, me desculpe.

A voz do homem estava ficando mais distante, como se estivessem falando ao celular e o carro acabasse de entrar num túnel. E era exatamente assim que Tom se sentia. Ele imaginava a si mesmo na primeira classe de um trem, esticando as pernas e reclinando o encosto da cadeira, pronto para um bom sono. A luz à sua volta ficava cada vez mais débil, e acabou sendo substituída pela escuridão. Um túnel de escuridão que o envolvia. Que mal haveria em render-se, permitir a si mesmo algum descanso? Ele diria àquele homem, o tal Richard, que era isso que faria, iria dormir. Se apenas conseguisse reunir energia para abrir os olhos, ele diria. Ele diria ao…



CAPÍTULO CINQÜENTA E DOIS

A viagem em direção ao oeste durou mais de duas horas, a maior parte o trecho rastejado em Londres. Assim que chegaram à rodovia M3, o trânsito corria bem e Richard permitiu-se relaxar.

Richard. Não era um mau nome; já tivera piores. E funcionara, não?

Rebecca Merton não o desafiara a falar mais; ele não lhe dera a chance.

Estava mais preocupado com o advogado da ONU que a acompanhava.

Mas nenhum dos dois percebeu o spray de GLB — gama-butirolactona, o solvente industrial que encontrara espaço como "droga do estupro"

nos cantos mais obscuros da cena de casas noturnas de Londres — que usara antes mesmo que trocassem uma palavra. Não foi difícil. Uma borrifada rápida e trabalho feito.

Recebera instruções com o mínimo de informação e, certamente, nenhum indício do objetivo da missão. Este era o procedimento padrão, mas aquela missão nem de longe podia ser considerada padrão. Estava acostumado a seqüestrar homens, não mulheres, muito menos casais; e eles não tendiam a ser profissionais de classe média, mas jovens barbados determinados que passavam tempo demais assistindo a decapitações na versão al-Qaeda do YouTube. Então aquilo foi um desafio a mais. E o nível de recursos também foi incomum: ele foi informado que podia gastar o que achasse necessário, desde que trouxesse os alvos em segurança. Ninguém disse nada explícito, mas a forma como o controlador havia falado sugeria que a missão vinha do topo. Ou perto disso.

O satnav, equipamento de navegação por GPS, do motorista anunciou que estavam a pouco mais de um quilômetro. Logo chegariam ao ponto de encontro. Ele conferiu sobre o ombro as duas cinderelas no banco de trás. Estavam apagadas.

O satnav informou, uma voz de mulher estranhamente relaxante: Você chegou ao seu destino.

Estavam na região de Invincible Road Industrial Estate, nas redondezas de Farnborough, em Hampshire — um lugar desolado dominado por asfalto e telhas de aço galvanizado. Ele leu as placas, contando os números.

— Aqui. Sete A.

Os portões foram abertos quando se aproximaram. Isso queria dizer que o contato já estava lá e os vira chegar pelas câmeras de segurança. O

motorista deslizou a Mercedes em direção a um portão de garagem retrátil de chapas de aço, também acionado eletronicamente assim que o carro transpôs o primeiro. Enquanto a porta da garagem descia, luzes fluorescentes tremeluziram no teto. Em uma vaga adjacente havia uma ambulância com as portas traseiras abertas. Tudo corria conforme o plano.

— Bem-vindos — disse uma voz. E o cumprimento era sincero. Eles trabalhavam juntos havia algumas missões e acabaram por gostar um do outro. Desconheciam seus nomes.

— Trouxe as roupas?

— Sim. Está tudo aí dentro.

Os dois, com a ajuda do motorista, pegaram duas maças na ambulância e as colocaram sobre maças com rodinhas. Então puxaram Rebecca Merton e Tom Byrne para fora do carro e os colocaram sobre as maças, o rosto para cima, os braços colados ao corpo.

— Vocês dois cuidam dele. Eu cuido dela — disse Richard.

— Surpresa, surpresa. Ficando com o melhor trabalho para você.

Richard começou pelas botas da mulher, que puxou pelos calcanhares.

Os pés eram pequenos, o formato nítido sob as meias finas que usava.

Deu a volta na maca para ter acesso à parte de cima da calça jeans.

Desabotoou o primeiro botão com facilidade e notou a barriga lisa e firme da mulher. Quando desabotoou o seguinte e o próximo, lutou contra a excitação que crescia dentro dele. Mesmo adormecida, inerte numa maca, ela era uma mulher muito atraente.

Depois de baixar o zíper, agarrou a calça pelos quadris e começou a puxar. Era preciso alguma força, e em um momento precisou passar uma das mãos sob as nádegas dela, de modo a conseguir a elevação necessária para que a calça jeans deslizasse pelas pernas, mas acabou saindo. Agora ela estava nua da cintura para baixo a não ser pela calcinha preta. Richard tentou desviar o olhar do pequeno triângulo de tecido que cobria as partes íntimas da mulher, em vão. Ele conseguia ver o contorno através do tecido; estava arfando.

Em seguida dedicou-se à parte superior: um suéter com gola V sobre uma camisa branca. Ele precisou levantar cada braço, inerte com a inconsciência, e

puxá-lo pela manga, então retirar o suéter pela cabeça, aninhando-a com uma das mãos em meio aos cabelos pretos volumosos.

Finalmente, a camisa, uma peça vintage em tecido leve com botões delicados. Começou pelo último botão e, quando chegou à altura dos seios, percebeu que seus dedos começaram a tremer. Drogada, ela respirava lentamente, o peito subindo e descendo. Quando abriu o último botão, na altura do pescoço, teve uma visão desimpedida dos seios. Ocultos por um sutiã preto que combinava com a calcinha, eles eram cheios e, mesmo naquela posição, firmes. A mão do homem pairou a alguns centímetros do tecido. A perspectiva de tocá-los era tentadora.

— Aqui, pegue isso.

Era o contato, que atirava para ele uma embalagem de celofane com roupas cirúrgicas. Richard deu um passo atrás, para ter uma visão completa da mulher adormecida. Se estivesse sozinho… Rasgou a embalagem transparente e pegou as calças verdes de algodão.

Desdobrou-as e colocou os pés de Rebecca Merton na cintura da peça, então subiu com ela pela extensão das pernas da mulher. Atou o cordão da cintura em um laço, na altura do umbigo. Estava quase grato por ela estar vestida da cintura para baixo; precisava se concentrar.

Em seguida levantou o tronco dela, apoiando a palma de uma das mãos nas costas para mantê-la sentada. Vestiu os braços na blusa e atou os dois cordões nas costas antes de voltar a deitá-la. O toque final era vestir os cabelos no gorro apertado. Pronto, tinha terminado.

Ele olhou para a maca ao lado da sua. Os colegas haviam trabalhado mais rápido, mas isso não era de surpreender. Claro, o alvo deles era mais pesado, mas proporcionara menos… distrações. Ali deitados, inconscientes sob o efeito do forte anestésico, os dois alvos pareciam prontos para o teatro de operações.

— Está bem, vamos colocar os dois aí dentro.

O contato acionou a rampa eletrônica retrátil da ambulância, manobrou as maças para dentro da viatura e as fixou.

— Nossa vez — disse.

Ele retirou duas sacolas de viagem do interior do veículo. Abriu o zíper da primeira, onde havia roupas verdes de paramédico, além do kit de equipamentos para completar o disfarce: visíveis, um apito e um walkie-talkie, e até mesmo um distintivo de metal com o que parecia ser uma insígnia real. Abaixo, um nome:

“Executive Medicai Assistance Inc.” E havia outro, aparentemente idêntico, que passou para o motorista.

— E isso é para você — disse o contato, passando para Richard um crachá de plástico rígido preso a uma corrente fina de metal.

Richard olhou para a foto, sua, na qual usava um jaleco branco. A identificação: “Dr. Rick Brookes, Especialista, EMA.” Impressionante o que pode ser feito com o Photoshop.

— Está com os passaportes deles?

O contato mostrou os dois documentos, ambos no couro marrom de Sua Majestade Britânica.

— O dela estava no apartamento, sem problema. Fomos ao hotel dele há duas horas. O sujeito ainda não tinha se registrado, e assim soubemos que estava com ele. Em um bolso do paletó — disse o contato, sorrindo, e gesticulou para a pilha de roupas que acabara de despir do corpo inconsciente de Tom Byrne.

O contato reuniu as roupas de Tom e então as de Rebecca e colocou-as numa sacola de viagem, que empurrou para dentro da ambulância. Os três fizeram uma conferência rápida para garantir que nada ficara para trás. Richard e seu contato instalaram-se junto aos pacientes, e o motorista deu a partida no motor. Ao pressionar um botão no controle remoto, a porta de metal da garagem subiu; pressionado outra vez, a porta fechou-se atrás deles. Richard conferiu o relógio. Estavam no horário.

A viagem até Farnborough não durou mais do que 25 minutos. Eles seguiram as instruções: passaram pelo acesso ao elegante terminal exclusivo para voos executivos e seguiram direto para a pista. O Bombardier Challenger 604 esperava por eles. Os motores tinham aparência poderosa, tendo em vista a fuselagem curta e esguia do jato. A escada retrátil com sete degraus estava aberta, sugerindo que o trabalho de transformação da cabine do avião já devia ter sido concluído. A configuração mais comum, destinada a altos executivos e roqueiros mimados — meia dúzia de poltronas volumosas com estofado de couro e mesas de madeira envernizada —, havia sido mudada e substituída por camas hospitalares e uma infinidade de equipamentos médicos, com suas luzes piscando e apitos: monitores ECG, oxímetro de pulso e, claro, um desfibrilador. Havia suportes para solução intravenosa com bolsas de soro hospitalar, equipamentos para entubação, aparelhos de sucção.

Tudo o que se espera de uma UTI móvel.

Apenas agora, no escuro, Richard identificou os dois funcionários, um deles

uniformizado, de pé em frente à escada do avião. Ele os lembrou aquelas pessoas que vemos nos telejornais, políticos que esperam ansiosos a chegada de um chefe de Estado estrangeiro. Richard desceu da ambulância, o crachá devidamente pendurado no pescoço, e caminhou resoluto na direção deles.

A civil, uma mulher, estendeu a mão.

— Bem-vindo a Farnborough, doutor Brookes. Sou Barbara Clark, diretora de relações corporativas.

— Obrigado.

— Imagino a sua pressa, doutor. Faremos isso o mais rápido possível.

Farei eu mesma a inspeção de segurança. Imagino que o senhor mesmo tenha arrumado essas malas — ela disse, e prosseguiu com as perguntas de praxe.

— É possível que alguém tenha entregado alguma coisa ao senhor? — ela disse, e fez movimentos ágeis com um detector de metais ao redor do corpo dele e dos colegas. O aparelho emitiu apitos ao detectar celulares e chaves, e nada mais. Na bolsa de Richard, ela viu apenas seringas e diversas ampolas, o que era de se esperar. Ela conferiu o interior da bolsa de viagem com uma das mãos e garantiu que a equipe de solo já havia realizado uma inspeção criteriosa do avião com cães farejadores.

— Preciso conferir os pacientes. Desculpe. Mas será bem rápido.

Richard voltou-se para a ambulância e acenou positivamente com a cabeça. Os dois "paramédicos" desceram as maças com rodas e seguiram com elas em direção ao avião, ambos erguendo bolsas de soro hospitalar com a mão direita.

Clark olhou para os pacientes adormecidos e lentamente moveu o detector ao redor de seus corpos. O aparelho emitiu um apito estridente quando chegou à altura da cintura do homem. Richard disparou um olhar na direção do contato. Será que haviam esquecido algo? Haveria sob o lençol algum objeto que os denunciaria?

— Posso? — disse Clark, puxando o lençol. Richard prendeu a respiração.

— Claro. — Era a fivela do cinto que prendia Byrne na maca. O apito soou outra vez quando o aparelho se moveu por sobre o corpo da mulher.

— Bem, parece que está tudo em ordem, doutor Brookes. Apenas preciso fazer algumas perguntas sobre o estado dos pacientes. Há algo mais que o senhor possa me dizer sobre esta viagem, além de… — ela conferiu alguns documentos que tinha em mãos. — "Motivos médicos"?

— Sinto muito. Realmente não posso, senhora Clark. Sigilo médico.

Tenho certeza de que entende — disse, com um sorriso de desculpas, mas de uma forma que deixava claro que aquilo não era negociável.

— Claro. Uma palavra rápida com meu colega da Imigração e vocês estarão liberados.

Richard entregou ao agente alfandegário o passaporte do doutor Rick Brookes e, em seguida, os documentos pertencentes a Byrne e Merton.

O agente conferiu as fotografias com os rostos dos pacientes nas maças à sua frente, santos adormecidos, e assentiu. Richard fez um gesto para os colegas, que desconectaram as maças das estruturas com rodas e as carregaram, primeiro o homem, pela estreita escada até o interior da aeronave.

— Estranho, não? — disse Clark, observando os paramédicos que voltavam para pegar o segundo paciente. — Eles parecem quase em paz.

É assim tão grave, doutor?

— Bem, digamos que não é crítico. Mas eles estão em boas mãos agora, não se preocupe.

— Nada que pudesse ser tratado pelo nosso Sistema de Saúde?

— A senhora sabe como são os muito ricos. Eles sempre querem o melhor tratamento, e o mais discreto possível.

Richard sentiu que a mulher corou ligeiramente, apesar de isso ser difícil de discernir sob as luzes que iluminavam a noite ao redor.

Chuviscava fino, e os rastros da chuva eram delineados pelo clarão amarelado emitido pelas luzes do prédio do terminal.

— Claro — ela disse, e fez uma pausa. — Desculpe.

Richard viu o contato falando com o piloto, que colocou uma prancheta sob o braço, sugerindo que as conferências finais já haviam sido feitas.

— Obrigado mais uma vez, senhora Clark, à senhora e à sua equipe.

Vamos indo.

Richard fez um sinal de despedida com a cabeça para o motorista, que seguiu para a ambulância. Então entrou no avião, seguido pelo contato.

Os dois observaram a escada retrair em um movimento eletrônico majestoso.

Richard foi até as cargas inconscientes, numa conferência final. Clark estava certa: eles sem dúvida pareciam em paz. Podia ser que precisassem de uma nova dose durante o vôo, mas estavam apagados.

Sentou-se numa poltrona, sentindo o contato macio e deslizante do couro sob a pele. O colega já folheava as páginas de um exemplar da Forbes, sem dúvida esquecida a bordo por algum cliente endinheirado que alugara o jato. Ele merecia descansar, pensou Richard; havia feito um bom trabalho. Ambos haviam.

Depois da decolagem, com o avião lançando-se ao céu, os motores acelerados, olhou para o solo. De alguma forma, a experiência de voar era sempre mais intensa em um desses aviões pequenos. O manto de luzes abaixo, vilas e estradas de Hampshire, parecia ao alcance das mãos, mesmo ao ficaram vertiginosamente para trás. Uma voz soou nos alto-falantes da cabine:

— Boa-noite, senhores, este é o seu comandante. — A voz parecia divertir-se com o absurdo da situação. — Bem-vindos a bordo deste Challenger 604. As condições de voo são estáveis esta noite. Devemos chegar ao nosso destino em aproximadamente sete horas.



CAPÍTULO CINQÜENTA E TRES

Jay Sherrill colocou uma das mãos protetora sobre o laptop, cobrindo o símbolo da Apple; ele sabia o tipo de comentário que aquilo podia render aos néscios da polícia. Seria apenas mais uma confirmação de que era um moleque de universidade, chegado a vinho branco e carros Volvo — uma bicha que devia ter sido designer gráfico e não policial.

Mas havia outros tipos chegados a Volvos por ali. Ele estava no escritório do comissário, afinal de contas. Consultores políticos e de relações públicas. Nem todos eram caras durões que usavam sapatos com sola de borracha, tiras inspirados pela estética dos anos 1950.

Ele queria abrir o computador mais uma vez, apenas para garantir que o item ainda estava lá. E se a bateria estivesse fraca? E se o programa tivesse travado?

— O comissário irá recebê-lo agora.

Sherrill reuniu suas coisas e seguiu em frente, consciente de que usava uma camisa amarrotada e de que havia uma pequena mancha na perna direita da calça cáqui. Ele a percebeu quando vestiu a calça aquela manhã. Mas não tinha escolha. Só havia roupas usadas em casa. A verdade era que mal dormira, comera ou lavara roupa desde que aquele pesadelo que chamava de caso caíra em seu colo na manhã de segunda-feira. Ele estava um caco.

— É bom vê-lo, senhor Sherrill.

— O prazer é meu, senhor — prazer? —, quero dizer, obrigado…

— Relaxe, senhor Sherrill, sente-se. Fui informado de que o senhor desejava me ver urgentemente. Parecem boas notícias.

— Espero que sim, senhor. — Calma. Respire.

— Por que trouxe essa coisa? Tem algo pra me mostrar?

— Sim, tenho — disse. Então abriu o computador, clicou no ícone do programa iMovie e selecionou o projeto mais recente. Apenas então se levantou e foi até o lado de Riley da mesa.

— Posso, senhor?

— O que vai ser, Debbie does Dallas?

— Não exatamente, senhor, não. Mas, ainda assim, muito interessante.

Uma janela apareceu na tela, uma pequena janela de vídeo. Sherrill, inclinado sobre a máquina, levou os dedos ao touch pad para expandi-la. E então apertou play.

Instantaneamente, apareceu a silhueta de um homem em contraluz.

Ele estava em frente a uma janela. A mensagem era óbvia: era uma filmagem na qual o entrevistado desejava manter a identidade anônima.

Havia voz no vídeo, distante, gravada com o microfone do computador.

A voz de Sherrill.

Por favor, identifique-se.

Então a resposta: Eu sou um agente do Departamento de Polícia de Nova York, Divisão de Inteligência.

Isso foi o suficiente para que Chuck Riley girasse a cadeira e olhasse para o rosto do homem sobre seu ombro. A agitação visível em seu rosto era o efeito que Sherrill esperava. Agora, finalmente, começava a relaxar. Ele voltou a ouvir sua voz na gravação.

Você pode provar isso sem revelar seu nome?

Sim. Posso revelar detalhes operacionais que só seriam conhecidos por um agente do DI. Revelarei essas informações ao comissário ou a qualquer autoridade responsável pela investigação.

Agradeço, mas talvez possa dizer algo agora, que não deixe dúvida sobre suas credenciais.

O homem em contraluz fez uma pausa, mexendo-se brevemente na cadeira. A mudança no perfil revelou um corte de cabelo inesperado: comprido, pensou Riley, como o de uma mulher.

Posso falar sobre nossa operação durante a convenção do Partido Republicano na cidade, quando monitoramos os manifestantes.

Isso seria ótimo.

A voz prosseguiu, dando detalhes sobre como ele e seus colegas agentes viajaram além das fronteiras de Nova York, para os estados do Novo México e Illinois, para Montreal e até mesmo para a Europa, espionando ativistas políticos que planejavam uma manifestação na área externa do local onde aconteceria a convenção.

Falou sobre como trabalhara infiltrado, comparecendo a reuniões de grupos de esquerda e pacifistas, fazendo amigos e incluindo seu nome em malas diretas — sempre reportando as informações ao comando.

Acontece que todos pensam que investigamos apenas terroristas estrangeiros. Mas vou dizer uma coisa: espionamos pessoas que não tinham intenção alguma de cometer ações violentas contra ninguém.

Infiltrei até mesmo uma companhia de teatro mambembe, Jesus. Grupo de igrejas também. E aqui vai: eram todos cidadãos americanos.

O comissário ouvia atentamente, virando o rosto para aproximar o ouvido dos alto-falantes do computador. Ocasionalmente fechava os olhos, como que evitando distrações. Então fez um sinal para que Sherrill desligasse a máquina.

— Tem certeza de que não seria possível reunir essas informações em jornais? Na internet ou algum outro lugar?

Sherrill sorriu e apertou a tecla play.

Tínhamos codinomes diferentes. O meu era Tenzing. Outro era chamado de Simpson. E havia Hillary. Todos montanhistas famosos, acho. Dizem que o chefe é fissurado por montanhismo.

Ao ouvir isso, Riley recostou-se na cadeira e expirou. Aquilo era verdade: Stephen Lake era um fanático, desafiava os próprios limites escalando os picos mais improváveis. Mas Lake era pouco conhecido fora da CIA ou, mais recentemente, da Divisão de Inteligência da polícia de Nova York. Sua paixão por montanhas certamente não era de conhecimento público. O homem em contraluz não tinha descoberto isso ao acaso. Além do mais, o comissário sabia que pelo menos um daqueles codinomes de fato existira. Quando o New York Times começou a se aprofundar no caso da convenção do Partido Republicano, ele fizera suas próprias investigações. E ouviu falar de uma unidade chamada Hillary. Mas não fizera a ligação com o montanhismo; pensou que as unidades tivessem nomes de mulheres.

Como os furacões.

— Está bem — disse finalmente. — Acredito nele.

— Que bom, senhor. Porque esse homem explica os desdobramentos que culminaram com a morte de Gerald Merton na sede da ONU.

— E…

— E, mais importante, senhor, quem foi responsável por esses desdobramentos.

— Isso é muito bom, Sherrill. Não, isso é ótimo.



CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Estava sonhando com Rebecca. Ela raspava algo de uma parede. Podia ser papel ou tinta, era difícil precisar. Mas, quanto mais raspava, mais a parede se desfazia. Pedaços grandes de reboco caíam, despedaçando-se no chão. Mas ela continuava, aparentemente indiferente ao monte de entulho que se formava à sua volta e à poeira em seu rosto. Olhava sobre o ombro de vez em quando, para que ele pudesse vê-la. Não parecia irritada ou nervosa, mas determinada. Finalmente a parede cedeu, e abriu-se um buraco enorme, oval, parecido com uma boca. De alguma forma o teto continuava no lugar, mas Tom podia ver através do buraco, e também Rebecca. Ambos podiam ver a luz que emanava de uma forma em preto profundo e vermelho-escuro. Ali, do outro lado, havia uma suástica grotesca, enorme.

Seus olhos escancararam-se num repente, a respiração pesada. Ele piscou, tentando focalizar a parede a sua frente. Parecia ser totalmente branca. Não havia janelas, apenas uma pequena abertura quadrada na porta à esquerda.

Tom girou a cabeça para o lado e viu uma mesa de cabeceira ao lado da cama. Um móvel de madeira. Havia uma garrafa plástica com água sobre ela. Acima, afixado à parede, um aviso que informava os procedimentos de evacuação no caso de um incêndio. Onde diabos ele estava?

Tentou levantar-se, mas as pernas estavam pesadas, difíceis de mexer.

Moveu uma coxa, puxou o lençol que o cobria e percebeu que usava roupas cirúrgicas. Meu Deus.

Sua mente disparou. Teria se envolvido num acidente de trânsito? Se era assim, estava na UTI de um hospital? O que havia acontecido?

Então, seus pensamentos foram paralisados com um baque: Rebecca.

Precisava lembrar. Qual era a última coisa que conseguia lembrar?

Conseguia vê-la: jeans, botas, uma camisa branca. Sentiu algo totalmente desconhecido: a antecipação de uma grande tristeza, um tipo de sofrimento prévio. Ele imaginava a dor que sentiria se nunca mais voltasse a vê-la.

Eles estiveram num Starbucks. Ele comprou cafés, voltou-se para ela.

Havia outro homem, um homem com quem tinham marcado um

encontro…

Tom tentou levantar-se da cama. Desta vez pegou uma perna com as mãos, agarrou a própria coxa como se fosse de outra pessoa, mas, assim que plantou os pés no chão, fraquejou e precisou agarrar-se à cama para não cair; conseguiu equilibrar o corpo. Então, com os dentes cerrados em determinação, foi até a parede e apoiou-se nela até chegar à porta.

Esticando o corpo, olhou pelo retângulo de vidro e viu um corredor vazio e o que imaginou ser uma central de enfermagem. Tudo parecia organizado demais, arrumado e tecnológico demais para ser um hospital público. Será que estava numa clínica particular?

Ele sairia do quarto e, quando encontrasse uma enfermeira ou médico, pediria que explicassem o que estava acontecendo. E talvez veria Rebecca ali fora, folheando uma revista, esperando por ele. A não ser…

Tom levou a mão à maçaneta. O metal estava gelado, o toque provocou um calafrio. Mas a maçaneta não girava. Talvez o acidente ou o tratamento pelo qual passara o tivessem deixado fraco demais. Tentou a maçaneta mais uma vez e sentiu-a dura demais. Estava trancado naquele quarto.

Ficou ali, encostado contra a porta, exausto demais para arriscar fazer o caminho de volta à cama. Estava ofegante. Precisava pensar.

Starbucks, ele e Rebecca no balcão. Ele podia ver a mulher que anotara o pedido dos cafés, o cansaço em seu rosto, as luzes em seu cabelo loiro.

O homem que cumprimentara Rebecca. Então o encontro acontecera como planejado. Mas e depois?

A lembrança de uma emoção borbulhou pelo seu corpo e chegou a algum lugar em seu peito: ciúme. Instantaneamente viu o rosto de Rebecca sorrindo, aberto e amigável para o desconhecido. Richard.

E agora Tom via eles três saindo do café. Havia um carro, um carro prateado… Ele não conseguia ver mais nada.

Tom esfregou as têmporas. Era como tentar dragar um sonho, um fragmento aparecia, apenas para escorregar entre os dedos, areia do fundo do oceano. Cansado de equilibrar o corpo, ele escorregou até o chão.

Ele não percebera a pequena câmera no canto oposto do quarto, tampouco a outra, na diagonal oposta. Nem notara os sensores de movimento instalados na cama, sob o colchão, que acionavam um alarme se os movimentos normais de respiração cessassem por mais de trinta segundos — e que, obviamente, eram

acionados caso o paciente se levantasse. Portanto, ele não sabia que um alarme havia sido acionado na central de enfermagem. Não o ouvira porque o quarto tinha isolamento acústico — principalmente para garantir que nenhum som chegasse ao corredor, mas que, naturalmente, também garantia que nenhum som externo chegasse ao interior. Essas eram medidas necessárias, tendo em vista os pacientes incomuns daquela ala.

Tom levou uma das mãos à maçaneta e usou o apoio para tentar levantar-se. Fez uma expressão de dor e puxou, o que trouxe a lembrança das manhãs na escada horizontal da academia cara que freqüentava em Nova York. Aquilo parecia ter acontecido em outra época. Na verdade, pareciam lembranças de uma pessoa diferente.

Finalmente ele estava de pé, com as costas apoiadas na esquina entre as duas paredes. Agora, com um impulso para a frente, ele se equilibrou em frente à porta até que estivesse com os olhos na altura da janela da porta. A abertura estava totalmente ocupada por um rosto.

Tom recuou com o choque. O rosto estivera a poucos centímetros do seu, separados apenas pelo vidro. E ouviu os ruídos da porta sendo destrancada, uma fechadura eletrônica.

Dois homens entraram, acompanhados por uma enfermeira que guardava o cartão que fazia as vezes de chave.

— Obrigado — disse o menos corpulento dos dois. — Assumimos daqui — ele disse, e esperou que a enfermeira fechasse a porta atrás de si antes de voltar a falar.

— Espero que tenha dormido bem. Na verdade, sei que dormiu bem, porque estava de olho em você.

Quando ouviu a voz, tom lembrou-se do homem. Era Richard, o sujeito que encontraram no café.

— O que aconteceu? Onde eu estou?

— É uma longa história, Tom. Mas digamos que estávamos em Londres e precisamos fazer uma pequena viagem. E foi o que fizemos.

A presunção daquele homem, seu jeito suave e conversador, seu cabelo cuidadosamente despenteado fizeram pulsar uma onda de ódio pelo sistema sangüíneo de Tom; as veias do pescoço latejavam. Sem planejar, e apesar da letargia nos membros, ele recuou um braço e apertou a mão num punho.

Ele chegou a 15 centímetros do rosto de Richard, nada mais. O guarda-

costas, ou o que quer que o outro homem fosse, simplesmente levantou uma das mãos e agarrou o braço de Tom como se fosse um galho.

Ele não simplesmente bloqueou o soco, mas o puxou para trás e o girou na junta. Tom soltou um uivo de dor.

— Não precisa disso, Tom. Por acaso, eu estava…

— O que você fez com Rebecca? Onde está Rebecca?

— Deixe-me terminar — ele disse.

O guarda-costas ainda segurava o braço de Tom, agora torcido atrás das costas.

— Por acaso, eu estava justamente vindo até aqui para te acordar.

— Onde está REBECCA?

— Ela está aqui. Nesta mesma cidade.

Tom soltou o ar, aliviado. Então disse: — Que cidade? Onde eu estou?

— Mas você não sabe? Pensei que já tivesse descoberto a essa altura.

Você dormiu como um bebê na cidade que nunca dorme — ele disse e fez uma pausa. — Não? Você está em Nova York, Tom.

Nova York? Aquilo não fazia sentido. Como ele podia ter estado num Starbucks no West End e agora estar em Nova York? Ele não lembrava de vôo algum.

— Quem é você?

Richard ignorou a pergunta.

— Sinto que as coisas precisassem ter acontecido desta forma, Tom. Mas o chefe explicará tudo em breve. E veja — disse, levantando a sacola que segurava com uma das mãos. Ele a colocou sobre a cama. — Eu até mesmo trouxe as suas roupas.

Alguns minutos depois, Tom estava sentado numa cadeira de rodas, observando enfermeiras e serventes que passavam por ele no corredor.

Qualquer risco de que viesse a gritar era controlado pelo guarda-costas que guiava a cadeira: Tom não tinha a menor dúvida disso, se gritasse seria silenciado por um punho ou até mesmo por um aparelho médico qualquer.

Richard não havia mentido. As vozes e o sotaque que ouvia confirmavam que ele, de fato, estava nos Estados Unidos.

A cadeira foi empurrada até um elevador. Richard pressionou o botão do subsolo, e eles chegaram a uma área de serviço. Os carpetes felpudos e os móveis

elegantes foram substituídos por portas de aço e concreto cinza. E ele pensou, pela primeira vez, se acabariam com ele ali, se seu corpo seria esmagado em algum tipo de compactador de lixo industrial.

Em silêncio, eles conduziram a cadeira de rodas por duas portas duplas; Tom sentiu uma mudança de temperatura. Eles estavam em um estacionamento.

Eles foram até uma área lateral, reservada a deficientes físicos. Houve o ruído eletrônico de portas de carro sendo destravadas por controle remoto.

O brutamontes que empurrava a cadeira colocou as mãos sob as axilas de Tom e o levantou. Em um único movimento, que foi mais eficiente do que grosseiro, Tom foi colocado no banco traseiro de um carro vazio.

Richard instalou-se no banco do passageiro, o guarda-costas assumiu a direção e deu a partida no motor, deixando o carro em marcha lenta.

Richard voltou-se para trás e, com um sorriso que renovou a ânsia que tomava conta de Tom de esmurrá-lo à inconsciência, disse: — Estamos à espera de mais um passageiro e logo estaremos a caminho.

Como se permitira chegar àquela situação? De alguma forma havia sido descuidado, tão desligado de cuidados básicos de vigilância que se encontrava na posição de prisioneiro impotente nas mãos de… quem quer que aqueles sujeitos fossem. Isso era o pior: ele não sabia quem o havia seqüestrado ou por quê. Todos aqueles anos detalhando os abusos aos direitos humanos deste regime ou daquele ditador de meia-pataca, compilando relatórios sobre "desaparecidos" na América Latina ou na África, e lá estava: não aprendera nada. Ele transformou a si mesmo numa vítima.

Fez-se o som abafado da outra porta de trás sendo aberta. Ele olhou naquela direção e sentiu um aperto no coração.



CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

Tom estudou atentamente o rosto da mulher. Sob a meia-luz de um carro fechado num estacionamento subterrâneo, era impossível distinguir qualquer coisa exceto os contornos. Para ter certeza de que estava mesmo ali, tocou o rosto, correu os dedos gentilmente sobre a pele dela, as maçãs do rosto, o queixo.

— Você está bem? Eles te machucaram?

— Estou bem — disse Rebecca. — Um pouco zonza, enjoada, exausta.

Como nos tempos de residência.

Ela deu um sorriu cansado, provocando em Tom uma pontada de dor, um sentimento muito próximo do amor.

O carro entrou em movimento e emergiu de uma rampa de acesso para a luz do dia. Os captores não haviam mentido. Estavam em Nova York.

Tom precisou de algum tempo para perceber, mas estava de volta à mesma rua que percorrera algumas horas antes de partir para Londres.

Logo ali o Bellevue Medicai Centre, ainda aberto ao público, então o Instituto Médico-Legal, onde — quanto tempo? — vira o corpo inerte, com incríveis olhos azuis, fixos, de Gershon Matzkin.

Eles seguiam em sentido contrário desta vez, subindo a First Avenue.

Um misto de confusão e medo passou a tomar conta de Tom. Eles seguiam na direção das Nações Unidas.

Uma imagem de Henning Munchau ficou suspensa em sua mente.

Podia aquilo ser obra dele? Que segredo terrível poderia ele, ou aqueles a quem servia, ocultar, a ponto de fazer aquilo — e a um de seus melhores amigos? Soava absurdo. Será que Henning não percebia que só precisaria ter dito uma palavra — ordenar e não sugerir a volta de Tom — para que ele tivesse pulado a bordo de um avião e voltado para Nova York? Em vez disso, recorrera a medidas extremas. Tom olhou para Rebecca, absorvendo a visão de seu perfil, um cacho preso atrás da orelha. Exceto se não fosse a presença de Tom aquilo de que Henning precisasse em Nova York…

Eles desciam agora, desciam outra rampa de acesso a um estacionamento

subterrâneo. Droga. Ele não prestara atenção ao momento crucial: não sabia exatamente onde estavam.

Mais uma vez, o carro foi estacionado próximo aos elevadores. Desta vez não havia cadeiras de rodas. Richard e o guarda-costas simplesmente conduziram Tom e Rebecca ao elevador, ladeando ambos para evitar que tentassem fugir. Em silêncio, Richard apertou um botão.

O último andar, Tom percebeu.

As portas do elevador abriram e ele entendeu: estavam num hotel, na cobertura, ao que parecia. Seguiram por um corredor até chegarem a uma porta guardada por dois jovens vestidos em ternos azuis, com fios enrolados nas orelhas. Richard fez um sinal com a cabeça para ambos, e a porta foi aberta.

Estavam na sala de estar de uma suíte, claramente uma das melhores do hotel. Tom vira quartos de hotel como aquele poucas vezes na vida, em viagens com o alto-comando das Nações Unidas. Na sua memória, eles sempre estavam em desordem, com pilhas de papel, o estranho aparelho de fax instalado às pressas e diversas bandejas com restos de refeições.

Aquela suíte, ele percebeu, estava muito mais arrumada.

Ele e Rebecca foram convidados a sentar, e o fizeram em silêncio.

Rebelião era algo totalmente sem sentido àquela altura: eles encontrariam com o "chefe" que Richard mencionara.

Finalmente, outro jovem entrou no quarto e dirigiu apenas um olhar rápido para eles: Tom imaginou perceber algo naquela expressão, relutância, talvez até mesmo constrangimento. Richard e esse homem trocaram algumas palavras. Tom se empertigou, tentando ouvir o que conversavam, ou mesmo identificar a língua que falavam. Não conseguiu; não discernira nada.

Os minutos passavam, e Rebecca ocasionalmente voltava as palmas das mãos para cima, como que indagando "o que diabos está acontecendo"?

Tudo o que ele podia fazer era encolher os ombros.

Então vieram ruídos do outro lado da porta de madeira escura. Alguém havia chegado. A agitação, a adrenalina que tomou conta do ambiente, informou a Tom que era alguém importante. O chefe.

Mais alguma espera e Richard disse: — Por aqui, por favor.

Os dois levantaram-se e o acompanharam até uma porta que dava em uma área de estar mais ampla, esta irretocável. Eles viram um homem de terno, de costas para eles, olhando por um janelão, aparentemente desfrutando a vista de

Manhattan e do East River à luz da manhã.

Por fim ele se virou:

— Bem-vindos à suíte presidencial — disse.

Tom absorveu aquela voz, e o rosto que reconheceu imediatamente, e suas veias congelaram.



CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

Ele sabia a coisa certa a se fazer. Pelo menos aquilo aprendera em Harvard: era sagaz o bastante para saber exatamente o curso de ação que deveria seguir se quisesse satisfazer o comissário e progredir na carreira.

E o melhor, era incrivelmente, tentadoramente simples. Tudo o que tinha que fazer era não fazer ou dizer nada mais. Deveria encerrar a apresentação, fechar o laptop, apertar a mão do superior e seguir seu caminho. Qualquer um de seus colegas veria aquela como uma ótima manhã de trabalho — e tiraria o resto do dia de folga.

Mas algo incomodava Jay Sherrill. Seria pomposo chamar de pontada de consciência. E errado. Não era a consciência que falava, mas um traço irritante de sua personalidade: o desejo anal por ordem e completude.

Ele simplesmente sabia que aquilo o perseguida o dia todo e pelo resto da semana se não informasse ao comissário Riley a história completa.

Logicamente, aquilo não fazia sentido político algum; o chefe já dissera, e o mais diretamente possível, que não queria saber mais nada. Ele tinha uma narrativa em mente e não desejava que fosse tumultuada por fatos inconvenientes.

Apesar disso, Sherrill não queria tomar a decisão sozinho. Ele queria que Riley decidisse. Dizer tudo a ele, então, se ele decidir não usar a informação, a responsabilidade será dele. Terei cumprido o meu dever.

Sherrill sabia que estava agindo de acordo com o manual, mas não podia ver a situação de outra forma. Ele havia sido criado de acordo com o manual.

— Ainda há alguns elementos da história, comissário.

— Sempre há, detetive. Palha demais em qualquer investigação. Nosso trabalho é tirar a palha até só termos trigo nas mãos.

— Sei disso, senhor. Mas eu acho que o senhor deveria saber que…

— Claro. Talvez você possa falar com Donna e marcar outro horá…

— Isso será rápido, senhor. O que acontece é que a identificação do morto, Gerald Merton, como terrorista pode não ter sido totalmente um erro.

— Bem, essa é uma teoria muitíssimo interessante. Tenho certeza.

Agora, se você…

— Não é apenas uma teoria, senhor. Temos a arma, amiga do peito de assassinos profissionais, como o senhor a chamou, escondida no quarto de Merton. Ele visitou um traficante de armas conhecido. O homem da ONU, que está em Londres, disse que pode haver algo relacionado com um grupo de justiceiros.

A expressão do comissário mudou instantaneamente. Qualquer traço de simpatia paternal ficara para trás.

— Que homem da ONU?

— Tom Byrne. O advogado que a ONU colocou no caso.

— Sim, para supervisionar a sua investigação. E por que diabos ele está investigando?

— Ele não está. Não oficialmente, claro. Mas a ONU o enviou a Londres para resolver a situação com a família. Para tratar de qualquer indenização que…

— Deixemos isso de lado. Mas você disse que ele descobriu algo, exatamente o quê?

— Ele me deu muito poucos detalhes. Mas acredita que a arma no hotel pode explicar por…

— Ele sabe a respeito da arma?

— Sim, senhor.

Riley endireitou-se na cadeira e passou a arrumar os papéis sobre a mesa.

— Entendo — ele disse, num tom agora totalmente despido da bondade sulista.

Sherrill imediatamente entendeu o que aquilo queria dizer: o comissário concluíra que a manobra que tinha em mente — culpar a Divisão de Inteligência pela morte de um homem inocente — fora por água abaixo. Fosse apenas Sherrill, não seria tão complicado encontrar um tapete sob o qual varrer qualquer fato estranho. Mas agora o círculo inesperadamente se ampliara. O esquema não funcionaria.

— Detetive, um pensamento acaba de me ocorrer; desculpe por não ter pensado nisso antes.

— Sim, senhor?

Sherrill sentia a garganta seca.

— Este assassinato aconteceu dentro dos limites das Nações Unidas, correto?

— Sim, senhor.

— E isso fica dentro dos limites de jurisdição dos Estados Unidos da América?

— Desculpe, senhor, eu não…

— Isso fica em solo americano, detetive?

— Suponho que, tecnicamente falando, não possa ser…

— Não há nada técnico nisso. Nada. E sei o que qualquer promotor público desta cidade, ou procurador federal, por sinal, diria a respeito.

Eles diriam que nenhum crime foi cometido aqui.

— Como?

— Nenhum crime foi cometido. Não há crime que qualquer autoridade judicial possa submeter a processo. Sim, houve uma morte. Mas ela não aconteceu em solo americano. O que significa que não há crime sob as leis americanas e nada que deva ser investigado por qualquer instituição americana de segurança pública, como o Departamento de Polícia da cidade de Nova York.

— Mas o senhor disse que esse caso era uma prioridade, que eu deveria me reportar diretamente ao senhor.

O comissário adotou uma voz artificialmente oficial: — No contexto pós-11 de Setembro, eu não quis correr risco algum. Na eventualidade de que isso pudesse implicar qualquer risco ao resto da cidade — ele disse, então inclinou-se sobre a mesa, cravando o olhar em Sherrill. — Mas o fato principal permanece, como uma ligação para a promotoria pública ou qualquer um dos nossos conselheiros jurídicos confirmaria instantaneamente. Não houve crime nesta cidade, detetive.

O senhor está fora do caso, porque não há caso. Esta reunião está encerrada.



CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

Tom olhou para Rebecca. Ela estava tão chocada quanto ele.

— Peço desculpas pela forma como esta reunião foi providenciada. Este não é o meu estilo. Este não é nem de longe o meu estilo.

Tom estava aturdido demais para falar. Ver aquele homem, naquele contexto, falando daquela forma — era desnorteante.

— Nunca cheguei a conhecer seu pai, Rebecca. Mas, apesar disso, nossos caminhos se cruzaram. Imagino se ele sabia disso. Não tenho certeza.

O sotaque era mais forte do que Tom lembrava. Será que o abrandava publicamente? Por que permitia que a cadência vocal do Leste Europeu fosse percebida? Será que isso sugeria algo? Lembrem-se de quem eu sou.

— Estamos nos adiantando. Precisamos estabelecer algumas regras básicas. Precisamos tratar dos termos desta reunião.

Mais uma vez, Tom sentiu a ira ferver dentro dele. Primeiro aquele homem falou sobre como as coisas foram "providenciadas", e agora aquilo — como se ele e Rebecca participassem de um compromisso de negócios qualquer em Nova York, o horário nas agendas algo mutuamente acordado.

Tom queria gritar sobre o seqüestro, sobre terem sido drogados, sobre as milhares de violações de direitos humanos e internacionais que aquela "reunião" representava. Ele queria ser o advogado colérico que fora no passado, alertar o antagonista da profundidade da merda em que havia se metido. Mas não conseguia dizer nada disso àquele homem, simplesmente por ser quem ele era. Tudo o que conseguiu foi espremer as palavras "isto vai te destruir".

A isso o homem assentiu com cortesia, o mesmo gesto melancólico, pensativo, que Tom o via fazer em entrevistas de TV havia — quantos?

— quarenta anos. Qualquer um que assistisse aos telejornais Newsnight ou Nightline ou que lesse qualquer jornal sério o reconheceria. Era a expressão de um homem que havia, em momentos distintos, ocupado os cargos de ministro da Educação, ministro de Relações Exteriores e até mesmo primeiro-ministro de seu país. E, apesar de já ter passado dos oitenta anos, a carreira daquele político veterano — um dos estadistas mais conhecidos do mundo — ainda não estava

encerrada.

Agora Tom o via naquela sala, a poucos metros. Olhava para o presidente do Estado de Israel.



CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

— Eu admito, estou correndo um risco enorme. Alguns acreditam que estou sendo imprudente — disse o presidente, com um gesto vago na direção da porta, o que levou Tom a pensar em jovens assessores andando de um lado para o outro no quarto ao lado. — As pessoas dizem que sempre fui cauteloso no decorrer da minha carreira.

"Cauteloso" é uma palavra educada. Um dos meus biógrafos preferiu "covarde". "A ousadia de sua retórica sempre foi inversamente proporcional à coragem de suas ações. Numa nação de guerreiros, sua grande falta de sorte foi ter nascido um covarde." Esta é a citação completa.

Tom olhou para Rebecca, esperando que ela fosse capaz de dar algum sentido àquela cena bizarra. Mas ela apenas olhava atentamente para o presidente, como que esperando que ele se explicasse.

Então ele lembrou, a lista de Munchau, a lista de todos os participantes da Assembléia Geral com mais de 70 anos que pedira para ele compilar.

Tom descartara a menção ao intérprete chinês e ao ministro de Relações Exteriores da Costa do Marfim. E não dera maior atenção quando Henning disse: "Bem, o presidente do Estado de Israel está aqui.

Ele tem 84 anos."

Henning. Tom levou a mão à cabeça, sentia uma pontada de vergonha.

Ele sucumbira ao mais grosseiro dos estereótipos, culpara o velho amigo — o homem que lhe dera uma segunda, uma terceira e uma quarta chances quando ele desmoronara e quando os colegas preferiam não tê-lo por perto —, e estava grosseiramente errado. Henning era alemão, e Tom concluiu que devia estar a serviço dos nazistas, mesmo que isso implicasse enviar capangas a Londres para espionar e roubar. Ele nunca mais seria capaz de olhar Henning Munchau nos olhos.

O presidente se aproximava, deixara para trás o janelão. Ele passou pelo sofá e puxou uma cadeira de madeira com encosto reto e, no assento, um estofado com listras azuis e brancas. Quando o homem se sentou, Tom respirou fundo: era uma imagem familiar, que vira em uma centena de fotografias nas páginas

internacionais dos jornais. Tudo o que faltava era uma cadeira igual em frente, ocupada por um secretário de Estado americano ou um líder árabe pró-ocidente. Tom quase esperava que o velho se inclinasse para a frente e estendesse o braço para um demorado aperto de mãos iluminado por centenas de flashes.

— As pessoas se enganam a meu respeito. Eu sempre fui cauteloso, o que implica que sempre avalio a situação. Antes de cada passo que dei na vida. Algumas vezes o passo pede por ousadia ou bravura. E até mesmo imprudência. Esta reunião se encaixa nesta última categoria.

— O senhor chama isto de reunião. — Para deleite e alívio de Tom, era sua própria voz. A fúria que lhe corria pelas veias havia, sem uma decisão voluntária de sua parte, finalmente aflorado. E ele estava satisfeito com isso. — Mas fomos seqüestrados. Fomos drogados e coagidos à força. Isso não é uma reunião. Isso é um crime.

— Como eu disse, senhor Byrne. Foi uma medida arriscada. Mas espero que o senhor venha a entendê-la. Assim como muitas ações realizadas por meu país, incompreendidas pelo resto do mundo, este é um caso no qual realizamos algo lamentável para evitar que seja preciso fazer algo muito pior.

— Lamentável? Lamentável? O que o senhor fez…

— Senhor Byrne — disse o presidente, levantando o dedo indicador.

De alguma forma, e Tom não conseguia entender como, aquilo funcionou; ele foi silenciado, da forma como a palma levantada de um político pode silenciar um entrevistador hostil.

— Por favor, permita-me explicar. Há algo que eu preciso saber. Para ser mais exato, há algo que preciso saber se vocês sabem. O método mais simples, e existem pessoas que fariam isso sem hesitar, teria sido mandar homens que poderiam obter essa resposta com o auxílio de métodos desenvolvidos para isso. Fui claro? — Ele não esperou pela resposta. — "Interrogação coercitiva" é como os americanos a chamam.

Não faço a menor idéia do termo que a nossa inteligência usa esses dias.

Estou afastado dessas coisas, da linha de frente, por assim dizer, há tempo demais. O cargo que ocupo é cerimonial. Acender as velas de Chanuca, entregar prêmios, comparecer a velórios de líderes mundiais mais jovens do que eu. — Outra vez o olhar melancólico. — Precisei pedir um favor para que esta operação fosse organizada. E eles a fizeram pelos velhos tempos.

"De qualquer forma, acontece que havia atalhos que poderiam ter sido

usados para descobrir o que sabem. Podiam ter sido diretos, não exatamente simpáticos. Mas eu não faria isso. Não a uma filha do Shoah — ele disse, e pela primeira vez olhou diretamente para Rebecca.

Tom percebeu que ela sustentava o olhar. Seria possível que ela soubesse do que o velho estava falando?

— Então o senhor fez isso por consideração? É isso o que o senhor está dizendo? — ela disse.

— Peço desculpas, doutora Merton. Especialmente à senhora. Claro que não espero que veja o que fiz como uma gentileza. Assim como ninguém atribui gentileza a Israel quando nossos soldados entram em ninhos de víboras em busca de terroristas, a pé, de casa em casa, abrindo uma porta com armadilha explosiva atrás da outra, perdendo dezenas dos nossos rapazes nesse processo, quando os americanos, ou os britânicos, por sinal, senhor Byrne, preferem despejar bombas a 5 mil metros de altitude. É assim que fazem no Iraque e no Afeganistão, não?

Um método muito mais limpo do que o nosso.

"Então, não, doutora Merton, não espero agradecimentos. Mas quero que saiba que a agonia que sofreu nos últimos dias teve lugar porque me recusei a ao menos considerar a outra alternativa. Escolhi o menos vil dos dois males.

— O senhor matou um homem. O senhor matou um amigo do meu pai.

Henry Goldman está morto por sua causa.

O presidente abaixou a cabeça.

— Preciso me desculpar mais uma vez. Isso não deveria ter acontecido.

Foi um terrível acidente. A senhora é médica. Soube que encontrou o corpo. Espero que o tenha examinado. Espero que tenha percebido que Henry Goldman morreu de causas naturais. Um ataque cardíaco.

— Causado pelo senhor!

— Ele tinha um coração frágil e tomou um susto tremendo. Mas a morte dele não foi proposital. Ele também, lembre-se, era um filho do Shoah.

Nunca desejei fazer-lhe mal.

Tom ponderou se aquilo não seria a encenação de um político. Caso fosse, o presidente estava sendo convincente. Mas ele já presenciara sua cota de papo-furado diplomático e de altas esferas políticas, e aquilo era diferente. E teve a impressão de ver algo diferente naqueles olhos: a tristeza de um velho.

— Não sei o que posso fazer para reparar esta tragédia. Mas desejo fazê-lo. E foi depois da morte de Goldman que decidi que já era o bastante.

Chegara a hora de ser franco. Nada mais de jogos. Nos encontraríamos frente a frente.

O sangue de Tom voltou a ferver:

— Então o senhor acreditou que nos drogar…

O presidente levantou a voz:

— E o que mais eu podia fazer? Não havia como fazer contato sem me expor. Não havia outra forma de garantir que nos encontrássemos frente a frente. E foi assim que precisou ser feito. Vocês logo entenderão. Entenderão a minha avaliação.

— Mas assim que sairmos desta sala vamos procurar o primeiro repórter que nos der ouvidos e contar o que o senhor fez. Sua carreira estará acabada..

— Claro que avaliei este risco. E concluí que não é assim tão grande quanto sugere. Que provas vocês teriam?

Tom hesitou. Sua mente disparava, ia e voltava pelos acontecimentos das últimas — ele nem sabia mais quantas horas. Lembrou-se do Starbucks, do encontro com Richard. Qualquer testemunha teria visto ele e Rebecca saírem de lá voluntariamente, andando com as próprias pernas. A droga que Richard colocara nos cafés os fizera manipuláveis e obedientes. Não houvera comoção: eles entraram no carro por livre e espontânea vontade.

E depois? Tom não tinha como provar o que acontecera depois. As roupas cirúrgicas, a internação no hospital. Como provar que estivera ali?

E foi quando lhe ocorreu. Agitado, com a voz alterada, ele praticamente gritou:

— Mas estamos em Nova York! E não há registros de como chegamos aqui! Como explica isso? Não há passagem, não há carimbo nos nossos passaportes! — ele disse, consciente de que estava falando alto demais.

— Temo que isso tenha sido providenciado. Quando deixarem esta sala receberão seus passaportes, devidamente carimbados nos lugares certos.

Confira seu extrato bancário quando voltar para casa, doutora Merton.

Perceberá que foi feito um saque da quantia exata para pagar por duas passagens para Nova York. Há ainda os devidos bilhetes de embarque.

Meu jovem colaborador informou que a senhora até mesmo recebeu milhas pela compra — ele disse, com um sorriso dos mais discretos. — A tecnologia facilita muito as coisas nos dias de hoje. Nos tempos do seu pai, ele e os camaradas só conseguiam o que fosse possível forjar com tinta e papel. E ainda

assim fizeram coisas extraordinárias.

Tom levantou-se e deu um passo à frente. Ele estava agora a uma pequena distância do presidente. Ele cresceu à frente do homem, mas o velho — cujo biógrafo taxara de covarde — não pareceu nem um pouco intimidado.

— Não o insultarei, senhor Byrne, ao lembrá-lo dos riscos de agredir fisicamente um chefe de Estado. Especialmente se ele for um velho de 84 anos. Nem mesmo um bom advogado como o senhor conseguirá sair ileso disso.

Tom deu um passo atrás, mas permaneceu de pé.

— Nada do que o senhor está falando tem importância. O senhor admitiu que ordenou nosso seqüestro e o roubo nas casas de Rebecca e do pai dela e que está envolvido na morte de Henry Goldman. Só precisamos informar ao mundo o que o senhor já confessou!

— E quem acreditaria no senhor? — foi dada ênfase à última palavra.

Tom ficou confuso.

— Que diabos o senhor quer dizer?

— O que quero dizer é: quem acreditaria num advogado de mafiosos como o senhor? Um servo remunerado do crime organizado, da família Fantoni de Newark, Nova Jersey. Que, caso o senhor já tenha esquecido, foi acusada de estelionato, lavagem de dinheiro, tráfico de drogas e, claro, prostituição. Preciso continuar?

Tom engoliu em seco, visivelmente. Ele sentia os olhos de Rebecca nele, e não era capaz de olhar para ela; seu rosto estava quente.

— Ah, sim, claro. Talvez isso seja algo que o senhor ainda não dividiu com a doutora Merton. Dei mais detalhes do que seria necessário.

Desculpe-me. Mas o que importa é que ninguém acreditará em uma palavra do que o senhor disser. Um advogado que desmoronou e vendeu a alma a Don Corleone.

Rebecca tomou a palavra, num tom de voz baixo, mas carregado de raiva:

— Os seus capangas obviamente injetaram algo em nós. Haverá traços na nossa corrente sangüínea. Haverá marcas de picadas na pele.

— A senhora tem certeza de que isso é algo que deseja explorar, doutora Merton?

Tom voltou-se para Rebecca e a viu lívida.

— Do que o senhor está falando?

— Quero dizer que a sua pele provavelmente já deve ter um bom número de marcas de picada.

Ela sacudiu a cabeça, negando-se a acreditar.

— Isso aconteceu há dez anos. Como é possível…

— É possível descobrir qualquer coisa sobre qualquer pessoa, se realmente desejar. É disso, basicamente, que trata o trabalho de inteligência. A senhora já foi viciada em drogas intravenosas, o que significa…

— Eu nunca fui viciada! Eu usei drogas injetáveis, mas nunca fui uma viciada!

— Esta é uma definição clínica?

— Foi um erro, eu estava deprimida e…

— Não faz diferença para mim. Sou um homem liberal nesse aspecto.

Mas posso fazer com que a sua situação, como médica, quero dizer, fique complicada. Fiquemos por aqui.

Tom ficou sem ação. Rebecca seria a última pessoa de quem esperaria aquilo. Ele nunca teria desconfiado. Mas imaginava a infelicidade que a arrastara para aquilo; lembrou-se do que ela dissera sobre crescer numa casa em permanente escuridão. Estendeu uma das mãos no espaço entre eles e encontrou a dela, a primeira vez que se tocavam desde que entraram naquela sala.

Ele reconheceu que o velho os encurralara. Nenhum dos dois diria nada a ninguém sobre o que quer que fosse. Se o fizessem, isso seria visto como um delírio: seriam considerados tão lúcidos quanto as pessoas que enviam e-mails para a imprensa insistindo em que foram abduzidas por extraterrestres ou foram vítimas da família real. Haviam sido completamente neutralizados. Tom afundou na cadeira e esperou o próximo ataque.

Foi Rebecca quem falou, num tom mais brando do que o que vinha usando:

— Eu não entendo. O senhor já foi o líder de Israel. Estudamos sobre o senhor na escola. Por que o senhor seria inimigo do meu pai?

O velho suspirou e lentamente ficou de pé. Foi a primeira vez que demonstrou ter a idade que tinha. Ele caminhou a passos estudados até a janela. A cidade parecia cintilar sob o sol da manhã.

Sem voltar-se, ele falou baixo:

— A senhora está certa em querer deixar para trás as preliminares.

Estabelecemos as regras básicas. É chegada a hora de nos aprofundarmos no

nosso assunto. Precisamos falar da DIN.



CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

— Este é o segundo erro sobre o qual meus assessores me alertariam — disse o presidente. Ele fez uma pausa e se voltou para os dois. — Digo "alertariam" porque, claro, eles não sabem nada a respeito disso. Sobre os verdadeiros motivos. Isso é algo que ocultei deles, algo que ocultei de todos. Minha família, meus amigos, meu país. Meus assessores, a equipe lá fora, sabem apenas o que lhes informei: que vocês dois detêm informações que podem comprometer a segurança do nosso país.

"O problema é que eu não sei se isso é verdade ou mentira", ele disse e inclinou a cabeça para o lado, um gesto que indicava que estava para corrigir a si mesmo. "Claro, eu sei que vocês dois não sabem nada que possa comprometer a segurança de Israel. Mas não sei se vocês sabem algo mais. Algo que me ameace. E que, portanto, ameace o meu país."

Tom sentiu uma onda de exaustão cair sobre ele.

— Do que o senhor está falando?

— Eu sabia que Gershon Matzkin ainda estava vivo. Sempre soube.

Fiquei de olho nele: havia pessoas que podiam fazer isso por mim. E esperei. Esperei pelo dia em que ouviria que estava hospitalizado ou doente. Mas isso nunca aconteceu. Pensava nisso com maior freqüência do que gosto de admitir. Não me orgulho disso. Talvez alguns dias se passassem sem que eu pensasse nele. Nunca mais do que uma semana.

Principalmente nos últimos anos, quando ele era o último.

"O líder, Aron, morreu há muitos anos. Um homem forte, um herói. Ele não chegou aos 70. Qual o nome dele? Steiner? Perdeu a lucidez há alguns anos. Eu sabia que ele não poderia fazer nada contra mim. Mas Gershon ainda estava ativo. Estava tudo em ordem aqui — ele disse, cutucando a têmpora com o indicador. — Espero não ofendê-la, doutora Merton, quando digo que, de certa forma, esperava pela morte do seu pai, não por crueldade, por favor, não me interprete mal. Por preocupação. A ansiedade de um velho. Eu precisava de paz, entende?

Precisava saber que sobrevivi a ele. Passei todos esses anos precisando viver

num mundo onde ninguém conhecia um segredo, a não ser eu.

Fosse diferente não seria um segredo, não é verdade? A memória teria partido e eu estaria livre.

"Mas não enquanto Gershon vivesse. Não enquanto ele carregasse a história na cabeça. Até que veio esta segunda-feira. Eu estava aqui, em Nova York, para a Assembléia Geral. Então ouço o nome num telejornal. 'Um britânico foi morto nos degraus da sede das Nações Unidas. Ele foi identificado como Gerald Merton.' Vocês podem imaginar o que passou pela minha cabeça? Minhas mãos estavam tremendo." E levantou uma das mãos, que tremeu exageradamente.

Pensei em quem poderia desejar Gershon morto. Eles disseram que havia sido um acidente, mas eu não acreditei. Gershon sempre tomou conta de si mesmo. Todos aqueles assassinatos, desculpe, aquelas execuções, e ele nunca deixou que nem ao menos chegassem perto dele.

Outros da DIN não eram tão hábeis, mas Gershon era diferente. Não foi por acidente que viveu mais do que todos os outros. Ele era o melhor.

"Mas eu fiquei nervoso. Por que estava em Nova York? Será que havia voltado … — ele fez uma pausa, incerto quanto à palavra a usar — …ao 'trabalho'? Quem poderia ser seu alvo? Ele deveria saber que eu estava aqui. Será que era a mim que ele queria encontrar? E então minhas mãos tremeram um pouco mais. Teria Gershon vindo a Nova York para me matar?"

Tom queria interromper, perguntar que motivo poderia ter Gershon Matzkin para assassinar o presidente do Estado de Israel, um judeu, um camarada, ao que parecia, da cruzada secreta que fora a DIN. Mas mordeu o lábio: a torrente de palavras que saía do velho acabaria explicando tudo. Ele devia permitir que fosse derramada.

— Vejam… — Ele estava prestes a falar mas estancou, com um sorriso breve como um tremor. — Mas isso é assumir o maior risco de todos. E é assim freqüentemente na política. A única forma de evitar que algo seja revelado é fazer você mesmo a revelação. Mas talvez isso seja loucura.

— O que é loucura?

Era Tom, com uma voz não mais de desafio. A mesma voz que usava quando aconselhava membros idosos da burocracia da ONU, incluindo o secretário-geral. As pessoas não fazem idéia de como os assessores de políticos de altos escalões atuam como conselheiros, esposas substitutas,

melhores amigos pagos.

— O que estou prestes a fazer. Depois de me esforçar tanto para garantir que não colocassem as mãos numa determinada informação, estou a ponto de oferecê-la a vocês. Mas não vejo outra maneira.

— Não vê outra maneira de quê? — disse Tom, sentindo que estava entrando em forma.

— De garantir que não exista outra prova. Se forem apenas vocês, a palavra de ambos baseada no que ouviram de mim agora, hoje, está resolvido. Eu negaria e a imprensa acabaria chegando à conclusão de que não são testemunhas confiáveis — por motivos que acredito não precisar repetir. Mas preciso saber se há algo mais. Isso é o que sempre precisei saber. Enquanto houvesse um integrante da DIN vivo eu precisava saber. Agora que Gershon se foi, quero que isso seja dado por encerrado. Quero dormir mais do que três horas por noite.

— Então o senhor precisa perguntar o que sabemos?

O velho assentiu.

— Está bem — disse Rebecca. — Pergunte.

O presidente conferiu as unhas que, pelo que percebeu Tom, estavam em perfeitas condições. E não eram apenas as unhas. O terno do velho estava impecável; a camisa não tinha uma dobra sequer. Como aquele estadista, bem recebido em qualquer chancelaria da Europa, deve ter odiado a noção de uma mancha, pairando em algum lugar no imensurável "por aí", à espera para enlamear por completo sua reputação.

Por fim ele falou, com uma relutância que provocou uma sutil contração em seus lábios:

— O que vocês sabem a respeito do Tochnit Aleph?



CAPÍTULO SESSENTA

Tom tentou calcular, avaliar as opções que tinha, mas sempre colidia com uma parede de neblina. Seu cérebro estava lento, ainda sob efeito do sono e dos sedativos. Era mais fácil quando simplesmente ouvia e estimulava o presidente a falar, mas aquilo era diferente. Ele precisava pensar rápido, pelo seu próprio bem, e pelo de Rebecca.

A palavra Tochnit não lhe dizia nada, mas Aleph era conhecida o bastante para que fizesse as associações. Ele concluiu que aquela devia ser a expressão em hebraico para Plano A; tinha que ser. Então era esse o detalhe no trabalho da DIN que tirara o sono daquele homem por sessenta anos.

Se não respondesse nada, como saber que tipo de punição cairia sobre eles? O velho já deixara claras as opções que tinha nas mãos. Desafiá-lo seria uma calamidade; ele sem dúvida encontraria uma forma de fazê-los falar.

Mas, ainda assim, falar o que sabiam seria abrir mão de qualquer margem de manobra que ainda tinham. Naquele momento, o presidente precisava de algo deles: assim que tivesse, que proteção eles teriam? Ele já confessara a ânsia que tinha por ser a única pessoa no mundo a carregar aquele segredo: quando tivesse certeza disso, ficaria tranqüilo.

Se Tom e Rebecca contassem o que sabiam, ele faria o possível para garantir que seguissem o caminho de Gershon Matzkin e Aron, o líder da DIN, ou pelo menos o caminho de Sid Steiner, terem as memórias obliteradas. Como o presidente faria isso? Tom não fazia a menor idéia.

Mas o homem estaria preparado para o que fosse necessário, disso ele não tinha dúvida.

O coração dele começou a acelerar. Ele precisava pensar em outra direção. De alguma forma, precisava levar o velho a acreditar que ele e Rebecca falavam a verdade, que diziam tudo o que sabiam, mas ao mesmo tempo com um incentivo a deixá-los vivos.

— Nós vimos os papéis — disse Tom.

— Que papéis?

— As plantas baixas. As plantas baixas do sistema de abastecimento de

água. De Munique, Weimar, Hamburgo, Nuremberg e Wannsee.

— Então vocês sabem.

— Nós sabemos.

— E sabem sobre mim?

Tom sustentou o olhar do presidente. Ele não lançaria mão de um blefe completo, mas ninguém melhor do que um político veterano para farejar uma mentira; as mentiras, afinal, são um de seus bens mais valiosos. Mas Tom queria ao menos deixar o velho na dúvida.

— Os papéis de alguma forma apontam para mim?

— Acredito que se alguém soubesse o que estava procurando, poderiam chegar a essa conclusão. — Ele cruzara a fronteira para a zona do perigo, a terra da mentira.

— Era disso que eu suspeitava. E onde estão esses papéis?

— Acredito que o senhor pode entender nossos motivos para relutar em responder a essa pergunta.

O presidente estudou os rostos das duas pessoas à sua frente. Ele olhou por um pouco mais de tempo para Rebecca e então se dirigiu a ela: — Acredito que você precise ouvir o que aconteceu. Então talvez entenda tudo o que está acontecendo de outra forma.

Tom expirou em silêncio. Aquilo era exatamente o que ele queria: que o presidente falasse sobre o Plano A.

— Eu não fazia parte da DIN. Eu nem ao menos estava na Europa durante… naqueles tempos. Deixei a Rússia em 1936. Saí a tempo. Fui para a Palestina, para ser um pioneiro. Nosso objetivo era criar o Ivri, o Hebreu. Um judeu completamente novo. Mais forte, um trabalhador, um soldado: nada mais de encolher-se de medo, nada mais de passividade frente aos nossos inimigos. Costumávamos dizer que tudo que estava reservado aos judeus da Europa era a morte — e abaixou a cabeça. — Não fazíamos idéia do quanto estávamos certos.

"Cheguei à Palestina ainda adolescente. Lá freqüentei a universidade: estudei química e, claro, me juntei aos movimentos da juventude.

Quando percebi, estava sendo eleito para isso e aquilo. Eu já era um político. Mas aprendi com os melhores. As pessoas não sabem isso a meu respeito. Elas me chamam de arrogante, mas não entendem que sempre fui um estudante de grandes homens. Demonstrava a eles apenas humildade e respeito. E por isso confiavam em mim. Inclusive ele."

Tom arqueou a sobrancelha interrogativamente, um gesto de que imediatamente se arrependeu. Devia ter fingido que sabia do que o homem estava falando. Mas o presidente jogara a tampa fora; ele não estancaria agora.

— O professor de Rehovot: o homem que nos trouxera para a Terra Prometida. Imaginem, o Moisés que liderou o movimento dos judeus por uma terra natal. Ele voltara ao laboratório, e eu fui um de seus alunos. Então o que acham que respondi quando ele me pediu para preparar determinada mistura? O que vocês teriam respondido? Teriam se negado? Eu era uma criança, 20 e poucos anos. Claro que eu disse sim.

O nevoeiro começava a clarear. Tom percebeu que Rebecca estava empertigada na cadeira.

— Então o senhor preparou o veneno.

— O que eu posso dizer? Que estava apenas obedecendo a ordens? Como vocês sabem, essa linha de defesa é um tanto desacreditada.

O ar estava pesado na sala; Tom sentia o peso sobre si. Ele disse: — E o senhor sabia para quê o veneno estava sendo preparado?

O presidente dirigiu-lhe um sorriso.

— Seria bom se pudesse dizer que não. Mas seria tolice. Para quem mais poderia ser aquele pedido? O bilhete do professor era claro. "Prepare para este homem uma toxina incolor e inodora e que, mesmo assim, não perca sua potencialidade na água." O que mais poderia ser? E naquele volume! Apenas um idiota não se daria conta de que seria usado numa rede de abastecimento. E era Aron quem tinha o bilhete nas mãos.

Mesmo que nunca tivesse ouvido falar da DIN, todos conheciam Aron.

Ele era o herói da resistência judaica, um dos poucos que emergiram do fogo. Você só precisava olhar para aquele rosto cavernoso para saber o que ele queria comigo e meus venenos.

— Mas o senhor preparou o veneno.

— Preparei.

— E este é o seu grande segredo.

O velho deu um pequeno gole num copo d'água que repousava na mesa entre eles, até então intocado.

— Não apenas meu. Pense no Estado de Israel. Há muitos no mundo que odeiam o meu país, que acreditam que sua própria existência é um crime. Imagine o que fariam com esta informação: que os fundadores do Estado,

inclusive o homem que hoje é seu presidente, estavam prontos para provocar assassinato em massa. Será que nos recuperaríamos?

"Mas não nego que também há motivos pessoais envolvidos. Eu não sei o quanto sabe a respeito da minha carreira, senhor Byrne. Sou o defensor da paz e da reconciliação. Sou o homem que pregou que deixássemos a guerra e a violência para trás. Recebi honrarias em cada capital, em Bonn e Berlim, em especial. Recebi a Grobes Bundesverdienstkreuz, o único não alemão a ser condecorado com esse título. Minha patente honorária é a de Kommandeur. Tente imaginar o que aconteceria com a minha reputação se agora, mais de sessenta anos depois, o mundo descobrir que fui cúmplice de uma tentativa de assassinato em massa. Vocês viram as plantas baixas, ambos as viram.

Sabem o que o Tochnit Aleph teria provocado. Morte ao tocar numa torneira. Um milhão de pessoas. E não apenas nazistas, também crianças e mulheres. Assassinato aleatório, insensível."

Rebecca inclinou-se para a frente.

— E por que não aconteceu?

— Pelo motivo que acabo de expor. No final, opiniões mais razoáveis prevaleceram. A liderança na Palestina deu-se conta de que o Tochnit Aleph seria um desastre para o povo judeu. Deixaríamos de ser as vítimas do maior crime da história da humanidade. Seríamos culpados de assassinato em massa. O Tochnit Aleph teria destruído nossa vantagem moral. E, lembrem-se, isso era 1945: a vantagem moral era a única que tínhamos.

— E a liderança ordenou que a DIN abortasse a operação? — indagou Rebecca.

O velho alongou a coluna, seu primeiro sinal de cansaço.

— Não era assim tão simples. A DIN era um movimento que tinha a justiça ao seu lado: ela era a voz dos 6 milhões. O que alguns políticos em Tel-Aviv podiam fazer a respeito?

— Então eles não abortaram a operação?

— Aron deixara a Palestina num navio, a caminho da Europa, com três frascos do meu veneno na mala. A polícia militar britânica abordou o navio e o prendeu. Ele foi jogado numa solitária.

— Alguém informou as autoridades britânicas?

— Isso.

— E o senhor sabe quem foi?

— Mas é claro que sei. — Fez uma pausa e tomou outro gole d'água.

Então olhou para Tom e Rebecca com uma expressão fingida de perplexidade. — Fui eu.



CAPÍTULO SESSENTA E UM

Rebecca ficou lívida.

— Por quê? Por que o senhor faria isso?

Tom percebeu a tensão no rosto dela, drenando-lhe a vitalidade. Ela visivelmente tentava dar sentido ao que acabavam de ouvir. Cada revelação sacudia o caleidoscópio e então, quando se ajustava a uma nova imagem que ela pudesse entender, o caos voltava a prevalecer.

— Já me fiz essa mesma pergunta. Muitas vezes.

O presidente olhava fixamente para Rebecca. Tom percebeu que os contornos de seus olhos estavam avermelhados.

— Eu sabia que os líderes estavam desesperados para barrar Aron. Mas não sabiam onde ele estava ou como pará-lo. Ninguém sabia. Então ele entrou em contato comigo, no último minuto. Estava apressado: tinha uma pergunta sobre como armazenar o veneno. Deveria ser armazenado no frio, no escuro? Marcamos um encontro e ele deixou escapar que estava de partida no dia seguinte. Sabíamos que ele viajaria num navio britânico de transporte de tropas. Então os britânicos só precisariam ficar de olho no porto aquele único dia. Foi fácil.

— Ainda não entendo por quê.

O velho suspirou profundamente.

— Minha doença. Acho que essa é a resposta. Minha doença.

— Que doença? — A voz de médica de Rebecca.

— A mesma doença que sempre tive. — Ele fez uma pausa, como se fosse esperado que eles conhecessem a resposta. Após alguns momentos de silêncio ele preencheu o espaço: — Ambição. Eu sabia que os mais altos escalões estavam determinados a parar Aron e não conseguiam.

Então, graças a mim, conseguiram. Dentro de algumas semanas, estava fora daquele laboratório, nomeado como conselheiro pessoal do velho.

O homem que se tornou o primeiro líder do meu país. Engraçado, todos o chamávamos de velho. Mas hoje sou muito mais velho do que ele era.

Seja como for, estou no topo desde então.

Tom ficou impressionado com a sinceridade do homem. Autocrítica geralmente não era o forte dos políticos, e aquilo foi muito além.

— Está bem — disse Tom, consciente de que estava interrompendo uma conversa entre os dois. — Por que o senhor simplesmente não diz ao mundo o que nos disse? O senhor é o homem que impediu o Tochnit Aleph. Isso deve render mais alguns prêmios.

— Ah, o mundo ficaria encantado, concordo. Eu podia me transformar num herói. Acontece que o mundo não é Israel, senhor Byrne. Em Israel, Aron do Gueto é um herói. Não um ídolo passageiro. Um gever, um herói em escala bíblica. Ele foi o homem que defendeu os judeus de seus maiores inimigos. Ele será lembrado daqui a milhares de anos, como Judas Macabeu ou o menino Davi que derrotou Golias. Seu nome já é uma lenda em meu país. Os judeus de todo o mundo leem sua poesia. Ao lado dele, sou uma formiga. Um político, um articulador de acordos. E isso antes que saibam o que eu sei. E o que vocês sabem agora. Que o traí. O grande Aron do Gueto. E para os britânicos! Os imperialistas odiados, que fecharam os portões da Palestina na nossa hora de perigo mortal!

— Então o que o senhor vai fazer?

— Acho que a pergunta é: o que nós vamos fazer? Todos precisamos de uma estratégia de retirada.

— E o que diabos isso quer dizer? — Era Rebecca.

— Isso quer dizer, minha querida, que todos precisamos de uma saída.

Vocês precisam sair daqui em segurança, com uma garantia de que não voltarão a ser incomodados por nada disso.

O presidente deixou que as palavras pairassem por algum tempo, para que Tom e Rebecca as pesassem. Elas soavam emolientes e razoáveis, até que se desse um passo atrás — e se percebesse que eram uma ameaça. Ele prosseguiu:

— E eu preciso de uma garantia de que o que vocês sabem, o que discutimos aqui, nunca virá a público. Que vocês levarão esse segredo para o túmulo.

Enfim, pensou Tom: uma negociação. Alguns advogados não faziam outra coisa. Tom não fora um deles, não quando começou. Mas na ONU

sempre houve algum tipo de barganha envolvido com o trabalho, nem que fosse um conflito entre departamentos.

Numa ocasião ele precisou intermediar a disputa sobre uma ilha no Pacífico

— pouco mais do que um rochedo, menor do que um banheiro médio em Nova York — entre duas ilhas rivais, e ligeiramente maiores.

Foi uma negociação enigmática, repleta de pormenores insignificantes, mas acabou resolvida em um acordo. Além disso, seu trabalho nos últimos meses, com os Fantonis inclusive, envolveu nada além de negociações.

Tom empertigou-se na cadeira, numa tentativa de transmitir alguma autoridade. Sua mente estava acelerada. Ele planejara aquele momento, mas apenas nos últimos minutos. Tentaria improvisar.

— Está bem. Todos sabemos o que queremos e o que temos. O senhor oferecerá a Rebecca salvo-conduto de volta a Londres. Uma vez lá, ela providenciará a entrega dos documentos. Os originais. Assim que os tiver em mãos, saberá que não há mais provas contundentes sobre o que aconteceu. Nenhuma prova do seu envolvimento.

— A não ser o que está nas suas cabeças.

— Sim. Mas qual é a probabilidade de que venhamos a usá-las? Sendo realistas, por que desejaríamos problemas? Agora que sabemos o que o senhor pode fazer conosco.

Aquele era o primeiro passo.

O presidente cofiou o queixo e então começou a fazer um leve movimento para a frente e para trás, como um patriarca na varanda, pensando sem pressa. Tom decidiu reforçar sua posição, ver se conseguia fechar o acordo.

— Se o senhor é capaz de nos drogar com sedativos em plena Regent Street, é capaz de usar coisa pior. — Ele observou o velho. — Não temos o menor interesse em causar problemas para o senhor.

— E em troca?

— O senhor nos deixa ter nossas vidas de volta. Recolhe os capangas e devolve nossas carteiras e passaportes.

— E vocês me entregam os documentos.

— Serão seus. Desde que nada aconteça conosco, ninguém nunca saberá que existiram.

Este era o segundo passo, o passo que Tom esperava fosse decisivo.

— O que isso quer dizer?

— Isso quer dizer que já fiz cópias digitais dos documentos, que foram devidamente carregadas em um site. Um site inativo, programado para continuar inativo desde que eu o acesse, com uma senha, a cada sete dias. Se por

algum motivo eu não acessá-lo, porque, digamos, fui incapacitado de alguma forma, o site entra no ar. E envia e-mails de alerta para alguns endereços. Editor@NewYorkTimes.com seria um.

Editor@JerusalemPost pode ser outro. Ah, e não teríamos por que deixar de fora a BBC ou a CNN.

Tom olhou para Rebecca. Os olhos dela estavam arregalados; ela parecia surpresa.

O presidente voltou a falar, com um tom de voz mais elevado: — Você fez isso?

Tom assentiu, uma gota de suor formando-se em seu lábio superior.

— Passamos um bom tempo no cíbercafé, tenho certeza de que seus amigos o informaram.

— Como ousa? — disse o velho, que examinava os rostos de ambos e, então, com esforço, se levantou.

— E se algo der errado com esse site, e se ele acidentalmente…

— O senhor não precisa se preocupar com isso. É seguro. Desde que nada aconteça conosco.

O presidente estava pálido, incerto quanto ao que dizer. Rebecca inclinou-se para a frente, como se estivesse disposta a explorar aquele momento de fraqueza.

— Eu tenho mais uma condição.

Tom girou o corpo e disparou um olhar para ela. Não estrague isso. Ela o ignorou.

—Em troca por mantermos o que o senhor disse secreto e em segurança, em troca por mantermos aquele site inativo, quero que o senhor use sua influência para agendar uma reunião para mim. Com o secretário-geral das Nações Unidas.

— Ah, pelo amor de Deus, Rebecca…

Tom não conseguiu se conter. Que diabos ela estava fazendo? Estava arriscando enfurecer um homem que já provara que nada era capaz de se colocar entre ele e o que desejava, e pelo quê?

Com um meio sorriso no rosto, que Tom interpretou como absoluta descrença na atitude da mulher, o presidente levantou uma das mãos para silenciá-lo.

— Diga-me outra vez. O que você quer?

— O que Rebecca está tentando dizer é…

— Perguntei à moça eu mesmo, senhor Byrne — ele disse.

Rebecca havia ido longe demais, Tom estava certo disso. A qualquer momento o presidente acionaria os brutamontes para encerrar aquele problema, assim que ela voltasse a abrir a boca.

— Quero que o senhor consiga para mim um encontro com o secretário-geral. Quero que ele olhe nos meus olhos e admita o que a ONU fez ao meu pai. Então esse pesadelo pode acabar. Meu pai não sobreviveu a tudo o que sobreviveu para ser tratado dessa forma, como se fosse nada.

— A voz de Rebecca estava embargada. — Sujeira no sapato de alguém.

— Eu entendo — o presidente disse em voz baixa. — Doutora Merton, realmente entendo.

Subitamente, como se saísse de um transe num estalo, ele se voltou para Tom e apertou sua mão, não dando espaço para que recusasse o gesto.

— Estou preparado para aceitar esses termos. Entrarei em contato com o gabinete do secretário-geral imediatamente. Contanto que não sofram mal algum, este site de vocês continua trancado, sim?

— Sim.

— E continua trancado e escondido mesmo depois da minha morte: minha reputação no futuro importa igualmente, entendem? Posso fazer arranjos que serão mantidos após a minha morte. Se essa informação vier a ser divulgada um dia, nosso acordo estará desfeito. Haverá pessoas prontas para agir quanto a isso.

— Entendo.

— Bom. Agora eu gostaria de ter uma conversa particular, sobre lembranças, com a doutora Merton — disse o presidente.

Ele se encaminhou para a porta. Tom perguntou a si mesmo se ele conduziria Rebecca para a suíte. Será que a convidaria a rezar com ele?

Mas ele gesticulou para que ela esperasse, deixando Tom e Rebecca sozinhos. Nenhum dos dois ousou abrir a boca, temendo que o velho voltasse a qualquer momento. Ele ficou fora por não mais do que vinte segundos, sem dúvida acertando com os assessores os detalhes da partida de seus "convidados".

Quando o presidente voltou, ele imediatamente colocou um braço sobre o ombro de Rebecca, guiando-a em direção à janela. Tom os via de costas, e ouviu o velho murmurar algo numa língua que adivinhou ser hebraico: a julgar pela forma como Rebecca concordava com o que ele falava, deviam ser palavras de condolência pela morte do pai, talvez até mesmo uma prece. O presidente então

retirou o braço para que pudesse olhar diretamente para Rebecca, apertando as duas mãos dela nas suas, o tipo de cumprimento que os políticos guardam para ocasiões especiais. Tom tinha certeza de que já vira aquele mesmo homem fazer aquele mesmo gesto ao assinar um tratado de paz décadas atrás. Houve mais algumas palavras de despedida, então a porta foi aberta e Tom e Rebecca foram conduzidos para fora, deixando o presidente do Estado de Israel, do alto de seus 84 anos, contemplando a vista da janela; sozinho.



CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

Estavam no seu antigo escritório. A idéia fora de Henning: o novo ocupante estava fora, na Eslovênia, cuidando de algum assunto ligado à ONU, e a sala estava vazia.

No tempo que era dele, Tom sempre a achara apertada e impessoal. As estantes eram de metal cinza, assim como a mesa. Tinha a aparência utilitária da sala de um gerente com vista para o chão de fábrica.

Mas agora não estava olhando para os móveis. Ou concentrado no fato de que havia apenas duas janelas naquele cubículo, não três, como nos escritórios da maioria dos funcionários mais graduados nas extremidades do corredor. Ele olhava para fora, desfrutava a vista direta e generosa do Chrysler Building, seu marco de Nova York preferido.

Talvez fosse o simples alívio de que tudo aquilo estivesse acabado; que não precisasse mais olhar por sobre os ombros, temer qual seria o próximo apartamento a ser invadido, que velho apareceria morto. Mas não podia tirar os olhos da vista. Para ele, a cidade cintilava.

Rebecca estava do outro lado da mesa, sentada numa cadeira grafite bem mais alinhada do que o móvel rangedor com estofado de curvim que lembrava.

— Todo aquele tempo — ele disse por fim. — Estávamos procurando no lugar errado.

Ela franziu a testa ligeiramente, apenas duas linhas finas.

— Eu tinha os nazistas em mente. Só conseguia pensar nisso. Depois que li o diário de seu pai, tive certeza de que as únicas pessoas que poderiam ser responsáveis por isso, revirar os apartamentos, nos seguir por Londres, seriam um bando de velhos criminosos de guerra. Nem uma única vez pensei… no lado dele.

— E por que teria pensado nisso? — Ela sorriu, um sorriso que aqueceria até mesmo aquela sala metálica. — Enfim, mesmo que não seja um detetive dos melhores, você com certeza é um negociador e tanto.

Aquele foi um blefe dos bons.

— Ele nos deu tempo para pensar. Aquela conversa toda; não foi difícil

pensar em algum coisa. Só tínhamos que encontrar um motivo para que se livrasse de nós assim que colocasse as mãos nos documentos.

— Ah, sim. Os documentos. — Ela ainda sorria. — O que exatamente são esses papéis misteriosos?

Tom voltou a olhar pela janela.

— Sabe qual é o seu problema, Rebecca Merton? Falta de fé. — Ele se voltou, para poder olhá-la no rosto. — Podemos escolher. Podem ser as plantas baixas do sistema de abastecimento de água…

— Mas elas não têm ligação com ele.

— Não. Ainda não. Mas não seria difícil para você acrescentar algumas palavras àquele cartão-postal, seria? Algum jogo de palavras espirituoso com um verso bíblico que por acaso traz o nome do nosso amigo. Deve haver um bocado de personagens com o nome dele na Bíblia.

— Não estou convencida. Qual a outra opção?

— O diário do seu pai. Você pode simular a caligrafia dele, acrescentar um trecho sobre o Plano A, explicar como o agora famoso Senhor X preparou a poção. Entregamos essa página e as plantas. Material o bastante para ele perceber que não estávamos blefando.

— A não ser pelo fato de que estávamos…

— Ssshh — Tom disse, com um dedo nos lábios. — Tudo o que importa é que livrar-se de nós agora é menos atraente para ele. Ele não encostaria um dedo em você, uma "filha do Shoah".

Rebecca sentou-se. Eles haviam ido primeiro ao Nations' Café, imediatamente depois de terem sido escoltados para fora da suíte presidencial do UN Millennium Plaza, de onde Tom ligou imediatamente para Henning. Ele queria encontrar um jeito suave de contar, mas a explicação acabou saindo aos borbotões: ele e Rebecca haviam vindo apressadamente para Nova York porque a doutora Merton, cheia de cartas na manga, contornou a burocracia da ONU

lançando mão de seus próprios contatos para agendar o precioso encontro com o secre-tário-geral.

— Eu sei — Henning disse. — Acabo de receber um telefonema do assessor político do SG. — Ele estava furioso. — Ganhei a batalha nisso, Tom. O SG estava com uma idéia ridícula de encontrar com a sua doutora Merton e eu dei um jeito de impedir. E agora sou passado para trás pelos malditos israelenses. Você me fez ficar com cara de idiota.

— Ela fez você ficar com cara de idiota, Henning.

— Muito obrigado, isso faz toda a diferença.

Tom tentou acalmar o velho amigo. Pelo menos dessa forma não haveria publicidade. Ele colocou uma das mãos sobre o fone e conferiu se Rebecca concordava com a ausência de fotógrafos. Ela assentiu imediatamente, apavorada com a simples menção de encarar a imprensa.

— Ela concorda. Não haverá ninguém, imprensa, consultores. Vamos fazer isso o mais simples possível, Henning, e à prova de vazamentos.

Quando a imprensa ficar sabendo do encontro, ele já terá acabado.

Munchau disse a Tom que não estava resistindo mais energicamente àquela idéia insana simplesmente porque foi notificado naquele mesmo dia de que a polícia de Nova York estava dando por encerrado o inquérito sobre a morte de Merton.

— Já que está fora da jurisdição deles, o promotor afirmou que nenhum crime foi cometido.

— Então a barra está limpa.

— Suponho que sim. Mas ainda quero que ela assine um acordo no qual abre mão de qualquer queixa contra nós. Não posso permitir que ela atire uma reunião com o SG na nossa cara em alguma ação cível no futuro, alegando uma admissão de culpa. E uma declaração, na qual garante que não haverá publicidade, entrevistas, nada do tipo.

— Vou redigir os rascunhos imediatamente — disse Tom, confirmando a sua opinião de que Henning era um dos melhores homens que a ONU já tivera, um protetor da instituição e de sua reputação mesmo quando o chefe era indiferente. Tom sentiu uma pontada de culpa pela rapidez com que duvidou dele.

— Estou impressionada — dizia Rebecca, girando a cadeira e alternando a visão entre o Chrysler Building e Tom. — Você já resolveu tudo.

— Não exatamente.

— Não?

— Tem uma coisa que eu nunca entendi. Mal tive um minuto para pensar nisso em Londres. Mas ainda não entendo.

— Não entende o quê?

— O envelope que foi entregue no seu apartamento. A lista de nomes.

Não consigo imaginar quem pode tê-la entregue. Não podem ter sido os israelenses, ou quem quer que estivesse trabalhando para o pres…

Uma batida na porta. Henning.

Rebecca levantou de um salto da cadeira, adotou mais uma vez a expressão de filha enlutada e estendeu a mão.

Tom fez as apresentações e Henning foi direto ao assunto, profissional demais para demonstrar que estava com os dentes trincados: — Doutora Merton, o secretário-geral é muito grato pelo fato de a senhora ter vindo até aqui, tanto que pergunta se pode vê-la imediatamente, de acordo com as condições que discuti com o senhor Byrne. — E olhou para Tom, que concordou. — Ele cancelou os dois próximos compromissos — concluiu, com um gesto de chamada.

— Espere — disse Rebecca. Ela inspirou profundamente e então soltou o ar. — Podemos esperar apenas um minuto?

— Claro. — Henning disparou outro olhar para Tom. Ela não vai chorar, vai?

Rebecca se recompôs.

— Senhor Munchau, não estou acostumada a esse tipo de coisa.

Encontros com líderes mundiais.

Tom olhou para o chão.

— Pelo que sei, a senhora é muito bem relacionada. Um trunfo e tanto ter o presidente de Israel do seu lado.

— Mesmo assim, acho que pode ser intimidante simplesmente entrar no escritório do secretário-geral, com ele sentado atrás de uma mesa gigante. Entende o que estou dizendo?

— Acho que sim.

— É possível que nos encontremos em outro lugar? Não sei, menos grandioso? Um lugar mais tranqüilo?

— Claro, doutora Merton. — O verniz diplomático de Henning estava de volta. — Sei de um lugar ideal, totalmente adequado para um encontro desta gravidade.

— Eu agradeço muito.

Ela se levantou da cadeira e visivelmente empertigou-se, como um candidato prestes a fazer um discurso. Tom deu um passo à frente, pronto para

acompanhá-la. Mas Rebecca levantou uma das mãos para barrar seu caminho.

— Tom, você me ajudou muito. Mas acho que preciso fazer isso sozinha.

Tom concordou e recuou. Henning sorriu brevemente para ele e então conduziu Rebecca para fora da sala.

— Não se preocupe, eu trago ela de volta — ele fez com os lábios sem emitir som, com um brilho fugidio no olhar.

Tom os viu seguirem pelo corredor, fez com a cabeça um sinal de encorajamento para Rebecca, despercebido por ela, e então voltou a olhar para o escritório, tentando lembrar-se de seu aspecto quando era seu. No seu tempo, o espaço era ainda menos decorado. Ele não pendurara fotografias nas paredes ou enfeitara as estantes com lenços que trouxera de visitas a buracos exóticos "em desenvolvimento", estilo que dominava os escritórios do corredor.

Uma memória pesada voltou à superfície, como um pedaço de metal enferrujado preso a um anzol. Era naquela sala que ele costumava fazer aquilo. Era ali que ele lia os testemunhos, um após o outro, que detalhavam os crimes de guerra mais repugnantes. Claro, a linguagem sempre mudava. Os nomes dos lugares mudavam. Mas a história era sempre a mesma: a crueldade humana sanguinária.

A princípio ele sempre reagia da mesma forma: repulsa, raiva, uma tristeza terrível, pesada. Mas depois de Ruanda, deixou de sentir aquilo.

Afinal, aquelas emoções despertaram um senso de vigilância extremo quando ele serviu no tribunal em Ruanda, mas do que adiantou?

Quantos assassinos foram processados e condenados? Vinte e seis.

Depois daquilo ele parou de ler os relatos. Ele saltava o testemunho humano e ia direto aos números no final da página. Foi isso que fez com a documentação de Darfur que veio parar na sua mesa. Ele treinou os olhos para saltar os relatos de testemunhas, os estudos de casos individuais, apenas procurava o número frio no rodapé da página. Por que ler aquilo? Ele já conhecia muito bem o tipo de selvageria de que os seres humanos eram capazes. E, muito pior, sabia que não havia nada que ninguém — nem mesmo a santificada Organização das Nações Unidas — pudesse fazer a respeito.

Tom precisava redigir o rascunho do acordo que Rebecca e Henning assinariam. Sentou-se à mesa e ligou o computador. A máquina pediu o nome de usuário e a senha: seus velhos dados não funcionaram. Então sorriu ao lembrar-se da senha do "administrador do sistema" que Henning o ensinou quando

precisaram usar a máquina de um colega que saiu de férias sem antes enviar um arquivo no qual estava trabalhando. Então digitou a senha — UThant, o nome de um antigo secretário-geral — e, graças ao sentimentalismo do departamento de TI das Nações Unidas, teve acesso ao sistema.

Ele abriu um documento de Word e já havia digitado a primeira frase quando hesitou. Outra lição que aprendera com Henning: para qualquer assunto realmente confidencial, nunca use o sistema da ONU.

Qualquer um pode acessar qualquer coisa. Se o principal objetivo de Munchau era evitar publicidade, não fazia sentido correr o risco do vazamento da informação. Escreveria o rascunho à mão.

Levou a mão ao bolso interno do paletó, mas sua caneta não estava lá.

Talvez houvesse sido retirada durante o voo inconsciente. Ou deixada no hospital.

Não havia canetas sobre a mesa e as gavetas estavam trancadas. Ele viu a bolsa de Rebecca: estava na cadeira, junto com o casaco.

Sentindo-se culpado, Tom deu a volta na mesa. Ele nunca gostou de bisbilhotar a bolsa de uma mulher: parecia demais com fuçar a bolsa da mãe. Abriu a bolsa rapidamente, viu uma caneta-tinteiro e a pegou.

Havia algumas folhas de papel na impressora a laser; pegou algumas e se preparou para começar a escrever.

Acordo entre, ele riscou na folha sem deixar uma marca. Sacudiu a caneta, mas não fez diferença. Desatarraxou o corpo e viu o problema: não havia carga de tinta.

Talvez ela houvesse se soltado e caído na parte inferior do corpo. Tom levantou a peça em direção à luz do teto e viu que havia algo ali dentro — mas soube instantaneamente que não era uma carga de tinta.

A princípio pensou que pudesse ser algum tipo de cigarro, talvez até droga. Pelo que ouvira na suíte presidencial, não seria uma surpresa.

Tom bateu a parte inferior do corpo da caneta no tampo da mesa e o conteúdo saiu. Não era um cigarro, mas uma folha de papel — talvez duas — enrolada com todo cuidado.

Tom não precisou de mais do que um segundo para entender o que tinha nas mãos. Quando desenrolou os papéis, o tamanho das folhas e a tinta apagada foram instantaneamente familiares. Mas a caligrafia era inconfundível.

Tom leu avidamente.

Eu recebi a lista de nomes e a estudei metodicamente. Não conseguiria pegar todos ao mesmo tempo. Alguns daqueles homens viviam em lugares muito distantes; eles se esconderam bem. Cada missão exigia documentos, um passaporte novo, dinheiro e uma história como cobertura. Em San Sebastián, Espanha, fingi ser um turista. Eu segui Joschka Dorfman, um oficial graduado da SS em Treblinka, por alguns dias, antes que tivesse a chance de "encontrar-me" com ele sem a esposa por perto. Ela voltou de um passeio de compras e descobriu que ele não havia tirado o cochilo da tarde como prometera. Em vez disso estava com o pescoço atado a uma corda que pendia do teto do quarto do hotel…

O coração de Tom começou a bater mais forte. Então aquelas eram as páginas desaparecidas do diário de Gershon Matzkin. Elas não estavam desaparecidas coisa alguma. Rebecca estava com elas o tempo todo. Ela sempre soubera da verdade sobre a vida do pai. Ela sabia sobre a DIN.

Claro que sabia. O que Julian Goldman disse quando Rebecca os apresentou? Você nunca viu pai e filha mais próximos. Mesmo quando eram apenas os dois, eles eram uma família. Uma família de duas pessoas. Eles eram uma dupla, os Merton; trabalhavam juntos.

Mas Tom ficara tão cego pela simpatia, pelo carinho, pelo desejo por ela, que não viu o óbvio. No que quer que Gerald Merton estivesse envolvido, Rebecca Merton era sua cúmplice e confidente.

Mas ela também estava no escritório de Henry Goldman, tão boquiaberta com a história que o advogado revelara quanto Tom. Ou não? Uma memória, breve e fugaz, lhe ocorreu. Ele pensara a respeito então, mas o momento passou. Foi durante a discussão que tiveram, já de volta ao apartamento, depois do encontro com Goldman. Ela se queixou do modo como o velho advogado se arrastava, "falando o que já sabíamos".

O que já sabíamos.

Será que tudo fora uma farsa, uma grande encenação? Ela devia ter decidido isso desde o começo, rasgar as páginas mais comprometedoras do diário do pai antes que Tom o colocasse dentro da pasta. Ela deve ter feito isso no momento em que soube que o pai estava morto.

Mas ele descobrira a verdade de qualquer forma, ele descobrira a DIN e seu trabalho de vingança, analisando as evidências por si mesmo, guardadas no escritório de Julian Goldman. Eles foram direto para lá depois de receberem o envelope.

Claro. Não era de se estranhar que ele nunca tivesse descoberto quem

enviara as listas de nomes, apagadas, amareladas. Aquele era um pedaço do quebra-cabeça que nunca se encaixaria. A pessoa que enviara aquelas listas — pessoalmente, num envelope que nem ao menos foi postado — certamente não foi outra senão a própria Rebecca Merton.

Ele a imaginou lacrando o envelope, então aparecendo com ele como se o tivesse recebido inesperadamente. Como ela foi esperta, ficara à espreita, alternadamente ocultando ou revelando pistas cruciais que desvendariam o mistério do pai. Ela claramente desejou colocar Tom no caminho da DIN — sem revelar o quanto sabia.

Mas por quê? Por que conduzir ambos por uma farsa sem sentido, fingindo não saber o que sabia perfeitamente?

Ele se lembrou do encontro com Sid Steiner, os expedientes quase absurdos que empregaram, primeiro para encontrá-lo e então para dragar suas memórias. Rebecca não pareceu menos surpresa do que Tom, desesperada para saber o que Sid sabia. E o mesmo aconteceu na última visita ao apartamento do pai, quando a descoberta dos papéis escondidos na pintura do Aleph aparentemente foi tão surpreendente para ele quanto para ela. Será que tudo aquilo havia sido uma armação?

Ou era mais complicado do que isso: Rebecca conhecia parte da estranha vida permeada por morte de Gershon Matzkin — mas não tudo?

Tom esfregou os olhos, forçando a si mesmo a se concentrar. Voltou a olhar para as páginas manuscritas à sua frente. Certamente, pelo menos com base numa primeira leitura superficial, Gershon parecia recontar apenas seu trabalho como carrasco informal de certos indivíduos — como caçava homens específicos que, apenas alguns anos antes, fizeram parte da máquina de morte nazista. Não havia referência à padaria em Nuremberg nem uma palavra sobre a trama para envenenar o abastecimento de água. Tom procurou atentamente pelo nome do homem que haviam encontrado algumas horas antes, o presidente israelense. E se Rebecca houvesse, apesar de tudo, ocultado a prova fundamental que Tom prometera ao barganhar pela segurança dos dois, uma prova que ele criara, um blefe? E se essa prova existisse ali, naquelas folhas de papel enroladas escondidas no corpo de uma caneta-tinteiro? Mas não havia sinal do nome do israelense. O homem que agora era o presidente de Israel, o Plano A, o Plano B, nenhum deles era mencionado no diário de Gershon Matzkin.

A tinta na última folha era mais recente, o traço mais grosso e a caligrafia era visível no verso da página. Era óbvio que aquelas linhas haviam sido

acrescentadas ao diário muito tempo depois, depois que o diário já havia sido terminado. Gershon agora escrevia com a mão instável de um velho.

O trabalho da DIN foi encerrado muitos, muitos anos atrás. Por cerca de quarenta anos, nenhum de nós se envolveu com este tipo de trabalho. Tentamos remover Mengele, mas, como você sabe, falhamos.

Chegamos perto, mas não perto o bastante.

Rebecca, eu prometi a mim mesmo — pelo seu bem e pelo bem da nossa família — que eu pararia. E mantive a minha promessa por você.

Por todos esses anos fui apenas um pai normal, um pai que te ama. Eu certamente tentei.

Mas muito tempo atrás fiz outra promessa, uma promessa a uma jovem tão cheia de vida e beleza quanto você hoje. Nunca pensei que teria a chance de honrar minha palavra. Pensei que era tarde demais.

Agora tenho essa chance e não posso deixá-la passar. É por isso que vou para Nova York. Se quiser entender, deve fazer o que digo — não se esqueça do Kadish.



CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

Uma nova onda de eletricidade inundou o cérebro de Tom; ele sentiu como se seus circuitos neurais fossem entrar em colapso. Tentou processar a nova carga de informações. Significava que Rebecca já sabia não apenas que o pai era um assassino da DIN como do propósito de sua viagem a Nova York. O encontro com o Russo, a arma escondida no banheiro do hotel Tudor: aquilo havia mesmo sido o que parecia: Gerald Merton, o idoso de 76 anos Gerald Merton, havia ido a Nova York para matar. E sua filha, que carregava essa informação escondida numa caneta-tinteiro, sempre soube disso. O número dela estava na memória do celular do pai: ele podia até mesmo tê-la mantido informada dos acontecimentos. Não é de estranhar que não tenha querido ligar para a polícia após a invasão; não é de estranhar que mal tenha manifestado a intenção de entrar com um processo de indenização contra as Nações Unidas. Ela não queria que ninguém cavasse demais na história que estava cansada de conhecer.

Tom estava convencido: Rebecca Merton sabia que o pai estava em Nova York para matar. Mas quem?

Seria o presidente israelense? Será que o político veterano, cujas antenas sem dúvida foram aprimoradas com o tempo, intuiu as intenções de Gershon corretamente? Talvez aquela fosse a grande "chance" que Gerald achava que não podia deixar passar, a visita do presidente a Nova York.

Mas não fazia sentido. O israelense teve visibilidade na vida pública por anos a fio. E Gershon Matzkin era um assassino profissional de primeira linha: se realmente quisesse vingar-se pela traição de Aron, teria tido incontáveis oportunidades — boa parte delas muito mais fáceis do que atingir um chefe de Estado no ambiente cheio de seguranças das Nações Unidas.

Além disso, esta nova passagem do diário certamente não se referia a Aron. Ela falava, sim, na promessa a "outra jovem". Seria Rosa, seu primeiro amor e camarada desde os primeiros tempos da DIN? Mas não havia conexão específica entre ela e o israelense, suposto alvo da vingança, pelo menos nenhuma conexão sugerida pelo velho político. E ele não parecia ter filtrado as informações.

Tom olhou para a página arrancada que, ansiosa por voltar a transformar-se em pergaminho, estava enrolada sobre a mesa. Ele a esticou e leu, demorando-se na última frase.

Se quiser entender, deve fazer o que digo — não se esqueça do Kadish.

Ele agora percebeu que havia outra palavra entre parênteses, escrita a lápis, que não percebera da primeira vez. E estava escrita em inglês, parecia ser algum tipo de referência temporal: (March). Talvez fosse o mês de março, o mês em que Gershon escrevera a nota, algum tempo atrás.

Tom olhou mais uma vez para a última frase, escrita a caneta, percebendo que já a vira antes. Estava presa com um alfinete num quadro de cortiça na casa de Rebecca, escrita com a letra do pai. Fazia referência à prece judaica pelos mortos, foi o que ela disse. Ele lembrou como aquilo o impressionou no momento, como se Gershon Matzkin, que acabava de morrer, apelasse, do túmulo, para ser lembrado. A explicação de Rebecca foi menos dramática: era um simples pedido do pai para que orasse pela mãe falecida.

Mas o tom no diário era mais urgente. Sugeria que "Kadish" de alguma forma explicaria a missão de Gershon em Nova York. Se quiser entender, deve fazer o que digo.

Tom voltou a olhar para as duas folhas. A escrita era tão miúda que era difícil ler rapidamente. Ele voltou ao relato do assassinato de Dorfman, em San Sebastián, e passou a decifrar da parte em que narrava como o nazista ficou enforcado no quarto de hotel, como Gershon cruzou com a esposa de Dorfman que entrava no saguão, sabendo o que ela estava para encontrar. A letra ficava cada vez mais ilegível, porém, apertando os olhos, Tom conseguiu entender.

Depois da missão Dorfman, fui até a praia, peguei uma única pedra e rezei o Kaddish por todos os judeus de Treblinka. Era a primeira vez que o rezava desde os tempos de criança em Kovno, onde aprendi a rezar o Kaddish por meu pai. Eu não esquecera a oração.

Então aquilo confirmava: Kaddish era exatamente o que dissera Rebecca, uma prece pelos mortos. Tom recostou-se na cadeira, fechou os olhos e levou as mãos à cabeça. O que diabos Gershon queria dizer com "se quiser entender, deve fazer o que digo — não se esqueça do Kadish"?

E então tudo veio de súbito, uma constatação arrepiante que fez sua pele formigar. Ele tentou acalmar-se. Provavelmente não era nada, apenas um simples erro. Afinal, o pós-escrito era recente. Gershon já estava com mais de 70 anos; poderia ser um erro provocado pela idade.

Mas a diferença era clara. Quando fazia referência à prece, Gershon usava duas letras "d": Kaddish. Mas ali, na mensagem final, havia apenas um: Kadish. E esta, Tom tinha certeza, era a grafia da palavra na mensagem do quadro de cortiça. Kadish.

Lentamente, com as mãos tremendo, voltou-se para o teclado do computador. Abriu o navegador, arrastou o cursor para o campo de pesquisa e digitou aquelas seis letras. Instantaneamente, o Google fez a mesma suposição que ele.

Você quis dizer: Kaddish?

Ele disse sim e viu resultados para a "prece judaica pelos mortos" e coisas do gênero. Então voltou à grafia com um "d": Kadish.

Alista trazia resultados variados: um professor de eletroquímica de Indiana, um professor de contrabaixo do Texas, um servidor público federal de Washington. Ele esperava algo que instantânea e obviamente se relacionasse com Gershon Matzkin e a DIN.

Dada a completa irrelevância daquilo, voltou ao campo de pesquisa e digitou: Kadish Holocausto. Se refinar a busca não mostrasse resultado, ele voltaria ao palpite inicial, que Gerald Merton simplesmente fora traído pela idade e escrevera a palavra de forma errada. Apertou Enter e a tela foi preenchida com resultados que fizeram seu sangue correr mais rápido.

Todos pareciam relevantes. Um artista chamado Reuben Kadish, cujo trabalho tinha relação com o Holocausto: talvez Gershon tivesse uma de suas pinturas, talvez houvesse escondido papéis nela, assim como no verso da tela do Aleph. Havia mais algumas referências ao trabalho do artista, que incluíam uma exposição e um arquivo.

Mas Tom desceu os olhos pela tela, e algo que leu o fez sentir um calafrio.

George Kadish — Wikipédia, a enciclopédia livre George Kadish foi um fotógrafo judeu lituano que documentou a vida no gueto de Kovno durante o Holocausto, o período do genocídio nazista alemão…

Ele leu duas vezes para ter certeza de que, em seu estado febril, não estivesse imaginando aquilo. Mas as cinco palavras cruciais ainda estavam ali. Elas não desapareceram num vapor alucinatório: vida no gueto de Kovno.

Tom passou a clicar freneticamente, passando de um site a outro, e descobriu que Kadish mantinha uma câmera caseira sob o casaco, e secretamente fotografava os judeus com quem morava no gueto de Kovno. Agora a tela estava

preenchida por fotografias de Kadish. Dois meninos, crianças de colo, com não mais do que três anos, sentados num sofá esfarrapado, tendo ao fundo uma parede imunda, seus rostos tão sujos quanto os de qualquer criança dessa idade. Exceto que, costuradas às roupas dos meninos, sobre seus corações, há duas grandes estrelas (amarelas, apesar das imagens em preto e branco não revelarem).

As imagens continuavam vindo. Um jovem casal, aparentemente casados — que também usa as estrelas. Judeus empurrando carroças na neve, suas posses enroladas em feixes, todos usando estrelas amarelas. A legenda: Mudança para o gueto de Kovno. Crédito: George Kadish, fotógrafo. Tom lembrou-se do acréscimo entre parênteses feito a lápis por Gershon: (March). Ele procurou por datas: talvez uma fotografia tivesse a legenda "março de 1942". Mas a maioria não estava datada.

Agora Tom estava em uma seção de um site sobre Kovno intitulado simplesmente: Nono Forte. Havia uma foto de Kadish de judeus reunidos numa praça, uma "revista final", de acordo com a legenda, antes que fossem conduzidos para o forte. Outra retrata uma aglomeração de homens e mulheres, cujos andrajos os faziam quase indistinguíveis uns dos outros no preto e branco impreciso da imagem.

A legenda informa que aqueles são judeus dentro do Nono Forte "depois da chegada e antes da execução".

Tom clicava febrilmente, como se soubesse o que estava procurando, apesar de não saber. Ele sabia apenas isso: que o que quer que fosse encontrar não estava nos rostos das vítimas. Gershon Matzkin viera a Nova York para um último assassinato. Seu alvo não era uma daquelas pessoas engolfadas pelas chamas, mas uma daquelas que ateara o fogo.

Em seguida Tom deparou-se com uma fotografia de Kadish, um rosto melancólico, determinado, usando um boné — o tipo de boné que os estudantes esquerdistas chiques usavam em Manchester quando Tom era estudante —, com uma câmera nas mãos, que estava prestes a aproximar do rosto. Tom queria olhar para aquele homem, o portador dos testemunhos oculares trazidos do passado para o presente, mas não havia tempo.

Ele clicou e clicou até que uma imagem o paralisou. A legenda dizia "A Marcha: milícia lituana conduzindo judeus para a morte no Nono Forte".

O pulso de Tom latejava. Assim como as outras, aquela foto não estava datada. Mas havia um título: A Marcha. Então era marcha e não março.

Certamente era aquela imagem que Gershon tinha em mente, a imagem que insistia em que a filha lembrasse. Ela mostrava judeus marchando em uma coluna irregular, identificáveis como judeus apenas pelos andrajos e pelas expressões sinistras. No início e nas laterais daquele rebanho humano, vestindo casacos pretos, estavam os milicianos lituanos. Não havia dúvida disso, já que empunhavam cassetetes e usavam braçadeiras com algum tipo de insígnia. Era difícil discernir as formas, mas certamente tratava-se de algum símbolo nacionalista. A maioria desses homens sorria.

Os olhos de Tom foram atraídos para a lateral esquerda da fotografia.

Havia dois homens, um mais alto do que o outro, o primeiro irradiando algo que parecia ser orgulho. Ele observa o homem ao seu lado, que, numa análise mais atenta, não era mais do que um garoto, seu filho, talvez — um adolescente alto e raivoso. Este garoto brandia um cassetete. Estava levantado, à altura do ouvido. Tinha um pé projetado, como um jogador de críquete prestes a arremessar a bola. Mas seu alvo não era uma bola, mesmo que aquilo fosse algum tipo de esporte. O garoto estava prestes a agredir um dos judeus que marchavam para a morte. Estava prestes a descer o cassetete na cabeça do judeu; se o obturador houvesse esperado apenas um segundo a mais, teria, sem dúvida, captado a imagem de um crânio sendo esmagado.

Houve um estranho atraso na forma como Tom absorvia a imagem. Seu cérebro parecia saber o que estava para entender mesmo antes que a informação fosse registrada pelos olhos. Quando o olhar de Tom finalmente se desgrudou do cassetete e convergiu para o rosto do jovem agressor, foi como se simplesmente confirmasse o que algum sexto sentido de Tom já tinha compreendido. Não havia como estar errado.

Os traços eram nítidos, inconfundíveis. Não importava quanto tempo havia se passado, era o mesmo rosto. A mesma pessoa.

Tom sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Ele continuava a olhar para a fotografia, como se na esperança de que, de alguma forma, o simples ato de observar mudasse o que já havia visto. Mas não mudou.

Ele olhava para o garoto que se tornara um homem, mesmo que os dois parecessem vir de duas eras históricas diferentes, antiga e moderna.

Duas espécies diferentes, mas, mesmo assim, não havia dúvida, eram a mesma pessoa.

Então ele lembrou: Rebecca.



CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO

Tom saiu do escritório aos esbarrões, primeiro a caminho dos elevadores, então pensou melhor e se lançou em direção à escada de incêndio: aquilo reduzia o risco de uma colisão com alguém que conhecesse.

Ele desceu as escadas correndo o mais rápido que conseguiu, agarrando o corrimão para pular os últimos três ou quatro degraus, saltando no ar e aterrissando em patamares sucessivos. Emergiu das escadas no terceiro andar e desapareceu na invisibilidade da multidão. Não podia correr; isso chamaria muita atenção. Em vez disso caminhava o mais rápido que conseguia; passou pelo kitsch maoísta dos presentes da República Popular da China, a vitrine onde ficava exposta uma canoa tradicional tailandesa. Tomou as escadas para o segundo andar, ignorando a exposição memorial com garrafas derretidas e moedas carbonizadas de Hiroshima. Mais um lance de escadas e lá estava, por fim, o gigantesco painel-vitral de Chagall com suas luas pálidas, azuis sombrios e mães desesperadas agarrando os filhos contra o peito. A Janela da Paz, como é chamada, apesar de sempre ter provocado em Tom uma impressão de tristeza da guerra.

Ele parou, respirando de forma pesada. Não havia uma multidão de turistas em volta; apenas ele. Um palpite o levara até lá. Rebecca perguntara a Henning se o encontro poderia acontecer em um lugar tranqüilo, um lugar que não fosse "grandioso". Se conhecia Henning como conhecia, o alemão a levara para aquele lugar.

Eles a chamavam de capela da meditação. É uma sala escura simples. Lá não há símbolos religiosos, textos sagrados, livros ou obras de arte. Seu objetivo é ser "ecumênica", mesmo que isso signifique um espaço essencialmente vazio. Há bancos para sentar, mas raramente são usados.

Tom visitara aquele lugar uma ou duas vezes, incluindo a noite avançada de um dia de trabalho especialmente terrível, arrastando-se por relatos de testemunhas oculares. Mas para a maioria dos funcionários da ONU, era possível trabalhar naquele prédio por vinte anos sem saber da existência daquele lugar.

Mas não Henning. Ele era um inflexível defensor daquele lugar como um

memorial àqueles que tombaram a serviço da ONU. Havia uma placa ao conde Bernadotte, o diplomata assassinado em Jerusalém, além da bandeira rasgada da missão da ONU em Bagdá, bombardeada em 2003. Para Henning, pelo menos, a capela da meditação tinha um significado. Além disso, ele provavelmente concluiu que aquele lugar daria à ONU um precioso patamar moral no encontro com Rebecca.

Tom tentou desanuviar a cabeça. Ele não sabia o que encontraria.

Queria pensar, planejar o que diria ou faria, mas não havia tempo. Ele passou pelo vão na parede — não havia porta — e soube que estava certo.

Estavam os dois ali, Rebecca e o homem. E mais ninguém, como Henning havia prometido. Não havia assessores ou consultores — precisamente como solicitado por Tom. Ele e ela, um de frente para o outro.

A mudança na luz significava que ambos haviam se voltado quando Tom entrou. Ele percebeu que Rebecca estava perplexa — surpresa, confusa, ele não sabia dizer —, mas não desviou o olhar. Não era ela que ele queria examinar.

Em vez disso, olhou atentamente para o rosto do homem. Tom nunca trabalhara com ele; a nomeação ocorrera um bom tempo depois da sua retirada para as colinas corporativas. Mas aquele rosto tornara-se familiar nas últimas semanas, pelo menos para aqueles que acompanhavam a política nos jornais e na TV. A testa ampla, os cabelos grisalhos branco-acinzentados penteados para trás, a boca larga e firme, o nariz fino. O homem era alto, e estava elegante num terno preto feito sob medida, na gravata um nó impecável.

Mas não era a semelhança entre o homem real e o que via na TV que Tom tentava discernir. Em vez disso, comparava o rosto à sua frente com o da imagem que vira cinco minutos antes na tela do computador.

Haveria espaço para dúvida? Mesmo à meia-luz da capela, Tom tinha certeza de que não. Ele estaria pronto para afirmar, sob juramento, que o homem para quem olhava e o fascista adolescente do Nono Forte em Kovno eram a mesma pessoa. Ele sabia que o ávido participante do massacre de judeus naquela cidade, um cúmplice menor, mas sanguinário, do maior crime do século XX, estava à sua frente como o secretário-geral das Nações Unidas.



CAPÍTULO SESSENTA E CINCO

— Tom, vá embora. Isso não tem nada a ver com você.

O tom de Rebecca estava diferente, nunca a ouvira soar tão rude. Ainda assim, havia algo mais naquela voz. Não apenas raiva, mas ansiedade.

Os músculos ao redor de sua boca pareciam tremer.

— Rebecca, apenas fale comigo. O que você está fazendo?

— Estou falando sério, Tom — disse contida, esforçando-se para não gritar. — Dê meia-volta e vá embora.

Ele olhou para Paavo Viren, congelado dentro do terno elegante. Pela primeira vez, Tom percebeu naquele rosto, geralmente um modelo de compostura de estadista, tensão, incredulidade.

— Rebecca, eu vi as fotografias. Não se esqueça do Kadish.

— Então você sabe?

Apenas então ele percebeu, num momento fugaz de auto-percepção, que acreditava que ela não sabia. Desejava que ela não soubesse. Ele dissera isso para si mesmo, que, apesar das páginas escondidas na caneta-tinteiro, ela nunca entendera plenamente a mensagem do pai, que não olhara as fotografias de George Kadish. Ele havia, e percebia agora, se agarrado à crença de que Rebecca exigira um encontro com o secretário-geral com o único propósito de ouvir um pedido de desculpas oficial pela morte acidental do pai. Agora via a verdade. Ele assentiu.

— Sim, eu sei.

— Desculpe, Tom. Sinto muito, de verdade.

— Por que você está se descul… — E estancou. — Ah, entendi. Entendi muito bem, Rebecca.

— Não foi assim, Tom.

— Então é disso, afinal, que se trata essa história toda? Foi isso que fui para você: um convite para este lugar?

— Não faça assim, Tom.

O cérebro dele parecia transbordar com todo um novo conjunto de percepções, que chegavam em ondas, uma depois da outra. Rebecca queria ver-se livre dele desde o princípio, mas então suavizou e pediu sua ajuda. Ele pensara que isso aconteceu simplesmente porque a mulher ficou assustada com a invasão. Agora via que ela percebeu seu potencial: com Tom do lado dela, tinha a

chance de chegar ao coração das Nações Unidas, chegar ao secretário-geral em pessoa — tinha a chance de concluir o trabalho inacabado do pai.

Tom lembrou-se do beijo, que aconteceu depois que dissera que não apenas entendia o que o pai dela e a DIN haviam feito como concordava com aquilo. Sabendo de tudo que aconteceu com eles. Eles estavam certos: eles não teriam justiça de outra forma. Talvez aquele tenha sido o momento em que ela baixou a guarda, quando percebeu que Tom era um espírito afim, um camarada na luta pela vingança. Ou talvez tenha sido mais calculado. Talvez ela tenha concluído que, para garantir que Tom a levaria para dentro da sede das Nações Unidas, ela primeiro precisaria anuviar seu julgamento…

Quando o fingimento dela começara? Teria sido no momento em que foi confrontada com as provas do encontro de Gerald Merton com o Russo e com a informação da descoberta da arma de um assassino?

Foi então que ela apareceu com o caderno na mão, pedindo que o lesse.

Naquele momento, Tom concluiu que aquele ato tinha como objetivo fazer com que ele e a ONU recuassem da acusação de que Gerald Merton seria um assassino profissional. Mas ela havia arrancado as páginas cruciais: Rebecca já estava jogando com ele.

E a invasão? Certamente, foi então que ela se deu conta de que aquilo ia além dela e do pai e que precisava de ajuda. Quem melhor do que um homem que conhecia apenas as partes da história que ela escolheu revelar — um homem a serviço da ONU e com a capacidade de fazê-la ficar frente a frente com o alvo?

— Quantas pessoas mais conhecem essa sua história estapafúrdia?

Paavo Viren deu um passo atrás e empertigou-se, numa tentativa de comandar a sala. O sotaque dele situava-se em algum ponto entre escandinavo e diplomata internacional, aquela forma peculiar de inglês como língua franca global, com todos os traços geográficos aplainados.

— Não contei a ninguém — disse Rebecca. — Tom descobriu por si mesmo. Como eu disse, esse é um assunto entre mim e você.

Ela se voltou para Tom, no olhar uma súplica para que fosse embora.

Viren voltou a falar:

— Uma vez que o senhor Byrne está aqui, talvez possa explicar para ele o que a senhora quer exatamente. Porque ainda não está claro para mim.

Rebecca inclinou-se na direção dele.

— Quero que me diga a verdade. Isso é tudo o que você deve fazer.

Depois de todos esses anos, é tarde demais para qualquer outra coisa.

Mas suas vítimas merecem isso. Elas merecem pelo menos isso.

— A senhora quer que eu lhe confesse, nesta capela? — ele disse com um riso de deboche. — A senhora é algum tipo de sacerdote?

— Eu já disse, temos provas. Há uma fotografia sua conduzindo judeus para a morte no Nono Forte. Ninguém percebeu antes porque ninguém conhecia o seu rosto, pelo menos ninguém que se importasse.

— Eu conheço essa fotografia. — Viren fez uma pausa e deixou a boca se alargar num sorriso triste. — Isso a surpreende, sim? Claro que a vi.

Talvez exista uma vaga semelhança, mas nada além disso. A idéia de que isso pudesse vir a ser usado como prova é risível. A senhora é jovem demais para lembrar do julgamento de Demanjuk, senhora Merton.

Mas talvez o senhor, senhor Byrne, se lembre.

Viren voltou-se para Tom. Uma manobra que ele reconheceu, tentar cooptar o oponente mais fraco de forma a isolar o mais forte. Ele queria Tom do seu lado contra Rebecca.

— Lembro.

— Eles o chamavam de Ivan, o Terrível. Um mecânico de Ohio — o secretário-geral pronunciou o nome como se aquele fosse um lugar exótico, de conto de fadas, separando cada sílaba: O-hi-o. — Com base numa fotografia dele quando jovem. Nem mesmo a corte de Israel foi capaz de condená-lo. Um caso de engano de identidade, este o resultado final do julgamento. E a fotografia de Demanjuk retratava um adulto.

Esta foto de que fala traz um garoto, um adolescente. A aparência das pessoas muda demais entre essa idade e a vida adulta. A senhora não tem "provas". Tem simplesmente uma acusação infundada.

— Então por que o senhor simplesmente não vai embora?

Era Tom, saindo das sombras.

— O quê?

— Se tudo isso é estapafúrdio e infundado, por que o senhor ainda está aqui? O senhor está falando com Rebecca Merton por… — Tom fez jogo de cena conferindo o relógio. — Algum tempo. Se tudo isso fosse uma calúnia absurda, o senhor já teria se retirado. Teria chamado seus assessores. Henning Munchau estaria aqui, rascunhando um processo por calúnia e difamação. O senhor teria chamado a segurança. Mas estou olhando em volta e não vejo ninguém. E por

que seria?

Viren levantou o queixo, como se estivesse avaliando Tom Byrne com mais atenção.

— Estou tentando ser humano com a senhora Merton. Ela é claramente uma moça com algum distan…

— Verdade? Ou seria porque o senhor não quer que ninguém, nem mesmo um segurança, ouça o que ela tem a dizer?

O SG passou a caminhar, praticamente deu as costas a Rebecca.
O movimento a fez hesitar. Pela primeira vez, Tom temeu que o homem poderia estar armado de alguma forma — um pensamento absurdo, ele reconheceu assim que o formulou. De qualquer forma, Rebecca havia sido corajosa ao confrontá-lo sozinha. Ele não era jovem, isso era verdade, mas também não era frágil; poderia tê-la dominado, poderia ter…

— Vocês sabem a minha idade?

A pergunta pairou no ar. Quanto mais ela pairava, mais incerteza provocava em Tom. A semelhança física com o garoto da foto era tão impressionante que ele nem ao menos se preocupou com detalhes básicos como idade ou cronologia. Mas agora sua memória voltava para a forma como descobrira a fotografia: a descoberta do nome "Kadish", a pesquisa no arquivo online do fotógrafo por uma imagem que pudesse ter relação com a história de Gershon, então a descoberta de algo que pareceu elucidar tudo, logo abaixo da palavra "Marcha" no título. Uma fotografia que ilustrava por que Gerald Merton havia ido até Nova York para uma última missão — que o levara aos degraus da sede das Nações Unidas.

Mas talvez Tom houvesse cometido um erro elementar: talvez ele tenha visto o que queria ver. Os policiais fazem isso o tempo todo, seguem um padrão de possíveis pistas até chegarem a uma conclusão que se encaixa em suas primeiras suposições. Aquele era um erro universal, humano; somos criaturas sugestionáveis. Afinal, como funcionam as ilusões de óptica, se não recorrer ao hábito dos olhos de ver o que esperam e não o que realmente está à sua frente?

Rebecca quebrou o silêncio:

— Sua biografia oficial diz que tem 68 anos.

— Bom, senhora Merton. A senhora fez o dever de casa. A minha biografia diz que tenho 68 anos. E como vai sua aritmética mental?

Porque a minha vai bem, e diz que eu tinha 5 anos quando a guerra

terminou. Cinco! Acredito que concordamos que o rapaz na sua fotografia tem mais do que 5 anos, sim? — ele disse, com o mesmo sorriso, desta vez com maior entusiasmo.

— O senhor mentiu a respeito da idade.

— Por todos esses anos? A senhora acha que eu pareço ter 68 anos?

— O meu pai também não parecia ter a idade que tinha. Ele mantinha a boa forma e era um homem ativo. Ele também poderia ter passado por um homem de 68 anos — Rebecca disparou.

Tom sentiu os joelhos fraquejarem. E se Rebecca estivesse enganada? E se Gershon Matzkin estivesse enganado? Não havia mais DIN, apenas um Gerald Merton idoso, solitário, provavelmente vasculhando a internet em casa, quando se deparou com a semelhança física de uma nova personalidade pública com um rosto odiado numa fotografia antiga. Eles estavam cometendo um erro terrível.

Mas Rebecca não se intimidou. Em vez disso, ela estava ainda mais próxima de Viren, examinando o homem como faria com um paciente.

— Ah, mas não há como esconder isso, não é verdade, senhor secretário-geral? Aquela linha atrás da sua orelha sempre denuncia. O senhor deu um jeito nesse rosto, isso eu garanto.

— E daí? Uma pequena cirurgia plástica não é nada de que se deva ter vergonha hoje em dia e na minha idade. Pergunte ao primeiro-ministro da Itália. A vaidade humana não é crime, doutora Merton.

— Então, como se pudesse sentir a insegurança de Tom, prosseguiu: — E, além do mais, como a senhora já deve saber, não sou lituano. Sou finlandês, pelo amor de Deus. Fui ministro das Relações Exteriores do meu país. Tenho a idade errada e a nacionalidade errada, o que quer dizer que sou o homem errado.

Tom abaixou a cabeça. Ele precisaria lançar mão de toda a habilidade como advogado para resolver aquela situação. Teria que oferecer um pedido formal de desculpas, explicar que tanto ele quanto a doutora Merton foram submetidos a uma altíssima carga de estresse e que retirariam aquelas acusações, enfatizando que nunca mais voltariam a repeti-las. Nada disso seria formalizado por escrito, já que tal documento, por si só, mesmo que refutasse a acusação, poderia ser alvo de suspeitas. E a doutora Merton abriria mão de qualquer indenização relativa à morte do pai. Tom faria uma exposição desses pontos com o SG imediatamente, e os pormenores seriam acertados com Henning em outro momento.

Ele deu um passo na direção de Rebecca, pronto a colocar uma mão amiga

sobre seu ombro e guiá-la para fora da capela. Esperava que ela não fizesse um escândalo. Mas no instante em que se moveu, Rebecca girou e dirigiu a ele um olhar que o fez gelar.

— Não me desaponte, Tom.

— O que você quer dizer?

— Não pense tão pouco de mim. Ou do meu pai.

— Não estou enten…

— Você realmente acha que ele viria até aqui, pronto do jeito que estava, se não tivesse certeza? Certeza absoluta de que este homem é exatamente quem pensava que fosse? Você acha que eu estaria aqui se não tivesse certeza?

— Mas é apenas uma fotografia.

— Ah, não, Tom. Existem muitas outras fotografias deste homem. Ele era uma das estrelas do gueto, ou não era, senhor secretário-geral?

Tom olhou para o SG — que mantinha a expressão de desdém fixa no rosto — e de volta para Rebecca.

— Existem mais fotos?

— Sim. E nem todas foram tiradas por Kadish. Muitas foram tiradas pelos próprios nazistas. Meia dúzia pelo menos. Algumas muito formais, outras casuais, os rapazes se divertindo. Como a foto de um time. E o jovem Paavo Viren, ou qualquer que fosse seu nome então, sempre no meio: o mascote do time.

— Mas ele tem apenas 68 anos.

— Ele mentiu sobre a idade. Muitos dos mais jovens fizeram isso. Eles conseguiam novos documentos e acrescentavam dez anos à data de nascimento. Quando estivessem chegando aos 30 tudo soava plausível.

Era fácil. Não esqueça que eles tinham muitas pessoas para ajudá-los com isso.

— Ele é da Finlândia.

— Ele foi para a Finlândia, Tom. O que não é a mesma coisa. Alguns foram para o Canadá, outros para Ohio. — Ela olhou para o secretário-geral. - Alguns foram até mesmo para a Alemanha, por Deus. Eles recomeçaram: novas vidas, novos nomes. A Finlândia foi uma boa escolha: quase não há judeus por lá, e certamente nenhum sobrevivente de Kovno. Ninguém que se lembrasse dele.

Tom olhou para ela, imaginando como pareceria aos olhos de Viren: uma

jovem desvairada, delirante.

— Onde estão todas essas provas, Rebecca? — Tom odiou a forma como sua voz soava, cética, acusatória, como se estivesse a serviço do SG.

— Estava tudo lá, em Londres; numa pasta. Mas foi levada. Uma das primeiras coisas que eles levaram.

— Do apartamento do seu pai ou do seu?

O tempo que levou para responder sugeriu que ela entendeu o que havia por trás daquela pergunta.

— Do meu.

— Então você sabia esse tempo todo.

— O meu pai me disse o que ia fazer antes de partir para Nova York.

Tom assentiu, um gesto que fez mais para ter uma pausa do que transmitir concordância. Uma pausa para digerir o que ela dizia.

— E o que mais você sabia, Rebecca?

— Eu sabia sobre a DIN. Mas não sobre o resto, juro. A invasão não fez o menor sentido para mim. A padaria, Tochnit Aleph: nunca soube disso.

Você tem que acreditar em mim.

— Não faz sentido, Rebecca. Por que seu pai contaria sobre a DIN e manteria o resto em segredo?

— Tentei entender isso, Tom, juro que tentei. Tudo o que posso pensar é que meu pai tinha vergonha. O Plano A era aleatório. Era indiscriminado. A DIN que eu conhecia só ia atrás dos culpados. Mas se eu descobrisse a respeito do Plano B, acabaria chegando ao Plano A. E se eu soubesse a respeito disso, acho que meu pai acreditava que eu deixaria de amá-lo.

Viren pigarreou, como se educadamente solicitasse seu momento no palanque.

— A senhora diz que essas, por assim dizer, "provas", desapareceram?

Foram roubadas?

Rebecca não respondeu. Tom ficou em silêncio.

— Então voltamos ao ponto de partida, não é verdade? De volta à acusação disparatada?

Tom voltou a desconfiar do simples fato de Viren ainda estar ali.

Rebecca não o ameaçava com uma arma; ela nem de longe o intimidava fisicamente. Mas lá estava ele. Por quê?

Rebecca deu alguns passos, aproximando-se de Tom. Uma vez lá, encarou o SG e elevou a voz:

— Deixarei o senhor em paz. Abrirei mão dessas acusações. Nunca mais as farei.

— Doutora Merton, fico feliz em ouvir…

— Com uma condição.

— O quê? Que condição?

— Que o senhor me permita examinar o seu braço esquerdo.

A expressão no rosto de Viren passou por uma metamorfose, da confusão inicial à absoluta indignação. Ele parecia horrorizado.

— Como a senhora ousa sugerir tal coisa? A senhora tem idéia de a quem está se dirigindo? Eu sou o representante eleito de toda a comunidade internacional!

Mas não se retirava. O que ele temia? Será que temia se retirar e ser acompanhado por Rebecca, que entraria no saguão da sede das Nações Unidas e passaria a gritar que o SG era um criminoso de guerra nazista?

Ela seria contida pela segurança e ponto final. Por que se preocuparia com o que ela poderia dizer?

Será que esperava por algo que a fizesse mudar de idéia? Então um novo pensamento lhe ocorreu. O SG estava esperando por ele, por Tom. Se ele, o acompanhante da mulher naquela viagem a Nova York, concordasse que Rebecca era apenas uma filha traumatizada, então as acusações seriam desconsideradas. Mas se ele, antigo advogado graduado das Nações Unidas, desse a ela qualquer crédito, as acusações teriam pelo menos algum valor. E lama como aquela só precisava ser atirada uma vez para grudar. Tom ponderava se o novo secretário-geral era uma das poucas pessoas daquele prédio a não saber da sua história: caso contrário, ele certamente sabia o mesmo que o presidente israelense — que qualquer acusação que Tom Byrne fizesse a respeito do que quer que fosse poderia ser descartada com um aceno de mão.

Fantoche da máfia.

Agora Tom entendia. Havia sido forçado ao papel de árbitro; o SG queria que ele concordasse que Rebecca Merton era uma louca. Apenas então arriscaria voltar a pisar no mundo exterior, deixando que aquela mulher vociferasse à vontade suas acusações.

— Acho que o senhor deveria deixá-la ver seu braço — disse Tom

candidamente. — Então isso estará acabado.

Ele deu um passo à frente e agarrou o pulso esquerdo de Viren.
O secretário-geral desesperadamente tentava livrar o braço do aperto de Tom. Mas não gritou ou berrou.

— Está bem, Rebecca — Tom disse, subitamente consciente de que estava agredindo um homem idoso inocente, um idoso com uma força impressionante. — O braço é todo seu.

Ela se aproximou com visível nervosismo. Não conseguia olhar Viren nos olhos, então se concentrava no pulso. Lentamente, com muito cuidado, puxou a manga do paletó e passou a desabotoar os punhos da camisa. Ela era cautelosa, como alguém que manuseia uma carga perigosa.

— O que você está procurando? — disse Tom, suas palavras saindo espremidas entre respirações curtas, enquanto lutava para manter o velho imobilizado.

— Uma cicatriz — ela disse, calma e controlada, uma médica na mesa de operação. Então ela levantou o rosto, para que pudesse olhar o ofegante Viren nos olhos.

— Estou procurando pela cicatriz que a irmã do meu pai deixou no braço do rapaz que a estuprou, o rapaz que aterrorizava as crianças do gueto de Kovno, o rapaz que eles chamavam de Lobo.



CAPÍTULO SESSENTA E SEIS

Tom não teve certeza se sentiu os músculos de Paavo Viren ficarem rígidos à menção daquele nome. Podia ter sido outro truque de sua mente, imaginar o que não estava lá. Porém agora Rebecca já havia dobrado a manga da camisa do velho até o cotovelo e estava com uma expressão determinada.

Lobo. Tom precisou de apenas uma batida do coração, não mais do que isso, para lembrar aquele nome. Ele estava em algumas das passagens mais pungentes das memórias de Gershon Matzkin. Algumas das poucas ocasiões, aliás, em que o inimigo nazista tinha um rosto.

Ao mesmo tempo que sentia nos braços a tensão por imobilizar Viren, Tom tentava visualizar aquelas linhas manuscritas. O Lobo não era alemão; Gershon o descrevera como o filho de um dos guardas lituanos do gueto. Os detentos judeus o temiam em particular — ou talvez, como Rebecca sugerira havia pouco, isso estivesse apenas na memória de quem era criança na época. Era fácil perceber por que os jovens o temiam com tamanha intensidade: era um torturador e assassino com o rosto de um garoto.

Enquanto Tom estava no café próximo à casa de Rebecca lendo as páginas apagadas do diário de Merton, ele tentou visualizar a crueldade do tal Lobo, o adolescente sádico, sorridente, que pediu o prazer de punir a irmã de Gershon, Hannah, pelo crime de contrabandear uma migalha de pão. Ele tirou as roupas de uma menina com a mesma idade que a sua, bateu nela com um cassetete e a estuprou. Hannah estava ferida. Não apenas no rosto, que não era mais o dela. Mas na alma.

Então foi por isso que Gershon quebrou sua própria regra e deu fim à aposentadoria do trabalho que realizava na DIN. O Lobo era um caso especial, um acerto de contas pessoal. O que as páginas arrancadas, escondidas na caneta de Rebecca, diziam? Há muito tempo, fiz outra promessa, uma promessa a uma jovem tão cheia de vida e beleza quanto você hoje. Nunca pensei que teria a chance de honrar minha palavra.

Pensei que era tarde demais.

Não mais do que um menino, Gershon deve ter prometido à irmã mais

velha que a vingaria, que um dia faria o Lobo pagar pelo que havia feito.

De alguma forma ele mantivera viva a memória daquele único ato de brutalidade, apesar de toda a morte e carnificina que viria a presenciar nas semanas, meses e anos que se seguiram. Apesar de ter visto tais horrores, aquele único ato queimava dentro dele.

Rebecca vistoriava energicamente o antebraço de Viren, e Tom tentava entender a expressão que tinha no rosto. Por fim ela falou, e as palavras que pronunciou pareceram sugar o ar de todo o espaço: — Não há cicatriz.



CAPÍTULO SESSENTA E SETE

Ele tentou lembrar-se de como era experimentar aquela sensação, e, quando voltou a senti-la, a semelhança foi uma surpresa. Mas a combinação de ansiedade e antecipação de alívio — a sensação de que, embora estivesse prestes a fazer algo doloroso e arriscado, as coisas melhorariam depois — foi de fato semelhante. Jay Sherrill sentia agora o mesmo que sentira quando pisou pela primeira vez no consultório do terapeuta que o ajudou a enfrentar a morte do irmão. Agora, como naquela época, ele havia concluído que o simples ato de agir devia ser melhor do que o de enfrentar outra noite angustiada e interminável.

Foi bom que ele tenha tido tão pouco tempo para se preparar. Havia entrado em contato com Henning Munchau tarde da noite no dia anterior, perguntando se podiam encontrar-se urgentemente. Ele não gostava de passar por cima de Tom Byrne, mas não tinha escolha: não conseguia entrar em contato com Byrne desde o início da tarde.

Munchau parecia relutante ao receber a ligação. Talvez também não gostasse de passar por cima de Byrne, embora o mais provável era que quisesse manter uma distância segura do caso Gerald Merton. Sem dúvida tinha sido por isso que contratara um advogado que havia deixado a ONU havia mais de um ano para cuidar do caso. "Verei o que posso fazer", foi o máximo que Munchau prometera. Além disso, ele não tinha motivos para se ocupar com Sherrill: àquela altura, sem dúvida já recebera a ligação da promotoria informando que não haveria processo no caso Merton. Nenhum crime havia sido cometido; a ONU estava fora de perigo.

E então recebeu uma ligação de Munchau havia vinte minutos, informando que uma janela tinha sido inesperadamente aberta em sua agenda. Se Jay pudesse estar na sede da ONU em 15 minutos, eles poderiam tomar um café no salão dos delegados.

— Desculpe pela inflexibilidade do horário — disse o alemão com um sotaque que Sherrill não sabia se conseguia identificar. Europeu ou australiano?

— Não se preocupe. Fiquei feliz que o senhor tenha conseguido um horário.

— Situação incomum. O secretário-geral acaba de me pedir para abrir um

espaço de uma hora na sua agenda; o que me deu uma hora que eu não tinha.

— Claro.

— Ele está em reunião com Rebecca Merton. Apenas os dois.

— Ela está em Nova York?

— Byrne não informou? Eles vieram juntos.

— Então ele está vivo.

Munchau arqueou uma sobrancelha.

— É que eu não tive notícias dele nas últimas 24 horas. Apesar das minhas muitas mensagens.

— O velho Tom. Então, no que posso ajudá-lo?

— Esta conversa é estritamente confidencial, sim?

— Se é o que você deseja…

— Bem, a minha carreira, que provavelmente está acabada, pode depender do senhor.

— O que tem em mente, detetive?

— Há dois dias tive uma reunião com o diretor da Divisão de Inteligência da polícia de Nova York.

— Com Stephen Lake?

— Sim.

— Estou ouvindo.

— Ele falou algo que mal percebi na hora, mas que ainda não consegui entender…

— E o que foi?

— Ele pode ter dito por acidente…

— Detetive?

— Ele disse — Sherrill consultou seu bloco de notas — "Pode ser que tenhamos ficado de olho na ONU por algum tempo, por causa de provas de uma bomba-relógio por lá."

— Ele disse isso?

— "Ou pode ser que não."

— Você está me dizendo que a Divisão de Inteligência sabia que havia uma ameaça de ataque terrorista à ONU e não passou a informação adiante?

— Não, senhor, não estou. Foi isso que eu também entendi quando ouvi a

frase de Lake, mas ouça as palavras exatas. Lake não diz “uma bomba-relógio que está a caminho da ONU” ou “uma bomba endereçada à ONU”. Ele disse “uma bomba-relógio por lá”.

— Uma bomba que já está aqui.

— Exato.

Henning olhou em volta, para os delegados que conversavam e fumavam.

— Não acredito que a polícia de Nova York fosse ficar sentada enquanto este lugar vai pelos ares. Seria uma mancada deles, antes de mais nada.

— Concordo, doutor Munchau. Por isso acho que ele não falou literalmente. Ele usou uma metáfora.

— Então a inteligência sabe algo a respeito desse lugar que pode ser uma bomba-relógio.

— Isso mesmo, senhor; algo que pode destruir a ONU. É o que eu suspeito.

O olhar de compreensão e depois de alarme que cruzou o rosto de Munchau significou que, quando ele silenciosamente ficou de pé, Jay Sherrill sabia que não tinha opção a não ser segui-lo.



CAPÍTULO SESSENTA E OITO

— Como assim, não há cicatriz?

Tom instintivamente aliviou a pressão.

— Bom. Fico feliz que esta farsa tenha chegado ao fim. Eu devia, claro, denunciar vocês e… — disse Viren.

— Ou não há uma cicatriz evidente — cortou Rebecca.

O secretário-geral tentou libertar-se do aperto de Tom.

— De que diabos você está falando?

— Não há cicatriz aqui — disse Rebecca, apontando para a pele pálida do antebraço de Viren. — Mas, para a sua infelicidade, a cirurgia plástica não era capaz de fazer o que faz hoje em dia.

— Você está delirando.

— No passado, quando eles faziam enxertos como este, para cobrir uma cicatriz, era impossível não deixar marcas nas bordas no local onde a nova pele era colocada. É como o contorno de um remendo costurado em um terno. Está vendo? Exatamente aqui.

Ela estava sendo irritantemente calma.

— E qual o problema se eu fiz um enxerto de pele? Eu o fiz para cobrir a cicatriz de uma queimadura, vinte anos atrás.

— É mesmo?

— Sim. Foi um, um, um acidente. Em casa. Com o forno.

— Bem, isso é muito estranho. Porque, na verdade, as marcas que o senhor tem na pele, nesta área, são claros sinais de estiramento. E a única forma de tê-las seria ter feito um enxerto ainda jovem, quando a pele ainda estava crescendo. E o senhor não estava crescendo há vinte anos, senhor Viren, estava?

A isso, Viren livrou-se de Tom de modo a ficar a apenas alguns centímetros de Rebecca. Ele levantou a mão para o alto, de modo que ficasse à altura do ouvido, e estava para estapear Rebecca quando Tom o agarrou pela cintura, em um gesto rude de luta livre que deixou a mão do homem mais velho debatendo-se no ar.

Foi então que Viren soltou um grito agudo.

A visão de Tom estava obstruída pelo corpo do homem que ele tentava conter, mas agora ele percebeu o motivo do alarme: Rebecca havia sacado de algum lugar, da manga ou de algum bolso, uma seringa hipodérmica. Ela agora levantava o instrumento, na altura dos olhos, para testá-lo contra a luz.

— Rebecca, que diabos você está fazendo? — perguntou Tom, ofegante.

Ela o ignorou, dirigindo-se apenas ao secretário-geral: — Para o seu azar, eu sou médica. Sei identificar cicatrizes e enxertos na pele… e também sei lidar com venenos. Este, por exemplo, é inodoro, incolor e instantaneamente eficaz. Não sei se é doloroso, dada a fonte, mas sou uma pessoa otimista. O que significa que espero que seja muito doloroso.

— Rebecca, onde você conseguiu isso?

— Digamos que foi um presente de alguém que acabamos de conhecer.

Um antigo camarada da DIN.

Em um instante, Tom lembrou-se da demorada despedida que presenciara entre Rebecca e o presidente israelense: como ele havia murmurado para ela em hebraico, como segurou suas duas mãos nas dele, um cumprimento que facilmente poderia ocultar a entrega de, digamos, uma agulha e uma dose de fluido letal. Agora eu gostaria de ter uma conversa particular, sobre lembranças, com a doutora Merton.

Em honra de seu pai.

O fato de Gerald Merton ter sido capaz de descobrir a verdade sobre o passado de Paavo Viren não passara despercebido pela inteligência israelense. O presidente já havia se certificado de que Merton não estava atrás dele, e, quando ouviu o pedido de Rebecca por um encontro pessoal com o secretário-geral, ficou claro: Viren era o último alvo da DIN. E qual seria a melhor forma de aplacar sua culpa por trair Aron senão oferecer à DIN, mais uma vez, o que ela precisava — uma ampola de veneno mortal? Mesmo se Rebecca fosse presa, o presidente sabia que aquela jovem, filha da Shoah e filha dos Vingadores, não o trairia. Ela honraria o código da DIN.

Sem grande convicção, Viren tentava escapar de Tom, mas seus olhos estavam fixos em Rebecca.

— Deve haver um jeito de resolvermos isso. Se insistir, talvez seja possível fazermos uma análise independente, para examinar essas afirmações que você…

— Ah, não; sou intolerante demais para isso. O seu segundo maior azar foi

ter escolhido as pessoas erradas para matar e machucar. Você estuprou e quase matou minha tia, Hannah Matzkin, que, graças a você, nunca conheci.

Rebecca apertou a seringa, segurando-a firme enquanto um pequeno jato de líquido saía da agulha.

— E participou, com entusiasmo, pelo que escutei, dos massacres no Nono Forte. Imagino que se lembra das centenas de pessoas que você e seus amigos fuzilaram naquelas valas. Minhas tias foram três delas.

Tom estava estático, ainda segurando o velho, mas apenas por estar completamente paralisado. Via Rebecca como se estivesse assistindo àqueles acontecimentos de uma grande distância, como se fossem uma gravação que estava sendo transmitida na televisão. Talvez fosse a escuridão quase total na capela, mas provavelmente era em razão do choque por tudo que havia acontecido, por tudo que havia escutado naqueles últimos minutos. Ele parecia estar em um tempo um pouco atrasado, levava alguns segundos para processar cada nova informação.

E agora percebia que tinha sido arrastado para o que estava prestes a se tornar um homicídio — sem ter tido ao menos um momento para avaliar a situação. Tom imobilizava Paavo Viren, segurava-o para que Rebecca pudesse injetar nele o veneno.

Mesmo assim, não quis deixar Viren escapar. Não tinha ficado convencido com a análise de Rebecca sobre a cicatriz no braço dele, mas a reação do velho havia confirmado tudo. Seu tom de voz havia mudado; ele parara de tentar provar sua inocência e passara a implorar por um acordo. Pessoas inocentes, quando ameaçadas com punições por crimes que não cometeram, não passam a implorar por um acordo: insistem em voz ainda mais alta que são inocentes. Leva-se tempo, geralmente um longo espaço de tempo, para se destruir o senso de justiça das pessoas; só então elas ficam prontas para negociar uma punição por algo que não cometeram.

No caso de Viren, o tempo foi curto: ele tinha se mostrado pronto para negociar em apenas alguns segundos. Tom era um advogado com experiência suficiente para saber que aquele não era o comportamento de um homem inocente — tampouco o fato de não ter ido embora assim que Rebecca começou a fazer suas afirmações ou a decisão inexplicada de ficar e ouvir.

Tom ainda imobilizava Viren, que estava praticamente imóvel, enquanto Rebecca continuava a falar: — Matou as pessoas erradas, senhor Viren. Matou a família de Gershon Matzkin, e ele não era o tipo de judeu que aceitava negociar.

Era um daqueles judeus que se recusaram a morrer. Que estavam determinados a vingar seu sangue. Ele era parte da DIN, o movimento cujo nome em hebraico significa julgamento, mas que também significa três palavras: Dam Israel Nokeam. "O sangue de Israel será vingado."

Falava mais rápido agora, a urgência de sua voz a acelerava. Segurava a seringa verticalmente entre o dedo indicador e o médio, como uma arma pronta para ser usada.

— Ele era um vingador, senhor Viren… e eu sou sua filha.

Ao dizer isso, Rebecca inclinou-se para a frente e colocou a ponta da agulha sobre o pescoço de Viren, encontrando habilmente a veia jugular.

A convicção daquela ação, a sua finalidade, pareceu tirar Tom de seu estado de confusão. Rebecca instintivamente percebeu o que ele estava prestes a fazer.

— Se fizer qualquer movimento brusco agora, Tom, a agulha vai entrar.

É sério. Qualquer mínimo movimento e Viren estará morto.

Tom podia perceber que ela estava certa. Seu trabalho agora era manter o secretário-geral imóvel — para o seu próprio bem.

Viren conseguiu balbuciar algumas palavras: — O que você quer de mim? Se quer me matar, mate. Acabe logo com isso.

— Ah, mas não era assim que fazia as coisas, não é mesmo, senhor Viren? Pelo que sei, o senhor e seus companheiros da milícia lituana gostavam do espetáculo. Fazer os judeus irem até o ponto de coleta, depois de terem arrumado as malas como se fossem fazer uma longa viagem. Então vinha uma longa espera. E uma longa viagem de caminhão. Depois outra longa espera. E depois a marcha até as valas.

Então ver as mulheres tirarem a roupa, colocando-as em filas ao lado das valas que vocês haviam obrigado os judeus a cavar. E depois apenas uma bala, para que um em dez, ou um em cinco?, não morresse logo, para que sufocasse, esmagados pela pilha de corpos. Então não comece a choramingar, dizendo "acabe logo com isso". Se isso está acabando com a sua paciência, senhor Viren, então não me desculpo.

Tom tremia ao ver Rebecca tão perto do secretário-geral, com o dedo sobre o êmbolo da seringa como se fosse um detonador.

— Meu pai teria completado a tarefa de forma mais rápida, é verdade.

Do jeito que tinha planejado, surpreendê-lo sozinho significava não ter tempo para conversas: teria de matá-lo em uma fração de segundo. Mas este não

era o método usual da DIN.

— Rebecca, escute. Você não pode fazer isso.

— Cale a boca, Tom.

— Falo sério. Isso não está certo. Não desse jeito.

Ela não tirava os olhos de Viren.

— Para a DIN, era muito importante que o alvo soubesse a identidade de seus carrascos, que soubesse que os judeus estavam se vingando. Só que eu quero algo a mais. Quero uma confissão. Quero que me diga a verdade.

Viren começou a gaguejar. Certamente percebia que aquela mulher não ficaria satisfeita com uma confissão a ponto de transformá-la numa oferta de clemência; já havia deixado claro que iria matá-lo. Tom suspeitava de que seu pai teria sido mais habilidoso, enganando as vítimas para que acreditassem que tinham um incentivo para falar.

— Escute, Rebecca. Isso não vai funcionar. Você será pega. Mesmo que as pessoas compreendam, você irá passar anos na cadeia. Acha que é isso que seu pai gostaria de ver, sua amada filha atrás das grades?

— Eu poderia fugir.

— Deixe disso, Rebecca. Henning sabe que você está aqui, e chegará logo. Se ele encontrar o secretário-geral morto, você será culpada.

— Diremos que ele teve um ataque do coração.

— E a marca da agulha? E os hematomas nos braços, onde o segurei? Por favor, Rebecca. Pense no que seu pai iria dizer, na idéia de que os nazistas destruíram a vida de outra mulher da família Matzkin.

Os olhos de Rebecca pareciam estar em chamas, dois braseiros queimando na escuridão da sala.

— Como ousa falar sobre o que meu pai gostaria ou não?

Os braços de Tom já estavam cansados do esforço para imobilizar o seu preso.

— Seu pai nunca foi pego, Rebecca. Nenhum deles foi. Acredito que isso era importante para eles: que um judeu não sofresse novamente por causa dos nazistas, nem mesmo por um dia.

— Preciso ouvi-lo confessar, Tom — encarou-o, séria. — Precisa existir um acerto de contas.

— Eu entendo — ele disse, e sua voz se abrandou: — Mas não assim.

— Mas eu ouvi você dizer, no escritório de Goldman, que a DIN estava certa, que a justiça sempre deixava as vítimas na mão. "Quanto maior o crime, pior a justiça era", foi o que você mesmo disse. Eu lembro, pois concordei com você. "Não há justiça", você falou, "apenas política."

Lembra?

Tom sentiu um desequilíbrio ao ser lembrado de suas próprias palavras desta forma. Era verdade, ele tinha dito tudo aquilo, enraivecido com a deferência de Goldman pelas leis, sua preocupação com detalhes sem importância, enquanto ele, Tom, havia visto a justiça falhar muitas vezes, em Ruanda, no Timor Leste e Deus sabe onde mais.

Ainda assim, naquele momento, com aquele senhor de idade em seus braços, segurando-o firmemente enquanto uma agulha em seu pescoço ameaçava acabar com sua vida, Tom não era mais capaz de confirmar o que dissera. A possibilidade de matar um homem o enojava. A teoria era uma coisa; a ação física na realidade era outra completamente diferente. Isso não era justiça. Era tudo que o Direito tentava impedir: a queda para a barbárie.

— Rebecca, não pode ser assim. A DIN matou as pessoas porque não tinha outro jeito, mas você tem provas. Pode levar isso ao tribunal.

Conseguir um julgamento.

Ela bufou, inclinando a cabeça para trás em deboche. Tom esperou que Viren dissesse algo, que concordasse que, sim, se submeteria a um julgamento. Seu silêncio sugeria que era um político tão esperto quanto sua reputação prometera: ele entendia que, se apoiasse qualquer estratégia de Tom, seria o beijo da morte. Rebecca a rejeitaria.

— Você acha que eles levariam esse homem a julgamento? — ela perguntou. — Eles inventariam as mesmas desculpas de sempre. "Ele é muito velho. As provas são antigas. As testemunhas estão mortas. O crime já caducou. Não aconteceu em nosso território." Já escutei todos os argumentos possíveis.

— Mesmo assim, Rebecca, a alternativa não é descer ao nível deles. Você não estará apenas matando; se tornará um deles. Lembra-se do Plano A?

Ele não aconteceu. No final, os judeus não foram adiante - ele suspirou.

— A justiça é tudo o que temos, Rebecca. Não é perfeita. Jesus, eu sei disso melhor do que ninguém, mas é tudo o que temos.

— Preciso terminar isso — ela disse; tremia agora, seu corpo sacudia. — Convivi com isso a vida inteira, Tom. Você pode imaginar o que é isso?

Saber que sua vida é banal se comparada com tudo o que aconteceu?

Pode imaginar? Claro que não. Ninguém pode.

Durante uma pequena mudança na luz, Tom viu que lágrimas escorriam lentamente pelo seu rosto. Quis tocá-la desesperadamente.

— Sua vida não é banal. Ela é importante.

Ela não disse nada.

— Sua vida era importante para o seu pai, Rebecca. Existe um motivo para você ter o nome da mãe dele — disse Tom, engolindo em seco.

— Acho que, para seu pai, você deveria ser a segunda chance dela.

Rebecca vacilou e recuou, sua mão fechada finalmente se afastou do pescoço de Viren. O velho aproveitou a oportunidade, usando toda a força para empurrar Tom. Ao cair, Tom tropeçou e bateu a cabeça na quina de um dos bancos. Ficou atordoado.

Naquele mesmo instante, Viren atirou-se sobre Rebecca. Agarrou o pulso dela, puxando-o para cima. Ela ainda segurava a seringa, agora com pavor de que o velho a voltasse em sua direção. Gritou quando ele lhe puxou o braço.

A luz na capela mudou de súbito. Dois homens apareceram na porta, criando novas sombras. Viren voltou-se na direção delas e viu Henning Munchau encarando-o, com a boca aberta. O secretário-geral parecia paralisado.

Aquele momento de pausa, de paralisia, era tudo de que Tom precisava.

Levantou com dificuldade e correu, colidindo com Viren e Rebecca, empurrando-os para lados diferentes. Rebecca cambaleou para trás, finalmente longe do alcance do velho. A agulha, porém, não estava mais na sua mão.

Tom virou-se, apenas para perceber Viren vindo em sua direção, de olhos esbugalhados, segurando a seringa e apontando-a diretamente para seu coração. Agarrou o pulso de Viren, mas o velho tinha uma força impressionante. Apesar do esforço de Tom, ele se movia para a frente, a ponta da agulha cada vez mais próxima até ficar a menos de um centímetro de seu peito.

Com toda a força que lhe restava, Tom empurrou a mão de Viren e ouviu um grito de horror, quando o secretário-geral das Nações Unidas percebeu que havia enterrado a agulha na própria jugular.



EPÍLOGO

UM ANO DEPOIS

— E de quantos refugiados estamos falando?

— Talvez 1 milhão.

— A maioria no Chade ou em outros lugares também?

— Principalmente no Chade.

— Quais as condições nos campos?

— Estão superlotados. Com falta de alimentos. Doenças. O maior problema é o pânico. Todos estão com muito medo.

— E o que as agências humanitárias dizem?

— Que têm seus próprios problemas. Alguns dizem que não podem fazer nada pelas vítimas, porque têm de pensar na segurança de seus funcionários. Os janjawid também os ameaçam, como você sabe. De propósito. E está funcionando: muitas ONGs já se retiraram do local.

Tom recostou-se na cadeira, mastigando a tampa da caneta. Estava completamente concentrado. Entretanto, tão logo a reunião acabasse, ele se permitiria pensar naquilo de que vinha lembrando-se com freqüência: era muito bom estar de volta, absorto no trabalho para o qual ele tinha nascido para fazer.

— Preciso ver todos os documentos que você tem, toda a papelada.

Assim podemos montar um caso sem furos. Primeiro precisamos estabelecer as circunstâncias gerais para formar um quadro completo da situação humanitária, com o tipo de detalhe que acabamos de discutir.

Depois passamos para o caso específico de cada indivíduo. Está bem?

Era a quinta reunião relacionada com Darfur de que Tom participava no último mês. Ele imaginava por quanto tempo esses problemas haviam sido postos de lado antes de chegarem às suas mãos. Ergueu a mão, pedindo paciência, e virou-se na direção de sua assistente.

— Lequasia!

Durante o silêncio que se seguiu, Tom voltou-se para o cliente e arqueou as sobrancelhas — um gesto que demonstrava sua resignação a ter paciência.

Tentou novamente, desta vez elevando o tom de voz: — Lequasia!

Enfim ela apareceu, surgindo do final do corredor onde Tom havia colocado uma cafeteira decente ao lado da surrada chaleira que ocupava o local. Sob a luz, ele contou pelo menos quatro mechas de cabelo de cores radicalmente diferentes, algumas trançadas, outras lisas. Ou seriam apenas apliques, comprados no salão para mulheres negras perto da Holloway Road?

— Lequasia, obrigado por nos dar o prazer da sua presença. Espero não estar interrompendo alguma conversa urgentíssima com seu cabeleireiro. Este é Ismael Yahya Abdullah.

Ela o cumprimentou com um aperto de mãos; suas unhas postiças cravaram-se na palma do homem.

Tom continuou:

— Ele está aqui representando a si mesmo e outras cinco pessoas que desejam sair de Darfur e procuram asilo neste país. Estuda na UCL. Já que está aqui há mais tempo e tem o melhor inglês, ele será o contato do grupo todo. Pode entregar seis cópias do formulário básico de asilo para ele, por favor?

Tom despediu-se, deixando Lequasia e Ismael na sala de espera. Voltou para o computador — precisava terminar de escrever um e-mail para Henning. Foi quando ouviu a porta se abrir. Na realidade, sentiu mais do que ouviu. Primeiro, o vento gelado vindo da rua, depois o inconfundível som de pés se arrastando, que só poderia significar uma coisa.

— Olá, Lionel.

— Olá, senhor Byrne.

— Na verdade Julian está no tribunal hoje, mas logo estará de volta.

— Julian está no tribunal? Por quê? O que ele fez?

— Ele não fez nada. É um advogado. Está representando outra pessoa.

— Vão mandá-lo para a prisão?

— Talvez sim.

— Julian vai para a prisão? Oh…

Lionel começou a choramingar.

— Não, Lionel. Não Julian. Julian não vai para a prisão. O cliente dele talvez vá. Se o tribunal achar que ele é culpado.

— Ele não é culpado!

— Bem, talvez ele seja… Não, não, você tem razão. Ele não é culpado.

Tom balançou a cabeça. Não era a primeira vez neste último mês que se enchia de admiração pelo seu parceiro no Kingsland Law Centre. Julian Goldman havia suportado conversas como essa com Lionel e os outros todos os dias úteis durante os sete ou oito últimos anos.

— Gostaria de tomar um pouco de chá, Lionel?

— Seria bom, senhor Byrne.

— É Tom.

— É um nome bonito, senhor Byrne.

Tom sentia-se grato por ter a chance de se retirar até o final do corredor, que era ironicamente o chamado de "cozinha". Não era à toa que Lequasia estava ali o tempo todo: era o único lugar em que alguém podia se esconder.

Enquanto aguardava a água na chaleira ferver, sorriu ao pensar em quão absurdo era tudo aquilo. Havia passado um documentário sobre Orson Welles na televisão na noite anterior que mostrava o então extremamente bem-sucedido jovem confessando que havia começado no topo — e percorrido uma longa trajetória ladeira abaixo.

Não tinha sido bem assim com Tom. Mas havia pouco menos de dois anos ele era um dos maiores advogados especialistas em Direito Internacional no mundo, parte do Conselho Legal das Nações Unidas. E agora estava ali, em um escritório de assistência jurídica em Hackney, onde o carpete era uma colagem de quadrados finos, e a clientela era composta por despossuídos e malucos, "os migrados e medicados", como dizia Julian. Ganhava cerca de um quinto do antigo salário da ONU, numa expectativa otimista — e uma fração muito, muito menor do que os Fantonis estavam dispostos a pagar por apenas uma semana de trabalho.

Quando conheceu Goldman Jr., Tom o viu como um jovem inocente que logo descobriria como o mundo realmente funciona. Mas fora Julian quem lhe ensinara uma lição: que, mesmo se a Justiça com J maiúsculo fosse elusiva, ainda era possível reparar muitas pequenas injustiças que aconteciam todos os dias, uma de cada vez: aqui um candidato a asilo, ali um resmungão com suas sacolas plásticas.

Parecia bem mais do que um ano; muita coisa havia acontecido.

Atualmente Tom se esforçava para lembrar aquelas malucas últimas horas em Nova York. Algumas vezes pensava se não teria imaginado tudo; suas memórias da cena na capela de meditação eram particularmente nebulosas. As

lembranças tendiam a começar com a situação logo após.

Rebecca não estivera errada: o veneno havia atuado na hora. Quando Henning Munchau e Jay Sherrill chegaram ao lado do secretário-geral, ele estava morto: Tom o havia matado bem na frente deles.

Tom tivera de adotar uma postura calma quase anormal para poder explicar o que havia acontecido. Por sorte, não houvera tempo para enganos: tivera de contar como aconteceu — e assim o fez.

Henning havia mais uma vez demonstrado seu caráter naquele dia, não apenas como um bom amigo, mas como um advogado extremamente competente. Absorvera tudo o que Tom contara, visivelmente organizando a informação que estava escutando, até os elementos mais espantosos, sem perder o foco. Havia chamado dois seguranças das Nações Unidas até a capela e dito para esvaziarem o saguão. O pretexto era simples: outro alerta de segurança. Eles tiraram dali o corpo de Viren — e Henning começou a traçar um depoimento.

Como era assessor jurídico, insistiu em que não haveria encobrimento da verdade. O vice-secretário geral agendou uma entrevista coletiva, anunciando que Paavo Viren havia sido morto pelo ex-advogado da ONU Tom Byrne, que agiu inteiramente em legítima defesa. Viren atacara Byrne e sua companheira com violência após ser confrontado com a evidência de um grave segredo, confirmado por uma investigação interna da ONU. O assessor jurídico doutor Henning Munchau e o detetive do departamento de polícia de Nova York, Jay Sherrill, eram testemunhas do acontecido.

A polícia de Nova York prendera Tom e Rebecca por um dia, antes de libertá-los sob advertência. Tom testemunhou que, embora a seringa e o veneno fossem de Rebecca, ela não tinha intenção de matar Viren; apenas o estava ameaçando, na tentativa de fazê-lo confessar. O promotor público logo concluíra que não havia futuro em processar a filha de um sobrevivente do Holocausto pela morte de um homem que, postumamente e do dia para a noite (graças a fotografias de arquivos reproduzidas nas primeiras páginas dos jornais e na internet e exibidas sem parar nos noticiários de TV), havia se tornado o inimigo público número um em Nova York e no mundo inteiro. Além do mais, o promotor completara pela segunda vez em uma semana, uma vez que o assassinato ocorrera em solo da ONU, nenhum crime havia sido cometido nem sob as leis de Nova York nem sob as dos Estados Unidos.

Na Finlândia, houve pedidos para se criar um dia nacional de reparação, tão grande fora a vergonha dos finlandeses por ter permitido um criminoso de

guerra sujar o bom nome do país. Na Lituânia, algumas centenas de ultranacionalistas marcharam em Vilnius com faixas mostrando o rosto de Viren, inclusive — inacreditavelmente, na opinião de Tom — fotos dele jovem, posando com seu paletó preto em Kovno. Nisso Rebecca havia se mostrado correta também. Existiam várias fotografias do Lobo e elas não haviam sido difíceis de encontrar.

Em Israel, houve um pequeno momento de controvérsia quando surgiu o fato de que o velho presidente usara sua influência para intermediar a fatídica reunião entre Rebecca Merton e o secretário-geral. O presidente dissera que apenas respondera a um pedido de ajuda vindo da filha de um bravo sobrevivente do Holocausto. Estava tão chocado com os acontecimentos quanto o resto do mundo. Realmente chocado.

Algumas semanas depois, Tom leu um artigo na revista Time alegando que nem todos haviam ficado tão surpresos assim com as revelações a respeito de Viren.

Fontes da Divisão de Inteligência da polícia de Nova York afirmam que o chefe da divisão, Stephen Lake, havia levantado informações sobre "lacunas" no currículo de Paavo Viren. Lake teria supostamente mantido os indícios consigo, de modo a ter poder de barganha no futuro com o chefe supremo da ONU. "Conseguir chantagear o secretário-geral das Nações Unidas é realmente um poder imenso", afirmou à Time um integrante do Departamento de Inteligência, que preferiu não se identificar. A posição de Lake estaria por um fio; o comissário da polícia de Nova York, Chuck Riley, ficou "furioso" por elementos da sua própria corporação não terem compartilhado informações tão importantes com a comunidade internacional antes da nomeação de Viren.

Tom pouco acompanhou esses acontecimentos. Depois de ser libertado pela polícia, aceitara a oferta de Henning de banho quente e uma cama para aquela noite: Rebecca ficara no quarto de hóspedes; ele, no sofá.

Exausto, acreditava que o sono chegaria logo, o que não aconteceu. Em lugar disso, sua mente borbulhava.

Imaginava o presidente de Israel acenando a cabeça com satisfação ao assistir ao noticiário no seu quarto de hotel em Manhattan. Em um único dia, o velho tivera tanto a confirmação indiscutível de que Gershon Matzkin não tinha ido a Nova York para confrontá-lo pela sua traição à DIN quanto a chance de, finalmente, atenuar a culpa que carregava por mais de seis décadas, uma chance que agarrara com as duas mãos.

Além disso, Tom detectara mais que um indício de constrangimento em "Richard", o homem que drogara e arrastara ele e Rebecca até Nova York, quando se encontraram uma semana depois, conforme combinado. Quase não conseguira olhá-los nos olhos, ao pegar com Rebecca e Tom os papéis que haviam preparado para ele, incluindo um cartão-postal que continha uma mensagem cifrada escrita a lápis em iídiche. Se o presidente a estudasse, decifrando as marcações desbotadas, encontraria o verso bíblico que fazia alusão ao próprio nome. Isso deveria ser suficiente, ambos concluíram, para convencer o político idoso de que o que poderia prejudicá-lo já estava naquele momento em suas mãos.

Tom sentiu uma vibração no bolso. Levou um segundo ou dois para escapar do devaneio e perceber que era seu telefone. Olhou para a tela e depois olhou novamente, apenas para confirmar: Rebecca.

Ela estava de volta a Londres havia apenas um mês, tendo passado a maior parte do ano anterior viajando. Tivera a necessidade de espairecer, disse. Viajara por toda a Europa e América Latina, passando um curto período na África do Sul. Por um tempo, Tom imaginara se ela estaria refazendo os passos de seu pai, uma reexecução mórbida de suas viagens como assassino. Porém Rebecca insistira em que não era nada disso: estava se voluntariando como médica na maioria desses lugares. Como prova, contara que não tinha nem estado perto de San Sebastián.

— Tom, sou eu.

Ele não sabia como responder. Bastava a voz dela para que ele sentisse uma espécie de descarga elétrica, embora agora se sentisse mais desconfiado do que interessado. Ainda havia muita coisa para conversarem.

Sem esperar resposta, Rebecca falou: — Acabei de receber uma notícia triste. Lembra-se de Sid Steiner? O homem no asilo de idosos?

— Claro.

— Ele morreu ontem à noite. Enquanto dormia.

— Oh, uma pena escutar isso.

Tom lembrava-se do velho-menino tocando piano, as mãos voando pelo teclado como se ele ainda fosse um adolescente.

— Ele era o último, Tom. — Ele percebeu o tremor na voz de Rebecca.

— Não sobrou mais ninguém.

— Eu sei.

— Tem algo que preciso conversar com você. — Ela fez uma pausa, preparando-se. — Quero fazer o que meu pai fez, continuar o que ele começou.

Tom sentiu o peito apertar. O que ela estava dizendo?

— Veja bem, Rebecca. Eu sinto muito que Sid tenha morrido, mas a DIN tem de acabar algum dia. Não acho que cabe a você continuar…

— Não, não quis dizer isso. A DIN acabou, Tom. Não espero que você me perdoe pelo modo como ela terminou, mas preciso que você saiba que foi o fim. E que saiba que eu nunca mais vou mentir para você.

— Quero acreditar nisso, Rebecca.

O silêncio pairou sobre eles. Ela o quebrou pouco depois: — É algo diferente que preciso fazer, pela memória de Sid. Uma coisa que meu pai sempre fazia quando algo assim acontecia. Eu nunca fiz isso antes. Nem tenho certeza se sei como, mas gostaria de que você estivesse comigo. Do meu lado. Porque você é o único que sabe tudo que aconteceu.

— O que você precisa fazer?

— Quero me lembrar deles, Tom. Sid, meu pai, Hannah, Rivvy, Leah, todos eles. Quero me lembrar de todos eles. Quero rezar o Kaddish.



NOTA DO AUTOR

O Acerto Final é um romance de ficção, mas a história que existe por trás dele é verdadeira. Um grupo de sobreviventes do Holocausto de fato buscou vingar o massacre cometido pelos nazistas contra os judeus nos meses e anos seguintes à Segunda Guerra Mundial — e assim o fizeram, em linhas gerais, conforme descrito neste livro. Eram conhecidos, em hebraico, como Nokmin, os Vingadores, e compreendiam um grupo central de cerca de cinqüenta homens e mulheres, a maioria antigos combatentes da resistência nos guetos.

Outros nomeiam o grupo em referência ao seu lema — Dam Israel Nokeam —, que se traduz como "o sangue de Israel terá vingança" e é abreviado como DIN.

A história foi primeiro contada em inglês em um livro notável, Forged in Fury, escrito pelo ex-correspondente da BBC em Jerusalém, Michael Elkins. Publicado em 1971, quando muitos dos envolvidos ainda estavam vivos, ele fornece talvez um retrato completo das atividades da DIN durante o pós-guerra. Mais detalhes surgiram nos anos seguintes em biografias dos envolvidos, inclusive no livro From the Wings, de Joseph Harmatz, e no excelente relato de Rich Cohen, The Avengers.

Uma entrevista com Harmatz publicada no jornal The Observer em 15 de março de 1998 também explica muitas coisas.

Essas fontes diferem em muitos detalhes, mas todas evidenciam que, de fato, existiu um Plano A, um esquema para introduzir toxinas no abastecimento de água alemão, e um Plano B, voltado para o envenenamento de ex-oficiais da SS por meio de uma padaria em Nuremberg. Existe controvérsia com relação ao número de nazistas mortos nesta última operação, mas Hermatz — que esteve diretamente envolvido — e outros não deixam dúvidas de que ela realmente aconteceu. Os artigos do jornal New York Times de abril de 1946 especificando as conseqüências dessa iniciativa, artigos que Tom e Rebecca leram no cibercafé, não foram inventados: eles apareceram neste livro exatamente como foram publicados. Podem ser encontrados no banco de dados do New York Times.

Registros também mostram que o líder dos Vingadores, Abba Kovner, viajou até a Palestina — como Aron faz neste livro — procurando a autoridade moral daqueles pontos para liderar o Estado latente israelense. Kovner encontrou-se com Chaim Weizmann, que era não apenas o ex-líder mundial do sionismo e estava prestes a se tornar o primeiro presidente do Estado de Israel, mas também um químico renomado. De acordo com Cohen, Weizmann ouviu Kovner antes de declarar: "Se eu fosse você, tendo vivido o que você viveu, eu faria o que você vai fazer" — da mesma forma que o "ancião" neste romance dá sua benção para Aron. De fato, Weizmann colocou Kovner em contato com um jovem químico que forneceu o veneno. No livro de Cohen, Weizmann só sabe do Plano B, em vez do muito mais fatal Plano A; mas Elkins deixa implícito que o idoso estava ciente, e apoiava o esquema mais letal.

O destino de Aron neste romance reflete o destino do verdadeiro Abba Kovner, que embarcou em um navio britânico em direção à Europa levando tubos de veneno, mas acabou preso pela polícia militar britânica no final da viagem, o que o forçou a abortar o Plano A.

Historiadores desse episódio debatem quanto a quem poderia tê-lo traído, mas estão convencidos (como o próprio Kovner estava) de que foi um companheiro judeu e sionista. O indivíduo que denuncia Aron neste romance é completamente fictício. De fato, devo enfatizar que o presidente de Israel que eu imaginei neste livro não deve ser confundido com o atual ocupante desse gabinete cerimonial, embora sejam ambos homens com cerca de 80 anos.

Gershon Matzkin também é uma criação minha, porém com raízes na vida real. Ele é um amálgama de várias figuras, incluindo Lebke "Arye"

Distei — o Vingador loiro e de olhos azuis que, conforme Harmatz e Cohen, aplicou o veneno nos pães destinados ao Stalag 13 — o homem que Elkins chama de Issachar Feld (muito provavelmente um pseudônimo criado para proteger sua identidade), que mais tarde seria apelidado de "Benno, o Mensageiro". Quando pequeno, Feld foi acusado de espalhar a mensagem sobre o plano dos nazistas de exterminar os judeus. A sentença codificada que Matzkin transmite — "Tia Esther retomou e está na rua Meguilá, número 7, apartamento 4" — era, de acordo com Elkins, a mesma fala cifrada proferida por Feld.

A descrição do gueto de Kovno e as circunstâncias que levaram à sua criação, bem como os assassinatos em massa no Nono Forte, são inteiramente baseadas em fatos documentados. O pogrom de junho de 1941 está detalhado em várias fontes, inclusive em The Vanished World of Lithuanian Jews, de Alvydas

Nitzentaitis, Stefan Schreiner, Darius Staliunas e Donskis Leonidas. Para o relato da "Grande Ação" de 28 de outubro de 1941, fui guiado especialmente por Surviving the Holocaust: The Kovno Ghetto Diary, de Avraham Tory, bem como por depoimentos de testemunhas oculares dispostos no site.

HolocaustResearchProject.org. A imagem da vala que parecia respirar por três dias vem do reverendo Patrick Debois, citada em "A Priest Methodically Reveals Ukrainian Jews' Fate", publicado no New York Times em 6 de outubro de 2007. George Kadish, o fotógrafo cujo trabalho ajuda Tom a finalmente solucionar o mistério desta história, também não é invenção: todas as fotos que Tom vê, com exceção da última, podem ser encontradas na internet.

A desbotada lista da DIN com os nomes dos indivíduos alvos, aparentemente entregue pessoalmente no apartamento de Rebecca, aparece aqui como apareceu em Forged in Fury, mas com o acréscimo de dois nomes fictícios: Joschka Dorfman e Fritz Kramer. As estatísticas apresentadas por Henry Goldman especificando a imensa quantidade de nazistas que não foram punidos foram retiradas da obra de Raul Hilberg; a tabela de números aparece em uma nota de rodapé no artigo de David Cohen, "Transition Justice in Divided Germany after 1945", publicado em Retribution and Reparation in the Transition to Democracy, organizado por Jon Elster. É inevitável que, dado o imenso sigilo em que a DIN funcionava, seja praticamente impossível verificar quem exatamente os Vingadores conseguiram matar. Alguns dos nomes citados por Elkins em 1971 não sobreviveriam a uma exposição histórica atualmente. É difícil contestar, entretanto, que os nazistas em todo o mundo foram caçados e assassinados em suas casas, nas ruas e no meio da madrugada, por um grupo de homens e mulheres determinados a mostrar ao mundo que o sangue judeu não poderia ser derramado tão facilmente.



AGRADECIMENTOS

Como a nota precedente enfatizou, tenho uma dívida especial para com aqueles que, em não ficção, mapearam os acontecimentos extraordinários que compõem a parte central deste romance. Além das obras de Joseph Harmatz e Rich Cohen, quero destacar a gratidão que sinto pelo falecido Michael Elkins por trazer a história da DIN à tona.

Seu livro, Forged in Fury, causou um impacto enorme em mim quando o li pela primeira vez há duas décadas e ainda possui tal poder atualmente.

Há uma longa lista de outros que pessoalmente me ajudaram a terminar este projeto. Ian Williams, Marc Quarterman, Andrew Gilmour e Sam Daws foram extremamente generosos com seu conhecimento profundo das Nações Unidas, enquanto Philippe Sands QC forneceu conselhos inestimáveis sobre direito internacional. Dr. Nick Haining compartilhou sua abundante experiência médica, enquanto Raymond Shaw deixou-me aproveitar de sua imensa capacidade intelectual para direito criminal. Jim Dwyer, do Nexv York Times, deu-me mais atenção do que eu tinha direito de pedir e merece sua reputação como o melhor repórter policial dos EUA. Steve Coombes forneceu ótimas dicas sobre vigilância e segurança, enquanto David Learmount, da Flight International, acendeu uma luz no mundo escuro da aviação particular. Agradeço também a Lester Harris e sua equipe no Brenner Centre e, mais uma vez, à incansável Anna Tzelniker, pelo seu domínio do iídiche; a Eric Silver e Ruth Tzur, por compartilhar suas lembranças de Michael Elkins; e a Cordelia Borchardt, Jon Henley, Vic Keegan, Seumas Milne e Jay Rayner por me deixarem fazer uma incursão em seus bancos de dados.

Um agradecimento especial vai para, mais uma vez, Jonathan Cummings, por sua habilidade enérgica de pesquisar até o fato mais elusivo. Jane Johnson, com Sarah Hodgson e Fiona McIntosh, da editora HarperCollins, empresta um brilhante profissionalismo, habilidade e conhecimento a tudo que faz. Foi uma conversa com meu agente Jonny Geller que primeiro inspirou este livro e ainda estou maravilhado com sua lealdade, discernimento e confiança infalível em mim.

Finalmente, devo agradecer à minha amada esposa Sarah e aos meus dois

filhos pequenos, Jacob e Sam, cuja paciência quase se esgotou durante a concepção deste livro. Se este livro trata de um passado sombrio, sei que neles estou construindo um futuro brilhante.